



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**GUSTAVO MAGALHÃES MESQUITA FARRAPO**

**O SUJEITO NEOLIBERAL COMO CHAVE DO PRINCÍPIO E FUNCIONAMENTO  
DAS *BIG TECHS*: UM DESVENDAMENTO DO NEOLIBERALISMO NAS REDES**

**FORTALEZA**

**2026**

GUSTAVO MAGALHÃES MESQUITA FARRAPO

O SUJEITO NEOLIBERAL COMO CHAVE DO PRINCÍPIO E FUNCIONAMENTO DAS  
*BIG TECHS*: UM DESVENDAMENTO DO NEOLIBERALISMO NAS REDES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Política economia e sociedade.

Orientadora: Prof. Dra. Alba Maria Pinho de Carvalho.

FORTALEZA

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- F253s Farrapo, Gustavo Magalhães Mesquita.  
O sujeito neoliberal como chave do princípio e funcionamento das big techs : um desvendamento do neoliberalismo nas redes / Gustavo Magalhães Mesquita Farrapo. – 2026.  
257 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2026.  
Orientação: Profa. Dra. Alba Maria Pinho de Carvalho.
1. Neoliberalismo. 2. Sujeito Neoliberal. 3. Redes Sociais. 4. Big Techs. I. Título.

CDD 301

---

GUSTAVO MAGALHÃES MESQUITA FARRAPO

O SUJEITO NEOLIBERAL COMO CHAVE DO PRINCÍPIO E FUNCIONAMENTO DAS  
*BIG TECHS*: UM DESVENDAMENTO DO NEOLIBERALISMO NAS REDES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Política economia e sociedade.

Aprovada em: 28/01/2026.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Alba Maria Pinho de Carvalho (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Jawdat Abu-El-Haj  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Helena Martins do Rêgo Barreto  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, irmã, e família ao todo, pelo apoio e companhia de vida;

Às minhas maravilhosas amizades que compartilham comigo meus anseios, agonias e carinhos;

A todos(as) professores(as) de todas as etapas de minha formação, sejam elas formais ou não, peças fundamentais na construção da minha paixão pela ciência e pela alimentação da minha curiosidade inefável;

A todos os alunos que já passaram por minha docência e os que ainda passarão, ensinando a mim sempre, que como todas as instâncias sociais, a educação se faz de forma relacional e nunca retilínea;

À minha orientadora Dra. Alba Maria Pinho de Carvalho, por ter abraçado o pitoresco projeto de pesquisa que gerou essa dissertação, e encarar comigo os apertados nós teórico/metodológicos que eu mesmo crio ao fazer meus projetos e investigações acadêmicas;

Aos professores da banca, pelo trabalho ao qual se prestam mesmo com o extenuante papel de constante pesquisador;

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pelo auxílio financeiro à pesquisa (Processo nº BMD-0008-01297.01.39/24).

## RESUMO

Com essa pesquisa pretendeu-se dar conta da presença de uma ideologia de subjetivação a um sujeito quisto ao neoliberalismo, tanto na origem quanto no funcionamento prático das grandes empresas de tecnologia comumente batizadas de *Big techs*. Como objetivo, em linhas gerais, a pesquisa tem a intenção de analisar como grandes empresas de processamento de dados, principalmente com seus produtos chamados de redes sociais, são em origem e na prática, perpassadas pelo sujeito neoliberal e o individualismo, e conseqüentemente danosas ao tecido social e político. A pesquisa especificamente objetiva: 1) entender como o neoliberalismo e o individualismo, na forma da governamentalidade e do sujeito neoliberal, são intrínsecos ao advento histórico das redes e 2) identificar como o modo de captura de dados das *Big techs*, a profilagem, tende a criar nichos de opinião, e o quanto esses nichos resultam em bolhas de autoconfirmação dessas opiniões, reforçando assim a governamentalidade e o sujeito neoliberal. Para trabalhar o objeto circunscrito nesta proposição, defino o encaminhamento metodológico em 3 momentos que usam cada um, suas específicas técnicas de pesquisa: 1) análise bibliográfica/documental da revista californiana, influente no Vale do Silício, WIRED, trabalhando um conjunto de edições entre 1994 e 1996; 2) análise de conteúdo (categorização e inferência), onde foram capturados, inferidos e aprofundados, um conjunto de publicações em dois grupos antagônicos politicamente na rede social Facebook e 3) Análise de páginas de suporte a anunciantes, onde foram printadas e analisadas, algumas páginas de suporte a anunciantes do Google e Meta, em que se admitia o direcionamento de conteúdo a perfis específicos (profilagem). Esses momentos da pesquisa foram por fim dialogados entre si, em uma triangulação, o que intenta dar abertura a discussão, do objetivo geral do trabalho. Quanto aos resultados, no primeiro momento da pesquisa foi encontrada a presença de um neoliberalismo atrelado a uma forte defesa de uma liberdade individual irrestrita, junto a um forte sentimento antiburocrático; e no segundo e terceiro momentos, o flagrante de um isolamento de grupos antagônicos, acompanhado, mais especificamente no terceiro, da assunção das próprias empresas de tecnologia, nas suas páginas de suporte, de um modo de funcionamento que cria e nicha “perfis”, e o conseqüente reforço disso a um sujeito individualizado e libertado nessa individualização, menos propenso as diferenças, também assim alinhado a subjetivação neoliberal, embora em uma outra expressão. A guisa de conclusão, com essa pesquisa, consegue-se observar, enfim, a existência de diferentes modos de patrocínio a uma subjetivação neoliberal no amago das *Big techs*, de sua origem ao seu funcionamento contemporâneo, variando de um caráter libertário, nos anos 1990, a um caráter

instrumental para uma indústria da informação, na contemporaneidade, ambos patrocinando, por diversos caminhos, um sujeito individualista, menos tolerante à diferença, e negativo ao convívio democrático.

**Palavras-chave:** Neoliberalismo, Sujeito Neoliberal, Redes Sociais, *Big techs*.

## ABSTRACT

With this research it was intended to account for the presence of an ideology of subjectivation directed at a subject desired by neoliberalism, both in the origin and in the practical operation of the major data-processing companies commonly called Big Techs. In general terms, the research aims to analyze how large data-processing companies, especially through their products called social media, are, both in origin and in practice, permeated by the neoliberal subject and individualism, and consequently harmful to the social and political fabric. The research specifically aims to: 1) understand how neoliberalism and individualism, in the form of governmentality and the neoliberal subject, are intrinsic to the historical advent of these social media; and 2) identify how the data-capture practices of the Big Techs, profiling, tends to create opinion niches, and how much these niches result in bubbles of self-confirmation of those opinions, thus reinforcing governmentality and the neoliberal subject. To work on the object circumscribed in this proposition, I define the methodological approach in three stages, each of which uses its specific research techniques: 1) bibliographic/documentary analysis of the Californian magazine influential in Silicon Valley, WIRED, working with a set of issues from 1994 to 1996; 2) content analysis (categorization and inference), where a set of publications on Facebook were captured, inferred, and explored in depth from two politically antagonistic groups; and 3) analysis of advertiser support pages, where some advertiser support pages from Google and Meta, which allowed content targeting to specific profiles (profiling), were screenshot and analyzed. These stages of the research were finally brought into dialogue with one another, in a triangulation, which intends to open up the discussion of the general objective of the work. Regarding the results, in the first stage of the research the presence of a neoliberalism tied to a strong defense of an unrestricted individual freedom, together with a strong anti-bureaucratic sentiment, was found; and in the second and third stages, the evidence of an isolation of antagonistic groups, specifically in the third, accompanied by the admission by the technology companies themselves, on their support pages, of a mode of operation that creates and niches “profiles”, and the consequent reinforcement of an individualized subject who is liberated in that individualization, less inclined toward differences, also thus aligned with neoliberal subjectivation, although in another expression. By way of conclusion, with this research it is finally possible to observe the existence of different modes of sponsorship of a neoliberal subjectivation at the core of the Big Techs, from their origins to their contemporary operation, ranging from a libertarian orientation in the 1990s to an instrumental character for

an information industry in contemporary times, both sponsoring, through various paths, an individualistic subject, less tolerant of difference, and detrimental to democratic coexistence.

**Keywords:** Neoliberalism, Neoliberal Subject, Social Media, Big Techs.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1	<b>Problema de pesquisa, referencial teórico e apresentação do objeto</b> .....	10
1.2	<b>Justificativa</b> .....	34
1.3	<b>Objetivos</b> .....	35
1.4	<b>Metodologia</b> .....	36
1.5	<b>Prévia e estrutura dos capítulos</b> .....	42
2	<b>CAPÍTULO 1: A REVISTA WIRED E O SUJEITO NEOLIBERAL NA ORIGEM DAS <i>BIG TECHS</i></b> .....	45
2.1	<b>Valorização a um sujeito libertado na rede</b> .....	48
2.2	<b>Valorização a um sujeito libertado economicamente</b> .....	55
2.3	<b>Valorização a um sujeito libertado moralmente</b> .....	60
2.4	<b>Defesa de pautas comumente atreladas ao progressismo</b> .....	75
2.5	<b>Desapreço a legislação, noções de governo e política e apoio a transgressões dessas</b> .....	79
2.6	<b>Flagrantes da profilagem, ou embriões do que veio a se tornar ela no futuro</b> .....	88
3	<b>CAPÍTULO 2: DUAS PÁGINAS ANTAGÔNICAS POLITICAMENTE DO FACEBOOK E O SUJEITO NEOLIBERAL NA PRÁTICA NAS <i>BIG TECHS</i></b> .....	96
3.1	<b>Algumas publicações tratadas mais a fundo</b> .....	111
3.1.1	<i>Exemplos de publicações do grupo de “esquerda” e suas superficialidades</i> .....	112
3.1.2	<i>Exemplos de publicações do grupo de “direita” e suas superficialidades</i> .....	117
4	<b>CAPÍTULO 3: PÁGINAS DE SUPORTE A ANUNCIANTES DAS <i>BIG TECHS</i>: A ASSUNÇÃO DA PROFILAGEM COMO MODO DE FUNCIONAMENTO DA INTERNET CONTEMPORÂNEA E O CONSEQUENTE FOMENTO AO SUJEITO NEOLIBERAL</b> .....	126
4.1	<b>A assunção da profilagem como modo de funcionamento da Meta</b> .....	133
4.2	<b>A assunção da profilagem como modo de funcionamento da Alphabet/Google</b> .....	139
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	146
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	154

<b>APÊNDICE A – ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA/DOCUMENTAL DE EDIÇÕES DA REVISTA WIRED .....</b>	<b>160</b>
<b>APÊNDICE B – DIVISÃO TEMÁTICA DA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA/DOCUMENTAL DE EDIÇÕES DA REVISTA WIRED .....</b>	<b>242</b>
<b>APENDICE C – SCANNERS DA SELEÇÃO DE ANÁLISES A SEREM EXPOSTAS NO CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>245</b>
<b>APENDICE D – ANÁLISES DE PÁGINAS DE SUPORTE A ANUNCIANTES NAS <i>BIG TECHS</i> META E ALPHABET .....</b>	<b>248</b>
<b>APÊNDICE E – PRINTS DAS PÁGINAS DE SUPORTE A ANUNCIANTES ANALISADAS .....</b>	<b>251</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Problema de pesquisa, referencial teórico e apresentação do objeto

Em momentos ímpares da história recente, como na eleição presidencial de 2022 no Brasil, 2016 e 2024 nos Estados Unidos e outros exemplos mundo a fora, ou em situações do dia a dia, como a simples observação crítica da forte presença na rede em uma influência política a jovens que apresentam pretensões conservadoras individualistas, a internet parece se pôr como chave influente, o que não pode ser visto a partir de uma visão acrítica. Não se pode mais, não cabe mais, diante dos problemas recentes à política e à democracia resultantes dos radicalismos, em boa parte postos na conta da internet, dispô-la como dádiva, como algo técnico que simplesmente caiu inertemente no nosso dia a dia. Toda essa influência e protagonismo, esse último no sentido de posição como ponto de partida de muitas questões contemporâneas, exige um trato como um objeto científico, de modo crítico e relacional, sem também deixar-se enganar, em análises mirabolantes que esquecem o seu simples funcionamento prático, focando sempre em grandes teorias que são tão distantes ao apoio prático ao problema quanto o misticismo dadivoso do tratamento da mídia para com as *Big techs*. Diante desse singelo preâmbulo, que expressa de modo muito reduzido meus devaneios e preocupações sócio-políticas ultimamente, parto então da seguinte pergunta de partida à construção da pesquisa teórico empírica – que resulta nesse presente produto final em texto que chama-se de dissertação –, que segue: quais seriam os motivos históricos e práticos que fazem da “misteriosa” internet algo tão poderoso no mundo contemporâneo, capaz até de instabilizar a política, a democracia, para não citar tantas outras instâncias e instituições sociais? Já adianto que aposto, nesse trabalho, numa considerável força do conceito de “sujeito neoliberal” para abrir essas discussões.

Antes de iniciar a parte da introdução mais “tradicional”, “técnica”, que consta a uma formal dissertação (problema, objeto, objetivos, justificativa, metodologia e afins), permitam-me apresentar antes, o caminho que me levou, e com o qual construo e constituo, a presente pesquisa, o que já apresenta consequentemente a construção do problema da pesquisa, como também o referencial teórico. Importante ressaltar ainda, desde já, que essa exposição teórica anterior a exposição da empiria, e até mesmo da apresentação dos moldes da pesquisa, não quer dizer que haja uma radical separação, distanciamento, entre a teoria e a empiria nesse trabalho. Toda teoria explicada aqui, a fim de já abrir alas as discussões que sustentam e constituem a pesquisa e o pesquisador que os escreve, não conseguiria, nem que se quisesse,

escapar da sua recursão nos trechos de exposição empírica desse trabalho. Preferi expor assim, por ser o modo expositivo com o qual mais me habituo desde minhas primeiras pesquisas ainda na graduação, e confiar que, além de já habituar o leitor a teoria por trás da pesquisa e do pesquisador, ele possibilite uma recursão menos invasiva da teoria nos capítulos expositivos aos dados da pesquisa, o que não quer dizer que não haja, mas que ela não precisa competir junto com suas citações enormes e explicações teóricas, em meio a explicações empírico-metodológicas.

As redes sociais, criações de grandes conglomerados de captura e processamento de dados comumente chamados de *Big techs*, são os produtos destinados a serem a ponta de contato com o público geral destas, o que é essencial ao seu modo de funcionamento (o que é especificamente explorado mais abaixo). Para o jornalista britânico James Bridle (2019), essas redes sociais, ou melhor, a internet como um todo nas suas características atuais, são rotineiramente tratadas pela opinião pública como coisas neutras, ou até mesmo deuses, dádivas que vem, ou surgem, como se fosse do nada. A mídia hegemônica (TV, canais e perfis de larga influência na internet) e a crítica em geral, em boa parte compartilham dessa visão (BRIDLE, 2019 p. 15-16).

Bridle (2019) usa da discussão do objeto “nuvem” para chegar a essa reflexão, como se pode notar na citação abaixo:

A partir dos anos 1950, um novo símbolo começou a surgir nos diagramas que os engenheiros elétricos desenhavam para descrever os sistemas que construíam. O símbolo era um círculo impreciso, ou um fungo, ou um balão de pensamento. Acabou se definindo na forma de uma nuvem. [...] Hoje, a nuvem é a metáfora central da internet: um sistema global de grande potência e energia que ainda assim retém a aura do numenal e do numinoso, algo quase impossível de entender. Nós nos conectamos à nuvem; trabalhamos na nuvem; guardamos coisas na nuvem e recuperamos coisas dela; pensamos pela nuvem. Pagamos pela nuvem e só a notamos quando ela não funciona. É algo que vivenciamos o tempo todo sem entender de fato o que é e como funciona. Estamos nos treinando para depender da nuvem apenas a partir de uma noção nebulosa do que se confia a ela e o que se confia que ela vai fazer (BRIDLE, 2019, p. 15-16).

Traz-se a essencial discussão de que a internet não é algo metafísico, mas sim, cabos, computadores gigantesco, consumo de energia e *et Cetera*, enfim, algo físico, e mais importante, intencionado (BRIDLE, 2019, p. 16-23).

A nuvem não é um lugar distante e mágico, feito de vapor d'água e ondas de rádio, onde tudo funciona. É uma infraestrutura física que consiste em linhas telefônicas, fibra óptica, satélites, cabos no leito oceânico e vastos depósitos cheios de computadores, que consomem imensas quantidades de água e energia e que habitam

jurisdições nacionais e legais. A nuvem é um novo tipo de indústria, e é uma indústria voraz [...] o que evapora é a mobilização e a propriedade: a maioria de seus e-mails, fotos, updates, documentos empresariais, dados relativos a empréstimos na biblioteca e eleições, prontuários médicos, avaliações de crédito, likes, memórias, experiências, preferências personalizadas e desejos reprimidos está na nuvem, na infraestrutura de outra pessoa (BRIDLE, 2019, p. 16).

Como reflete Bridle (2019), a internet está repleta de intencionalidade. Não pode ser simplesmente considerada como uma nuvem. Outro autor que tem se destacado nos estudos que tentam não neutralizar, ou não desconsiderar as intencionalidades dessas redes administradas por essas grandes empresas de processamento de dados, é Evgeny Morozov (2018). Em um conjunto de artigos publicados no Brasil em um livro chamado “Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política”, o autor problematiza, semelhante a Bridle (2019), as intencionalidades das redes de computadores e a falta de compreensão, em diversas instâncias comunicacionais da sociedade, da internet como algo intencionado e não “natural” ou “dádivo”. A internet é hoje, consideravelmente dominada por cinco grandes empresas de captura e processamento de dados, que monopolizam diversas instâncias do grande universo da rede, principalmente as redes sociais (ponto chave para o presente trabalho, o que é refletido mais adiante), o que não pode simplesmente ser disposto como algo neutro, ou até mesmo aceitável, diante das históricas discussões do conflito público/privado clássicas ao debate da sociologia e das ciências políticas (MOROZOV, 2018, p. 27-30).

Essa intencionalidade, importante para entender a não organicidade ou a não naturalidade dessas práticas, como destaca Bridle (2019) e Morozov (2018), é demonstrada e complementada por Chun (2016), ao expor sobre o modo como a rede a partir dos seus grandes administradores e definidores, levaram as tecnologias de rastreamento como o IP (uma espécie de protocolo que atrela uma máquina as suas ações na internet), a serem instrumentos chave a um novo modo de internet, calcada na captura e circulação constante de dados, o que ela chama de “leak” (vazamento em tradução livre) (CHUN, 2016, p. 51-58); “Our devices, our computers, constantly leak. They are wonderfully creepy<sup>1</sup>” (CHUN, 2016, p. 52)<sup>2</sup>.

Pode-se notar a partir dessas discussões, em Bridle (2020), Morozov (2018), e na complementação feita por Chun (2016), que o tratamento das *Big techs* fora de uma consideração de seu caráter físico e principalmente das suas intencionalidades, não abarca a sua complexidade. Para além de diversas problemáticas, a internet está calcada no vazamento e

---

<sup>1</sup> “Nossos dispositivos, nossos computadores, estão constantemente vazando. Eles são maravilhosamente assustadores”

<sup>2</sup> Irei traduzir em nota de rodapé, todas as citações em língua estrangeira. Mesmo sendo poucas as citações em língua estrangeira, considero importante para os futuros leitores desse trabalho, que não obrigatoriamente eles precisem dominar uma outra língua para ter acesso e entendimento a pontos da pesquisa.

posse de dados. Para entender melhor como todo esse sistema opera, é ímpar aprofundar-se no seu funcionamento prático, nos meios pelos quais ele se dá de forma prática, no caso, na captura e acúmulo desses dados.

Portanto como esses dados são de forma prática coletados? Para entender de forma mais profunda o modo como esses dados são hoje coletados, acumulados e usados comercialmente e para fins retroalimentares por essas grandes empresas de tecnologia, o conceito de “profiling”, ou profilagem em português, é ímpar.

Antes de conceituar a profilagem, é importante refletir que não é que o dito conceito abarque todo o funcionamento da internet – como bem destaca Chun (2016, p. 58) mais abaixo quando reflete que a internet como um todo não é em essência representada pelo trabalho com dados personalizados (ou o que chamo de profilagem), e que esse caráter seria tipicamente relativo ao modo de internet contemporânea. Quando trato da internet, dessa grande rede de máquinas de computar cada vez mais complexas, deve-se considerar primeiramente que

a produção acadêmica sobre o contexto tecnológico é caracterizada pela amplitude e pela efemeridade em razão da natureza evolutiva do objeto estudado, que é alterado frequentemente a cada inovação tecnológica. Podemos afirmar que são muitas as dificuldades para acompanhar “os passos cambiantes do mundo digital e as transmutações socioculturais e psíquicas que ele provoca (POMPEU; TRINDADE; SATO, 2024 p. 88).

São então, diversas as dimensões da internet na contemporaneidade, como também, como alertam Pompeu, Trindade e Sato (2024), são cambiantes as hegemonias nesse meio. Hoje por exemplo, as discussões quanto a inteligência artificial são extremamente urgentes, tanto no jornalismo quanto na academia. Coeckelbergh (2023), conceitua que a inteligência artificial tem intrínseca a si, um problema de caráter ético:

Assim, mesmo deixando de lado o problema particular do aprendizado de máquina (profundo), há um problema de conhecimento com a IA na medida em que muitas pessoas que a usam não sabem o que estão fazendo, no sentido que não sabem o que a ia está fazendo, quais são os seus efeitos, ou nem mesmo sabem que ela está sendo utilizada. Isso também é um problema de responsabilidade e, portanto, um sério problema ético (COECKELBERGH, 2023, p. 111).

Faço questão em trazer aqui essa breve discussão quanto a ética na inteligência artificial, para ilustrar um pouco mais as diversas dimensões possíveis nas análises quanto a problemáticas relacionadas a internet, a rede de computadores, ponto posto a partir de Chun (2016). Torna-se então importante delimitar que fenômeno na internet foi estudado, o que já foi revelado acima parcialmente. Mas o próprio Coeckelbergh (2023) põe mais uma pulga na orelha, ao destacar em outro trecho do seu texto, o imbricamento da profilagem na inteligência artificial, o que já

dá mais uma pista do conceito que foi escolhido e enfim trabalhado logo abaixo. Nas palavras do próprio autor:

A IA é frequentemente usada para aplicativos novos e espetaculares, como o AlphaGo. Mas não devemos nos esquecer da IA que já alimenta plataformas de mídia social, mecanismos de busca e outras mídias e tecnologias que se tornaram parte de nossa experiência cotidiana. A IA está em todo lugar. A linha entre a IA propriamente dita e outras formas de tecnologia pode ser confusa, tornando a IA invisível: se os sistemas de IA estão incorporados à tecnologia, tendemos a não os notar [...] o aprendizado de máquina com base em Big Data ganhou muito interesse devido à disponibilidade de grande quantidade de dados e um aumento (e barateamento) do poder computacional. Alguns pesquisadores falam em “tsunami de dados”. Todos nós produzimos dados por meio das nossas atividades digitais quando usamos redes sociais (COECKELBERGH, 2023, p. 78-84).

Dito isso, destaco que o conceito de profilagem é o conceito ao qual me aprofundo principalmente nesse trabalho, no que consta a análise, a entender o funcionamento, das redes sociais; sendo tomado como chave para se entender o modo de funcionamento da internet hoje, por considerar que ele represente melhor, ou faça mais jus, a essa justa internet que chega na ponta por meio das redes sociais, o que influencia os seus usos.

Enfim, o que é profilagem? Em linhas gerais, profilagem – que é um neologismo “criado”<sup>3</sup> por Giselle Beiguelman (2021, p. 49) a partir das palavras “profile”, perfil em inglês, e “agem”, sufixo nominal típico da língua portuguesa; num aportuguesamento de “profiling”, que seria algo como “ato de fazer perfis” – define o modo como grandes empresas de captura e processamento de dados, as *Big techs* (são exemplos: Meta, Alphabet, Microsoft, Amazon, Apple etc.), criam sites, ou aplicativos no caso de uso em smartphones – como por exemplo as redes sociais (são exemplos: Facebook, Instagram, Whatsapp, Snapchat, Youtube etc.) e buscadores (são exemplos: Google, Bing etc.) –, com a finalidade de captura de mínimos atos dos seus usuários, como buscas, tempos de tela em determinados temas e *et Cetera*, para acumula-los e trata-los com a finalidade de criação de perfis estratificados, e também direcionar, a partir desses perfis já obtidos, temas próximos para consolidação do “cliente”. A finalidade principal é criar perfis que constam a cada pessoa física os quais são vendidos para outras empresas de tecnologia para fins diversos, como por exemplo; o mesmo processo cíclico de direcionamento de conteúdo, direcionamento de marketing específico, recrudescimento de bancos de dados para treinamento de inteligências artificiais etc. Para reforçar o

---

<sup>3</sup> Importante destacar que muito provavelmente o conceito tenha alguma inspiração em uma referência terceira. O que a autora conceitua, e eu já complemento a frente com outras referências, não se trata de um conceito uno. Diversos autores chamam de diversos nomes esse modo de funcionamento determinante na internet contemporânea, desde uma reflexão mais ampla de “vigilância” até palavras parecidas como “profilagem”. De todo modo quando digo que a autora cria esse conceito, trata-se da primeira, e única (fora em trabalhos que referenciam a autora) vez que vi o uso desse conceito.

aprofundamento do conceito, considero importante observar as seguintes reflexões do referencial teórico, começando pelo trecho que “batiza” o conceito para a presente pesquisa, da própria Beiguelman (2021):

Nas redes sociais, as imagens aparecem atreladas ao lugar e à hora em que são produzidas, e são contextualizadas pelos seus algoritmos, em relação a determinado grupo e segundo padrões internos dos arquivos digitais. [...] Somos rastreáveis pelo que compartilhamos: de conteúdos próprios a nossas relações e conteúdos políticos, artísticos e fatos cotidianos. É isso que o mercado chama de “profilagem”, uma forma de acumular dados sobre as pessoas com base em seus gostos e hábitos, que permitirão prever os comportamentos, além de melhorar o direcionamento de seus produtos e propagandas (BEIGUELMAN, 2021, p. 49).

Bruno (2013) ajuda a complementar a questão:

A vigilância que aí se exerce [...] define-se pelo monitoramento sistemático, automatizado e a distância de ações e informações de indivíduos no ciberespaço, com o fim de conhecer e intervir nas suas condutas. Entre seus principais elementos técnicos, destaco os mecanismos de monitoramento e rastreamento de ações, informações e comunicações, a montagem de bancos de dados e a elaboração de perfis computacionais (profiling) (BRUNO, 2013, p. 146).

Como já descrito no início do parágrafo, a profilagem, é caracterizada justamente por esse sistema, imbricado no funcionamento das redes sociais, que visa capturar comportamentos que revelem serventia na criação de perfis (profile), para diversos usos posteriores. Retornando então a Chun (2016), na prometida acima reflexão de como a internet, que não era em essência algo atrelado a captura e processamento de dados, se tornou isso, consegue-se observar que não é inelutável, e que é um construto, o modo como a internet se configura hoje. É a partir de dispositivos que individualizam em códigos e protocolos as máquinas, que a indústria pôde as atrelar a perfis coincidentes a pessoas físicas:

Big Data and social media are also linked to habit at a fourth level. The Internet as Big Data, as I elaborate in chapter 3, is not a natural or inevitable outcome; if it is possible now to have such data sets, it is due to a politics and a practice of memory as storage, which creates fairly robust long-term data trails. This politics and practice rely on users becoming habituated to owning their connections so that a relatively solid longitudinal data set, which follows individuals and individual actions through time, can emerge. This process is remarkable, for when the Internet was first conceived, IP addresses, even when fixed, were not viewed as permanently tethered to a computer, let alone a user. With the advent of changes to IP addressing, and more importantly the emergence of cross-platform logins, cookies, and other means of tracking through 'unique identifiers,' it has become easier to tie users to their actions. This traceability has entailed the massive rehabilitation of individuals into authenticated users through the expansion and contraction of privacy via notions such

as 'friends' on social media; that is, through modes of leaking that both undermine and buttress walls that supposedly protect and secure<sup>4</sup> (CHUN, 2016, p. 57-58).

A internet, dependeu historicamente de processos muito específicos de criação de protocolos individualizados, que foram consolidados nos anos 1990 sob a hegemonia dos EUA, que definiu como seria o funcionamento da rede, em geral, o que possibilitou a profilagem e seu modo de ser da forma como se conhece hoje. Trazendo então para uma definição mais prática do direcionamento, finalidades, desse sistema, considero ímpar referenciar a pesquisa de Lima *et al* (2023), das áreas de T.I e direito, que fazem uma valiosa classificação, a partir dos seus aprofundamentos bibliográficos, dos modos de uso dos dados resultantes da captura e criação de perfis, da profilagem. Para eles as *Big techs* teriam três estratégias específicas para esse fim, sendo elas:

a) publicidade avançada: uso de dados dos usuários para direcionar anúncios que buscam atender às necessidades ou às preferências desses por meio dos sensores de smartphones e outros rastros digitais. Essa estratégia é fácil de ser percebida quando o usuário busca um produto no Google, por exemplo, e nas redes sociais digitais (Facebook, Instagram, Twitter etc.) aparecem quase que instantaneamente anúncios do mesmo produto em empresas parceiras. **b) e-etnográfica: utilização de dados dos usuários com a finalidade de melhorar ou desenvolver produtos e serviços, bem como desenvolver um maior relacionamento com os clientes.** c) negociação de dados: venda de dados dos usuários para outras empresas utilizá-los na criação de novos produtos e novas tecnologias (LIMA *et al*, 2023, np, *destaque meu*).

Como visto na citação acima, são diversos os usos dos perfis criados pelas *Big techs*, mas é o ponto B para os autores, que foi mais frutífero a analisar os problemas relacionados ao individualismo e a intolerância, que conseqüentemente seriam danosos a democracia, discussão que é retomada alguns parágrafos adiante. De todo modo espero ter feito nesse parágrafo um sobrevoou explicativo quanto ao conceito de profilagem, que foi ainda mais esmiuçado na parte empírica dessa pesquisa, no seu devido capítulo.

Vale considerar ainda quanto a profilagem, por fim, a discussão em relação as redes sociais. As redes sociais, pelas quais começo essa exposição do problema/referencial teórico da

---

<sup>4</sup> Tradução: “O Big Data e as redes sociais também estão ligados ao hábito num quarto nível. A Internet como Big Data, conforme descrevo no capítulo 3, não é um resultado natural ou inevitável; se hoje é possível ter tais conjuntos de dados, isso se deve a uma política e a uma prática de memória como armazenamento, que cria trilhas de dados bastante robustas de longo prazo. Estas políticas e práticas dependem de os utilizadores se habituarem a possuir as suas ligações, para que possa surgir um conjunto de dados longitudinais relativamente sólido, que acompanha os indivíduos e as ações individuais ao longo do tempo. Este processo é notável, pois quando a Internet foi concebida, os endereços IP, mesmo quando fixos, não eram vistos como permanentemente ligados a um computador, muito menos a um utilizador. Com o advento das mudanças no endereçamento IP e, mais importante, o surgimento de logins em várias plataformas, cookies e outros meios de rastreamento por meio de “identificadores exclusivos”, tornou-se mais fácil vincular os usuários às suas ações. Esta rastreabilidade detalhou a reabilitação massiva de indivíduos em utilizadores autenticados através da expansão e contracção da privacidade através de noções como “amigos” nas redes sociais; isto é, através de modos de vazamento que tanto minam como reforçam paredes que supostamente protegem e seguram.”

pesquisa a qual esse texto faz jus, são o ponto final, a ponta, das *Big techs*, em seu contato com o consumidor e objeto de extração de dados. Segundo Raulino (2022):

As plataformas sociodigitais, como Google, Facebook, YouTube e Instagram, tem estado significativamente presentes no cotidiano das pessoas [...] essas plataformas se encontram em uma posição privilegiada para registrar e processar dados sobre o comportamento de todos os envolvidos, de modo que sua atividade econômica principal é oferecer um “serviço informacional” que promove conexões altamente segmentadas (RAULINO, 2022, p. 145-146).

Miskolci (2021) complementa criticamente<sup>5</sup>:

Vendidos como "serviços", tais redes sociais on-line tentam se apresentar ocultando ao máximo seus interesses comerciais e priorizando propagandas que lhes dão uma aura de espaço livre de interesses de exploração econômica. Poucos usuários percebem que, ao usar essas plataformas socialização, estão pagando pelo serviço com a “doação” não remunerada de seus dados de navegação. Esses dados são o capital mais precioso na era das TICs, baseadas na coleta, análise e venda deles com intuítos de criar propagandas segmentadas e mais eficientes, assim como sabemos - desde o escândalo da Cambridge Analítica, em 2018 - que, nos Estados Unidos dados de navegação e preferências permitiram a criação de perfis psicométricos para direcionar notícias fraudulentas com fins de manipulação eleitoral nas eleições presidenciais de 2016 (MISKOLCI, 2021, p. 41).

É por meio das redes sociais que a profilagem se consolida. Por exemplo: vídeos postados pelo usuário A, que contém uma briga de gatos, ou uma curiosidade sobre uma tecnologia nostálgica dos anos 1990, são direcionados pelo algoritmo para o usuário B, isso a fim de observar quantas frações de segundo o usuário B despense assistindo determinadas preferências, o que é combustível para potencializar o perfil desse mesmo usuário com algum código binário que para a máquina signifique algo como: “usuário B gosta mais de brigas de gatos do que informações nostálgicas sobre tecnologias dos anos 1990”. Esse perfil é por fim vendido ou utilizado de alguma forma como exemplificado por Lima *et al* (2023). É por meio das redes sociais, também, que o usuário vai receber conteúdo direcionado já resultado do seu perfil configurado por ações anteriores como no exemplo anterior. O usuário ficará mais tempo vendo vídeos de jogos de sinuca do jogador Baianinho de Mauá, por ter de alguma forma visto vídeos que para os algoritmos ligaram aquele usuário a um potencial apreciador desse conteúdo. Essa constante exposição de conteúdo nichado, tende a criar uma visualização de conteúdos únicos, ou no mínimo atrelados a uma “teia” de conexões de gosto, por parte do usuário. Se vê mais o

---

<sup>5</sup> Não que Raulino (2022) não faça uma crítica. A autora leva seu artigo para outras discussões que não foram o foco nessa citação em específico. O referencial seguinte complementa criticamente, especificamente a citação trazida da autora. O que não tira a ótima reflexão do trabalho por completo, que inclusive aparece em outras etapas do presente trabalho.

que já se gosta e menos o que não se gosta, ou ao menos o que o algoritmo, pela sua programação, “deduz” o usuário gostar ou não.

Para Empoli (2020) seria então esse sistema de funcionamento da rede hoje, com o reforço intencionado a nichos, que criaria o isolamento e conseqüente radicalização da sociedade, que diante dessa técnica, estaria cada vez mais empenhada em defender razões absolutas em detrimento de qualquer concessão necessária a uma convivência minimamente harmônica:

Se o algoritmo das redes sociais é programado para oferecer ao usuário qualquer conteúdo capaz de atraí-lo com maior frequência e por mais tempo à plataforma, o algoritmo dos engenheiros do caos os força a sustentar não importa que posição, razoável ou absurda, realista ou intergaláctica, desde que ela intercepte as aspirações e os medos – principalmente os medos – dos eleitores (EMPOLI, 2020, p.20).

A partir do ponto que a intenção não é nebulosa, como critica Bridle (2019), mas sim comercial, por meio dos dispositivos de profilagem, como já pôde se entender em Bruno (2013) e Beiguelman (2021), não há um fundamento ético que pretenda frear esse intento. Se o lucro for mais consolidado deixando “rolar solto” qualquer radicalismo, assim é feito.

Ex-funcionário do YouTube, Guillaume Chaslot explicou claramente de que maneira o algoritmo da plataforma, responsável por 70% dos vídeos assistidos, foi concebido para impulsionar o público na direção dos conteúdos mais extremos, maximizando o nível de engajamento até seus limites. Assim, quem procura informações acerca do sistema solar no YouTube terá diante de si um menu bem farto de vídeos sustentando a teoria da Terra Plana, ao passo que o usuário interessado por questões de saúde será rapidamente reorientado para as ideias dos No Vax, o movimento antivacina, e dos conspiracionistas. O mesmo mecanismo está acelerado no terreno político. É assim que os brasileiros assistiram, nos últimos anos, à ascensão de uma nova geração de YouTubers de extrema-direita, que souberam explorar o algoritmo da plataforma para multiplicar sua visibilidade (e seu faturamento). É o caso de Nando Moura, um guitarrista amador que reúne mais de três milhões de inscritos no seu canal do YouTube, alternando canções, instruções para videogames e, sobretudo, uma variedade extraordinária de teorias da conspiração. Ou o caso de Carlos Jordy, um fisiculturista coberto de tatuagens que deve sua popularidade, e sua cadeira no Congresso, a uma série de vídeos denunciando um complô dos professores de esquerda para espalhar o comunismo nas escolas (EMPOLI, 2020, p.80-81).

A partir do momento que carregamos “gaiolas de bolso” (EMPOLI, 2020, p. 144), tendenciamos em reforçar razões únicas e nos reunimos em nichos que cada vez mais confirmam as nossas pretensões, pensamentos e opiniões (EMPOLI, 2020, p. 80-81). Isso acontece, em detrimento de uma convivência minimamente, ou utopicamente, harmoniosa, do mínimo reconhecimento, ou melhor, aceitação, do diferente. Pode-se dizer então, que há um esgarçamento das relações humanas, políticas e democráticas, enfim, um patrocínio ao individualismo, embora Empoli (2020) não use esse termo especificamente.

No entanto é importante atentar, quanto a discussão do parágrafo anterior, se ela não seria resultado de uma imagem saudosista de um passado onde as pessoas seriam harmônicas umas com as outras e grupos não entrariam em conflito. Sabemos, quem os escreve e o leitor, ao sermos minimamente analíticos com o passado, que tratar relações humanas e intergrupais como harmoniosas se trata de uma considerável ingenuidade. Além de toda a discussão, ou melhor, constatação, de conflitos de classe, inegável ao se observar o correr da história do capitalismo, o próprio sistema de mídias por si só não é harmônico e conciso. Faço questão de destacar então, que quando uso dessa reflexão nas considerações acima, as faço diante da necessidade de delimitar dois momentos em que houve entre eles uma visível discrepância na aceitação do diferente no convívio social, o que não quer dizer uma visão maniqueísta de sociedade boa antigamente e sociedade ruim atualmente. Bucci (2021) alerta para essa problemática – e ajuda, na crítica que o faço abaixo, a atrelar isso ao modo de funcionamento de diferentes tecnologias e suas características influentes na sociabilidade – no início do seu trabalho recente sobre a construção do que há hoje como internet, como tecnologia, o que ele define como “*superindústria do imaginário*”, onde define o conceito de “*instância da imagem ao vivo*”. Para ele, não são recentes, nem novidade, conflitos entre grupos, e os consequentes maus resultados destes, pois isso seria resultado de uma nova instância da vida, posterior a “*instância impressa*”, que engloba para além da era contemporânea, o boom midiático da TV no século XX, a “*instância da imagem*” (BUCCI, 2021, p. 61). O alerta proposto por Bucci (2021) é assaz e urgente, mas peca ao colocar numa mesma caixa, a TV e as Redes, pondo-as na análise na categoria ampla do “*ao vivo*”. Falta aí justamente a atenção nas diferentes características dos dispositivos. Um smartphone, meio por excelência das redes geridas pelas *Big techs*, é muito diferente de uma TV. Embora ambos tenham o caráter de “*ao vivo*”, se diferem profundamente no que consta a individualidade, ao modo de uso; o primeiro é intrinsecamente individual, o segundo não (MISKOLCI, 2021, p. 44). Vejamos<sup>6</sup> nas palavras desse último autor:

Acessada de forma individual, a internet representa o auge de um processo de privatização das comunicações. O cinema era uma experiência coletiva até que a televisão trouxe para dentro de casa - e, conseqüentemente, para o núcleo familiar - o acesso à mídia que a internet passou a prover de forma pessoal e individualizada. Da tela grande do cinema para a média da TV até chegar à pequena dos smartphones, assistimos não apenas a um processo de individualização do acesso à mídia - do coletivo ao familiar até o individual -, mas também a uma maior exposição aos seus conteúdos, da visita ocasional ao cinema, passando pela audiência diária da TV e

---

<sup>6</sup> Creio já ter sido possível notar que escrevo no texto em primeira pessoa. O uso do vejamos, que aparece ainda muitas vezes nessa dissertação, consta a uma referência do diálogo de quem escreve e o leitor: “vejamos, quem os escreve e o leitor, a citação adiante, a questão adiante, o fenômeno adiante”.

chegando à conexão permanente pelos telefones inteligentes [...] Esse caminho do coletivo ao individual é, portanto, estratégico comercialmente para que os usuários-consumidores sejam mais expostos às novas formas de marketing e propaganda (MISKOLCI, 2021, p.44).

Justamente o smartphone, carrega em seu modo de funcionar, por excelência, todo esse sistema de funcionamento da internet atualmente, fielmente relacionado ao usuário, ao individualismo, o que não estava presente ainda de forma tão intrínseca na TV por exemplo. Um objeto de mão, constantemente presente em nossas vidas pela praticidade em nos entregar diversas funções e entretenimento, é, para além de uma gaiola de bolso, como diz Empoli (2020), uma gaiola que dá uma liberdade de acesso e de resolução prática de diversos problemas do dia a dia, ao passo que em contrapartida, sem que você nem perceba, captura, acumula e vaza (leak, como escreve Chun (2016)), enésimos numéricos de dados pessoais para os fins já descritos acima, numa espécie de liberdade representada, citando Falcão, num “passarinho voando com gaiola e tudo” (FALCÃO, 1997). Enfim, o celular inteligente, o smartphone, é o material essencial, o objeto técnico por excelência, para a execução prática do sistema que sustenta as *Big techs* hoje, entregando o que elas precisam para consolidar seu jogo de captura, processamento e venda de dados perfilados, o que reforça, enfim, voltando a discussão nuclear desse parágrafo, que embora a sociedade não seja hoje um contraste não harmônico a uma sociedade antes harmônica – como pode-se compreender em uma rápida leitura do trabalho de Empoli (2020) exposto no parágrafo anterior –, ela é de fato uma sociedade diferente, uma sociedade menos tolerante, justamente por que gerida por uma nova configuração onipresente chamada “internet perfilada” – o que não quer dizer que isso seja algo puramente técnico, logo que essas são resultados de seus contextos – (BEIGUELMAN 2021; RAULINO 2022; CHUN, 2016), calcada em aparelhos mais individualizados e patrocinadores de um isolamento (MISKOLCI, 2021, p. 44).

Williams (2016) complexifica muito proficuamente a discussão acima quando vai relacionar o que ele chama de “as formas culturais” – e esse “modo de funcionamento” pode ser interpretado como uma dessas “formas” – com um aparato de reforço ou legitimação a uma ideologia vigente. Nas palavras do autor:

Em alguns seriados norte-americanos, a agência de publicidade participa da seleção e do desenvolvimento de ideias e roteiros, e isso influencia no conteúdo, tanto por meio da aprovação como da negação de certos temas e ideias. Desse modo, quando vemos notícias internacionais apresentadas por cortesia de uma pasta de dentes, não devemos separar esses elementos, pois neles estão os contornos de uma forma cultural dominante (WILLIAMS, 2016, p. 79).

Não seria simplesmente uma dimensão econômica e direta que influenciaria um ambiente, como o ambiente acima descrito, mas todo um arcabouço de legitimação que usa de uma

complexa gama de interações culturais, o que pode ampliar a visão do leitor do presente trabalho para com o Vale do Silício dos anos 1990, e a internet profilada da contemporaneidade, o que de fato pôde ser observado nos dados obtidos com a presente pesquisa expostos nos capítulos 1, 2 e 3, como se está neles de fato, não cabendo aqui ainda, dar esse spoiler.

Destaco então o quanto a discussão da intolerância resultando dessa contemporânea internet, seria atrelada ao individualismo, que embora não seja usado literalmente por ele, nos é apresentado pelo estudo de Empoli (2020). Feitas as devidas limitações cronológicas, pois trata-se de uma pesquisa de 2012, que não toma a discussão da internet calcada em captura e processamento de dados de usuários, a pesquisa de Sá (2012), revela uma realidade alarmante ao discutir o isolamento causado em usuários da rede à época:

a Web atua como um campo de possibilidades em que o indivíduo é o principal responsável pela sua sobrevivência [...] A família e os amigos, geralmente, são deixados em segundo plano. A relação com a Internet promove a criação de “barreiras” virtuais que circunscrevem a presença física dos usuários. O que acontece depois disso (e paralelo a isso) é a criação de identidades virtuais e processos de supervalorização do “eu” [...] O indivíduo retira suas mazelas e recalques da vida cotidiana e os resolve no “novo eu” (ou na fragmentação do “eu”). No “eu” virtual (SÁ, 2012, p.134-138).

A internet, como já era salientado por Sá (2012), implicava/implica em severo isolamento, o que só é reforçado pelo modo de funcionamento dela hoje. Uso dessa breve exposição para partir à discussão, ou melhor, delimitação, da leitura do neoliberalismo, que abre a exposição do conceito de “sujeito neoliberal”, ímpar na presente pesquisa, e intrínseco ao individualismo.

Leio o neoliberalismo, a partir de Foucault, adotando uma reflexão que

tem buscado compreender o neoliberalismo a partir das transformações que ele tem operado no campo das subjetividades individuais e coletiva; algo que nos ajuda a melhor endereçar as complexidades que envolvem suas consequências políticas e sociais (PARANÁ, 2020, p. 56).

Fiz questão de iniciar a exposição da minha leitura de neoliberalismo a partir dessa citação, e não com minhas próprias palavras, por considerar que ela resume bem todo o conjunto de autores diversos que leem todo esse fenômeno econômico/político/social contemporâneo, o neoliberalismo, como algo relacionado mais a uma transformação complexa que abarca novas subjetividades e dominações as vezes em forma de liberdades, e menos a uma simples exploração verticalmente exercida. Toda essa leitura, é bastante signatária de algumas aulas ministradas por Foucault no final dos anos 1970, que foram posteriormente editadas em livros diversos; no Brasil por exemplo, elas chegaram primeiramente na famosa edição da Graal, posteriormente adquirida pela Paz e Terra, organizada e coordenada por Roberto Machado,

chamada “Microfísica do poder”, complementadas apenas em 2008, pelo livro, com as mesmas características de aulas daquela época, chamado “o nascimento da biopolítica. É no texto “aula de 14 de março de 1979”, o qual consta de uma aula ministrada nesta data e publicada no livro “o nascimento da biopolítica”, que encontra-se o que considero o embrião dessas análises descritas acima; encontra-se ali uma abertura a se discutir o trabalho/trabalhador como um conceito mais amplo, capaz de abarcar não apenas sua dimensão econômica estrita, mas a problemática que consta principalmente às subjetividades, a um novo tipo de organização econômica, o neoliberalismo. Foucault (2008) alerta, diante da exposição de modos de economia novos que ele tinha explicitado anteriormente naquela aula, que se tome cuidado agora, nas análises surgentes, com a constatação que se está diante de um novo fenômeno onde deve-se.

situar-se, portanto, do ponto de vista do trabalhador e fazer, pela primeira vez, que o trabalhador seja na análise econômica não um objeto, o objeto de uma oferta e de uma procura na forma de força de trabalho, mas **um sujeito econômico ativo** (FOUCAULT, 2008, p. 307-308, *destaque meu*).

E não é que essa abertura a qual Foucault (2008) faz, se resume a esse pequeno trecho falado em uma única aula nos idos de 14 de março no ano de 1979. Sua constatação, análise, do capitalismo à época, e a conseqüente reflexão presente na fala, se insere em um vasto conjunto de reflexões que buscavam dar conta de uma para ele muito necessária virada em noções simplificadas de poder. Nunca agradou a Foucault (2008, 2019), observações que enlatassem o poder na definição simples de:

A > B

Para ele:

se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso (FOUCAULT, 2019, p. 44-45).

Roberto Machado (2019) complementa quando, na introdução que faz ao livro ao qual retira-se a citação acima e que ele edita e organiza, escreve: “o que suas análises [de Foucault] querem mostrar é que a dominação capitalista não conseguiria manter-se se fosse exclusivamente baseada na repressão” (MACHADO, 2019, p. 19). Enfim, fica cristalino que Foucault (2008,

2019), abre alas para essa discussão, o que foi largamente ampliado por outros autores, que vão ajudar a estender essas reflexões ao conceito de sujeito neoliberal.

Um desses autores, e para essa pesquisa um dos principais, é Christian Laval (2020). Em seus trabalhos, para além de repassar muito bem as contribuições de Foucault (2008, 2019) para a leitura do capitalismo atual, o autor faz uma ampliação, no melhor sentido da palavra, de suas reflexões, obviamente, diante de seus arcabouços teóricos/empíricos, que estendem o campo de visão diante do fenômeno. Ao analisar justamente a leitura Foucaultiana do neoliberalismo, ele esclarece que, não se trata da crítica simples a um “modo de governo” ou “modelo econômico”, mas sim algo mais complexo e intrínseco:

Em sua abordagem, [de Foucault] o neoliberalismo não é considerado logo de saída como uma fase do capitalismo, à maneira dos marxistas. Ele emerge, antes, de um certo modo de governo dos homens e da produção dos sujeitos, e mesmo de uma das formas e de uma das fases da invenção do sujeito moderno enquanto homem econômico (LAVAL, 2020, p. 40).

Mas é em seu largamente reconhecido estudo com Pierre Dardot, dos idos de 2009, numa problematização crítica do argumento que o neoliberalismo ali, no contexto do pós crise de 2008, estaria em princípio de decadência (TOLENTINO, 2017, p. 133), que, no livro que chegou no Brasil apenas em 2016 sob o título de “a nova razão do mundo”, Laval traz à luz valorosas reflexões quanto às características desse novo modo de governar os indivíduos, desse novo modo em que o capitalismo se revelaria, o neoliberalismo. Nas palavras dos autores:

O neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades. Em outras palavras, com o neoliberalismo, o que está em jogo é nada mais nada menos que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos. O neoliberalismo define certa norma de vida nas sociedades ocidentais e, para além dela, em todas as sociedades que as seguem no caminho da “modernidade”. Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16).

O neoliberalismo é então todo esse objeto prismático, ou seja, esse material de diversas facetas, o que considero ser a grande contribuição dessas reflexões de Laval, que são fortemente signatárias de Foucault. Ser prismático não quer dizer também que se devaneia em delimitações incertas, mas sim que foge de leituras que se amarrem nas leituras de poder que não saem de um binômio binário, como é bem exemplificado na leitura de neoliberalismo da citação acima.

Usando ainda dessas referências a Laval e seus estudos, solo e com parceiros, abro finalmente as discussões que constam ao tal “sujeito neoliberal”. Como já é possível observar nessas reflexões acima que julgo apresentarem a leitura de neoliberalismo desse trabalho, o sujeito, a subjetividade, um modo de governar não só por meio da exploração, deterioração e determinação, mas por uma construção de uma subjetividade, é o que possibilitaria uma nova forma de governar, uma governamentalidade (governar com a mentalidade), essa que é essencial ao neoliberalismo. Em cada momento histórico, essa governamentalidade irá responder a um determinada ideologia: dado os momentos históricos, são dadas as ideologias que intentem responder a necessidade àquele ambiente de ser governado de dado modo, sejam quais forem os modos subjetivos que esses expressem – as vezes contraditórios com nossas leituras do que seria ou não “controle”. Em Laval (2020), isso aparece claramente atrelado a discussão da virada de um homem empregado, para um homem empresa, o “*homo oeconomicus*”, o homem empreendedor, o que convenhamos<sup>7</sup> não se distancia tanto do que Foucault (2008), já alertava no trecho acima destacado da reveladora aula de 14 de março de 1979, como o “sujeito econômico ativo”. Vejamos:

Governar a maneira neoliberal é agir sobre o meio de forma que o indivíduo aí evolua, em respeito às regras que regem esse meio e respondendo às incitações que tal meio produz na direção do crescimento de seu capital. No interior de certo espaço de regras e incitações, o indivíduo é perfeitamente livre para agir como pretende, para manifestar as preferências que queira, mas deve, sobretudo, “capitalizar” seus próprios recursos. O meio que melhor desenvolve as incitações à capitalização é o mercado concorrencial [...] seria possível dizer com mais precisão: [*o homo oeconomicus*] é aquele que se adapta à realidade para maximizar seus ganhos (LAVAL, 2020, p. 81).

Vê-se aqui uma clara definição do quanto o *homo oeconomicus* está atrelado a esse novo sujeito quisto pelo neoliberalismo. Batista (2019), complementa a questão:

O Empreendedor efetua um trabalho continuado sobre si mesmo, potencializa seu capital humano de modo que seja mais ativo. Ele desenvolve estratégias de competição e competência, de modo que possa inclusive vender-se, valorizando sua individualidade e fazendo intermináveis propagandas da sua imagem (BATISTA, 2019, p. 154).

Já nas palavras de Oliveira e Sampaio (2018), “a finalidade neoliberal é tornar o trabalhador um sujeito econômico ativo, melhor dizendo, um empresário da unidade-empresa personificada em si e por si, sendo, ao mesmo tempo, capital, produtor e fonte de renda de si mesmo” (OLIVEIRA; SAMPAIO, 2018, p. 175).

---

<sup>7</sup> Ver nota 6.

Esse modelo, neoliberal, alude ao empresariamento de si e a auto responsabilização, nas esferas do emprego e da vida, algo intrinsecamente individualista, discussão justamente feita por Costa (2009). O indivíduo ideal neoliberal, o empreendedor, tende a “fazer do empreendedorismo uma visão de mundo, uma maneira de ser” (COSTA, 2009, p. 181). O empreendedorismo, o auto-investimento, a auto-consideração como um indivíduo capaz e potente, é intrínseca, pois, a essa visão de mundo, o que não deixa de ser potencializador de um individualismo, como destaca o autor:

funciona de modo a **fragmentar os indivíduos em mônadas**, cada uma ficando **responsável apenas por si mesma [...] a iniciativa individual** e o processo do *aprender a aprender* são muito mais enfatizados do que o trabalho em equipe e o ensino, e devem voltar-se, sobretudo, para a inovação [...] isso ocorre para tornar as relações de sociabilidade frágeis, fugazes e movidas pela concorrência e por cálculos racionais frios, haja vista que implicam investimentos (COSTA, 2009, p. 181-182, *destaque meu*).

Como pode-se notar, para além das referências em Laval, Costa (2009), Oliveira e Sampaio (2018) e Batista (2019), trazem a importante contribuição de delimitar o sujeito neoliberal – não que eles usem esse termo, que é mais presente em Dardot e Laval (2016), e é exposto logo abaixo – como um sujeito atrelado a virada de um indivíduo empregado para um indivíduo empresário de si mesmo, reflexão que já existia desde Foucault (2008). Mas para além dessa dimensão, há ainda, e é essencial a presente pesquisa, uma dimensão ligada a um sentimento de potência, assunção da individualidade, liberdade, muito intrínseco ao neoliberalismo contemporâneo, o formato que parece se dispor a responder a ideologia surgente num “novo capitalismo”, termo esse buscado de Boltanski e Chiapello (2020). Batista mesmo, já antecipa por alto essa discussão, que não está separada em essência do *homo oeconomicus* como já se nota nas exposições com Dardot e Laval (2016) e Laval (2020) parágrafos acima: “elaborou-se uma subjetividade idealizada tão cambiante quanto subordinada, que ora se esperava que fosse dócil e disciplinada, **ora livre e comercial** (BATISTA, 2019, p. 146, *destaque meu*).

O “sujeito neoliberal”, então, é o produto individual de todo esse novo modelo do capitalismo contemporâneo, de sua nova, ou atualizada, ideologia. Dardot e Laval (2016) vão ampliar ainda mais esse conceito até então atrelado à princípio ao *homo oeconomicus* ou ao empresário de si mesmo e afins, como viu-se nas reflexões acima, nas conclusões do seu estudo coletivo clássico. Eles vão defender nesse ponto do texto que esse sujeito neoliberal está hoje, também, ligado a dispositivos de desempenho/gozo (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 354), onde

há a necessidade de potência, liberdade, da idealização do aproveitar sempre mais a vida, para a consolidação de um sujeito econômico ativo. Nas palavras dos autores:

O sujeito neoliberal é produzido pelo dispositivo “desempenho/gozo”. Inúmeros trabalhos enfatizam o caráter paradoxal da situação subjetiva. Os sociólogos multiplicam os “oximoros” para tentar dizer do que se trata: “autonomia controlada”, “comprometimento coagido”. No entanto, todas essas expressões pressupõem um sujeito exterior e anterior à relação específica de poder que o constitui precisamente como sujeito governado. **Quando poder e liberdade subjetiva não são mais contrapostos, quando se estabelece que a arte de governar não consiste em transformar um sujeito em puro objeto passivo, mas conduzir um sujeito a fazer o que aceita querer fazer, a questão se apresenta sob uma nova luz.** O novo sujeito não é mais apenas o do circuito produção/poupança/consumo, típico de um período consumado do capitalismo. O antigo modelo industrial associava – não sem tensão – o ascetismo puritano do trabalho, a satisfação do consumo e a esperança de um gozo tranquilo dos bens acumulados. Os sacrifícios aceitos no trabalho (a “desutilidade”) eram comparados com os bens que poderiam ser adquiridos graças à renda (a “utilidade”). Como lembramos antes, Daniel Bell mostrou a tensão cada vez mais forte entre essa tendência ascética e esse hedonismo do consumo, uma tensão que, segundo ele, chegou ao ápice nos anos 1960. Ele entreviu, sem ter ainda condições de observar, a resolução dessa tensão num dispositivo que ia identificar o desempenho ao gozo e cujo princípio é o do “excesso” e da “autosuperação”. Não se trata mais de fazer o que se sabe fazer e consumir o que é necessário, numa espécie de equilíbrio entre desutilidade e utilidade. **Exige-se do novo sujeito que produza “sempre mais” e goze “sempre mais” e, desse modo, conecte-se diretamente com um “mais-degozar” que se tornou sistêmico. A própria vida, em todos os seus aspectos, torna-se objeto dos dispositivos de desempenho e gozo** (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 354-356, *destaque meu*).

A citação acima é precisa e praticamente irretocável para a definição do “sujeito neoliberal”, quanto ao seu caráter de desempenho/gozo. Para os autores, uma forte característica da subjetivação neoliberal é justamente essa panaceia de uma individualidade garantida, que, embora relacionada ao modo de governo de sua época, sintetiza todo um novo momento do capitalismo que se sustenta não só em um sujeito empreendedor nas delimitações da formação de um *homo oeconomicus* individualista, mas sim e também, no reforço de que esse sujeito se sinta livre, as vezes em disposições que a primeira vista classificar-se-ia como progressistas, como valorosas práticas de liberdade individual; ora essa liberdade individualizada, quando não atrelada a características de valorização do coletivo, não serve senão a consolidação de um capitalismo atraente, positivado e ardiloso. Se vê mais adiante nessa apresentação do problema e discussões teóricas, a necessidade de destaque dessa discussão do sujeito neoliberal atrelado a dispositivos de liberdades individuais junto a dispositivos de desempenho/gozo, no alcance dos objetivos pretendidos no campo historicamente libertarianista que foi estudado.

Uma leitura diante dessas discussões sobre o neoliberalismo, suas origens, influências e formas de se expressar, responder a dadas ideologias, principalmente na forma do “sujeito neoliberal”, a partir de Foucault (2008, 2019), Costa (2009), Dardot e Laval (2016),

Laval (2020), dentre outros, dá uma melhor cama para abarcar os fenômenos típicos do tecido econômico-político no qual a lógica que rege as *Big techs* se propaga historicamente e contemporaneamente. As discussões expostas acima são ímpares para ampliar a relação do neoliberalismo com a origem e a ação das grandes empresas de processamento de dados. Quando eles, mais especificamente Dardot e Laval (2016), trazem o conceito de sujeito neoliberal, e principalmente o sujeito neoliberal junto ao dispositivo “desempenho/gozo” – quebrando com linhas de pensamento reconhecidas ante a análise do neoliberalismo, que o tratam como algo tendencioso ao conservadorismo, no que consta a liberdades individuais e afins – abre-se um valioso leque necessário a se entender todo o campo de formação da internet como se conhece hoje, o que explanarei melhor teoricamente nos parágrafos adiante. Neoliberalismo seria, para Dardot e Laval (2016), o contrário, no que consta ao indivíduo. Seria criatividade, liberdade, justamente a fins de encaminhar o sujeito a uma mentalidade empreendedora e individualista, o que pode se exercer tão coercitivamente quanto o poder no binômio

A > B

criticado em sua incompletude por Foucault (2019), formando assim um sujeito neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 354-357).

Outras discussões que ajudam a atrelar o sujeito de um novo capitalismo, o sujeito neoliberal, a dispositivos de gozo, e não a dispositivos de repressão, são os estudos da análise crítica, e as vezes até de análises não críticas, ao papel, e disposições, do consumo nesse novo capitalismo. É em dois grandes pesquisadores do marketing estadunidense, pesquisadores esses que não têm uma intenção crítica, mas sim positiva, que encontram-se os primeiros relatos em boas fontes, de uma virada nos padrões de consumo, e uma assunção da importância de caracteres hedonistas no ato do consumo capitalista da época – consequentemente na formação daqueles consumidores, não atrelados mais a uma imagem saudosa e familiar, mas sim a uma imagem colorida e individual. Em dois artigos publicados em conjunto, Morris Holbrook e Elizabeth Hirschman (1982) expõem as seguintes descobertas:

Ignored phenomena include various playful leisure activities, sensory pleasures, daydreams, esthetic enjoyment, and emotional responses. Consumption has begun to be seen as involving a steady flow of fantasies, feelings, and fun encompassed by what we call the "experiential view." This experiential perspective is phenomenological in spirit and regards consumption as a primarily subjective state of consciousness with a variety of symbolic meanings, hedonic responses, and esthetic criteria. Recognition

of these important aspects of consumption is strengthened by contrasting the information processing and experiential views (HOLBROOK; HIRSCHMAN, 1982, p. 132)<sup>8</sup>.

E

The behavior of consumers, we believe, is far more sensorily complex, imaginative and emotion laden than has been reflected in the traditional approach to marketing research. The hedonic approach, while certainly no complete solution, may take us further toward comprehending the multiple facets of the consumption experience (HIRSCHMAN; HOLBROOK, 1982, p. 100)<sup>9</sup>.

É bastante revelador ler de figuras de dentro do próprio marketing, o quanto o consumo hedonístico era visto como tendência e novo paradigma no campo. Não se depara aqui, com trechos de alguma análise crítica, mas sim com uma constatação científico/acadêmica para a futura proposição de novos caminhos naquela área, no caso o marketing e a publicidade, o que mostra de uma maneira muito crua, que, em o que se baseou a propaganda e conseqüentemente o consumo, pelo menos nos últimos 40-50 anos, não foi a repressão, mas sim a liberação.

O estudo de Lipovetsky e Serroy (2015) é reconhecido pelas análises críticas que também levam a essa reflexão. A partir de uma reflexão mais geral que constata uma guinada a uma estetização do mundo capitalista, que hoje teria um caráter “artista”, esses autores defendem que:

O divertimento se tornou retórica do consumismo, seu estilo, seu espírito dominante: ele é a aura de que se envolve o mundo do consumo estetizado. Ambiência generalizada de lazer que, difundindo uma atmosfera de leveza e de felicidade, constrói a imagem de uma espécie de sonho acordado permanente, de paraíso do consumo (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 271).

Mas é Isleide Arruda Fontenelle (2017) que faz de forma muito concisa, e trazendo inclusive autores já referenciados nesse nosso sobrevoo teórico de abertura desse trabalho, a discussão da importância dessa cultura de consumo na análise do capitalismo contemporâneo. Em alguns artigos, mas principalmente em seu livro “cultura de consumo”, ela reflete o quanto o consumo seria hoje um dos motes reveladores de um novo modo de capitalismo, justamente

---

<sup>8</sup> Tradução: “fenômeno ignorado inclui várias atividades de lazer lúdicas, prazeres sensoriais, devaneios, prazer estético e respostas emocionais. O consumo começou a ser visto como envolvendo um fluxo constante de fantasias, sentimentos e diversão englobados pelo que chamamos de “visão experiencial”. Essa perspectiva experiencial é fenomenológica em espírito e considera o consumo como um estado de consciência primariamente subjetivo com uma variedade de significados simbólicos, respostas hedônicas e critérios estéticos. O reconhecimento desses aspectos importantes do consumo é fortalecido pelo contraste entre o processamento de informações e as visões experienciais.”

<sup>9</sup> Tradução: “O comportamento dos consumidores, acreditamos, é muito mais sensorialmente complexo, imaginativo e carregado de emoções do que tem sido refletido na abordagem tradicional de pesquisa de marketing. A abordagem hedônica, embora certamente não seja uma solução completa, pode nos levar mais longe em direção à compreensão das múltiplas facetas da experiência de consumo”.

baseado em indivíduos mais libertados, diante do contexto histórico do pós maio de 68 (os desdobramentos do maio de 68 é um tema retomado mais adiante com o clássico estudo de Boltanski e Chiapello (2020)) e afins, mesmo que essa mudança já viesse se gestando desde o pós segunda guerra (FONTENELLE, 2017, p. 197-200). O meio por onde essa nova cultura se expos de grande forma foi nos comerciais nonsense típicos do final dos anos 1990 e começo dos anos 2000, largamente veiculados em diversos veículos de mídia, principalmente na televisão que se tornava cada vez mais consolidada (FONTENELLE, 2017, p. 69-70). A autora cita trechos de uma interessante matéria em seu livro que ilustra bem a discussão:

Sintonizar um programa de televisão no horário nobre significa ouvir o capital usar publicidade para incitar a revolução, para pregar a transgressão as regras e dos bons costumes [...] uma forma de revolta contra valores mais antigos, ligados a produção: enfatizou o prazer e a gratificação, por oposição à restrição e à repressão da tradição puritana. Cultuou a moda e a obsolescência, no lugar da previdência e da permanência, a juventude no lugar da experiência, a mudança no lugar da tradição, o novo no lugar do antigo [...] abriu-se aos publicitários uma série de nichos culturais [...] ricos em carisma e evocação subversiva. A Benetton conseguiu associar sua marca a luta contra o racismo a Apple ao combate contra a tecnocracia, a Pepsi apropria-se da revolta adolescente, a Body Shop utiliza a compaixão, a Reebok, o não conformismo e a MTV, o *underground*. Em matéria de justiça social, as marcas substituíram as mobilizações (FRANK, 2001 *apud* FONTENELLE, 2017, p. 69-71).

Vê-se aí, de forma prática, a consolidação do que já alertavam, ou melhor, preconizavam, Hirschman e Holbrook (1982). As marcas aderem a jovialidade, a transgressão, e até a revolução, neste último caso sem qualquer sinal de revolução de caráter político; sempre como uma liberdade atrelada a individualidade, que é enfim representada, consolidada, no ato do consumo. É o caráter hedônico em forma mais pura para fins comerciais individualizados. Voltando à discussão do início do parágrafo, isso teria origem nas mudanças culturais da segunda metade do século XX. Retomando os estudos de Fontenelle (2017):

Não é de se surpreender, portanto, que foi essa nova geração que promoveu uma revolução cultural contra os chamados valores “tradicionais burgueses” do capitalismo. Embora essa revolução tenha ecoado em lugares distantes – como o Brasil – seu epicentro ocorreu nos países de capitalismo avançado, tem sido expressivo nos Estados Unidos e na França. Certamente as “jornadas de 1968” foram muito mais do que manifestações de jovens burgueses entediados com a cultura de consumo em massa. Mas a ideia de fazer esse recorte no movimento é no sentido de mostrar que ele também foi isso, e foi essa a parte que acabou sendo apropriada pela cultura do consumo. Insurgindo-se contra toda forma de hierarquia, bradando-o “é proibido proibir”, buscando colocar a “imaginação no poder”, essa geração, na verdade, já protestava no espírito do gozo, ou seja, na lógica da libertação das pulsões, **ainda acreditando na ideia de uma “cultura pura”, oposta à cultura de consumo, quando sua reivindicação já era produto dela.** Isso explica por que esse movimento contracultural foi tão rapidamente assimilado pela cultura do consumo. [...] em outras palavras, o movimento contracultural do final da década de 1960 deu o combustível necessário para que o capitalismo se reinventasse (FONTENELLE, 2017, p. 197-198, *destaque meu*).

Como pode-se ler no trecho, a cultura de consumo de caráter hedonista é nascente de movimentos típicos do século XX, e reforça caracteres de uma individualidade potencializada e libertária, característica destacada na reflexão anterior como típica do sujeito neoliberal de gozo. Mas antes de adicionar a “cultura de consumo” ao sujeito neoliberal, vale antes tomar a importante reflexão da autora diante das publicidades *nonsense*, que são também uma forte representação prática desse fenômeno, principalmente nos anos 1990, década que é foco da presente pesquisa mais adiante:

O tipo de publicidade *nonsense* que vimos surgir nesse período já indicava a necessária flexibilização dos corpos, decorrente da própria transformação da economia mercantil que não pôde mais avançar segundo as regras estritamente disciplinares do período de produção e consumo em massa. Por isso, a crítica contracultural às identidades sociais fixas do período disciplinar rapidamente se transforma na flexibilização como norma (FONTENELLE, 2017, p. 199).

Pode-se concluir enfim que o consumo hedonista, junto do empreendedorismo e dos dispositivos de desempenho/gozo, é mais uma face de um prismático diamante chamado sujeito neoliberal. Essas faces se refletem entre si e são diferentes cargas da construção ideológica dele. Como pode-se perceber nessa reflexão quanto ao consumo, ele pode ser, quando necessário, observado como um dispositivo de desempenho/gozo, como também um modelo de crescimento pessoal do sujeito empreendedor de si mesmo, ou até mesmo, mais um modo de expressar a subjetivação neoliberal; um pilar a ela, para além de um simples “apoio”.

Boltanski e Chiapello (2020) ajudam a estender essas reflexões anteriores, conectá-las, aos anos 1990 na Califórnia, que é a delimitação histórica/temporal onde estudei as origens, o embrião, da cibercultura do Vale do Silício, no contexto das finalidades investigativas do presente trabalho que são expostas nos objetivos mais adiante. A reflexão que eles fazem com o estudo que empenham quanto a evolução do “espírito do capitalismo”, até chegar ao espírito contemporâneo do capitalismo (embora o livro seja de 1999), principalmente no que consta as análises referentes ao que chamam de “crítica estética”, ajuda bastante a conectar o sujeito neoliberal com o entendimento daquela época, ainda que hipoteticamente – hipoteticamente pois o estudo é direcionado empiricamente aos manuais executivos europeus dos anos 1970-1990, e não ao Vale do Silício nos anos 1990. Em uma abertura de dossiê, Fabrício Maciel e Patrícia Mattos (2020), ao fazer um sobrevoo para pensar o “capitalismo contemporâneo”, fazem uma valiosa classificação desses “espíritos do capitalismo”, conforme o trabalho de Boltanski e Chiapello (2020), o que enriquece a presente exposição. Veja:

O primeiro espírito seria aquele descrito por Werner Sombart, ou seja, situado no final do século XIX, que coloca no epicentro a figura do burguês empreendedor e a descrição dos valores burgueses. Assim, a figura do empreendedor, do capitão de indústria e do conquistador concentram elementos heroicos da descrição, pondo ênfase no jogo, na especulação, no risco e na inovação. O segundo espírito é aquele que se consolida entre as décadas de 1930 e 1960, colocando a ênfase muito mais na organização em si do que no empresário individual. Este tem como figura heroica o executivo que, mais do que os acionistas, leva a cabo os interesses gerais da empresa e sua consolidação. O segundo espírito também encarna o ideal cívico das empresas, em seu papel na promoção da justiça social ao lado do Estado. O terceiro espírito, em contrapartida, que se esboça a partir dos anos de 1970 e se mostra em toda nitidez nos anos de 1990, é aquele que vai valorizar o trabalho em equipe e as iniciativas coletivas nas cidades por projetos, **apagando a figura da dominação, da autoridade e da hierarquia social, encarnada com todo vigor no grande executivo do segundo espírito. O terceiro espírito com isso apresenta forte teor ideológico, escondendo um capitalismo altamente hierarquizado que radicaliza sua dominação e a consequente desigualdade entre as classes.** Não por acaso, o conceito de ideologia utilizado remete-se a Louis Dumont, para quem a ideologia constitui um conjunto de crenças compartilhadas, inscritas nas instituições, comprometidas em ações e, exatamente por isso, ancoradas no real. **Ou seja, esta noção de ideologia envolve a tematização da busca por legitimação e engajamento que o capitalismo precisa realizar para ter seu ancoramento em indivíduos de carne e osso** (MACIEL; MATTOS, 2020, p. 686, *destaque meu*).

Como pode-se observar, há uma linha/sequência de mudanças no que os autores chamam de “espírito do capitalismo”, que culmina no capitalismo atual (à época. Reforço que o livro é de 1999, que traz essas contribuições, mas não trata do capitalismo contemporâneo), o qual seria mais ligado a um capitalismo não mais hierarquizado, mas sim munido de engajamento e ideologia. Pode-se entender melhor voltando a discussão da “crítica estética” e a consequente “virada”, pois é nela que os próprios autores definem esse processo e suas peculiaridades. Resumo que, para os autores, a crítica ao capitalismo, teria tomado, por volta do final dos anos 1960 (Maio de 68 com certeza é um marco), um tom estético, em detrimento do seu tom clássico de luta de classes, de crítica social (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2020, p. 331-332), o que causou sua captura pelo próprio criticado, o capitalismo, que se reformulou, ou melhor, se atualizou, nas décadas seguintes, para uma mentalidade disruptiva, criativa, descolada, e principalmente desapegada do “doméstico”, dos laços diretos com tradições;

a liberação do desejo não significou a morte do capitalismo, anunciada pelo marxismo-freudiano dos anos 30 aos 70. Aliás, para acreditar nisso, era preciso ignorar a implicação da liberdade no regime do capital e sua profunda convivência com o desejo, sobre o qual repousa grande parte de sua dinâmica. Ao contribuir para derrubar as convenções ligadas ao antigo mundo doméstico e também para superar a rigidez da ordem industrial – hierarquias burocráticas e produção padronizada –, a crítica estética criou a possibilidade de o capitalismo apoiar-se em novas formas de controle e mercantilizar novos bens, mais individualizados e mais “autênticos” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2020, p. 472-473).

Laval (2020), retomando Foucault, discute algo parecido no seguinte trecho:

A seus olhos [de Foucault], o que acontece nesses anos é uma crise aguda de todas as formas de poder. Ele compreende, diferentemente do economicismo marxista<sup>10</sup>, que não se pode isolar as lutas dos trabalhadores daquelas enfrentadas por mulheres, estudantes, secundaristas, loucos, presos, artistas e doentes. É nesse contexto muito particular de contestação generalizada que Foucault identifica o advento de uma nova maneira de conduzir os indivíduos, que pretende fazer jus à aspiração à liberdade em qualquer domínio, seja sexual, cultural ou econômico. Ele entrevê que a modificação dos modos de governo dos indivíduos nos diversos setores da sociedade e que **as respostas dadas às lutas sociais e culturais estão em vias de encontrar no neoliberalismo uma coerência possível a um só tempo teórica e prática** (LAVAL, 2020, p. 132-133, *destaque meu*).

Acima, Laval (2020), ao apresentar sobre a governamentalidade em Foucault, acaba experimentando expor também o movimento a qual Boltanski e Chiapello flagram ao analisar as mudanças recentes no modo como se introjeta o capitalismo, o “espírito do capitalismo”. Essa concatenação relativa de reflexões é reveladora de como essa “realidade” se impõe, apresenta-se, nas pesquisas que tensionam essas discussões. Acontece que embora esses estudos sejam de certa forma diferentes e analisem por caminhos diferentes o fenômeno – Boltanski e Chiapello, não se consideram foucaultianos, nem muito menos marxistas, e nem usam, por exemplo, o termo neoliberalismo – eles flagram, verdade, em linhas diferentes, o mesmo fenômeno de abertura do capitalismo para um novo modo de administração dos corpos, mais ligado as potencialidades de um indivíduo que se sinta livre e desamarrado. Mas retomando, é justamente a análise histórica que Boltanski e Chiapello fazem, que ajuda a propor a hipótese que esse fenômeno tenha respingado no contexto do Vale do Silício dos anos 1990.

Argumento que, a mentalidade de gozo, retomando Dardot e Laval (2016), a partir do sujeito neoliberal, complementado pelas reflexões quanto ao consumo e o “novo espírito do capitalismo”, é o que serviu de berço para o embrião que veio a se tornar posteriormente as grandes empresas de tecnologia. Segundo Berardi (2019), por meio da análise de alguns excertos da revista californiana “*wired*”, se observa que uma mentalidade libertária, criativa, colorida e descolada, estava diretamente relacionada a trocas de cartas e afins de “cabeças” das hoje *Big techs*, como Bill Gates, e conseqüentemente, a uma mentalidade geral dos adeptos, investidores e desenvolvedores da vanguarda da tecnologia à época (BERARDI, 2019, p. 120-123). Uma mentalidade crítica, criativa, proativa, necessária ao neoliberalismo, é presente no pensamento de toda uma cibercultura californiana, o berço das grandes empresas de tecnologia a qual estudo na presente pesquisa; “na revista [*wired*], como na cibercultura em geral, o

---

<sup>10</sup> É flagrante nesse trecho, o que não invalida a reflexão da citação, a triste limitação do complexo e amplo pensamento marxista na caixinha do “economicismo”. Embora haja essa ala, e eu pessoalmente compartilhe de críticas a mesma, ela não pode definir a complexidade do marxismo que se espacia por diversas reflexões como a cultura e afins.

pensamento libertário e o pensamento neoliberal estiveram juntos desde o início” (BERARDI, 2019, p. 124).

Ceolin (2021) complementa com um estudo mais estruturado, sua dissertação de mestrado, essas características citadas acima. Ele traz importantes considerações quanto a essa relação do “colorido, atlético, disruptivo, inovador, destemido e, por que não, revolucionário” (CEOLIN, 2021, p. 31) com o Vale do Silício e o neoliberalismo. Seria essa mentalidade, a toante da cultura do Vale do Silício durante toda a formação daquela região, e consequentemente daquelas pessoas que formaram e participaram (e participam), de alguma forma, do grande polo tecnológico que hoje endereça as *Big techs* que analisei.

A contracultura, por sua vez, eclodia com a força de uma revolução cultural, representada pela geração Beat, pelo zen budismo, pelas drogas psicodélicas, pela comunhão naturalista e pelo rock’n roll. Um dos polos de ebulição política e cultural do período era justamente a cidade de São Francisco e seus arredores californianos, como relata Steve Jobs, outrora praticante do budismo e usuário do LSD, um dos gestores do Silício que beberam da fonte da tradição contracultural da região (CEOLIN, 2021, p. 53).

O autor reflete que a geração pós 68, entre hippies e afins, foram a base do que veio a se tornar a mentalidade libertária e neoliberal do Vale do Silício (CEOLIN, 2021, p. 53-62), e se propõe a explicar “como se tornou possível um arranjo tão **improvável**” (CEOLIN, 2021, p. 53, *destaque meu*). Partindo de uma leitura em Dardot e Laval (2016), como viu-se acima, signatária de Foucault, e nas diversas outras referências e reflexões postas, observa-se exatamente que, a liberdade, a criatividade, o proativismo, o empreendedorismo, tudo isso posto no indivíduo neoliberal de gozo, adicionando também a relevância do novo modo de consumo nessa formação, são bases da mentalidade do sujeito neoliberal. Não seria então improvável, a relação desses movimentos, nos quais a chave era a criatividade e a individualidade, com o nascimento de uma cultura base para esses grandes conglomerados de captura e processamento de dados, com o nascimento dessa ideologia, desse modo de subjetivação. O sujeito neoliberal, empreendedor de si mesmo, precisa dos caminhos abertos, da circulação e não do impedimento (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2020, p. 346-347). Nas redes isso se torna ainda mais potente, logo que ela mesmo, é intrinsecamente dinâmica e faz questão de passar uma imagem de que é aberta<sup>11</sup>, ao passo que formulada e mantida com essa mentalidade<sup>12</sup>. Todo esse conjunto, seria

---

<sup>11</sup> Passar uma imagem, pois como viu-se e se vê mais adiante na pesquisa, na prática, a rede funciona com dispositivos de profilagem que estratificam e direcionam os conteúdos do usuário. O que não impede o sentimento forte de subjetivação neoliberal diante do mundo de liberdades que encontra quando por exemplo dispõe da rede a sua frente.

<sup>12</sup> É importante ressaltar que não pretendo com essa reflexão se furtar da relação negativa do neoliberalismo com a democracia, ou melhor dizendo, com as liberdades políticas. Quando trato de liberdade, trato especificamente

então o terreno fértil, tanto para o brotamento quanto para a permanência, do resultado da semente do que veio a se tornar o grande conglomerado tecnológico que hoje está presente nas vidas de quase todas as pessoas do globo.

Analisou-se então na pesquisa a qual esse texto faz jus, e que é exposta nos capítulos a essas exposições designados, o quanto o neoliberalismo, na forma do ideário do sujeito neoliberal individualista, estaria, tanto na origem, quanto na ação contemporânea, da máquina/ algoritmo dessas grandes empresas de processamento de dados, expostas ao público como redes sociais, e se, este conjunto, não seria, ao passo que tende a ser individualizante, um complicador do funcionamento básico da aceitação de outrem, inclusive pilar ao convívio democrático. O objeto analítico é então o surgimento e o funcionamento dessas redes, que foram analisados por meio de uma análise documental/bibliográfica da revista WIRED, de uma observação do “isolamento” de grupos e opiniões extremas que se auto validam nas redes sociais, e em uma análise de páginas de suporte a anunciantes em produtos de *Big techs* que assumem a profilagem.

## 1.2 Justificativa

A presente pesquisa se justifica em duas frentes.

Primeiramente pela necessidade da reflexão no campo das ciências sociais, mais especificamente no campo da sociologia, sobre essas grandes empresas de tecnologia e processamento de dados batizadas de *Big techs*, especificamente quanto ao seu modo de funcionamento e a não naturalização dele. Acredito que além de necessária essa questão seja providencial, ao passo que, como comentei nos primeiros parágrafos da introdução, com a ajuda de Bridle (2019), ela é pouco feita ainda. Tanto a opinião pública, como a academia e outros entes públicos e midiáticos, principalmente o jornalismo – que é o meio que mais tem contato com a população e talvez uma aura de detentor do que é fato – tendem a tratar a manipulação monopolista de dados por apenas cinco grandes empresas, todas americanas, e com raízes no estado da Califórnia, como algo natural, ou melhor, não a discutem ou a problematizam,

---

sobre a análise do sujeito neoliberal, e não do corpo político das diversas experiências históricas e contemporâneas do neoliberalismo, algumas de teor autoritário e destoante de uma definição relacionada a liberdade (DARDOT et al, 2021, P. 309-310). O sujeito neoliberal, livre e potente, reforço, consta de um corpo programado a um fim de produção, de controle. Em Foucault liberdade e controle não são conceitos antagônicos (LAVAL, 2020, p. 108). Logo, o sujeito neoliberal, livre e potente, não implica diretamente um corpo político igual. As próprias referências em Laval trazem constantemente essa discussão. Paraná (2020) também ajuda a definir melhor essa liberdade constante ao neoliberalismo, quando a define, em seu livro sobre o Bitcoin, como individual e negativa (PARANÁ, 2020, p. 82).

especificamente no que se trata ao seu funcionamento prático. É sabido que, por exemplo, diariamente matérias sobre os atritos do judiciário brasileiro, principalmente do juiz Alexandre de Moraes com as grandes empresas de tecnologia – que em um cabo de guerra entre a justiça brasileira e influências imperialistas, tentam tensionar a soberania do país com desobediências a ordens de exclusão de conteúdo antidemocrático ou disponibilização de informações importantes a investigações policiais diversas –, são vinculadas no jornalismo, mas elas não constam da problemática base: qual seja, de que essas empresas dispõem de uma enormidade de dados sobre seus usuários que são uma parcela gigantesca da humanidade, e que a própria posse deles, é extremamente incômoda e problemática, ou deveria ser, para qualquer um que tenha bom senso e reconhecimento das clássicas discussões dos lugares e limites de acesso a informações públicas e privadas. Reflita; qualquer um que a 20 anos atrás conceituasse uma empresa privada dispor de mais dados pessoais do que uma base de governo, por exemplo, seria criticado pelo jornalismo, pela academia, e provavelmente pela sociedade civil, e com muita razão. Joga-se de lado toda a histórica discussão da nossa área, das problemáticas da detenção de poderes, acesso a monopólios, entre entes públicos e privados.

A pesquisa se justifica também pela necessidade de entender os fenômenos de radicalização, principalmente das direitas, e sua relação com a internet hoje. Qualquer um que esteja atento aos movimentos políticos de ao menos duas décadas para cá – lembre-se o movimento italiano “Cinco estrelas”, a eleição de Donald Trump, em 2016 e 2024, e Jair Bolsonaro, em 2018 – percebe que a internet tem sido ponto fulcral para ataques à democracia. Torna-se importante então estudar, analisar, o quanto o sistema das redes sociais, seu modo de funcionamento, administradas pelas *Big techs*, ajudam na formação de ambientes que resultam em bolhas que se autoafirmam, não abrindo espaços para o contradito, e o quanto esses podem ser sensíveis à democracia.

Essa pesquisa então, surge dessas inquietações dispostas acima, da necessidade como cientista social, de entender o modo como essas redes foram construídas, o modo como elas funcionam, e o quanto, conseqüentemente, tensionam a democracia, o que, repito, a partir do escopo histórico da sociologia, se mostra de suma importância, e uma tarefa de honestidade com seu passado.

### **1.3 Objetivos**

Para responder então essa inquietação, as disposições da subjetivação neoliberal nos ambientes de formação e consolidação técnica das grandes empresas de tecnologia (*Big*

*techs*), levando em conta todo o arcabouço teórico e a justificativa exposta logo acima, construiu-se o seguinte conjunto de objetivos. A metodologia expõe melhor como os dois objetivos específicos são unidos na discussão final, do objetivo geral, mas desde já deixo destacado que eles foram desenvolvidos nessa intenção, de estarem ligados nesse interim sequencial – investigar a subjetivação nas origens, investigar a subjetivação na prática, das *Big techs* –, ao mesmo tempo que respondem a um objetivo geral, o objeto de fato da pesquisa, a observação da subjetivação neoliberal intrínseca à origem e às práticas das *Big techs* e o ambiente danoso resultante desse amalgama. Diante de toda essa exposição, é praxe que deixe-se bem claro e de modo direto, os objetivos da pesquisa, dispostos assim abaixo.

Geral: Analisar como grandes empresas de processamento de dados, principalmente com seus produtos chamados de redes sociais, são em origem e na prática, constituídas pelo sujeito neoliberal e o individualismo.

Específicos: 1) Entender como o neoliberalismo e o individualismo, na forma da governamentalidade e do sujeito neoliberal, são intrínsecos ao advento histórico das redes, tomando como parâmetro a revista WIRED. 2) Identificar como o modo de captura de dados das *Big techs*, a profilagem, tende a criar nichos de opinião, e o quanto esses nichos resultam em bolhas de autoconfirmação dessas opiniões, reforçando assim a governamentalidade e o sujeito neoliberal.

#### **1.4 Metodologia**

Procurei, ao pensar os métodos da pesquisa, momentos metodológicos – e as técnicas que os embasassem – que trabalharia, usar de técnicas que se mostrassem adequadas para cada objetivo específico, para posterior análise em conjunto dos materiais delas resultantes para reflexão do objetivo geral, em um sistema que comumente é chamado de triangulação. Esses dados, obviamente, foram constantemente confrontados e principalmente complementados com um forte aporte teórico, bibliográfico. Como exposto nos objetivos, tem-se dois objetivos específicos, cada qual com suas particularidades. Cada um então, teve seu caminho, momento, metodológico independente, o que acredito ser mais adequado a um olhar mais direcionado a dois fenômenos que tem, além de suas ligações, muitas particularidades, que não seriam abarcáveis com um caminho rígido de comparação de dados obtidos pelas mesmas técnicas por exemplo.

Como pode-se notar acima, não fiz questão de referenciar a “triangulação” a algum autor, pois considero que as melhores metodologias e técnicas devem ser buscadas/pensadas, e

se preciso, desenvolvidas, para melhor responder a cada trabalho, a cada finalidade específica, algo muito parecido com o que defende Howard Becker (1992) no seu clássico e ousado livro sobre a metodologia em ciências sociais. Ora, por exemplo: em uma rápida pesquisa na internet nota-se que a conceituação mais corrente de “triangulação”, seria a de: vários olhares sobre um mesmo objeto (“objeto” aqui como algo mais amplo do que “objeto de pesquisa”), a aplicação de várias técnicas naquele objeto, o que já não encaixaria no objeto da presente pesquisa, que dispõe de duas facetas; o surgimento e o funcionamento dessas redes. O mais ideal seria, e é o que foi feito, usar ou desenvolver um caminho específico que melhor abarque cada determinada faceta. Exponho essa reflexão para exemplificar a escolha do uso de variados momentos metodológicos, com as suas, variadas técnicas, e já abrir terreno para o formato delas que explicarei uma a uma mais abaixo, que em apenas um caso tem inspiração parcial em uma técnica/metodologia já desenvolvida por autores terceiros, mas que em geral foram desenvolvidas pelo pesquisador a qual escreve; o que obviamente implica inspirações diversas, mas não uma amarração. Tudo isso tem como fim poder trazer uma reflexão mais completa, resultados da pesquisa mais honestos, e principalmente, não amarrados a metodologias e técnicas terceiras desenvolvidas de forma genérica.

Antes de tomar especificamente a definição dos caminhos metodológicos, é importante salientar, que se tratou de uma pesquisa qualitativa, ao passo que não quantificará, nem mesmo os dados que tendem a esse tratamento – esses, embora possam vir a ter pontualmente esse caráter, sempre disporão de uma análise que não se contente apenas com a simples descrição crua dos números. As abordagens, todas, foram de caráter qualitativo. Mas principalmente, a intenção não é trazer dados duros e intencionados a certezas, e sim contribuições a uma discussão que acredito ser urgente ao campo de estudo. Demo (1991) nos lembra e alerta que:

dar conta de um tema” não pode induzir a ingenuidade de que se achou a última palavra, nem que se inventou originalidade insuperável; quer dizer que o tratamento do tema é bem fundamentado, cercado de todos os lados viáveis, elaborado com engenho e arte, garantido que aí aconteceu algum avanço científico (DEMO, 1991, p. 66).

Passo então a explicar de forma mais prática os momentos metodológicos.

Quanto ao objetivo específico primeiro; “Entender como o neoliberalismo e o individualismo, na forma da governamentalidade e do sujeito neoliberal, são intrínsecos ao advento histórico das redes, tomando como parâmetro a revista WIRED”, foi feito um denso aprofundamento bibliográfico e analítico, de uma revista californiana dos anos 1990, para

capturar o momento e consciência daquele grupo que veio futuramente fundar e gerir essas redes. Chamo especificamente essa técnica desenvolvida de “análise bibliográfica/documental”. Em linhas gerais, nesse momento metodológico, analisei uma seleção de edições da revista, com essa análise bibliográfica/documental, junto as fontes já citadas na introdução desse projeto, a fim de refletir o objetivo específico a qual ela pretende dar conta, ou seja, capturar o que essas edições flagram do pensamento da época, das cabeças da época, entre esses, criadores do que hoje batiza-se de *Big techs*, e o quanto esse pensamento se ligaria a governamentalidade, e conseqüentemente ao sujeito, neoliberal.

A revista analisada foi a revista Wired, pois ela consta como um objeto privilegiado às investigações dessa pesquisa. Ela tem origem californiana e um declarado tom libertário e liberal (BERARDI, 2019, p. 120-123). Ceolin (2021), na sua pesquisa já referenciada acima, traz a seguinte exposição:

o compromisso da militância libertária de Rossetto enfim se materializou com a fundação da revista WIRED, em São Francisco [...] como definiu Rossetto no Manifesto de janeiro de 1993, incluído na primeira edição da revista. Diante da ascensão dos mercados de computadores pessoais e otímista com abertura dos meios de acesso privado à Internet, Rossetto enfim se deparou com a potência revolucionária de tons libertários que sempre almejou, declarada desde o artigo de 1971, e anunciou a “nova sociedade em metamorfose selvagem” numa era inaugurada por tecnologias capazes de superar as contradições estatais que afligiram o mundo nas décadas anteriores. [...] Um dos principais responsáveis pela fundação da WIRED e um de seus mais aclamados articulistas é Nicholas Negroponte, diretor do influente laboratório Media Lab do MIT. Certa vez, quando questionado sobre a ameaça que a tecnologia das redes de computadores poderia conferir à segurança estatal, Negroponte recorreu ao mantra ciberlibertário dizendo que “você não pode controlá-la, ela é incontrolável”. Complementar a essa razão tecnológica de um espaço ingovernável por excelência, o grupo fundador da WIRED compartilhava da crença de que a dinâmica da Web poderia realizar a tão estimada sociedade comunal (CEOLIN, 2021, p. 89-90).

Como exposto na citação acima, a WIRED concatenou em suas edições nos anos 1990, um emergente pensamento ciberlibertário na região onde futuramente vieram a se consolidar as grandes empresas de captura e processamento de dados, as *Big techs*, que alinhava um discurso econômico liberal, com uma valorização da liberdade individual irrestrita. Justamente por essa representação e capacidade de concatenação, a WIRED se mostrou um material da época ideal a ser o foco de investigação do primeiro momento metodológico, no que consta a observar o sujeito neoliberal no princípio, que é o papel da aplicação da técnica aqui apresentada para dar conta do primeiro objetivo específico.

A técnica foi aplicada, em específico, em edições espaçadas dos primeiros anos da revista, entre 1994 e 1996, devido serem os anos encontrados com as edições na íntegra e em boa qualidade em bibliotecas abertas na internet (a revista foi fundada em 1993 e é lamentável

não ter conseguido ter acesso na íntegra e em boa qualidade as edições semanais do ano de 1993, que com certeza seriam de imensa valia), e a delimitação prática de uma quantidade analisável dentro dos limites cronológicos de uma pesquisa de mestrado. Selecionei, entre as 36 edições, um total de 22 a serem analisadas, a partir de uma leitura dos sumários de todas as 36, selecionando as que tinham nele, ao menos uma matéria de claro teor de resposta aos objetivos da pesquisa, o que com o correr da pesquisa na prática se mostrou irrelevante, pois foi notado que em todas as edições se acharia discussões profundamente aproveitáveis aos fins da pesquisa. Mantive a seleção de 22, por questões cronológicas do processo de Mestrado de fato.

No entanto de forma prática como se deu essa “análise bibliográfica/documental”? Foi feita uma leitura analítica das edições encontradas selecionadas; cada matéria<sup>13</sup> da seleção de 22 revistas foi lida de forma ao menos superficial, onde, quando via-se que a matéria tinha uma possibilidade de aproveitamento aos fins da pesquisa, ela era lida com atenção. Caso considerado o aproveitamento daquela matéria, após a leitura, era escrito sobre ela, o que chamei de “análise”, onde, pontos relevantes da matéria, e suas relações críticas a partir do conjunto bibliográfico, eram dispostos em um parágrafo único. Todas as “análises” foram numeradas sequencialmente pela sequência física da revista e cronológica das edições. Assim foram obtidas, e dispostas numericamente, 147 “análises” (as análises estão na sua íntegra dispostas nos apêndices). Por fim elas foram categorizadas em 23 temas gerais que foram determinados conforme o que as próprias matérias apresentavam, no que chamei de “divisões temáticas”, como, por exemplo: “valorização a um sujeito libertado na rede” e “desvalorização de poderes coercitivos, ou da preocupação com a segurança” (também disponível em apêndice).

O material obtido foi esse conjunto de 147 análises de diversas matérias de um corpo de edições da revista WIRED, como já exposto, mídia importante para caracterizar a cibercultura californiana dos anos 1990. Elas estão categorizadas em 23 divisões temáticas. Tudo isso é notável adiante nessa dissertação quando forem expostas no capítulo dedicado.

Já no segundo objetivo específico: “Identificar como o modo de captura de dados das *Big techs*, a profilagem, tende a criar nichos de opinião, e o quanto esses nichos resultam em bolhas de autoconfirmação dessas opiniões, reforçando assim a governamentalidade e o sujeito neoliberal”, além de profunda discussão bibliográfica, para dissecar a profilagem, ou seja, observar o funcionamento dessas redes na prática, foi trabalhado com a análise de conteúdo temática baseada em Bardin (2016) e Gomes (2016), especificamente as técnicas de “categorização e inferência” preconizadas pelo segundo, em grupos antagônicos em uma rede

---

<sup>13</sup> Leia-se matéria por qualquer publicação textual presente na revista excetuando propagandas, o que tinha categorias formatos e tamanhos bastante distintos.

social, e a complementação necessária de uma análise de páginas de suporte a anunciantes que buscam os serviços de anúncios nessas grandes empresas. Mas sigo para a explicação um a um.

Trata-se, quando trato de análise de conteúdo, em

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessa mensagem (BARDIN, 2016, p. 48).

No que se trata a análise de conteúdo temática “Consiste em descobrir os “núcleos de sentido” que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 2016, p. 135). Diante dessa exposição geral que demonstra o quão amplo é o campo da “análise de conteúdo” e sua divisão “temática”, faço questão de expor mais especificamente o que utilizei desse campo, o que é declaradamente uma apropriação, ou melhor, remodelagem direcionada aos fins dessa pesquisa. Gomes (2016), ao tentar com êxito explicar mais didaticamente esse conjunto, define:

Dentre os procedimentos metodológicos da análise de conteúdo utilizados a partir da perspectiva qualitativa (de forma exclusiva ou não), destacamos os seguintes: categorização, inferência, descrição e interpretação. Esses procedimentos necessariamente não ocorrem de forma sequencial. Entretanto, em geral, costumamos, por exemplo: **(a) decompor o material a ser analisado em partes (o que é parte vai depender da unidade de registro e da unidade de contexto que escolhemos); (b) distribuir as partes em categorias;** (c) fazer uma descrição do resultado da categorização (expondo os achados encontrados na análise); **(d) fazer inferências dos resultados (lançando-se mão de premissas aceitas pelos pesquisadores); (e) interpretar os resultados obtidos com auxílio da fundamentação teórica adotada.** Observamos que nem toda análise de conteúdo segue essa trajetória. O caminho a ser seguido pelo pesquisador vai depender dos propósitos da pesquisa, do objeto de estudo, da natureza do material disponível e da perspectiva teórica por ele adotada (GOMES, 2016, p. 79, *destaque meu*).

Nessa didática, mas completa, explanação, Gomes (2016), entrega duas valiosas técnicas que considero como uma só; nos trechos que destaquei na citação, observo o que chamo sinteticamente de “categorização e inferência”. Em outras palavras, essa técnica de capturar um corpo de materiais, categorizá-los conforme a fonte, e posteriormente recategorizá-los conforme inferências.

No entanto como esse momento metodológico se deu na prática com o objeto analítico? Na principal rede social da *Big tech* Meta, o Facebook, tem-se a função de “grupos”, onde vários perfis, se unem em um ambiente virtual que se auto confirma, o que é muito valioso ao objetivo. Por esse motivo, e principalmente por ainda ser a rede social mais usada no Brasil (KEMP, 2025a), foi feito então uma escolha de dois grupos antagônicos politicamente

(“Militantes de esquerda” e “Endireita Brasil”), da rede Facebook. Esses grupos foram selecionados conforme uma pesquisa pontual com os termos “direita” e “esquerda”, com o filtro de buscar “grupos”, na barra de pesquisa do Facebook, onde foram selecionados os mais ativos e que apareceram primeiro. Nesses grupos foram captadas trinta publicações em cada durante um período de 30 dias espaçados, onde a que era captada em determinado grupo, deveria ter como espelho uma publicação no mesmo dia e horário no outro grupo; elas eram por fim dispostas em duas colunas referentes aos dois grupos. A partir daí, foi feito o trabalho sistemático de inferência e categorização (GOMES, 2016, p. 80), em duas grandes categorias, cada uma referente a uma bolha de autoconfirmação política, “direita” e “esquerda”. Essas mesmas publicações então, as suas descrições, foram utilizadas para serem novamente dispostas em duas novas colunas, cada uma sinalizando uma vertente política, a partir das inferências ideológicas feitas a elas (essas inferências, suas justificativas, foram escritas em cada célula do quadro), isso a fim de refletir sobre o objetivo pretendido (entender melhor a forma prática com qual a máquina, o funcionamento dessas redes, valorizam intencionalmente ou não, nichos de autoafirmação), a partir da recorrência de publicações de origem em tal grupo político, inferidas, na coluna desse mesmo grupo político. É importante destacar que a inferência foi feita pelo pesquisador, a partir do senso comum político contemporâneo e jornalístico, circulante hoje, que por vezes é frágil e incoerente com bases históricas, resultado de uma radicalização, como bem acusa sua presença Empoli (2020), quando fala do ambiente radicalizado pela própria internet. Enfim, mesmo que frágil, admito, esse é um modo de encontrar-se esse tão delicado balanço de inferir o que seria “esquerda” e “direita” – onde também suas delicadezas ficam expostas quando da análise mais específica de alguns casos no capítulo dedicado a exposição dos resultados desse momento metodológico, o capítulo 2.

Tem-se como material, por fim, um quadro com um corpo de publicações e sua aproximação ideológica, o que pode coincidir ou não com o alinhamento do seu grupo de origem no Facebook, o que deu um retrato do processo de autoconfirmação política nas redes, que está disposto em detalhe no capítulo dedicado.

Contudo surge um problema em essência. Esse momento metodológico, resultado dessa técnica em específico, deu conta de mostrar como na prática esse isolamento se dá, na forma de uma agência do indivíduo, que não deixa de ser influenciada pela profilagem, que procura confirmar suas razões e se fechar nelas, como descreve parte do objetivo específico: “o quanto esses nichos resultam em bolhas de autoconfirmação dessas opiniões”. Mas o modo como esse comportamento é direcionado pela *Big tech*, por meio da rede social, com a profilagem, que é o fim geral do objetivo específico, vide o trecho: “Identificar como o modo

de captura de dados das *Big techs*, a profilagem, tende a criar nichos de opinião”, não consegue ser capturado por essa técnica, o que torna necessário uma complementação. Essa complementação foi feita por meio de uma análise de páginas direcionadas a suporte de anunciantes, onde está explícito esse modo de funcionamento, que captei com a técnica do terceiro momento metodológico, que explico no parágrafo adiante.

Para complementar o objetivo específico segundo, e engrossar o caldo do nosso entendimento, de quem os escreve e do leitor, da formação de bolhas de autoconfirmação, é importante capturar a profilagem além da prática do usuário; na prática do sistema, no seu modo de funcionamento. Onde encontra-se indícios da assunção desse sistema, desse modo de funcionamento, a profilagem, pelas próprias empresas de processamento de dados, são nas páginas de suporte a anunciantes. Fiz então varreduras nessas páginas, varreduras analógicas mesmo, a olho nu, entrando nas divisões e subdivisões desse ambiente de suporte, encontrando títulos que considere que viria a trazer bons frutos aos objetivos. De forma prática foi feita uma observação geral de diversos tópicos de suporte onde foram printados os que demonstraram fertilidade à pesquisa; tiveram então a tela por completo capturada, e posterior disposição desses prints e de uma breve análise com o aporte da bibliografia, numa espécie de análise documental, só que com “prints”.

Essa análise de páginas de suporte a anunciantes, traz uma riqueza enorme a pesquisa, ao passo que flagra, de forma assumida pelas empresas, a prática da profilagem, o que está disposto no capítulo a ela dedicado.

Os resultados desses três momentos metodológicos, foram finalmente refletidos, brevemente à guisa de conclusão, em conjunto, junto de óbvio aporte indireto da bibliografia; algo como o que comumente se chama de “triangulação”, a fim de se chegar ao objetivo geral, como já discutido no início dessa exposição da metodologia. Essa triangulação, tentou refletir o objetivo geral da pesquisa. Essa reflexão final ficou disposta no fechamento das considerações finais.

## **1.5 Prévia e estrutura dos capítulos**

Como o leitor deve ter notado, já nessa introdução, fiz questão, antes de trazer as exigências típicas a uma pesquisa, como objeto, problema, justificativa e metodologia, expor, entranhado ao problema e por fim destacando o objeto, um grande tópico que tem principalmente como fim, deixar o leitor a par de toda a discussão, de todo o caminho de construção do problema, e, conseqüentemente, de todo o arcabouço teórico. As bases teóricas,

enunciadas ao princípio, inspiram e dão sentido as análises empíricas consubstanciadas nos capítulos direcionados ao desvendamento da empiria. Considero da maior importância a exposição teórica como elemento fundamental, pois já inicializa a boa compreensão ao leitor, da discussão geral que permeia a construção daquele objeto, que está por trás da pesquisa e por que não da construção do pesquisador a qual lhe escreve; este é um estilo expositivo que em nenhum momento quer dizer, ou intenciona, um corte radical entre teoria e empiria – embora a exposição teórica apareça destacada no tópico 1.1, isso não quer dizer que ela não seja recursada e usada no continuar do trabalho, o que seria até mesmo incoerente.

Logo adiante, faço uma exposição mais empírica dos resultados dos momentos metodológicos com as suas técnicas aplicadas na pesquisa, para fim de responder os objetivos. São três capítulos que têm a finalidade de mostrar um a um, os corpos de materiais obtidos com as aplicações práticas das técnicas expostas na metodologia. Essa demonstração, claro, já consta de uma discussão emaranhada entre as exposições selecionadas, de reflexões em conjunto com o arcabouço teórico da pesquisa. Por exemplo; os dados obtidos A, são sempre dispostos em discussão com as reflexões teóricas X, Y etc.

No capítulo primeiro consta o conjunto de resultados decorrentes da aplicação da análise bibliográfica/documental do corpo de revistas selecionado, onde foi observada uma forte defesa de um indivíduo libertado tanto economicamente quanto no campo dos costumes, com fortes traços de inaceitabilidade a qualquer sistema burocratizado, como o estado ou qualquer outra instituição coletiva ou política, dentre outras observações. Já no capítulo segundo são observados os resultados referentes a categorização e inferências às publicações em grupos antagônicos no Facebook, que levam principalmente a constatação de que esses grupos ecoam opiniões fechadas quanto a determinada tendência política não abrindo espaço para o contradito, e traz uma riqueza de publicações que dão um retrato de uma polarização rasa, o que contribui mas não fecha o objetivo específico ao qual se destina, que é complementado no terceiro capítulo, destinado a expor o modo como as páginas de suporte a anunciante flagram a assunção das próprias *Big techs*, de todo o sistema de profilagem.

Por fim as considerações finais dão conta da reflexão geral dos resultados expostos muito resumidamente no parágrafo acima, concatenando-os em uma discussão que dialoga-os e traz considerações diante desse diálogo, embora não finais, mas consistentes ao objetivo geral da pesquisa. Em linhas muito gerais é encontrada, a partir de uma discussão que inerentemente surge quanto a “diferentes expressões do sujeito neoliberal”, inerente aos resultados da aplicação dos diferentes momentos metodológicos, a constatação de que nas diferentes expressões históricas do Vale do Silício, sempre houve um ambiente fomentador de uma

subjetivação neoliberal, antes totalmente e radicalmente libertária individualmente, e depois, contemporaneamente com a profilagem, libertária e signatária de um isolamento individualizado e potente de suas ideias – ambas expressões doentias à sociabilidade, como bem têm expressado os radicalismos políticos pungentes nos últimos tempos.

## 2 CAPÍTULO 1: A REVISTA WIRED E O SUJEITO NEOLIBERAL NA ORIGEM DAS *BIG TECHS*

Início no presente capítulo a exposição que consta a parte empírica da pesquisa. Nele e nos próximos dois capítulos, são expostos, trabalhados e discutidos, os dados obtidos a partir da aplicação das técnicas de pesquisa, a cada momento metodológico dedicadas, explicitadas no item “metodologia” da introdução.

Especificamente nesse capítulo, tem-se, como o título já deixa claro, a exposição, e consequente discussão com o arcabouço teórico, dos resultados da análise bibliográfica/documental de edições da revista WIRED, que teve por finalidade dar conta do objetivo específico primeiro – “Entender como o neoliberalismo e o individualismo, na forma da governamentalidade e do sujeito neoliberal, são intrínsecos ao advento histórico das redes, tomando como parâmetro a revista WIRED”. Espero que com os dados obtidos que são expostos logo adiante, consiga-se uma compreensão daquele ambiente cronológico e geográfico – o Vale do Silício nos anos 1990 – que gestou o surgimento do que hoje se conhece como *Big techs*, elas mesmas que vieram futuramente a desenvolver as redes sociais e utilizar destas para a consolidação da profilagem. Mas não é a investigação da profilagem que busco com esses resultados da aplicação dessa técnica que estão adiante expostos, como fica claro nos objetivos, mas sim a captura daquele ambiente, e o quanto ele estaria imbricado ideologicamente ao neoliberalismo, e principalmente ao sujeito neoliberal, não apenas empreendedor de si mesmo, mas potencializado pela individualidade exacerbada encrudescida por dispositivos de desempenho/gozo (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 354-356). Resumindo em outras palavras: a gênese desse capítulo é expor a presença de um sujeito neoliberal no ambiente noventista do Vale do Silício, por meio de exposições analíticas do corpo de materiais obtidos com a pesquisa; as análises de diversos artigos da revista WIRED. Vale ressaltar ainda o dado mais técnico de que essa análise foi feita em um universo de 22 edições da revista WIRED entre os anos de 1994 e 1996<sup>14</sup>.

Faço então, primeiramente, antes de partir para a exposição e trabalho dos resultados das análises, um rápido sobrevoo explicativo quanto a revista e seus laços históricos e ideológicos. A revista escolhida foi a revista WIRED, mas o que justifica ela ser a escolhida, diante de todo um universo de publicações, fóruns, e sítios (sites), daquele próprio ambiente cibernético da época? Pode parecer que estou sendo repetitivo diante dessa discussão, ao passo

---

<sup>14</sup> A explicação mais precisa desse recorte está no tópico “metodologia”, da introdução.

que ela já consta na introdução, mas faço questão de expor, mesmo que repetidamente, e com algumas novas lentes, referências que endossem os motivos dessa escolha, justamente referências que reforçam o papel decisivo da WIRED na criação da cultura, cibercultura, daquele ambiente, como também a presença decisiva de fortes figuras daquele ambiente no corpo editorial dela. É comum em leituras críticas ao Vale do Silício encontrar discussões quanto a esse papel decisivo (ao menos para as minhas referências foi comum), sendo a primeira vez que tive contato com elas, a leitura do livro “Depois do futuro” de Franco Berardi (2019), onde deparei-me com a seguinte afirmação que me fez aprofundar minhas reflexões quanto aquele fenômeno:

A exaltação da potência da rede tornava-se o estilo emergente na comunicação política, literária e filosófica. Era o estilo *wired* que circulava na cultura norte-americana dos anos 1990 [...] o centro propulsor da cibercultura continuou sendo a Califórnia. A redação da revista mais representativa dos anos 90, a *Wired*, fica em São Francisco. Tecnologia, economia, publicidade e imaginário são os planos sob os quais a *Wired* constrói sua visão da rede. O design da *Wired* com suas cores ácidas e suas imagens ricamente psicodélicas, foi desde o início a declaração de uma poética. Tecnologia e psicodelismo festejavam suas ostentações em um conúbio que ia em direção à telepatia universal (BERARDI, 2019, p. 122).

Ora fica claro na citação acima a influência da WIRED naquele ambiente, como fica mais claro ainda o seu teor, o que abaixo nesse capítulo é investigado com diversas análises de artigos específicos, de valorização não ao que é repressivo, preso, marcial, mas sim ao solto, livre, colorido, psicodélico nas palavras do autor. Isso já é flagrante e antecipador da discussão que tomo e o quanto ela é referenciável aos dispositivos de desempenho/gozo (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 354-356), e a forma com que aquela cultura faz do capitalismo não um neoliberalismo simplesmente empreendedor e individualista, mas um neoliberalismo colorido e disruptivo, atrelado na potência de um indivíduo novo. Vejamos, para complementar, o que diz o importante teórico Mark Fisher sobre aquele ambiente:

I talked about the co-option of those forms of desire, via Apple, etc., which precisely individualises, which transforms all desire into a desire to be a more successful individual, etc. What is also raised here, then, is the spectre of a different kind of desire, a different kind of libido, a desire for a transformed world [...] Which it still endlessly has to. Capital is always going on about the “revolutionary”. The word “revolution” is a key commodity identifier now... You’re sort of looking at me blankly... Don’t you see this quite a lot? The word “revolution” used as a commodity? Names of restaurants, that kind of thing? This appeal to dynamic flux, shift, creativity, all of that, is a key feature of advertising<sup>15</sup> (FISHER, 2021, p.175-176).

<sup>15</sup> Tradução: “Falei sobre a cooptação dessas formas de desejo, via Apple, etc., que precisamente individualiza, que transforma todo desejo em um desejo de ser um indivíduo mais bem-sucedido, etc. O que também é levantado aqui, então, é o espectro de um tipo diferente de desejo, um tipo diferente de libido, um desejo por um mundo transformado [...] O que ainda tem que ser infinitamente. O capital está sempre falando sobre o “revolucionário”.

Portanto, para além da revista se mostrar de peso à pesquisa pelo simples fato de ser um forte veículo e espaço de construção ideológica daquele ambiente, ela introjeta nas suas características justamente o que já refletem algumas referências quanto ao neoliberalismo de caráter de gozo (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 354-356), o que é importantíssimo à investigação, a observar o sujeito neoliberal naquele ambiente. Essa relação é vista no correr do capítulo. Continuo com a explanação da posição da revista naquele ambiente. Para além desse “encaixe teórico metodológico”, a WIRED é proveitosa ao passo que introjeta no seu corpo editorial, figuras importantes daquele meio. Além de clássicas entrevistas com figurões conhecidos do senso comum, como Bill Gates, Steve Jobs etc. a revista continha em seu corpo editorial fortes pensadores da comunicação alinhada aquela ideologia, como é o caso de um de seus editores, e fundador, Louis Rosetto (CEOLIN, 2021, p. 89). Para Rosetto a revista seria uma “fusão *left-right* de mentes livres com mercados livres” (ROSETTO *apud* CEOLIN, 2021, p. 90). Volta-se, inevitavelmente, ao alinhamento da revista com a busca de um sujeito neoliberal de gozo (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 354-356) não apartado do sujeito capitalista, do capitalismo de livre mercado, diante dessa forte afirmação de Rosetto, nada mais nada menos que fundador da revista. Para não ficar dando voltas nas exposições de referências que falem sobre a importância da revista, e que acabam revelando a sua relação imbricada com as características libertarianistas, individualistas, e mais ainda mercadológicas, de um novo sujeito do neoliberalismo, quero deixar a seguinte citação, que a atrela simplesmente, mas não singelamente, ao trato da internet como algo: “o revolucionário é o “*mainstream*””, ou seja, o senso comum, revelando novamente sua importância naquele ambiente e na significação do que se lê como “internet” hoje, o que não poderia ser ignorado:

As the Clinton White House and Congress took the information superhighway rhetoric off into dry committees spouting inside-the-beltway acronyms, businessmen could increasingly be seen thumbing through copies of Wired on airplanes, and terms like cyberspace and frontier metaphors began cropping up in newspaper articles and politicians’ sound bites. **Without Wired, it’s not obvious that this libertarian-flavored, countercultural framing of computer networking would have taken hold in the mainstream**<sup>16</sup> (STREETER, 2005, p. 776, *destaque meu*).

---

A palavra "revolução" é um identificador de mercadoria chave agora... Você está meio que me olhando sem expressão... Você não vê isso bastante? A palavra "revolução" usada como mercadoria? Nomes de restaurantes, esse tipo de coisa? Esse apelo ao fluxo dinâmico, mudança, criatividade, tudo isso, é uma característica chave da publicidade”

<sup>16</sup> Tradução: À medida que a Casa Branca de Clinton e o Congresso levaram a retórica da superestrada da informação para comitês secos, jorrando siglas internas, empresários podiam ser vistos cada vez mais folheando cópias da Wired em aviões, e termos como ciberespaço e metáforas de fronteira começaram a surgir em artigos de jornais e frases de efeito de políticos. Sem a Wired, não é óbvio que essa estrutura contracultural de rede de computadores com sabor libertário teria se consolidado no mainstream.

Enfim parto para a exposição das análises. Foi feito, como já destaquei na metodologia, uma categorização do universo deveras extenso de análises, por temas que iam se destacando, aparecendo mais vezes, e se mostrassem foco dos fins da pesquisa. Baseei-me nessas categorias para selecionar as análises dos artigos a trabalhar, como também organizá-las nos tópicos do presente capítulo. Infelizmente não foi possível trabalhar todas as análises, sendo então selecionadas algumas que considere mais pertinentes a cada tópico. A íntegra das análises, na sua forma mais crua<sup>17</sup>, pode ser conferida no apêndice A, como também suas classificações e processo de seleção, nos apêndices B e C.

## 2.1 Valorização a um sujeito libertado na rede

Nesta categoria representada no presente tópico, “valorização a um sujeito libertado na rede”, foram classificadas 75 análises do corpo de 147<sup>18</sup>. Pode-se dizer que há uma enorme recorrência do tema, podendo ele até ser considerado, como assim é pelo aporte teórico do tema, um mote da revista. Foi de praxe no decorrer das análises o encontro com manifestações diversas que defendiam, sob os mais diversos prismas, a garantia de uma liberdade irrestrita do usuário diante da internet, ou até mesmo do simples computador como multimídia, no ambiente do Vale do Silício dos anos 1990, naquele contexto criadouro das futuras *Big techs*. Essa liberdade, ao passo que é prismática, tem diversos significados, que passam desde a garantia de acesso a qualquer sítio, possuir qualquer *software*, até a garantia do simples direito de possuir qualquer conteúdo, seja quão problemático social/moralmente este seja – o que é visto também alguns tópicos a seguir quando exponho sobre a valorização desse sujeito libertado moralmente. De todo modo, nesse tópico, é exposto de uma forma mais geral o que consta a luta por uma liberdade mais genérica, mais ligada ao simples direito de navegação, ou críticas a instituições, principalmente públicas, mas também privadas, que viriam a tentar tolher esse, para eles, inalienável direito. Vejamos a explanação de alguns exemplos selecionados desse universo.

Na página 87, em um artigo sobre um DJ famoso naquela cultura, na cibercultura do Vale do Silício dos anos 1990, encontra-se a interessante afirmação;

---

<sup>17</sup> Será percebido por quem observar o apêndice A, o sentido do adjetivo “crua” empregado aqui. Não fiz revisão de concordância, ou ortográfica, nem nada do tipo com as análises, antes de colocá-las na íntegra no apêndice, constando nele de fato uma torrente analítica de cada artigo ao qual eu selecionava a se tornar “análise”. Há ali então, de fato, o resultado cru da aplicação das análises bibliográfico/documentais das revistas selecionadas, as quais são selecionadas e recebidas com um melhor e mais conciso trato, no texto corrido da dissertação, como é devido.

<sup>18</sup> Algumas publicações eram classificadas em mais de uma categoria, sendo 75 de 147, não significado de uma próxima à metade quantidade de artigos selecionados, mas sim um destaque a grande recorrência.

Na maioria dos clubes o DJ fica invisível, no chão [...] artista e público se misturam. Com os computadores, a comunicação global e a descentralização do poder sobre nós, esta configuração reflete melhor para onde estamos indo<sup>19</sup> (WIRED, 1994d, p. 87-88)<sup>20</sup>.

Computadores e a internet, seriam então, iguais a emancipação, descentralização de poder. Já se vê aqui de forma muito clara a valorização, ou melhor, a equiparação, de um show de Rap, um ambiente de diversão, descontração, liberdade, com a rede de computadores. Esse artigo, esse curto texto da revista, é só uma pista, uma primeira pista, do corpo de análises que são aqui expostas quanto ao pensamento dos cabeças do Vale do Silício diante da rede de computadores como algo cool, descolado, libertado. Sabe-se que hoje as redes sociais, maior figuração prática, maior contato com o público, das grandes empresas de tecnologia, são na verdade centralizadores de poder diante do funcionamento direcionado a nichamentos, vide as discussões dessa própria dissertação nos capítulos 2 e 3 diante dos sistemas de profilagem, mas de fato a consideração, e de certo modo a ideologia daquele ambiente nos anos 1990, era o da constatação da internet como algo relacionado aos adjetivos postos no trecho citado acima. Boltanski e Chiapello (2020) e Fontenelle (2017), já preconizam que no capitalismo em transformação, a valorização seria ao descolado, e não ao doméstico. Vejamos mais exemplos.

Pulando para a página 53 da edição de setembro de 1996, tem-se no bloco “the netizen”<sup>21</sup>, que era um bloco presente em todas as edições da WIRED direcionado a discussões políticas do contexto americano, no ano e mês dessa edição, em plena eleição que viria a ocorrer em apenas dois meses. Nesse bloco dessa edição o artigo versa sobre o alto televisionamento da presente (à época) eleição. O artigo inicia de uma forma expressiva logo no longo subtítulo, ou uma espécie de preâmbulo, que apresenta:

Os EUA não são mais uma democracia, mas um governo por multidão alucinante, enlouquecido pela televisão. Não é de admirar, então, que a eleição deste ano pareça uma escolha entre cânceres. Anime-se, porque quando pudermos eleger o suficiente para fazer a diferença, a Internet terá mudado tanto a sociedade que o Senado dos EUA parecerá tão relevante quanto a Câmara dos Lordes<sup>22</sup> (WIRED, 1996g, p. 53).

<sup>19</sup> “At most clubs the DJ is either out of sight or down on the floor [...] performer and audience are blended together. With computers, global communication, and the decentralization of power upon us, this setup is more reflective of where we’re heading”.

<sup>20</sup> Todas as citações de trechos das revistas constam de tradução do original em inglês, que está disponível em todas as citações das revistas em nota de rodapé.

<sup>21</sup> O título do bloco mensal é um jogo com as palavras “net” de internet, e “citizen”, cidadão em inglês, o que intenta passar uma ideia de “cidadão da internet”.

<sup>22</sup> “The US is no longer a democracy, but Government by Hallucinating Mob, driven mad by television. Little wonder then that this year’s election feels like a choice between cancers. Take heart, because by the time we can elect enough of our own to make a difference, the Net will have changed society so much that the US Senate will seem about as relevant as the House of Lords.”

Aqui, apenas nesse subtítulo/preâmbulo, já se observa três pontos relevantes: 1) o autor, e consequentemente o público leitor que busca aquela leitura, não vêem mais os Estados Unidos como exemplo de democracia, pois a TV estaria tomando a sanidade das pessoas e consequentemente manchando sua capacidade de escolha, o que é uma metáfora para uma suposta manipulação combinada entre políticos e a mídia, 2) os políticos seriam cânceres; todo corpo burocrático/político, é visto como negativo e 3) a Internet no futuro mudaria a sociedade ao ponto de ela não precisar mais dos políticos, pois eles se tornariam irrelevantes, ou seja, a internet seria um remédio libertário à escolha política manipulada – e a prova disso seria uma suposta inevitável eleição num futuro distante de políticos positivos que ao mesmo tempo seriam irrelevantes, partindo da interpretação que o autor quis dar ao comparar com a câmara dos lordes, uma câmara legislativa inglesa comumente metaforizada como achingue quando queira se fazer metáfora com o que tem baixo poder de decisão. É muito rico para a presente pesquisa observar de forma tão declarada, a mentalidade do Vale do Silício quanto as futuras (a época) eleições. A rede seria a cura, traria a libertação, de uma legião enganada pelos políticos. Tudo isso em contraponto à TV, fechada, ligada ao antigo e ao político. A internet, como já é, e será, visto em outros pontos, muitas vezes é disposta como essa salvação, essa libertação, atrelada ao livramento de uma amarra; é um pensamento pró-liberdade, em ode a um indivíduo desresponsabilizado, não moldado. Pode-se discutir o exposto acima muito facilmente em contradição com a literatura contemporânea do tema, que reforça que a internet hoje molda a política com a profilagem (CESARINO, 2022; VÉLIZ, 2021; RAULINO, 2022; MISKOLCI, 2021; MOROZOV, 2018), o que é endossado pelo corpo referencial e o problema da pesquisa a qual essas análises se destinam; isso reforça o quanto a internet passou por mudanças, criando esquemas que não continha em sua origem, ponto fortemente levantado por CHUN (2016, p. 57-58). Mas para além disso, pretendo com essa exposição, expor mais uma forte representação de que naquele ambiente formador das *Big techs*, havia uma consideração de que tudo aquilo era disruptivo em relação a tecnologias anteriores, ao ponto de trazer libertações políticas ao público que seria finalmente liberto da burocracia sufocante endossada pela política tradicional aliada às mídias tradicionais.

Já na edição de novembro de 1996, na página 98, na boca de urna das eleições daquele ano, no bloco “cyber rights now”<sup>23</sup>, bloco mensal destinado a militâncias pró liberdades no ciberespaço, tem-se a presença de uma tabela. A intenção da vez é demonstrar várias opiniões de selecionados pensadores sobre os seus ideais para o futuro das políticas públicas

---

<sup>23</sup> Algo como um “grito de guerra”: “ciberdireitos agora!”.

direcionadas a internet. Foi então chamado um corpo de figuras importantes da área para dar essas opiniões as quais foram dispostas em uma tabela uma a uma. Os ideais à internet futura são diversos, óbvio, mas quanto a defesa da criptografia como dispositivo de defesa contra uma suposta conspiração do governo contra aquele grupo da cibercultura californiana, e da primeira emenda em resistência ao CDA (Communications decency act, ou “ato de decência nas comunicações, como exposto na análise 134, ver apêndice A, uma lei estadunidense que regularia conteúdos ilegais, ou julgados impróprios, na rede de computadores), as opiniões são praticamente unissonantemente presentes, como é de praxe na revista. Há ali uma crítica aliada a meios de resistência a tudo que tenha relação com a política, poder público, ou qualquer forma de legislação/burocracia estatal. Vejamos trechos de diferentes personalidades que colaboraram no artigo:

A primeira coisa na minha lista de desejos digitais é ver todos os vários editores e instituições de mídia tradicionais reconhecerem que o conceito de direitos autorais não funciona no ciberespaço. Tentar impor rigidamente os direitos autorais no ciberespaço e limitar o uso justo é inútil [...] Em segundo lugar, gostaria de ver uma eliminação completa das restrições de criptografia. Gostaria que o governo reconhecesse que iniciar a economia depende da criação de uma economia digital forte e segura o mais rápido possível, e isso não acontecerá sem o uso generalizado da criptografia<sup>24</sup> (WIRED, 1996i, p. 98-99).

Minha fantasia é que paremos de construir tecnologias para vigilância e comecemos a construir tecnologias para privacidade. Eu gostaria que o governo admitisse que o Clipper e as contas de telefonia digital foram um erro - com o resultado prático de que eles os abandonam, não os financiam e não os perseguem. Eu gostaria de começar a construir e usar tecnologias para transações anônimas e pagamentos anônimos - tecnologias para proteger a privacidade à medida que a Internet toma forma.<sup>25</sup> (WIRED, 1996i, p. 98-99).

Eu gostaria de ver a comunidade da Internet se tornar um eleitorado político fortemente cortejado. Não sobreviveremos apenas com base em nossos argumentos. Precisaremos ser reconhecidos como um eleitorado votante ativo e bem-educado. Só então poderemos ver políticas cibernéticas adequadas criadas. Mobilizar os eleitores on-line como uma força política é a única maneira de fazer com que os legisladores entendam que devem manter as mãos longe da Primeira Emenda e da tecnologia de criptografia<sup>26</sup> (WIRED, 1996i, p. 98-99).

---

<sup>24</sup> “The first thing on my digital wish list is to see all the various publishers and old-line media institutions recognize that the concept of copyright does not work in cyberspace. Trying to rigidly enforce copyrights in cyberspace and limit fair use is hopeless. [...] Second, I'd like to see a complete elimination of encryption restrictions. I'd like the government to recognize that bootstrapping the economy depends on creating a strong, secure digital economy as quickly as possible, and that isn't going to happen without wide- spread use of encryption.”

<sup>25</sup> “My fantasy scenario is that we stop building technologies for surveillance and start building technologies for privacy. I'd like the government to admit that Clipper and the Digital Telephony bills were a mistake - with the practical result that they abandon them, don't fund them, and don't pursue them. I'd like to begin building and using technologies for anonymous trans- actions and anonymous payments - technologies to protect privacy as the Internet takes shape.”

<sup>26</sup> “I'd like to see the Net community become a heavily courted political constituency. We will not survive on the basis of our arguments alone. We're going to need to be recognized as an active and well- educated voting constituency. Only then will we be able to see proper cyber policies created. Mobilizing online voters as a political force is the only way we'll get legislators to understand that they should keep their hands off the First Amendment and encryption technology.”

O Congresso deve ficar fora do negócio de dizer às pessoas o que elas podem e não podem dizer umas às outras. Em questões de criptografia, gostaria de ver aprovada uma legislação que salvguarde a segurança de privacidade que os cidadãos americanos precisam e exigem. Precisamos reformar a política de criptografia dos EUA para nos afastarmos das propostas do Clipper e reconhecer as realidades da economia global e da infraestrutura global de informações<sup>27</sup> (WIRED, 1996i, p. 98-99).

Como pode-se notar, as falas são uníssonas na crítica às regulações a internet, e consequentemente defensoras da navegação livre praticada por um sujeito igualmente livre no ciberespaço. São criticados o CDA, o Clipper<sup>28</sup>, e todo projeto que venha a criar alguma barreira regulatória ao livre uso do ciberespaço. Mais uma vez tem-se o reforço a um sujeito libertado na cibercultura do Vale do Silício, dessa vez por parte de vozes muito potentes dentro de instituições daquele ambiente. Constata-se a presença, ou melhor, a possibilidade de leitura daquele fenômeno, a partir do nosso escopo teórico: há uma sanha libertária em relação, nesse caso para além da moral (o que é mais observado nos tópicos adiante desse capítulo), ao acesso, ao estado. Considero importante salientar que, sabe-se, a partir de um aprofundamento na obra de Dardot e Laval (2016), “a nova razão do mundo”, que esses autores defendem que o neoliberalismo não seria caracterizado por um deslocamento do estado em relação a livre iniciativa – deslocamento este, que defendem, como consta no trecho acima, os pensadores do Vale do Silício dos anos 1990 – e que pelo contrário, o neoliberalismo se caracterizaria num estado justamente fortalecido para fins capitalistas contemporâneos. Essa crítica é a principal do livro, o que inclusive justifica sua existência como crítica de pensamentos surgentes no pós crise econômica de 2008, que teorizavam uma futura (à época) derrocada do capitalismo em consequência daquele fenômeno. Essa crítica, essa aversão ao estado que jorra na revista e vê-se no artigo aqui exposto, é algo então estritamente epocal aquele ambiente noventista do Vale do Silício, o que reforça ainda mais a força de uma necessidade de exposição de uma imagem disruptiva, que chega ao ponto de entrar em contradição com as próprias relações profundamente capitalistas já presentes na cibercultura da época. A liberdade em relação ao estado é presente nos trechos da edição acima de uma forma potente – o que é ainda mais notado em análises em outro tópico abaixo, exclusivo a esse tema dedicado, que trarão artigos tão “violentos” quanto – ao mesmo tempo que o capitalismo estaria ali imbricado e necessitado do estado, o que demonstra muito fortemente a necessidade da transmissão de uma imagem

---

<sup>27</sup> “Congress should stay out of the business of telling people what they can and cannot say to each other. On crypto issues, I’d like to see legislation passed that would safeguard the privacy security that American citizens need and demand. We need to reform US encryption policy to move away from the Clipper proposals and recognize the realities of the global economy and the global information infrastructure.”

<sup>28</sup> “Clipper” foi um chip intencionado pelo governo americano para abertura de acesso à aparelhos privados por parte de órgãos de defesa.

disruptiva que aquele grupo intencionava passar, ao menos como figura, como casca, ao ponto de executar um cinismo constante.

A partir da página 122, da edição de março de 1996, há um grande artigo sobre George Gilder, um escritor estadunidense reconhecido pelo seu papel no governo federal estadunidense do presidente Reagan e um pensamento de forte teor liberal (neoliberal?), essa segunda característica comumente relacionada a ele pela defesa radical a baixa intervenção estatal na economia e a redução de impostos<sup>29</sup>. O artigo perpassa por diversas discussões, partindo de situações como, momentos pessoais vividos entre o autor do artigo e o escritor, e reflexões junto a livros do autor, esse conjunto, para fazer um sobrevoos diante da sua figura. Quando destacado o seu papel econômico, vê-se uma explicação dos seus pensamentos, em um tom de ode a eles, expondo a sua radicalidade, os colocando de uma forma no mínimo destacada positivamente. Observe:

Gilder começa a falar sobre a próxima revolução na areia (silício), vidro (fibra) e ar (sem fio). O milênio promete um bilhão de transistores em uma única lasca de silício, 700 fluxos de bits em um único fio de fibra e uma infraestrutura celular mil vezes mais barata que a de hoje. Juntos, esses avanços fenomenais derrubarão todas as instituições centralizadas<sup>30</sup> (WIRED, 1996b, p. 124).

Gilder é esse cara radical, ideal; como observa-se em muitos outros artigos analisados nas edições da revista. Mas a análise que quero fazer não é esta. Gilder, mais abaixo, é posto na parede. Há posteriormente no artigo a exposição e exploração de um suposto ponto fraco, que fica no ar até o final do artigo e não é finalizado. O “defeito”, seria sua negação a questões de identidade (a palavra identidade não é utilizada no artigo), uma aversão mesmo, a liberdades ligadas a identidades sexuais e de gênero e até a negação da existência do racismo, enfim, a presença de um pensamento conservador. Vejamos os trechos:

Em um minuto, George está defendendo a inteligência do público americano, e eu quero me animar. Mas então eu me lembro que ele apenas negou a existência de racismo. [...] Religião e transcendência infundem tanto o estilo de George quanto sua substância. Ele tem o impulso de um missionário para ensinar aos outros o que se fala

---

<sup>29</sup> É sabido que não se pode definir o neoliberalismo, e nem o liberalismo, de uma forma tão simplista, simplesmente o atrelando a um não intervencionismo. Inclusive destacadas fontes da pesquisa ao qual essas análises são material usam autores que discordam firmemente dessa leitura. Quando trago essa afirmação, tenho a finalidade direta de demonstrar o pensamento da revista, reforçando então o quanto a revista partia desse pressuposto embora as atitudes de grandes empresas, contemporâneas ou não a revista, não demonstrassem o mesmo. É como se o apoio fosse a um “não estado”, culturalmente falando, e um “pro estado” tecnicamente agindo, o que, creio, alinha-se o pensamento de Dardot e Laval (2016).

<sup>30</sup> “Gilder starts to speak about the coming revolution in sand (silicon), glass (fiber), and air (wireless). The millennium promises a billion transistors on a single sliver of silicon, 700 bitstreams in a single thread of fiber, and a cellular infrastructure a thousand times cheaper than today’s. Taken together, these phenomenal advances will topple all centralized institutions.”

com o fervor de um pregador. Ele acredita que os valores morais se traduzem em empreendedorismo e desenvolvimento tecnológico<sup>31</sup> (WIRED, 1996b, p. 193).

É como se Gilder fosse um ser pitoresco; como se não fosse possível, ou típico, que alguém que tivesse um forte pensamento liberal economicamente, pudesse também ter um forte apelo conservador. A análise que fica é de que a cibercultura do Vale do Silício dos anos 1990 opera sob uma concordância com a liberdade econômica, mas esta não conversa diretamente com o conservadorismo – ao contrário de como pode-se as vezes rapidamente interpretar, como por exemplo, a partir das experiências capitalistas ditatoriais como as da América do Sul nos anos 1960-1970. Na cibercultura que tenta-se analisar aqui, a liberdade individual irrestrita anda junto com a liberdade econômica, como já foi observado em diversas outras análises onde o disruptivo, transgressor, libertário, é posto como heroico e nunca como inimigo. Gilder é um herói teórico, uma certa resistência, até o ponto que milita contra as liberdades individuais. Novamente a exposição analítica dos artigos da revista, trazem relações com as discussões quanto ao doméstico/conservador como negativo, em oposição ao cool, jovem, como positivo, em um novo modo de consumo e identidade capitalista. Essa discussão é presente nas reflexões quanto ao consumo em Fontenelle (2017) e as reflexões de um novo espírito do capitalismo em Boltanski e Chiapello (2020). Mas para não ficar repetitivo posso já paralelizar essa discussão com o sujeito neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 354-356), que é tão necessitado dos dispositivos de desempenho-gozo, que as vezes estes se materializam em liberdades individuais potencializadas, para além do simples pensamento empreendedorístico – o que não interpreto, e considero que Dardot e Laval (2016) também não, como separados.

Numa curta coluna do bloco “cyber rights now”, da edição de julho de 1996, há mais uma vez uma manifestação de insatisfação com alguma lei regulatória “moral” do ambiente digital conectado da internet. O título já é bastante interessante: “a caça às bruxas começa”<sup>32</sup> (WIRED, 1996e, p. 80). O pequeno artigo trata especificamente da influência de uma organização conservadora na procuradoria geral, esta que estaria investigando alguns provedores de internet a partir do requerimento dessa organização, com a militância de não vinculação de conteúdo tendencioso a pornografia. Segundo o curto texto, a comunidade do ciberespaço estaria então sendo perseguida por uma “cruzada moral” (WIRED, 1996e, p. 80). Ficam claros aqui mais uma vez, tanto o pensamento libertário irrestrito em relação a liberdades

---

<sup>31</sup> “One minute George is defending the intelligence of the American public, and i want to cheer him. But then i recall that he just denied the existence of racism. [...] Religion and transcendence infuse both George's style and his substance. He has a missionary's drive to teach others what he knows, and he speaks with a preacher's fervor. He believes that moral values translate into entrepreneurship and technological development.”

<sup>32</sup> “the witch-hunt begins”.

individuais, quanto a anti-regulação. Parte-se do pressuposto de que aquele ciberespaço ideal e livre estaria sendo atacado por um fundamentalismo atrelado a regulação com o apoio do governo. Observa-se novamente então, que aquele grupo da revista, consequentemente representativo do Vale do Silício dos anos 1990, estava numa posição anticonservadora, o conservadorismo sendo visto inclusive atrelado a um estado forte e negativamente regulador. As ligações teóricas que iluminam a exposição desse artigo e sua análise são as mesmas do parágrafo anterior, adicionando o quanto é curioso observar que nesse exemplo existem práticas de fato; situações em que o aparelho estatal de fato foi usado por forças conservadoras, sendo esse o objeto da crítica da revista.

## **2.2 Valorização a um sujeito libertado economicamente**

São trabalhados nesse tópico os materiais resultantes das análises das edições da revista, classificados como valorizações a liberdade com características fortes de defesa da “liberdade econômica”. Quando trato de “liberdade econômica”, estou falando de noções que estão ligadas a leituras liberais que sustentam, de uma forma geral, noções de economia que preconizam um mercado aberto, empreendedorismo, livre iniciativa, em linhas gerais: liberalismo econômico. Apareceram nas leituras das revistas, por muitas vezes, artigos com esses tons, e por muito poucas vezes, para ser literal, uma vez, a defesa do contrário, a defesa de um mercado com capital regulado. Considero então importante apresentar no presente texto um tópico específico a essas análises, a fim de entender melhor os direcionamentos e relacionamentos, da mentalidade ciberlibertária diante de visões clássicas da economia, fugindo das interpretações imediatas de que aquele ambiente seria automaticamente de determinada linha. De fato, a linha que deduz-se classicamente àquele ambiente, o liberalismo econômico, é o que é confirmado nas exposições adiante, mas isso não é um dado genérico, nem deve ser tratado como natural, pois existem características e modos performáticos diversos, o que se interliga até com “outras liberdades”, que se observam em outros tópicos desse capítulo, que em leituras também rasas, seriam relacionadas a outras correntes econômicas, vide a exposição no tópico acima sobre George Gilder.

Logo na página 29, da edição de agosto de 1994, observa-se um artigo fazendo pompas a um lançamento tecnológico recente (à época). Tratava-se de um dispositivo de transferências de valores. Um dispositivo digital, eletrônico. Algo como um chaveiro, que por meio de cartões associados, faria transferências de valores com aparelhos iguais segundos, que tivessem os mesmos apetrechos. Em outras palavras, algo como que um leitor de cartão portátil

e pessoal, que ao aproximar de um mesmo, atrelado a outro cartão, faria transferências de valores (WIRED, 1994d, p. 29). Isso já se configura um prenuncio, ou talvez até uma constatação, de que a ideia de digitalizar, descentralizar, desvincular às moedas nacionais, valores, o que acontece com a bitcoin e as criptomoedas hoje em dia por exemplo, já estava presente na mentalidade do Vale do Silício à época. Tem-se nessa breve exposição, uma abertura ao que ver-se-á mais vezes nesse curto tópico; uma maciça presença nas edições da revista, e conseqüentemente na cibercultura do Vale do Silício dos anos 1990, de uma cultura valorizadora de uma desvinculação econômica em relação ao estado ou a legislação, de uma desregulação econômica, de uma liberdade monetária garantida, e também reforçada, pela nascente à época, evolução dos computadores e acesso a rede de internet.

Já na página 134 da edição de outubro de 1995, tem-se um artigo sobre apostas em sítios na internet, algo como o que se conhece largamente hoje, dado a diversas polêmicas junto a famosos expostas no jornalismo, como *bets*. É um tema interessantíssimo dado as problemáticas recentes que surgiram quanto a esse tema no contexto da economia e política nacional, para não citar o meio “focofoco-jornalístico” muito forte em popularidade. Um grande contingente de pessoas têm se tornado dependente e tido diversos problemas financeiros e familiares devido a esses jogos online, recentemente febre no Brasil. Mas à discussão nesse capítulo não cabe a reflexão ao Brasil contemporâneo. Está se expondo aqui traços de um sujeito neoliberal formador da mentalidade da cibercultura da região que veio a formar as *Big techs*. O artigo é valioso ao passo que põe esses sites de apostas online, e as próprias apostas online, em um trecho logo no início do artigo, como uma espécie de “resistência econômica” a impostos que seriam praticados na legislação americana, ao passo que, esses sites, como é assim até hoje, estariam hospedados, legalmente locados, em paraísos fiscais, sendo assim inalcançáveis pela legislação estadunidense. Vejamos o trecho:

Para o bem ou para o mal, o ciberespaço é a próxima fronteira do jogo. E por que não? Transposto para a rede, o jogo pode estar em todos os lugares e em nenhum lugar ao mesmo tempo. Você pode ir para a mesa de merda em segredo sempre que quiser, sem ter que aturar os outros tolos fazendo o mesmo. Como muitos dos estabelecimentos de jogos de azar online são empresas paralelas sediadas no exterior, seu próprio cassino cibernético privado pode oferecer o abrigo perfeito contra os impostos que o governo impõe a você quando você ganha<sup>33</sup> (WIRED, 1995f, p. 134).

---

<sup>33</sup> “For better or worse, cyberspace is gambling’s next frontier. And why not? Transposed to the Net, gambling could be everywhere and nowhere at once. You could belly up to the crap table in secret whenever you want, without having to put up with the other fools doing the same. Since many of the online gambling establishments are shadow companies headquartered offshore, your own private cybercasino might offer the perfect shelter from the taxes the government imposes on you when you win.”

O artigo, a linha da revista, assume, ou melhor, defende, que com as apostas online em sites hospedados em paraísos fiscais, desvinculados assim da legislação fiscal estadunidense, o jogo e o usuário estaria mais livre, livre temporalmente e das amarras burocráticas, o que para essa cibercultura seria uma vitória, uma vantagem, uma liberdade, e acima de tudo isso, um símbolo de resistência a um estado que impunha um mercado supostamente regulado negativamente, pelo simples fato de existirem impostos sobre jogos de apostas. É por meio de desvios fiscais ilegais praticados por empresas de jogos e apostas também moralmente duvidosas que a “resistência econômica” viria. Tem-se aqui a defesa de, para além de um capitalismo amarrado em noções nada tradicionais, nada alinhadas a um conservadorismo moral, um capitalismo que visa se livrar de qualquer amarra burocrática/fiscal. Dardot e Laval (2016, p. 379) reforçam que o neoliberalismo daria força a ideias de “diluição do direito público em benefício do direito privado, conformação da ação pública aos critérios da rentabilidade e da produtividade, depreciação simbólica da lei como ato próprio do legislativo”. Esse trecho complementa o artigo analisado acima pois embora ele não conste da discussão do “sujeito neoliberal” – que é o foco dessa pesquisa e principalmente desse capítulo, que tem sua referência mais forte nessa justa obra – ele revela um pensamento claramente neoliberal. Em outras palavras; o que observa-se nesse artigo, embora não conste de uma revelação do sujeito neoliberal, é a revelação de um pensamento neoliberal disposto naquela época naquele ambiente, que indubitavelmente é adubo a germinação de um ambiente reforçador de um sujeito neoliberal – se não é que esse ambiente já estava ali presente, não precisando nem mesmo ser germinado. Já foi discutido acima, que a reflexão geral de Dardot e Laval (2016) é reforçar que o neoliberalismo seria pró estado, sendo esse estado, um estado pró neoliberal ou pró interesses econômicos. Mas pensamentos anti-estado são, e é mais um caso o artigo aqui analisado e exposto, muito presentes na revista, sendo eles, embora não uma ação política/anti-política na prática executada pelos grandes *players*, um forte adubo ideológico. Algumas análises à frente, na que discute sobre um artigo que consta de uma entrevista a Bill Gates, fundador da Microsoft, essa discussão retomará.

É então, na página 46 da edição de setembro de 1996, exposta uma curta coluna comentando sobre uma experiência em uma escola primária estadunidense que tinha oferecido um curso de informática para seus alunos, para crianças. As crianças, segundo a coluna, teriam desenvolvido habilidades empreendedoras ao ponto de pôr em risco empresas locais, o que teria gerado a necessidade de produção de “freios” por parte da própria escola para com aqueles alunos, que os direcionaram a atividades sem fins lucrativos. Vejamos o texto da coluna:

Ouverture Magnet, uma escola pública em Wichita, Kansas, começou a oferecer um curso de Internet em janeiro passado. Na primavera, as crianças abriram um negócio por conta própria. " Fizemos as páginas iniciais da Conferência Nacional para Cristãos e Judeus", diz o estudante Lance Nunnery. "Eles acharam nosso trabalho ótimo, mas quando aparecemos na reunião, eles meio que surtaram porque temos apenas 11 anos de idade." Tudo isso terminou em julho, quando o Distrito Escolar de Wichita emitiu uma ordem de cessar e desistir. Parece que os alunos da quinta série eram muito concorrentes para as empresas locais. Após um recente recurso da decisão, o superintendente concedeu aos alunos mais liberdade: eles podem trabalhar para grupos cívicos e sem fins lucrativos<sup>34</sup> (WIRED, 1996g, p. 46).

É interessante observar aqui o sujeito neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016) sob a formação do empreendedor, e não sob o indivíduo extremamente libertado como está sendo comum nessas análises, já desde a educação infantil. É também valioso observar essa ode a essas crianças empreendedoras quando elas são intrinsecamente relacionadas ao computador, a tecnologia, a internet. O computador seria um possibilitador do empreendedorismo infantil, vangloriado pelo texto, como vê-se na demonstração das pompas da iniciativa da escola. É uma revelação de que o pensamento ciberlibertário estaria atrelado a um indivíduo empreendedor, sem importar a idade, e que quanto mais cedo melhor, o que é muito valioso as análises quanto ao sujeito constitutivo, e o sujeito a ser construído, do/no Vale do Silício nos anos 1990. Esse sujeito seria um sujeito libertado moralmente e economicamente, como já foi discutido teoricamente na introdução.

Voltando para 1994, na edição de dezembro daquele ano, nas páginas 166 e 167, há uma entrevista com Bill Gates, *head* da Microsoft, uma das mais representativas *Big techs*, normalmente incluída entre as chamadas GAFAM (Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft)<sup>35</sup>, que é uma representação normalmente usada para definir as maiores empresas do gênero, que monopolizaram-no. Logo na primeira pergunta, quando perguntado sobre suas considerações quanto a "information superhighway" (termo que estava muito em voga na mídia estadunidense em geral na época, que designava a prendada interconexão cabeada de todas as regiões dos estados unidos, o que ainda não era uma realidade embora pareça impensável sua

---

<sup>34</sup> "Ouverture Magnet, a public school in Wichita, Kansas, began offering an Internet course last January. By spring, the kids had gone into business for themselves. "We did the homepages for the National Conference for Christians and Jews," says student Lance Nunnery. "They thought our work was great, but when we showed up at the meeting they kind of freaked out because we're only 11 in years old." All this ended July, when the Wichita School District issued a cease-and-desist order. It seems the fifth graders were too much competition for local companies. After a recent appeal of the decision, the superintendent granted the students more freedom: they're allowed to work for civic and nonprofit groups. Check them out at"

<sup>35</sup> A definição é imprecisa, pois, Google e Facebook, nem *big techs* são. São, o primeiro, um buscador, e o segundo, uma rede social; a primeira da *big tech* Alphabet, e a segunda da Meta. As definições do que são *big techs* estão presentes na introdução. Outra questão pertinente é que mesmo que as 5 fossem de fato *big techs*, elas não poderiam ser postas como capazes hoje de englobar essa discussão. Têm-se hoje diversas empresas chinesas do mesmo ramo que têm suas raízes e ramificações muito mais confusas e complexas.

não existência atualmente), Gates já demonstra um pensamento de caráter anti estado, ou melhor, de uso do estado para fins do capital:

Wired: Como a Microsoft se encaixa na rodovia da informação? Gates: Eu odeio o termo information superhighway porque implica distância quando se trata de se livrar da distância. E isso implica que o governo deve construir essa coisa, e eu não acho que isso seja sábio ou necessário. O governo tem um papel: é limpar o caminho<sup>36</sup> (WIRED, 1994f, p. 166).

A discussão ainda retoma algumas perguntas após:

O governo precisa liberar as empresas de comunicação para que "as informações ao seu alcance" sejam realizadas. Mas nos estágios iniciais - nos próximos três ou quatro anos - acho que o governo deveria errar por fazer menos. Você pode realmente sufocar as coisas e prejudicar todo o processo tecnológico se tentar adivinhar e regular com antecedência<sup>37</sup> (WIRED, 1994f, p. 167).

Os trechos são uma demonstração direta de alinhamento a um pensamento neoliberal, e que convém à análise de Dardot e Laval (2016) quanto ao neoliberalismo não ser exatamente um “não estado” ou a defesa deste formato – em contraste com a visão radical de negação a qualquer indício que ligue a rede, o capitalismo, seus empreendimentos, a correção do estado, que é o que é mais presente nas edições da revista e que apareceu em maior parte das análises. Isso reforça mais ainda a reflexão que estou trazendo algumas vezes nesse trabalho, de que o neoliberalismo fortalece a presença do estado, e não a nega, como podem considerar algumas reflexões as quais Dardot e Laval (2016) são críticos – mas que deve-se considerar ainda, e algumas das exposições presentes nesse capítulo, a maioria, são signatárias, que esse ideário anti-estado é muito presente em ambientes neoliberais, como é o exemplo da própria revista, que tem se mostrado um antro neoliberal e reforçador do sujeito neoliberal atrelado em muitos momentos a claras manifestações anti-estado, o que pode parecer a princípio ilógico, e de fato é confuso, mas flagrantemente existe, em modos de ideologia e propaganda.

Antes do fim da exposição dessa análise, e do presente tópico, vale ainda observar um interessante trecho desse mesmo artigo, que mostra que a ideia de “diversos produtos conectados a uma rede” já era presente no pensamento da época, ou ao menos na cabeça de Bill

<sup>36</sup> “Wired: How does Microsoft fit into the information highway? Gates: i hate the term information highway - because it implies distance when this is all about getting rid of distance. And it implies that the government should build this thing, and I don’t happen to think that’s wise or necessary. The government does have a role: it’s to clear the way.”

<sup>37</sup> Government has to unleash communications companies for “information at your fingertips” to be realized. But in the early stages in the next three or four years - I think government should err on the side of doing less. You can really choke things and hurt the whole technological process if you try to guess and regulate in advance.

Gates. Mesmo que ainda sem relação com criação de perfis, profilagem, o que exploro nos capítulos seguintes, o trecho é um sinal de que pensamentos correlatos já existiam. Vejamos:

Muitas pessoas estão tendo esse grande debate sobre se o futuro dos dispositivos domésticos será mais parecido com o PC ou a TV. A resposta é que você vai ter os dois; as pessoas terão redes em suas casas, e a TV e o PC serão alguns dos muitos periféricos dessa rede. As perguntas que você precisa fazer são: Qual porcentagem de tempo você vai querer ficar sentado na frente do seu PC? Qual a porcentagem de assistir passivamente à sua TV? E, quando você está assistindo sua TV, há muitas pessoas lá e, se houver, que tipo de interatividade todas essas pessoas querem compartilhar umas com as outras e com a TV?<sup>38</sup> (WIRED, 1994f, p. 167).

Há a diante um tópico apenas para esse tipo de observação nas análises, mas fiz questão de dispor este trecho aqui, por ele ser continuação de uma exposição desse tópico. De todo modo já tem-se aqui uma pista de um pensamento do que viria a ser futuramente pilar à profilagem, que já era presente desde os anos 1990 como uma ideia, uma previsão, ou até mesmo um longínquo desejo.

### 2.3 Valorização a um sujeito libertado moralmente

Nesse tópico são expostas as análises categorizadas na classificação de mesmo nome do título e outras diversas afins na categorização das análises (Ver apêndice C). Eram dispostos nessas, todos os artigos e suas consequentes análises, que constassem de uma defesa de uma liberdade no ciberespaço, e que tivessem junto a essa defesa, fortes características de apoio a transgressões a convenções morais, como quebra de regras socialmente convencionadas e até convencionadas como criminais. De forma geral, ficou claro nas análises dessa classificação, que naquele ambiente formador das *Big techs*, não havia o contentamento com as lutas libertárias simplesmente no campo econômico ou do acesso a rede livre, mas também havia uma necessidade de expressão disruptiva naquele ambiente e para fora dele. Fica cristalino que a internet, e aquele ambiente formador dela, deveria não só lutar por sua liberdade de simplesmente existir de forma irrestrita, mas também expressar isso das formas mais escrachadas possíveis, ao ponto de relativizar a posse de pornografia infantil como se vê em um exemplo abaixo. Em outras palavras, havia nitidamente uma necessidade de uma rebeldia, de

---

<sup>38</sup> “Too many people are having this big debate about whether the future in home devices is going to be more like the PC or the TV. The answer is you’re going to have both; people will have networks in their home, and the TV and PC will be some of the many peripherals on that network. The questions you need to ask are, What percentage of time will you want to sit in front of your PC? What percent passively watching your TV? And, When you’re watching your TV, are there many people there, and if there are, what sort of interactivity do all those people want to share with each other and the TV?”

uma expressão de disposição à rebeldia, que fazia parte da formação de uma imagem de algo novo, deslocado do tradicional. A WIRED, como as análises a diante mostrarão, foi um desses palcos tão quistos.

A partir da página 120 da edição de julho de 1996, encontra-se o artigo de capa daquela edição, intitulado: “os direitos das crianças na era digital”<sup>39</sup>. O artigo abre com duas páginas em gatefold<sup>40</sup> (como pode-se ver na Figura 1), com uma montagem de um grupo de crianças, sob um fundo listrado em laranja e branco, que olham fixamente, seriamente e determinadamente, para a o leitor, e seguram raios, um tipo específico de raio, que expressa uma identidade visual da revista, frequentemente usada em artigos que queiram referenciar diretamente a direitos irrestritos no ciberespaço, nas mãos (WIRED, 1996e, p. 120-121). Apenas nessa introdução visual do artigo já se nota uma estética impositiva, descolada e afirmativa. O artigo está disposto como um estatuto, ou constituição; dividido em “artigos” dispostos em algarismos romanos, que vão até o “X”. A disposição em algarismo e a ideia de passar uma imagem de legislação não diz muito sobre o que de fato lê-se. Não se trata de simulacros de leis, mas apenas tópicos. A ideia geral é de expor um manual sobre como lidar com as crianças hoje (à época) que estariam sendo abraçadas por um novo mundo que exige cuidados, mas que pode despertar um grande potencial, para eles, revolucionário.

Figura 1 - Abertura do artigo "os direitos das crianças na era digital" em “gatefold”



Fonte: WIRED (1996e, p. 120-121).

<sup>39</sup> “The rights of kids in the digital age”.

<sup>40</sup> Formato gráfico, classicamente usado em folders e capas de discos de vinil direcionados a serem edições especiais, que se caracteriza pela abertura do objeto revelando uma face interna dobrada horizontalmente.

Em dado ponto do artigo são expostos os tais “direitos das crianças” de forma explícita. Alguns deles chamam atenção:

As crianças têm o direito de serem respeitadas, de receber a mesma sensibilidade que outras minorias desprivilegiadas receberam de má vontade do resto da sociedade. Eles não devem ser vistos como propriedade ou como impotentes para participar das decisões que afetam suas vidas<sup>41</sup> (WIRED, 1996e, p. 166).

É interessante observar que, embora em boa parte do artigo o autor comente que não apoia uma permissividade total, o jovem, a criança, deve ser dotado de uma independência, não podendo ser vista como uma propriedade ou uma subjetividade passiva. Pelo contrário, como fica claro na citação acima, a criança deve ser o oposto da impotência, deve ser instruída, ou deixada, ao florescimento de suas capacidades potentes. Mas vejamos mais pontos:

As crianças têm direito a comunicações bidirecionais com os políticos, clérigos e líderes educacionais que afirmam saber o que é melhor para elas. As crianças têm o direito de ajudar a moldar as discussões sobre suas vidas morais<sup>42</sup> (WIRED, 1996e, p. 166).

Crianças então deveriam também ter poder de discussão a nível organizacional, o que implica também constituir as suas próprias organizações a fim de terem posição em discussões públicas, sendo vistas assim como entes dotados de uma capacidade construtiva, dotada de independência de opinião perante as instituições já constituídas do mundo adulto opressor. Vejamos mais um ponto, mais um “direito”, o mais instigante: “As crianças têm o direito de contestar o uso de software de bloqueio e outras tecnologias, como o V-Chip, que arbitrariamente lhes negam escolha, exposição a ideias e liberdade de expressão”<sup>43</sup> (WIRED, 1996e, p. 166). As crianças deveriam então, ter total acesso a rede sem regulação nenhuma por parte dos pais. O V-chip, importante ressaltar, era um dispositivo utilizado à época em aparelhos televisores, a partir da determinação de uma legislação própria a esse fim, que dava a possibilidade aos pais de bloquearem conteúdos julgados impróprios aos filhos naqueles aparelhos. Esse dispositivo seria, no caso exposto acima, para o artigo exposto acima, e na mentalidade ao qual ele potencializa, um limitador da “liberdade de expressão”. A criança deveria ter acesso ilimitado a todo e qualquer espécie de conteúdo, seja o quão problemático este fosse, a fim de garantir a

---

<sup>41</sup> “Children have the right to be respected, to be accord- ed the same sensitivity that other disenfranchised minorities have grudgingly been granted by the rest of society. They should not be viewed as property or as helpless to participate in the decisions affecting their lives.”

<sup>42</sup> “Children have a right to two-way communications with the politicians, clergy, and educational leaders who claim to know what is best for them. Children have a right to help shape discussions about their moral lives.”

<sup>43</sup> “Children have a right to challenge the use of blocking software and other technologies, like the V-Chip, that arbitrarily deny them choice, exposure to ideas, and freedom of speech.”

sua potencialidade, divina potencialidade, como viu-se no primeiro excerto desse artigo aqui exposto. Juntando então esses três trechos, é observado de uma forma muito clara que a revista, repito, embora reforce que os pais devam ser responsáveis, o que é até contraditório, patrocina uma figura infantil livre, liberta de amarras resultantes de uma regulação, para que desfrute de um futuro no incrível mundo de possibilidades que nasce com a onipresença desses caminhos nas surgentes redes. Pode-se paralelizar isso a discussão que já foi trazida e será ainda mais vezes aqui, de que o patrocínio que há nesse mercado recente, é o patrocínio a um indivíduo desamarrado de constituições morais, essas que são consideradas um veneno às valorosas potencialidades ao mundo empreendedor desamarrado de um novo capitalismo (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 354-356).

Na continuidade do artigo, encontram-se mais exposições onde é posto que os movimentos progressistas de afirmação também teriam relação direta com esse novo jovem possibilitado por essa modernidade disposta pela internet. Em um ponto isso é posto lado a lado com lutas de identidades de forma positiva pela revista. Vejamos:

As batalhas sobre as novas mídias provavelmente desencadearão uma politização juvenil que lembra os movimentos lançados por minorias raciais, mulheres e gays. Sob o nariz de seus guardiões, os jovens agora estão ligados uns aos outros em todo o mundo. Eles já compartilham sua cultura online, trocando informações sobre novos filmes, programas de TV e CDs, alertando uns aos outros sobre vírus, compartilhando dicas de software e tecnologia<sup>44</sup> (WIRED, 1996e, p. 169).

Ora esse jovem é potente para ser o novo player do mundo tecnológico do futuro, ao mesmo tempo que está antenado nas lutas, contanto que não firam o capitalismo. É interessante observar aqui mais um reforço da tese de Boltanski e Chiapello (2021), e outras referências como Fontenelle (2017), de que lutas seriam não combatentes, mas reforços de um novo tipo de capitalismo, quando tratadas por este como apenas distinções estéticas, muito quistas a um “novo espírito do capitalismo” e ao consumo.

Mas talvez o mais proveitoso desse longo artigo às reflexões desejadas a essa pesquisa, esteja no final dele. A revista, o autor, se declaram de forma explícita quanto ao desejo do libertarianismo se estender ao público infantil, ou ao menos que ele seja garantido, não atrapalhado, por forças malignas, como os pais, ou o governo/estado. Essas seriam qualquer força, privada ou pública, que trouxessem vias regulatórias, pois essa regulação, essas amarras, seriam facilmente absorvidas pelas crianças, dada a sua suscetibilidade à influência, e ao

---

<sup>44</sup> “The battles over new media are likely to spark youthful politicization reminiscent of the movements launched by racial minorities, women, and gays. Under the noses of their guardians, the young are now linked to one another all over the world. They already share their culture online, trading information about new movies, TV shows, and CDs, warning one another about viruses, sharing soft- ware and tech tips.”

domínio de pais conservadores, o que seria um risco a elas mesmas e os jovens, que diante dessas más influências poderiam perder essa oportunidade única epocal de se vincular a uma suposta surgente revolução tecnológica anti-conservadora, anti-burocrática, que iria florescer uma nova era como nunca antes vista:

A autoridade opressiva e a censura parecem cada vez mais anacrônicas em meio às fronteiras porosas da era digital emergente. O milênio que se aproxima é mais do que um marco histórico. É o momento certo para libertar nossos filhos das mãos pesadas da história. A maioria de nós reconhece que nossos filhos estão entrando em uma nova era milagrosa. Eles, como todos os outros, correrão riscos e enfrentarão perigos. Eles também colherão grandes recompensas. As crianças têm a chance de reinventar as comunicações, a cultura e a comunidade. Para resolver os problemas do novo mundo de novas maneiras. Para fazer melhor do que fizemos. Em vez de os impedir, devemos empurrá-los para a frente. Em vez de protegê-los, devemos tomá-los pelas mãos, guiá-los até os portões e animá-los<sup>45</sup> (WIRED, 1996e, p.170).

Há aqui, mais uma vez, a clara expressão de defesa de um indivíduo – nesse caso crianças, que não deveriam ser tolhidas de uma potencialidade intrínseca em uma época ideal – ideal a economia neoliberal, ao sujeito neoliberal, como refletem Dardot e Laval (2016, p. 354-356).

Alguns meses adiante, na página 143 da edição de setembro daquele mesmo ano, observa-se um artigo que se destaca já pelo título, chamado “Capitalista de aventura”<sup>46</sup>. O nome logo chama atenção pois já indica nele próprio a relação do capitalismo, aquele capitalismo a ser disposto pelo autor no artigo, com um espírito liberto, de risco, que é o que vem primeiro a mente quando se lê “aventura”. Trata-se, especificamente, de um texto sobre uma investidora de risco da área de tecnologia chamada Ann Winblad. O bonito, bem escrito e até poético texto, intenta transmitir ao leitor uma experiência de andança pelas ruas de Tijuana no México com a investidora, mostrando como ela, ao mesmo tempo que é uma investidora capitalista, é uma pessoa descolada que anda pelas ruas altas horas da noite, em busca de restaurantes legais, tirando onda com forças policiais, e passando toda uma aura de jovem descolado que se diverte livremente sem amarras morais. Vejamos dois trechos:

Ann está posando do lado de fora do The Caves, um bar na notória Avenida Revolucién, repleta de clubes, em Tijuana. A música disco está tocando por dentro. O fotógrafo Eric O'Connell ajusta seus filtros de luz enquanto murmura a letra da música pulsando nas profundezas do The Caves: Don't want no short-dick man. Não quero

<sup>45</sup> “Oppressive authority and censorship seem increasingly anachronistic amidst the porous borders of the emerging digital era. The approaching millennium is more than a historical landmark. It’s the right time to liberate our children from the heavy hands of history. Most of us recognize that our children are moving into a miraculous new era. They will, like every- one else, take risks and face dangers. They will also reap great rewards. Children have the chance to reinvent communications, culture, and community. To address the problems of the new world in new ways. To do better than we did. Instead of holding them back, we should be pushing them forward. Instead of shielding them, we should take them by the hands, guide them to the gates, and cheer them on.”

<sup>46</sup> “Adventure capitalist”

nenhum homem de pau pequeno.... [...] O ritmo implacável de nossa visita não a atrasa. Mas ela também trabalha tão duro quanto festeja. "Se você não trabalha 12 horas por dia, está atrasado", diz ela. Se você não lê 100 revistas especializadas, não verifica seu e-mail, não retorna a ligação de alguém ou não vai a um evento de desenvolvedores, você está atrasado. Ou você está comprometido ou não<sup>47</sup> (WIRED, 1996g, p. 210).

O valioso a se observar às pretensões da pesquisa, é que nesse artigo fica cristalina a relação de uma mentalidade do empreendedor, do respeitável empreendedor de risco, típico de um sujeito neoliberal ligado ao *homo oeconomicus*, com uma figura descolada que quebra regras, anda na rua tarde da noite e até brinca com o tamanho do pênis de outrem. A figura destacada pela revista, a figura posta em fundos coloridos e com imagens disruptivas como a que ela segura um peixe, é a figura de um comportamento juvenil, despretenso, leve, natural, livre, que é diretamente relacionado ao herói empreendedor de risco do Vale do Silício nos anos 1990. As reflexões de Fontenelle (2017), de um capitalismo baseado no consumo e no descolado, se mostram muito certas para enriquecer teoricamente esse material retirado da revista; para além das citações que já foram dispostas na introdução vale trazer a seguinte:

Ao final dos anos 60, o rescaldo da revolução cultural iniciada naquela década, somado a um novo estágio de concorrência capitalista, levou à consciência mercadológica a necessidade de considerar as variáveis socioculturais nas estratégias de negócios, em especial a ascensão de uma efervescente "cultura jovem" [...] não é de se surpreender que o primeiro foco de atenção dessas empresas tenha sido a juventude. Os jovens não apenas foram os representantes, por excelência, do movimento contracultural [...] como também se tornaram os atores privilegiados da terceira revolução tecnológica, a informática (FONTENELLE, 2017, p. 77-78).

Passando então para a página 166 da edição de novembro de 1996, encontra-se um artigo sobre jovens fundadores de um site "descolado" e despretenso – no sentido de despojado de uma cultura empresarial mais ortodoxa, fechada em uma sana simplesmente gananciosa – que estariam ganhando muito dinheiro. Vê-se logo no título e no longo subtítulo, uma espécie de apresentação, que, como em diversas análises, esses fundadores, que também seriam punks e hackers, são vangloriados ao passo que têm essas características; são jovens descolados que com a criatividade e uma certa dose de desobediência e rebeldia estão "vencendo a vida" no contexto do Vale do Silício. O patrocínio a desobediência e a rebeldia,

---

<sup>47</sup> "Ann is posing outside The Caves, a jamming bar on Tijuana's notorious, club-lined Avenida Revolucién. Disco music is blaring from within. Photographer Eric O'Connell adjusts his light filters as he mouths the lyrics of the song pulsing deep within The Caves: Don't want no short-dick man. Don't want no short-dick man.... [...] The relentless pace of our visit doesn't slow her. But she also works as hard as she parties. "If you don't work 12 hours a day, you're behind," she says. "If you don't read 100 trade magazines, don't check your email, don't return somebody's call, or don't go to a developer event, you're behind. Either you're committed or you're not."

atreladas a um indivíduo descolado, são o mote do descrito site que estaria fazendo sucesso, e são claramente valorizadas no corpo do artigo. Vejamos:

O Web Dream é o que crianças inteligentes em toda a América - crianças inteligentes em todo o mundo - estão sonhando. Eles podem não confiar em Deus ou na Família e com certeza não acreditam no País; eles acreditam em si mesmos e no poder de seus sonhos habilmente personalizáveis, infinitamente escaláveis, robustos e onipresentes, interativos e de menu suspenso. E por que não? Aqui está um meio barato e fácil de usar que permite que qualquer pessoa chame a atenção do planeta. Tudo o que você precisa fazer é mostrar aos tolos como usá-lo AGORA. E o que você tem a perder, você que não tem nada? Dificilmente custará um centavo, e você pode ficar rico fazendo isso. Foda-se esperando na fila pela sua vez. Mijar no leite da oligarquia. Não vamos fazer um acordo e, pelo amor de Deus, não pegue o que Carol Merrill está segurando na caixa. Pegue o dinheiro. Então corra como o inferno<sup>48</sup> (WIRED, 1996i, p. 169).

Mais uma vez tem-se a valorização de um indivíduo libertado, um indivíduo que não teme as regulações, junto a valorização de uma rebeldia infante, no melhor sentido “rebelde sem causa”. Como visto acima, em certos momentos são usadas expressões, como por exemplo: “mijar no leite da oligarquia”, isso convivendo muito bem com a figura empresarial. E é justamente esse o destaque que quero fazer ao expor esse artigo. Na cultura da revista, e sustento que na cultura californiana berço das empresas de tecnologia, o empresário mija no leite da oligarquia, usa de termos chulos ou é definido por outros com esses termos, mesmo que seja talvez o embrião, ou até já uma representação, de grandes oligopólios do ramo de tecnologia. Enfim, o que importa é expor de forma escrachada, assustável, qualquer reivindicação que se tenha, reforçando sempre a imagem de um grupo destemido que não deve nada a instituição nenhuma e a ninguém, mesmo que isso quando se aprofunde nem faça sentido, ou seja incoerente ao passo que ataca a si mesmo. Em geral, essa figura empresarial não deve esperar, se amarrar, ao mundo dos dispositivos que o trave. Como as crianças inteligentes que não devem temer nem aos pais, nem ao Clipper, nem a deus, como viu-se no artigo exposto no início desse tópico, ele não deve temer a hierarquia. Mas o mais importante: quem dará essa desvinculação é o *Web Dream*, o tal site.

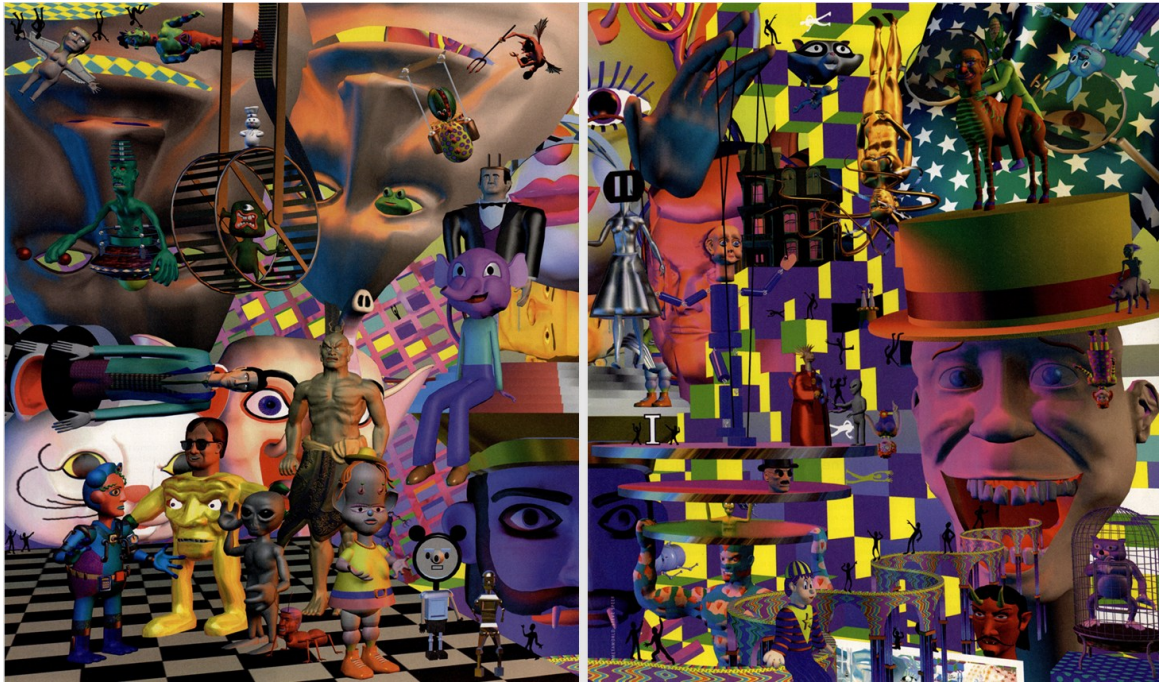
É então voltando cronologicamente para junho do mesmo ano, na página 142 da edição daquele mês, que se encontra um artigo falando sobre metaverso, um tema muito

---

<sup>48</sup> “The Web Dream is what smart kids across America - smart kids around the world - are dreaming. They might not trust in God or Family and they sure as hell don’t believe in Country; they believe in Themselves, and in the power of their cleverly customizable, infinitely scalable, robust and ubiquitous, interactive, pull-down-menu Dreams. And why not? Here’s a cheap and easy-to-use medium that lets anyone seize the attention of the planet. All you have to do is show the fools how to use it RIGHT NOW. And what do you have to lose, you who have nothing? It’ll hardly cost a dime, and you might just get rich doing it. Fuck waiting in line for your turn. Piss in the milk of the oligarchy. Don’t Let’s Make a Deal, and for God’s sake, don’t take what Carol Merrill is holding in the box. Take the money. Then run like hell.”

presente no jornalismo e no senso comum ultimamente, dado o crescimento do acúmulo de dados e da consolidação das inteligências artificiais. Em linhas gerais são criações gráficas virtuais em 3D onde se simula um lugar, um mundo paralelo, em que com um avatar, o usuário pode dispor daquele ambiente e interagir dos mais diversos modos com outrem. O artigo inicia falando de uma experiência em específico na área, claro que no contexto da época, nos anos 1990, e parte para versar sobre a questão em geral, como era discutida na época também. São postas problemáticas como: até que ponto o metaverso pode englobar games, ou, como o próprio modo de uso da rede no futuro (à época) seria influenciado e até caracterizado por esses universos paralelos (WIRED, 1996d, p. 142-143). O que me chamou atenção para abrir essa análise não foi o artigo em si, quero dizer, o texto ou a discussão mais aprofundada do tema à época feito pela revista. O que despertou a análise e conseqüentemente, dado a sua exuberância, a seleção para compor o presente texto final de dissertação, foi o design do artigo em geral, que indica a relação desses metaversos com um caráter bastante disruptivo, liberalizado e orgiástico. São postos no início do artigo duas imagens de duas páginas, e descrevê-las é bastante complexo. Mas em geral trata-se de um conjunto de figuras não convencionais em um mundo colorido e 3D em uma interação dispersa não binária de ente a ente. Em uma tentativa de descrever a imagem, muito distante de preencher toda ela dado sua absurda complexidade (ver a Figura 2); vê-se um animal incerto e roxo que traz uma semelhança a um gato que está dentro de uma gaiola. Atrás dele há um rosto gigante com a boca estranhamente aberta e com um chapéu, onde na aba, corre um menino estranho montado em cima de uma figura que parece um porco. Ainda no chapéu, em cima do chapéu, há um cavalo com face de humano travestido de palhaço com dois longos chifres, e montado nele, um humanoide com uma cabeça de espiga de milho despalhada pela metade (WIRED, 1996d, p. 142-143). Tudo isso demonstra um pensamento bastante libertário que se encontrava por detrás da conceituação desses metaversos. Creio que não todos, mas boa parte, e a parte exposta pela revista, mostram um retrato de uma cibercultura fortemente atrelada ao disruptivo, colorido, irreal e descolado, o que não se desatrela ao sujeito neoliberal que comunga com essas características principalmente em suas expressões mais atreladas a um novo modo de consumo (FONTENELLE, 2017) e ao sujeito de gozo (DARDOT; LAVAL, 2016), sendo inclusive um reforço a ele, como busca observar esse capítulo.

Figura 2 - Ilustração do artigo sobre metaverso da edição de junho de 1996



Fonte: WIRED (1996d, p. 142-143).

Voltando então para uma das primeiras análises; na página 46 da edição de maio de 1994, encontra-se um assustador artigo comentando sobre um embate entre dois fóruns da *Usenet* – que era uma rede de computadores, algo como a internet, mas em um outro formato, outro sistema diferente da “internet comum”, da *world wide web*, o “WWW”. A *Usenet* se caracterizava por um formato, uma finalidade, de fóruns de discussão abertos; era algo como uma longa cadeia de fóruns dispostos como em um organograma, que dispunham de diversos temas e fóruns específicos encadeados radicalmente. Houve entre esses fóruns um ataque com um caráter totalmente senil, para não dizer imbecil, ao passo que se sustentava simplesmente pela humilhação e escracho num estilo gore, violento sem causa, direcionado a entes inocentes como animais de estimação e recém-nascidos. O fenômeno na prática tratava-se de um ataque partido de um fórum chamado “alt.tasteless”, que tinha características de ser “sem regras”, que, sem motivo aparente a não ser a barbaridade por si só, atacava um outro dedicado a cuidados e experiências com pets. Esses ataques tinham características gore, que era a principal característica do fórum que atacou (WIRED, 1994c, p. 46-53). O interessante é que é absurdo ver que a revista embora não endosse essa “liberdade”, o que não seria difícil dado ao histórico de defesa de um libertarianismo irrestrito visto em outras análises, também não critica os ataques veementemente, dando mais importância para o “embate”, num tom mais de “curiosidade da *Usenet*”. São dados inclusive destaques aos absurdos por ali compartilhados, como piadas com mortes de bebês, quando da explicação do fórum. Nesse ponto que está o que

considerarei interessante nessa análise aos fins desse tópico; a forma blasé com a qual a revista trata o fórum, e o conflito/ataque ao outro, ao explicá-lo pura e simplesmente de forma descritiva. Não assusta à cultura do Vale do Silício dos anos 1990, piadas e ataques assustadores como esses; eles são tratados como fenômenos simplesmente a serem descritos, como fenômenos recorrentes na ambientação do dia a dia daquele contexto, o que é mais um retrato dele; o que reforça ainda mais seu alinhamento a um sujeito despreocupado, desamarrado, que é quisto ao neoliberalismo, como denunciam indiretamente as referências já largamente citadas acima.

Adiante cronologicamente, entre as páginas 92 e 99, da edição de março de 1995, encontra-se um assustador artigo. É observada de forma crítica pelo autor, pela revista, o modo como a legislação canadense pune quanto ao tema da pornografia infantil. No caso citado, a legislação e a punição se estendem para além da distribuição e produção, considerando crime também a posse desse tipo de conteúdo e o planejamento de produções afins. A revista incrivelmente toma um tom crítico a essa legislação. É assustador ver a revista relativizando a posse de conteúdo relacionado à pedofilia, claramente com um fim de endeusamento de tudo que “resiste” a burocratização ou limitação de conteúdos no mundo digital. A lei, a regulamentação que proíbe a posse de pornografia infantil, é posta pela revista logo no título como “polícia do pensamento”. Vejamos como é naturalizado:

Textos e desenhos, bem como fotografias de crianças, foram proibidos. Representações de adultos brincando como adolescentes menores de 18 anos foram proibidas. (Em outra contradição, a idade de consentimento do Canadá é de apenas 14 anos para a maioria dos atos sexuais.) Ao contrário da obscenidade, em que apenas distribuir ou criar o material é ilegal, a mera posse de "pornografia infantil" tornou-se um crime federal no Canadá<sup>49</sup> (WIRED, 1995b, p. 96).

Interessante observar o adjetivo “mera” ao tratar da “mera posse”, como se não fosse nada demais planejar, possuir, ou até mesmo produzir conteúdo pornográfico relacionado a crianças (uso “relacionado”, pois não considero que o artigo referencie conteúdos de fato consolidados com entes infantis, e espero honestamente estar correto, mas sim “planos”, ao passo que a citação dá a entender isso, ainda que fique assustadoramente dúbio), como também a consideração como uma obscenidade o simples fato dessa legislação existir. Mas piora. Vejamos outro excerto do artigo: “Por exemplo, um homem em um casebre que escreve histórias sexuais sobre crianças para seu próprio prazer masturbatório pode ser processado sem

---

<sup>49</sup> “Text and drawings, as well as photographs of children, were banned. Depictions of adults playacting as teenagers under 18 were banned. (In another contradiction, Canada’s age of consent is just 14 for most sex acts.) Unlike with obscenity, in which only distributing or creating the material is illegal, mere possession of “child pornography” became a federal offense in Canada.”

que uma única outra pessoa esteja envolvida.”<sup>50</sup> (WIRED, 1995b, p. 96). Ora é semelhante a dizer que um jovem que planeja destruir vidas de outros adolescentes em fóruns da internet incentivando-os a cometer assassinatos em escolas, não está fazendo nada demais pois aquilo não passa de pensamentos sem relação com outrem até então. Mas não é intenção aqui fazer valorações morais ou comparativas, mas sim refletir o quanto isso demonstra ao extremo a necessidade dessa cultura ciberlibertária de defender a liberdade no ciberespaço, e para além disso, que isso fique exposto das formas, e nas formas, mais escrachadas, mais assustadoras, possíveis. É custoso acreditar que os autores que escreveram tal artigo, que os editores que montaram tal disposição do artigo na revista, e todos os outros envolvidos na publicação, não tenham sentido um mínimo de remorso, mas maior que isso, creio, seja a necessidade de expor-se como destemido e desamarrado. Seja o quanto extrema for essa liberdade, ela é naturalizada como apenas mais uma expressão da radicalidade-modelo daquele ambiente noventista daquela região, de não prendimento a regulação moral nenhuma que seja, distanciando-se assim de tudo que se relacione com “regulação”, “determinação”, “lei” e afins, como preconiza o sujeito neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 354-356), como vê-se ainda mais claro no último parágrafo, o mais assustador do artigo:

Eles não podem impedir o uso privado da pornografia - especialmente o texto ASCII - que se espalha sem esforço entre países e culturas. "A comunicação eletrônica", diz o ativista e produtor da CBC Max Allen, "tornou os regimes de censura fúteis"<sup>51</sup> (WIRED, 1995b, p. 99).

Alguns meses adiante, na página 122 da edição de julho de 1995, inicia-se um artigo que versa sobre os genes humanos, relacionando-os, comparando-os, pondo-os em paralelo a sistemas quantitativos de processamento de informação, a computadores e hardwares de armazenamento de dados. Tudo isso é disposto de maneira deveras simplista, e não pode ser diferente, diante do fato de que qualquer pesquisa séria, qualquer aprofundamento mais complexo, deixaria claro que não há possibilidade de trato que parta da quantificação genética, e que, se possível, não seria nada ética tal atitude diante do perigo de classificar qual é o modo “certo” e o modo “errado”, o ser “bonito” e o ser “feio”, de existir/ser como ser humano (MCKINNON, 2021). Vejamos trechos do artigo para melhor compreender a discussão:

---

<sup>50</sup> “For example, a man in a hovel who writes down sexual stories about children for his own masturbatory pleasure could be prosecuted without a single other person being involved.”

<sup>51</sup> “They can’t stop the private use of pornography — especially ASCII text — making its way effortlessly between countries and cultures. “Electronic communication,” says activist and CBC producer Max Allen, “has made censorship regimes futile.””

Além disso, eles [os genes] são verdadeiramente digitais, no sentido pleno e forte de computadores e discos compactos. O código genético não é um código binário como nos computadores, nem um código de oito níveis como em alguns sistemas telefônicos, mas um código trimestral, com quatro símbolos. O código de máquina dos genes é estranhamente semelhante a um computador [...] os genes são pura informação - informação que pode ser codificada, recodificada e decodificada, sem qualquer degradação ou mudança de significado. A informação pura pode ser copiada e, por se tratar de informação digital, a fidelidade da cópia pode ser imensa. Os caracteres de DNA são copiados com uma precisão que rivaliza com qualquer coisa que os engenheiros modernos possam fazer<sup>52</sup> (WIRED, 1995d, p. 185).

Normalmente chama-se esse pensamento de considerar o humano como algo para além de sua biologia, algo passível a ser melhorado pela máquina, de transumanismo, e é esse, para além do determinismo genético, o destaque maior à exposição desse artigo nesse tópico; o sujeito quisto aquela região não teria problemas ao se considerar, e posteriormente se “upar”, como uma máquina. Ora, seus genes são como binários. Vale enfim a análise de que não existem barreiras, nem mesmo biológicas para o ciberlibertarianismo do Vale do Silício dos anos 1990.

Finalizando então esse subcapítulo quanto as expressões de valorização a tudo que é crítico ou averso a leis morais nas edições analisadas da revista, a partir da página 196 da edição de novembro de 1996, tem-se o artigo de capa dela, que apresenta sobre o *Burning man* daquele ano, que tinha acontecido recentemente (à época). O *Burning man*, ou “homem queimado” em tradução livre, é um evento anual que acontece em um deserto no estado da Califórnia, onde o mote é a liberdade de expressão irrestrita dos participantes ali presentes. De forma prática, são colocadas diversas barracas, trailers, e afins, de forma livre, sem regulações ou organização que venha a dar conta disso, ao redor de uma estátua de madeira em formato humanoide, estátua essa que no final será queimada. Entre esses meandros, entre trailers e afins e uma estátua, são criadas expressões e interações humanas livremente desprendidas de uma normatização. Não há roteiro algum; valoriza-se ali, acima de tudo, a liberdade irrestrita de se fazer o que quiser. O artigo, logo na imagem que o abre, mostra duas mulheres com pinturas corporais com os seios à mostra juntas a um homem vestido com uma fantasia de demônio, este também com a pele pintada de vermelho e óculos de mergulhador (ver Figura 3). Essa própria fotografia, essas figuras que são capturadas naquele fotograma, já são um primeiro tom, um primeiro exemplo ilustrativo, do ambiente disruptivo do tal evento. Mas tomando enfim o artigo, ele tem formato de um relato, onde são mostradas, dia a dia, com tópicos separados pelos

---

<sup>52</sup> What is more, they are truly digital, in the full and strong sense of computers and compact disks. The genetic code is not a binary code as in computers, nor an eight-level code as in some telephone systems, but a quaternary code, with four symbols. The machine code of the genes is uncannily computerlike [...] Genes are pure information - information that can be encoded, recoded and decoded, without any degradation or change of meaning. Pure information can be copied and, since it is digital information, the fidelity of the copying can be immense. DNA characters are copied with an accuracy that rivals any- thing modern engineers can do.”

dias que o jornalista e autor ficou naquele ambiente, as situações ali observadas, além de ser bastante ilustrado com imagens que mostram as “expressões” do cotidiano extremamente libertado do evento (Ver figura 4). Vejamos alguns pontos que considereei valioso a análises: No dia 30 de agosto, numa “primeira vista geral” do evento, o autor relata:

É tudo móvel; é tudo temporário. Gire a chave de ignição e derrape com o vento. Burning Man é um show de arte por tradição. A longo prazo, evoluiu para outra coisa; talvez algo como uma versão física da Internet. A arte aqui é como fan art. É muito descartável, muito apropriado, muito recortado e colado. O acampamento é como um encontro de troca gigante onde ninguém vende coisas, mas as pessoas trocam posturas, clip-art e atitude. As pessoas vêm aqui em grupos: pessoas de performance, percussão<sup>53</sup> (WIRED, 1996i, p. 198).

Tem-se aí uma descrição de algo efêmero; daquela arte, daquela expressão, naquele ambiente, como algo descartável – e isso não como algo negativo, o que está relacionado a discussões quanto ao mundo do trabalho contemporâneo, muito influenciado por plataformas que exigem tal característica de imediatismo e descartabilidade. Mas não é essa a discussão desse trabalho, embora ela tenha suma importância, não é esse o fim pretendido com a disposição da análise desse artigo no corpo dele. Observar a valorização do efêmero, do móvel, do temporário, reforça a imagem do ente da cibercultura californiana dos anos 1990, como um ser desprendido de regulações, para além de morais, até mesmo físicas, no caso, temporais, o que tem se visto em diversos momentos nessas edições analisadas, e é mais do que concebido pelas mesmas análises que isso seja mais uma expressão de um sujeito neoliberal. Mas vale destacar também outros pontos valiosos a definição do autor: ele cita que aquele evento ao qual ele videia seria a “versão física da internet”, o que demonstra claramente quão intrínseca e desejada é a interrelação dos entes da rede e esses valores, e obviamente o modo como viam a rede de computadores na época. Os indivíduos, o do ciberespaço e o do *Burning man*, que aqui são equiparados, são sujeitos que valorizam essas características, distanciando-se sempre que possível do fixo, mesmo que isso tenha o formato no momento de uma lei física. Já no dia seguinte, 31 de agosto, o autor relata:

Acordei, tomei café da manhã. Olhei pela janela do meu trailer e vi um cara sentado em um banheiro. Ele estava derrapando a cerca de 45 mph em um enorme rastro de poeira. Ele tinha seu banheiro montado em um trenó de madeira e estava sendo rebocado por uma picape. Suas calças estavam em volta dos tornozelos e ele estava lendo uma revista enquanto deslizava. Foi a leitura da revista que tornou este gesto

<sup>53</sup> “It’s all mobile; it’s all temporary. Twist the ignition key and drift with the wind. Burning Man is an art gig by tradition. Over the longer term it’s evolved into something else; maybe something like a physical version of the Internet. The art here is like fan art. It’s very throwaway, very appropriative, very cut-and-paste. The camp is like a giant swap meet where no one sells stuff, but people trade postures, clip art, and attitude. People come here in clumps: performance people, drumming”

verdadeiramente memorável. [...] Fogos de artifício e sinalizadores voadores lançando um brilho lúgubre de guerra de trincheiras acima do enorme acampamento. Maníacos batendo tambores com caras dançando nas garras de alucinógenos, caras nerds se divertindo com falta de jeito, como se nunca tivessem dançado em suas vidas<sup>54</sup> (WIRED, 1996i, p. 206).

Tem-se então acima apenas uma pequena parcela dos diversos retratos, de fato “retratos” no melhor sentido de retratar, do ambiente anárquico/desregulado/escatológico, que seria o relatado evento (para observar em forma de imagem mais “retratos” do evento, ver Figura 4, a qual se trata de um recorte de uma página de fotografias feitas e expostas para e no mesmo artigo na revista). Deslizar em um banheiro, provavelmente/talvez um banheiro químico, sendo içado por uma picape, e além, lendo uma revista, é de fato uma boa diversão capaz de tirar um riso de canto de quem a esse trabalho escreve, e realmente não expressa mal algum em si. Mas não deixa de ser, um belo retrato de uma cultura juvenil que pretendia passar uma ideia de desvinculação moral. Em simples e outras palavras; esses relatos mais práticos, do exemplo descrito acima, e das imagens da figura 4, dão uma visão do ambiente daquele evento de uma forma bastante ilustrativa; da sua forma juvenil, abobalhada, paspalha, que pretende se passar por desprendida e revolucionária. Vejamos ainda o fechamento do artigo:

São apenas grandes multidões felizes de pessoas artísticas inofensivas se expressando e quebrando alguns códigos de conduta sem sentido que só servem para ulcerar os jovens de qualquer maneira. Deveria haver festivais do Burning Man realizados no centro da cidade uma vez por ano em todas as grandes cidades da América. Seria bom para nós. Nós precisamos disso. Na verdade, até que possamos relaxar de vez em quando e aprender a fazer isso corretamente, provavelmente nunca ficaremos bem<sup>55</sup> (WIRED, 1996i, p. 274).

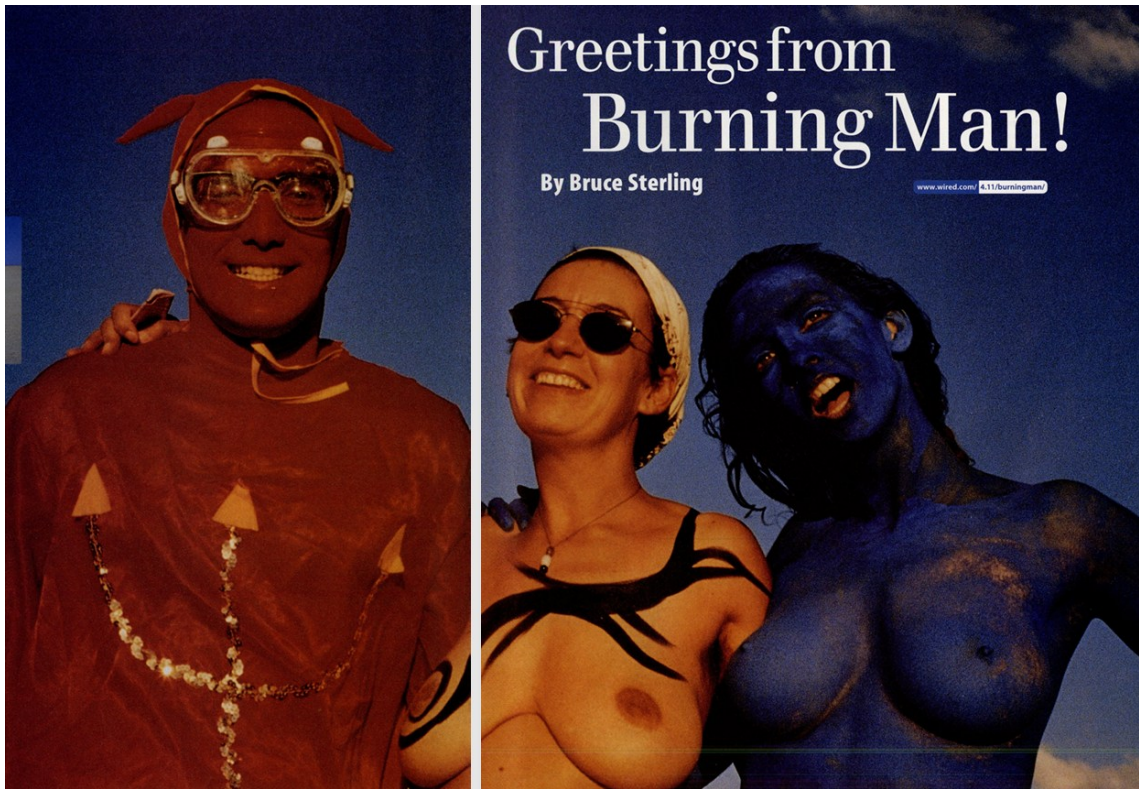
Segundo o trecho acima, que é o trecho final do artigo, o mundo nunca ficará bem, enquanto não for composto por festas como o *burning man*, até que em cada cidade da América (e aqui não se sabe se ele está falando dos Estados Unidos ou de todo o continente americano) exista uma festa com pessoas despidas queimando um boneco de madeira gigante. Isso seria símbolo de uma expressão necessária; a rebeldia deveria ser expressa em cada esquina de cidades americanas para que assim ficasse visível que a regra agora (à época) era quebrar os códigos de

<sup>54</sup> “Woke up, had breakfast. Looked out my RV window and saw a guy sitting on a toilet. He was skidding by at about 45 mph in a massive trail of dust. He had his toilet mounted on a wooden sled, and he was being towed by a pickup. His pants were around his ankles, and he was reading a magazine as he skidded along. It was the magazine reading that made this truly a memorable gesture. [...] Fireworks and flying flares casting a lurid trench-warfare glow above the massive camp. Drum-pounding maniacs with guys dancing in the grip of hallucinogens, nerdy guys capering with out-of-it clumsiness, as if they had never danced in their lives.”

<sup>55</sup> “It’s just big happy crowds of harmless arty people expressing themselves and breaking a few point- less shibboleths that only serve to ulcerate young people anywcesaaay. There ought to be Burning Man festivals held downtown once a year in every major city in America. It would be good for us. We need it. In fact, until we can just relax every once in a while and learn how to do this properly, we’re probably never gonna get well.”

conduta. Mais uma vez fica muito clara a relação daquela cibercultura, com um imaginário libertado e não com repressões e afins, que como já foi exposto diversas vezes nesse trabalho, é uma expressão da subjetivação neoliberal, seja por vias de um novo sujeito de consumo (FONTENELLE, 2017), seja por vias de um sujeito potente de gozo direcionado aos fins novos do capital (DARDOT; LAVAL, 2016).

Figura 3 - Imagem que abre o artigo sobre o *Burning man* na edição de novembro de 1996



Fonte: WIRED (1996i, p. 196-197).

Figura 4 - Montagem de fotografias do *Burning man* relatado na edição de novembro de 1996



Fonte: WIRED (1996i, p. 204-205).

## 2.4 Defesa de pautas ou lutas comumente atreladas ao progressismo

No presente subtópico, são expostas algumas análises que trouxeram à baila expressões de defesa a pautas que comumente são atreladas ao progressismo ou a uma parcela dele, que comumente se chama de “esquerda identitária”. Essas reflexões ajudam a posicionar melhor os vieses políticos daquele ambiente ao qual analiso nesse capítulo, o Vale do Silício dos anos 1990. Não que ele seja uma representação da esquerda, pelo contrário. Entenda-me melhor: fica clara nos poucos exemplos expostos abaixo, a presença de uma mentalidade progressista quanto a pautas de identidade, enquanto a pauta econômica continua intocada na defesa da liberdade econômica e da desvinculação a qualquer regulação monetária. Pode-se refletir então que, naquele ambiente, as pautas econômicas convivem muito bem com as pautas de liberdades individuais, luta por direitos individuais e afins, desde que estas constem de uma liberdade sempre individualizada – o que aproxima a presente reflexão de leituras não muito

comuns na academia brasileira, de que a direita não obrigatoriamente convive com a supressão da liberdade (o que não quer dizer que isso não aconteça, pelo contrário, como nos mostram diversos eventos históricos), mesmo as liberdades dadas como progressistas, e aproximações a comportamentos marciais, tipificados na visão estreita e rasa de uma direita sempre verde oliva. Riccardi (2023), em um polêmico mas audacioso texto reforça o argumento acima. Segundo ele:

De volta ao tema da alienação identitária – que não diz respeito à defesa das minorias, mesmo as majoritárias – esta interessa tanto ao neoliberalismo que a sua diversidade não passa de uma mesmice consumista – aliás, o neoliberalismo só almeja a diversidade de consumidores. Mais que isso, indústria da cultura e identitarismo são o ópio do povo estendido, pois estabelecem a alienação e a coisificação onde a religião não conseguiu se entranhar (RICCARDI, 2023, p. 153).

Passo então as análises. A partir da página 120, da edição de abril de 1996, encontro um artigo que se aprofunda diante de um personagem específico do contexto tecnológico cultural de São Francisco, no caso, Tom Jennings. A revista destaca logo, na estilosa e descolada primeira página do artigo, em tons monocromáticos em sépia do rosto do homenageado em um fundo com riscos em linhas destoantes côncavas e convexas, que ele seria definível pela pomposa denominação: “homo punk ativista”. O que o artigo intenta em linhas gerais é destacar que aquela figura, pôde (à época), e poderia, ser um grande player do Vale do silício, sem impedimento algum diante da sua sexualidade ou escolhas de gênero, sendo ele na verdade um exemplo que deveria ser lembrado quando se pensasse em um barateador de serviços de internet, um idealizador daquele modelo, mesmo sendo, antes de trabalhar na área a qual trabalha contemporaneamente (à época do artigo), um produtor de zines gays, “atípico” à indesejada sociedade conservadora. Quanto a essa última característica; ela não aparece inferida a ele no artigo como um “não vamos nos importar com esse “desvio” diante do seu tamanho e importância”, mas sim como “algo que engrandece ainda mais o seu ser”. Vejamos alguns trechos do artigo para ilustrar o que foi explanado:

diz algo sobre nosso momento sociocultural peculiar que Tom Jennings - o ativista homo punk de São Francisco possuidor de tatuagens no crânio e vários piercings em geral - está procurando um CEO [...] Os democratas podem tentar reivindicar uma criatura como Jennings como sua, o homem dificilmente é um liberal confiável, rejeitando a política assimilacionista convencional de qualquer tipo, gay ou heterossexual. Foi em uma convenção anarquista que ele conheceu seu funcionário de apoio ao cliente da International Workers of the World, Deke Nihilson. E desafiando a maioria das noções de recreação aceitável, ele também é um instrutor de armas de fogo certificado pela National Rifle Association [...] O mesmo instinto de como as coisas deveriam ser em um mundo sensatamente autogovernado de comunicações irrestritas surgiu na gestão de Jennings do TLG. Já tendo co-fundado o Homocore - um zine anarco-gay - em meados dos anos 80, tendo se envolvido em - uma diversão

séria de concerto de hardware correndo com seu Rambler 1963 convertido em propano<sup>56</sup> (WIRED, 1996c, 120-122).

Em um mundo “sensatamente autogovernado”, como define o autor do artigo, não se deveria preocupar-se com a sexualidade de ninguém, mas sim com a tomada dessa pauta por algum partido. Além da discussão já levantada no início do parágrafo, antes da citação, pode-se observar que esse discurso também se encaminha para a junção de uma pauta de identidade, a um desejo de desvinculamento do público, do burocrático, ou de qualquer coisa que lembre uma luta praticada por meios políticos tradicionais. Isso é também reforçado pela admiração que o artigo faz a posse de armas do homenageado, como se ali houvesse uma hecatombe de liberdades irrestritas que estaria sendo videada diante dos olhos de quem escreve o artigo, a fusão da homossexualidade com a posse de armas. Ora, essa ode a figura disruptiva, que não se encaixa em padrões partidários do contexto, uma figura que sobrepunha os padrões morais e heteronormativos, é vangloriada em altas letras pela revista, como tudo que se relacione a qualquer forma de resistência a uma sociedade “cinza”, normativa, regulada, parada. Mas o que pretendo destacar de fato aqui, é o interessante ambiente simbiótico em que vivem visões que estreitamente poder-se-ia classificar como incoerentes; junto da valorização à liberdade econômica, como já viu-se em algumas análises, há, não um conservadorismo, como costuma-se ver em algumas leituras, mas sim um patrocínio a liberdades pessoais sejam quais forem. Para além da clássica discussão de Boltanski e Chiapello (2020), que reflete quanto ideais originalmente de esquerda (maio de 68 com certeza é um marco) foram capturados pelo capitalismo nos anos 1990 na Europa fazendo dele algo mais relacionado a transgressão e ao “não doméstico”, do que a um antro conservador; os longos estudos sobre consumo e sua relação com o disruptivo e não com o regulado, de Fontenelle (2017), são importantes marcos para se entender melhor o artigo exposto aqui. Mas ele por ele mesmo já é capaz de mostrar o quanto o capitalismo, principalmente naquele ambiente, não estaria preso a ideações marciais, e o quanto é limitante e perigoso se pensar assim ao analisá-lo.

---

<sup>56</sup> “it says something about our peculiar sociocultural moment that Tom Jennings — the out-there San Francisco homo punk activist possessed of tattoos on his skull and multiple piercings overall — is looking for a CEO [...] Democrats might try to claim a creature such as Jennings as their own, the man is hardly a dependable liberal, rejecting mainstream assimilationist politics of any kind, gay or straight. It was at an anarchists convention that he met his card-carrying International Workers of the World customer- support employee, Deke Nihilson. And defying most pinko earth-muffin notions of acceptable recreation, he’s also a National Rifle Association-certified firearms instructor [...] The same instinct for how things ought to be in a sensibly self-governing world of unrestricted communications has come through in Jennings’s management of TLG. Having already co-founded Homocore — an anarcho-gay zine - in the mid-’80s, having engaged in - some serious hardware-tinkerer fun racing his converted-to-propane 1963 Rambler”

Situação parecida – defesa a pautas de identidade normalmente atreladas a esquerda nessa revista declaradamente libertária economicamente – aparece a partir da página 45 da edição de agosto de 1996. No bloco “the netizen”, que já apareceu em exposições anteriores, dessa edição, encontra-se um artigo sobre os caminhos e descaminhos políticos do congresso estadunidense quanto a causa da imigração. O artigo discute um conjunto de argumentos e discussões quanto as vantagens e as desvantagens relacionadas a possível ajuda ao desenvolvimento tecnológico interno, que poderiam ser gerados por políticas pró-imigração. Sim, o leitor não entendeu errado; o artigo discute as vantagens de políticas pró-imigração. Uma revista californiana, de forte influência no Vale do Silício, de histórico liberal, defendendo, ou ao menos discutindo, se abrindo para a aceitação de discussões que mostrariam vantagens da imigração, é uma imagem no mínimo intrigante, diante de preconceções que comumente se tem desse pensamento econômico/político. Mas vejamos enfim os pontos que reforçam essas afirmações, os pontos onde alguns entes posicionam o Vale do Silício em uma posição fortemente pró-imigração, o que mais uma vez, como em outras vezes nessas análises, o põe alinhado com pautas que hoje reconhece-se como progressistas.

O que os CEOs e especialistas em assuntos governamentais do Vale do Silício reconhecem é que, goste ou não, seu envolvimento na alta política tende a aumentar - mesmo que apenas como uma medida defensiva. "Não é uma questão de 'amadurecimento' de nossa indústria; é uma questão de o governo fazer mais coisas que são profundamente prejudiciais, forçando-nos a agir", diz T. J. Rodgers. William Archey, da American Electronics Association, concorda: "A passividade tradicional está mudando, de Mantenha esses bastardos longe de nossas costas para Se não nos envolvermos, esses bastardos vão nos ferrar"<sup>57</sup> (WIRED, 1996f, p. 181).

Fica demonstrado que não há um distanciamento de pautas econômicas, e principalmente, não há impedimento intrínseco ou natural do enriquecimento dessas empresas de tecnologia, quando elas são coadunadas com questões sociais, comumente quistas aos progressistas, ou ao que se chama na política internacional como “esquerda” hoje, como é o caso da luta contra políticas conservadoras anti-imigração, o que convenhamos, é acima de tudo uma luta humanitária. A imigração é vista no artigo até como positiva, pois ela traria o capital humano de outros países para produzir riqueza nessas empresas privadas estadunidenses. O Vale do Silício lutaria então contra desmandos do legislativo conservador à época, em provimento de

---

<sup>57</sup> “What Silicon Valley’s CEOs and government-affairs mavens do acknowledge is that like it or not, their involvement in high politics is bound to increase - if only as a defensive measure. “It’s not a matter of the ‘maturing’ of our industry; it’s a matter of the government doing more things that are profoundly harmful, forcing us into action,” T. J. Rodgers says. The American Electronics Association’s William Archey agrees, “The traditional passivity is changing, from Keep those bastards off our backs to If we don’t get involved, those bastards will screw us.””

uma política livre para a circulação do capital humano. Novamente vê-se aqui que essas pautas podem muito bem ser capitalizadas por uma mentalidade disruptiva, que embora em casca proponha e talvez até entregue benesses, tem fim comercial e capitalista.

Mais uma vez nota-se que a mentalidade do Vale do Silício nos anos 1990 era, ao mesmo tempo que liberal, ou neoliberal, libertária; e libertária não só no sentido puramente egoísta, mas também cheia de roupagens “progressistas”, o que reforça também a tese e busca desse capítulo: demonstrar o sujeito neoliberal, este que, de marcial e conservador não tem nada, naquele ambiente.

## **2.5 Desapreço a legislação, noções de governo e política e apoio a transgressões dessas**

No presente tópico são apresentadas, trabalhadas, algumas das análises das edições analisadas que deram conta de artigos, que expuseram artigos, que apresentassem uma crítica que fosse direcionada a qualquer noção de legislação/lei/regulação/burocratismo, estado/governo/nação e política e sistemas político/eleitorais. Críticas a tudo que lembrasse esses sistemas eram de praxe nas edições das revistas analisadas, o que resultou uma vasta seleção de análises que foram classificadas nesses temas. Não foi nenhuma surpresa que essas críticas tenham aparecido, dada a aversão geral a qualquer modo de regulação, seja ela da seara política, governamental, burocrática, ou da seara moral, típica da revista e que tem-se visto nas exposições dos tópicos do presente capítulo. Enfim, estão expostas aqui nesse subcapítulo, as aversões a essas diversas noções consideradas burocráticas pelas cabeças da revista, que conseqüentemente passam uma imagem do imaginário do Vale do Silício nos anos 1990, o que inevitavelmente aparecia nesses artigos na forma de uma aversão, quando não num desejo de transgressão/revolução desses modos “antiquados”.

Antes de iniciar a exposição dos artigos analisados, vale ressaltar que é reconhecido de quem os escreve, que existe vasto corpo bibliográfico, acadêmico, quanto a não relação sinonímica entre conceitos de estado e governo, e por que não nação. Esses conceitos são classificados e expostos aqui como próximos e não como iguais, mas inevitavelmente juntos, ao passo que eles são assim postos nas revistas, sempre numa classificação de fato rasa e vazia, de tudo que seja relacionado a um suposto “poder superior maldoso”, algo classificável genericamente como “burocracia”.

Na edição de abril de 1994, em meio a diversos símbolos de um braço com punhos cerrados, clássico de lutas sociais naturalmente atreladas a esquerda (lembrar tópico anterior), nas páginas 40 a 49, vê-se um texto/protesto a mudanças em leis estadunidenses no que consta

a direitos básicos de privacidade. Essas mudanças estariam se dando, entre outros motivos, em decorrência da preocupação descabida, segundo eles, por parte do governo, na figura do FBI, com o terrorismo. Para o autor, e obviamente é a linha editorial da revista, a aplicação de segurança no ciberespaço seria paranoica e fantasmagórica. Vejamos:

Eu me senti como se estivesse em outro remake de A Invasão dos Ladrões de Corpos. Meus amigos na administração haviam sido transformados. Eles haviam sido subsumidos pelo vasto campo mental do outro lado da membrana de credenciamento de segurança, onde habitam os monstruosos organismos burocráticos que se alimentam do medo. Eles haviam sido infectados pela Weltanschauung institucionalmente paranoica da Agência de Segurança Nacional [...] No espírito de abertura e compromisso, eles convidaram a Electronic Frontier Foundation a apresentar outras soluções para o "problema" do terrorista com armas nucleares além da custódia de chaves em dispositivos, mas não admitiram em discussão o argumento de que tal ameaça poderia, na verdade, ser algum tipo de fantasma criado pelos espões para garantir seus orçamentos pródigos na era pós-Guerra Fria<sup>58</sup> (WIRED, 1994b, p. 44-46).

É também impressionantemente posto um possível ataque ao World Trade Center, como uma paranoia possível aos paranoicos por segurança que estariam no governo, o que fatidicamente veio a acontecer cerca de 7 anos após a publicação dessa edição! Vejamos:

Eles acreditam que é sua responsabilidade eliminar, por qualquer meio, a possibilidade de que algum terrorista possa obter uma bomba nuclear e usá-la, digamos, no World Trade Center. Eles estão convencidos de que tais conspirações têm maior probabilidade de amadurecer para uma fruição hedionda por trás de um escudo de criptografia<sup>59</sup> (WIRED, 1994b, p. 46).

O que intento demonstrar com a exposição desses impressionantes trechos desse artigo – impressionante dado a assustadora coincidência de prever o que veio a acontecer no fatídico dia 11 de setembro de 2001 – não é a simples constatação de que aquele ambiente do Vale do Silício dos anos 1990 teria uma intenção de uma liberdade irrestrita, que seria garantida por meio da revolucionária internet desregulada, o que é um pensamento de fato presente, mas que já foi visto diversas vezes em artigos expostos, em análises trabalhadas, no presente texto dessa pesquisa. A intenção aqui é relatar que existia um forte clima de defesa a um ambiente anti-regulação, não o genérico, o direcionado a economia, ou o direcionado a moral, como já viu-se

---

<sup>58</sup> “I felt like I was in another remake of Invasion of the Body Snatchers. My friends in the administration had been transformed. They’d been subsumed by the vast mindfield on the other side of the security clearance membrane, where dwell the monstrous bureaucratic organisms that feed on fear. They’d been infected by the institutionally paranoid National Security Agency’s Weltanschauung [...] In the spirit of openness and compromise, they invited the Electronic Frontier Foundation to submit other solutions to the “problem” of the nuclear-enabled terrorist than key escrow in devices, but they would not admit into discussion the argument that such a threat might, in fact, be some kind of phantasm created by the spooks to ensure their lavish budgets into the post-Cold War era”.

<sup>59</sup> “They believe that it is their responsibility to eliminate, by whatever means, the possibility that some terrorist might get a nuke and use it on, say, the World Trade Center. They have been convinced that such plots are more likely to ripen to hideous fruition behind a shield of encryption”.

em tópicos acima, mas sim a noções anti-legislação, anti-governo, ao ponto de serem anti-segurança, como se lê no artigo acima, ao passo, e porque, essas defesas a segurança, repassariam uma ideia de que estariam atreladas a essas instâncias inaceitáveis, enquanto elas seriam uma veia de “estado”, “lei”, etc... Mais uma vez cabe a reflexão já feita anteriormente nesse trabalho, que embora o Estado esteja presente e não ausente no neoliberalismo (DARDOT; LAVAL, 2016), existem factualmente nessas edições analisadas, em diversos momentos, fortes defesas de uma aversão radical a ele, que pode-se notar nesse artigo. Ou seja, há uma propaganda, há uma negatividade, a tudo que seja relacionado de alguma forma com “estado”, “governo”, “bem público” e afins.

Já em um anúncio de duas páginas inteiras, 78 e 79, na edição de outubro do mesmo ano, contratado por um conjunto de empresas de telecomunicação subsidiárias da Bell, anteriormente ligadas a também gigante AT&T, observam-se chips coloridos sobrepostos, e a seguinte frase em letras enormes: “Não deixe que a política de telecomunicações o deixe no escuro”<sup>60</sup> (WIRED, 1994e, p. 78-79) (ver figura 5). A frase é uma forte tentativa de intervenção no pensamento público, e intenta influenciar ele quanto as regulações que estavam pretensas a serem instituídas nos Estados Unidos a época, com o forte agravante de ser produzida por um consorcio de empresas privadas de imenso poder monetário. A “política de telecomunicações”, seria qualquer legislação direcionada a área. Seriam essas políticas, então, um malefício que iria levar toda a evolução iminente traga pelas novas tecnologias, para a lata do lixo, os levando então, para a ruína. Além de demonstração clara que as grandes empresas de comunicação sempre tiveram a audácia de movimentar o debate público e enfrentar governos – o que se torna imensamente mais forte no contexto atual devido ao poder das *Big techs*, com suas redes sociais e enésimos bancos de dados, ilustrado pelas desrespeitosas demonstrações de desprezo pela soberania brasileira praticadas por Elon Musk, dono do *Twitter*, hoje *X*, quando ele não respeita o judiciário desse país negando a obediência a ações a sua rede social direcionadas –, esse anúncio, manifesto, flagra mais uma vez um pensamento crítico à legislação direcionada a tecnologia, numa espécie de aversão a tudo que freie a livre iniciativa desse ambiente colorido, que o levaria ao “dark”, a escuridão, o que é possível observar ilustradamente na figura (ver figura 5), onde os símbolos governamentais que junto deles têm a escuridão, vão sendo tomados da esquerda para a direita por um chip de computador colorido, em uma clara referência a um desejo de tomada de posição dos representantes dos últimos.

---

<sup>60</sup> “Don’t let telecom politics leave you in the dark”.

Figura 5 – Anúncio/manifesto de um consórcio de empresas de telecomunicações na edição de outubro de 1994



Fonte: WIRED (1994e, p. 78-79).

Já entre as páginas 82 e 89, da edição de julho de 1996, encontra-se um artigo resultado de algumas investigações quanto a pirataria, a vasta produção e possibilidade de acesso a pirataria, na China e outros países da região do sudeste asiático. Há no artigo um claro tom de exotismo, algo como: “olha o que eles conseguem fazer”, partindo de uma noção pré-concebida de incapacidade de tudo que não é estadunidense. Mas o artigo em geral trata-se de um conjunto de entrevistas, um aprofundamento diante do tema, feito com pessoas da própria pirataria de softwares daquela região. São discutidos diversos pormenores, mas principalmente a discussão é sobre o funcionamento desse processo e de como aquela região veio a se tornar especialista nesse tipo de falsificação, como também as opiniões dos entrevistados quanto a tudo isso. O que trago à baila desse artigo, o que me chamou mais atenção, foram justamente algumas falas, inseridas nesse contexto, que demonstravam um certo tom anti-regulação, antigoverno, por parte dos entrevistados chineses, o que é prontamente endeusado pela revista. Vejamos um trecho que exemplifica isso:

O governo tem violado as mesmas leis que nós. Se eles não dão a mínima, por que deveríamos ter medo? Além disso, se eles me pegassem, eu me faria de bobo. Eu diria apenas que estava roubando os demônios estrangeiros para ajudar o Partido Comunista a economizar algum dinheiro em tecnologia avançada do exterior! [...] Mas quanto mais treinamento tínhamos, pior ficávamos. Nossa, o governo está cheio de idiotas. Eles estão sempre falando sobre tentar reformar a maneira como as pessoas pensam. Bem, isso é muito estúpido, se você me perguntar. A maneira como você pensa já está programada em sua cabeça, como uma grande bagunça de documentos. Você pode estar trabalhando com um aplicativo fodido, mas ele tem sua própria lógica

interna. É impraticável tentar alterá-lo de acordo com algum plano mestre, documento por documento. É mais trabalhoso do que começar tudo de novo<sup>61</sup> (WIRED, 1996e, p. 87-89).

Pode-se com a leitura acima se observar que há uma exposição da interessante forma como aquelas figuras importantes na cibercultura chinesa da época, coadunavam com o pensamento ciberlibertário da cibercultura do Vale do Silício contemporâneo (à época). Parece bastante que foi uma intenção da revista, demonstrar um tom de universal, no sentido de inegável, “natural”, quanto ao caráter anti-regulação da rede. É como se houvesse um interesse por parte da revista – embora a finalidade do texto claramente não ter sido essa, e sim uma certa exposição geral da cena, embebida num certo exotismo que chega até a ser xenofóbico – em expor que esse pensamento libertário atrelado ao pessoal da tecnologia é algo universal, presente até nas mais “contraditórias”, como é considerada pelo artigo a pirataria asiática de softwares, culturas cibernéticas.

Cabe novamente na análise exposta acima, trazer a mesma reflexão junto da bibliografia do primeiro artigo analisado nesse tópico, de que esse libertarianismo anti-regulação, anti-Estado, deve ser bem-visto, ao passo que ele é potente e flagrantemente presente nessas edições da revista aqui analisadas, mesmo que a forte referência ao presente estudo, Dardot e Laval (2016), concordem mais com um Estado presente e ativo justamente aos fins do capital, dos monopólios. Esse libertarianismo seria então uma forte ideologia, uma forte propaganda, mas não chegando de fato aos pontos de decisão, ao encontro de um afastamento factual do estado. Essa reflexão ficará deveras ilustrada no artigo último das exposições do presente tópico.

Antes do ansiosamente prometido acima, último artigo exposto no tópico, vale expor a literalmente ilustrativa página 80 da edição de abril de 1996. Novamente, ali se tem, uma análise do bloco “cyber rights now”. Dessa vez a revista faz uma “galeria de bandidos”<sup>62</sup>. Sim, é dado exatamente esse título, a uma disposição de imagens e textos resultados de pequenas entrevistas feitas com os legisladores que tinham votado recentemente (à época), uma lei com regulações à internet, o Communications Decency Act (CDA) (WIRED, 1996c, p. 80).

---

<sup>61</sup> “The government has been breaking the same laws we have. If they don’t give a damn, why should we be scared? Besides, if they nabbed me I’d play dumb. I’d just say that I was ripping off the foreign devils to help the Communist Party save some money on advanced technology from abroad! [...] But the more training we got, the worse we became. Geez, the government is full of idiots. They’re always talking about trying to reform the way people think. Well, that’s pretty dumb, if you ask me. The way you think is already programmed in your head, like a big mess of documents. You might be working with a fucked up application, but it’s got its own internal logic. It’s impractical to try and change it according to some master plan, document by document. It’s more labor intensive than starting all over again.”

<sup>62</sup> “The rogues gallery”.

O CDA foi uma legislação estadunidense que buscava regular a internet, principalmente no que consta a conteúdos considerados impróprios e perigosos a segurança nacional, tendo sido ela largamente criticada pela WIRED em diversos artigos analisados nessa pesquisa, tocando sempre no ponto em que ela seria uma censura a internet, que deveria ser desregulada. A página tem um estilo de exposição pública de entes indesejados à revista e à comunidade leitora da revista, algo como que uma exposição em praça pública, num melhor estilo de enforcamento em praça pública da inquisição (ver figura 6). Esse tom, como visto na figura, é reforçado, fica muito claro, numa espécie de subtítulo acima do título que o versa sem rodeios: “Conheça os legisladores que ajudaram a fazer da censura governamental uma realidade na internet”<sup>63</sup> (WIRED, 1996c, p. 80). Interessante notar também que o judiciário é ali tratado como algo político – vale lembrar o judiciário brasileiro contemporâneo que tem sido lido muitas vezes assim pela mídia e senso comum, vide a constante acusação de relações do ministro Alexandre de Moraes com a esquerda feita pelo conservadorismo e muitas vezes engolida pela própria base de esquerda que não raras vezes o lê como herói – o que o classifica a entrar no asco geral demonstrado pela revista a tudo que lembre política, ao passo que esta seria relacionada prontamente a regulação/burocracia.

---

<sup>63</sup> “Meet the legislators who helped make government censorship a reality on the internet”.

Figura 6 - Página 80 da edição de abril de 1996

Edited by Todd Lappin

www.wired.com/CRN

Meet the legislators who helped make government censorship a reality on the internet.

## The Rogues Gallery

**CYBER RIGHTS NOW**

The history of the Communications Decency Act – legislation that became law as part of the sweeping telecommunications reform bill – is a twisted tale. Championed by Senator James Exon with ample support from the Christian Coalition, the Communications Decency Act

**Senator James Exon (D-Nebraska)**  
Sponsor of the Communications Decency Act.

"There is enough of the self-serving philosophy of the 'hands-off elite.' They seem to rationalize that the framers of the Constitution planned and plotted at great length to make certain that above all else, the profiteering pornographer, the pervert, and the pedophile must be free to practice their pursuits in the presence of children on a taxpayer created and subsidized computer network. This is nonsense."

**Representative Patricia Schroeder (D-Colorado)**  
Voted to adopt Senator Exon's "indecent" language provision during a December 6, 1995, meeting of the House Conference Committee on Telecommunications Reform.

"I voted for the 'no indecency for kids' provision because, in my view, all doubts about the competing provisions had to be resolved in favor of children. I'd be the first to say that the options before us weren't perfect, and the process was abysmal. The House had no hearings on this issue, no committee deliberation, and no floor debate. A better process would have given us better options. My requests for a more open process were ignored – not too surprising from a Republican majority, which rushed through too much legislation by a similarly slipshod process."

**Senator Dianne Feinstein (D-California)**  
Voted for the Communications Decency Act during a Senate vote on June 14, 1995.

Feinstein's office flat out refused to return repeated calls. Later, when I met face-to-face with her staff, they continued to stonewall. Finally, with deadline pressure looming and after a *Wired* editor strong-armed her press aide, the senator issued this statement:

"While I strongly believe in our First Amendment right of free speech, I also believe that we need to reconcile First Amendment freedoms with other fundamental rights and concerns – in this case our need as adults to be able to protect children from obscene and indecent material. I recognize that there currently are software filtering programs that have the potential to screen out certain pornographic 'discussion groups' to prevent our children from being able to access them. I hope that even better software can be developed to address this problem more successfully in the future."

**Senator Barbara Boxer (D-California)**  
Voted for the Communications Decency Act during a Senate vote on June 14, 1995.

Boxer's staff couldn't get her to cough up a statement explaining her support for the Communications Decency Act. Boxer voted against the flag-burning amendment, but when it came to discussing Internet censorship, her press secretary explained, "I've never really heard her talk about her position on that. The only thing I've ever really heard her say is that she wanted to send a signal to technology companies to encourage them to come up with better solutions for protecting kids from indecent material."

**Representative John Conyers (D-Michigan)**  
Voted to adopt Senator Exon's "indecent" language provision during a December 6, 1995, meeting of the House Conference Committee on Telecommunications Reform.

Previously an ardent supporter of the First Amendment, Conyers's position on Internet censorship made us wonder why he voted to adopt the "indecent" language. Rodney Walker, Conyers's press secretary, evaded me for a week when I tried to reach the representative by phone. "This is a very hard question for us, which is why I haven't been able to answer it," Walker confessed. "Let me get the congressman's guidance on this." He never called back.

Later, I caught Walker as he was ducking into an elevator: "Have a seat in a minute, I'll get back to you in a minute," he pleaded. After spending 45 minutes cooling my heels in Conyers's waiting area, a call came in. It was Walker, calling from a committee meeting room, with a statement from his boss. Conyers had decided to punt: "When I voted for the indecency language, I was looking for a vehicle to balance freedom of speech with the state's compelling interest in protecting children from indecent and obscene material."

**By Brock N. Meeks**

criminalizes constitutionally protected speech on the Net. Americans who prove unwilling to abandon their First Amendment rights may be subject to US\$250,000 fines and two-year prison terms.

The United States Supreme Court says that the state has a "compelling interest" in protecting minors from inappropriate or potentially harmful media content. The Court also says that the government must always use the "least restrictive means" short of broad, content-based regulation to achieve this compelling interest. The new legislation clearly fails this critical First Amendment test.

*Wired* asked several proponents of the act to clarify their decision to forsake the First Amendment and Supreme Court precedents protecting our civil liberties. Here are the tortured explanations and flat-out evasions offered by legislators – some of whom previously distinguished themselves as advocates of free speech.

**PHOTO: FEINSTEIN: N. OZTOP; SCHROEDER: J. MARSH/ISTOCK; CONYERS: J. DRUCKER/WIDE WORLD; BOXER: L. DORNING/ISTOCK**

WIRED APRIL 1996

Fonte: WIRED (1996c, p. 80)

Por fim, na página 80 da edição de agosto de 1996, novamente no bloco "cyber rights now" da edição, há um artigo sobre as decisões do governo quanto a regulação de materiais de hardware, no caso em específico, equipamentos para melhoramento de sistemas de criptografia. O artigo acaba chegando em uma consideração crítica de que a regulação afetaria a indústria nacional e consequentemente apoiaria a indústria da área de outros países, principalmente o Japão, concorrente direto dos estados unidos, quando tratando-se desses tipos de equipamentos naquela época. Vejamos um trecho:

Os fabricantes de chips japoneses estão totalmente tontos com o apego do governo às restrições de exportação de insumos de criptografia e, na esteira do Clipper III, estão se preparando com fortes produtos de criptografia para preencher um mercado internacional em expansão no qual as empresas americanas não têm permissão para entrar. Em 3 de junho, a subsidiária japonesa da RSA Data Security, Nihon-RSA, anunciou que havia firmado um acordo com a Nippon Telephone and Telegraph - a AT&T do Japão - para começar a vender conjuntos de chips criptográficos de chave pública de 1.024 bits. Nós realmente cedemos esse mercado para empresas japonesas", diz Jim Bidzos, da RSA. É quase tarde demais para dar a volta por cima." As propostas de criptografia do governo Clinton sacrificam os empregos americanos e os direitos de privacidade dos americanos no altar da "segurança nacional". Mas agora o véu do mistério foi removido e a claudicação de sua política de criptografia foi exposta para todos verem. Dê uma olhada, pessoal. O imperador está nu<sup>64</sup> (WIRED, 1996f, p. 80).

Tem-se aqui uma crítica ao Estado, mais especificamente a regulação, ao mesmo tempo que um pedido meio que velado para que esse mesmo Estado agilize o mercado interno, ou ao menos não o atrapalhe, ou seja, regule-o de alguma forma. Esse artigo se torna irônico, mas não tanto quanto é didático, ao passo que exemplifica de forma precisa o que venho discutindo algumas exposições acima. A intervenção do estado para fins do capital, ou até mesmo para fins anti-estado, ou “anti sua presença em papéis econômicos”, é um sinal de neoliberalismo nos melhores moldes retirados dos estudos de Dardot e Laval (2016), que argumentam em linhas bastante gerais, que o neoliberalismo não seria um sistema anti-estado, mas sim um sistema pró-estado quando este sendo pró interesses econômicos. Como venho reforçando, e é mais que claro nessas análises nessa pesquisa expostas, um sujeito neoliberal anti-regulação, anti-estado, é mais do que presente no contexto do Vale do Silício nos anos 1990, mas como forte propaganda, como ideologia daquele sujeito rebelde e desamarrado ideal, como viu-se muito radicalmente e muitas vezes no capítulo sobre a valorização a um sujeito amoral. Quando em situações práticas, como os apuros da indústria estadunidense de chips para criptografia, como pode se ver acima, o apelo ao Estado logo vem, ou ao menos ele é visto, aí sim, como um player importante, que deveria ter agido de um modo ao qual em algum momento ele não agiu. No mundo descolado e desprendido de qualquer noção de governo, idealizado por aquele grupo, os chips americanos nunca estariam de fato seguros das intempéries de outros mercados

---

<sup>64</sup> “Japanese chip manufacturers are downright giddy over the administration’s Krazy Glue-like attachment to crypto export restrictions, and on the heels of Clipper III, they’re gearing up with strong encryption products to fill an expanding international market that American firms aren’t allowed to enter. On June 3, RSA Data Security’s Japanese subsidiary, Nihon-RSA, announced that it had entered into an agreement with Nippon Telephone and Telegraph - Japan’s AT&T - to begin selling superstrong, 1,024-bit public key crypto chip sets. “We truly have ceded this market to Japanese companies,” says Jim Bidzos of RSA. “It’s almost too late to turn it around.” The Clinton administration’s encryption proposals sacrifice both American jobs and Americans’ privacy rights on the altar of “national security.” But now the veil of mystery has been stripped away, and the lameness of its cryptography policy has been laid bare for all to see. Take a look, everyone. The emperor has no clothes.”

internacionais, como faz violentamente a indústria tecnológica chinesa hoje – uma ironia inclusive com o artigo exposto mais acima, artigo de uma revista norte-americana, que exotizava esta mesma indústria quando nascente nos anos 1990.

## **2.6 Flagrantes da profilagem, ou embriões do que veio a se tornar ela no futuro**

Nesse último tópico, desse capítulo intencionado a apresentar os traços de uma subjetivação neoliberal no contexto do Vale do Silício dos anos 1990, berço das *Big techs*, tem-se a exposição de artigos analisados que não diretamente mostravam essa subjetivação como vêm aparecendo nos tópicos anteriores, mas sim a presença, já naquela época naquela revista, de traços ou embriões do que veio a se tornar depois a profilagem como se conhece hoje. O conceito profilagem já foi explicado teoricamente na introdução, e é explorado como mais um traço de subjetivação neoliberal nos capítulos 2 e 3, dedicados a exposição dos resultados dos dois momentos metodológicos dessa pesquisa direcionadas a esse fim – na intenção de observar essa subjetivação, para além de na origem, como vê-se no presente capítulo, na prática das *Big techs*. Enfim, retomando a apresentação/explicação do presente tópico, foram por diversas vezes, nas análises das edições das revistas, encontrados artigos que, por exemplo, davam pistas a conceitos conhecidos na sistematização da internet atual profilada, como também, já mais para as últimas edições analisadas, falavam de uma forma muito límpida e direta sobre sistemas de propaganda que direcionariam anúncios a perfis específicos, o que já seria, sem necessidade de adendo algum, um resumo muito contundente do que intenta também a profilagem. Considerei então necessário, mesmo que não fosse intenção desse capítulo da pesquisa, consolidar nesse texto final dela, nessa dissertação, as análises a esses artigos, como também expô-las no presente tópico a elas dedicadas. Esses traços, pistas, embriões e até flagrantes, são uma demonstração de que desde pelo menos o final dos anos 1990, existia já um pensamento, ainda que não bem estruturado em monopólios – que inclusive como se vê mais abaixo, são criticados pela revista –, de acumular dados pessoais dos usuários, considerá-los uma grande riqueza, e consolidá-los em um sistema de propaganda direcionada.

Em todas as edições há um pequeno bloco, entre as primeiras dezenas de páginas, chamado “*Jargon watch*”, em tradução direta, “observação de jargões”, que se dedica em traduzir os dizeres do momento na comunidade da cibercultura californiana, algo como gírias e nomes conotativos para termos técnicos recentes, que podem ser alvo de mal entendimento por terceiros ou até mesmo pelos próprios integrantes daquele ambiente. Na edição de maio de 1994, na página 26, o “*Jargon watch*” explica, entre outros, o dizer “*Datamining*”, ou seja,

mineração de dados, que é basicamente um dos pilares da profilagem feita pelas *Big techs* por meio das redes sociais hoje. Mas antes de fazer já diretamente essa relação vemos a explicação literal da revista: “datamining” seria “O que as empresas que têm grandes computadores fazem com seus bancos de dados. Extrair valor (dinheiro) do alicerce aparentemente inútil de números, estatísticas e informações<sup>65</sup>” (WIRED, 1994c, p. 26). Tem-se, aqui, embora ainda não algo muito claro e direcionado ao que depois veio a se tornar a profilagem, um sinal da consideração – o fato da palavra estar em voga – de um dos pilares daquele sistema, a captura e armazenamento de dados – não fica claro se já dados individualizados. Para trabalhar os dados e produzir perfis direcionados a uso retroalimentar e de propaganda, o sistema da profilagem dispor desses dados, é basilar (BEIGUELMAN, 2021; BRUNO, 2013; MISKOLCI, 2021; RAULINO, 2022; VÉLIZ, 2021; CESARINO, 2022). Obvio, não se tem nesse artigo a constatação da profilagem, mas sim a demonstração de que um traço, um pilar basilar, já estava circulando naquele ambiente naquela época, ou seja, desde os anos 1990. Em outras palavras, para além de toda a discussão, importa que há aí, no bloco, a presença dessa mentalidade, flagrando que esse jargão, e o significado atrelado a ele, estava circulando por aquela comunidade cibernética californiana nos anos 1990; que isso foi reciprocamente compartilhado, e influenciou futuramente (à época), os cabeças das *Big techs* que no futuro vieram a desenvolver a profilagem, o uso comercial do IP (CHUN, 2016, p. 57-58), enfim, o funcionamento contemporâneo da internet com as redes sociais.

Já na página 48 da edição de setembro de 1996, ao lado de uma no mínimo curiosa ilustração: uma pilha de barras de ouro marcadas com o rosto de Karl Marx (ver figura 7), observa-se um curto texto sobre uma empresa que paga por interações com anúncios. Vejamos um trecho:

Marx advertiu que o capitalismo eventualmente trataria todos os seres humanos como mercadorias e reduziria todas as relações a nada além de transações. Mas mesmo ele não poderia ter evocado o CyberGold. A nova empresa de marketing na Internet (com sede em Berkeley, Califórnia, nada menos) planeja atuar como intermediária para empresas que desejam pagar aos telespectadores para ler anúncios na Web<sup>66</sup> (WIRED, 1996g, p. 48).

---

<sup>65</sup> “What companies that have huge computers do with their databases. Extracting value (money) from the seemingly useless bedrock of numbers, statistics, and information.”

<sup>66</sup> “Marx warned that capitalism eventually would treat all human beings as commodities and reduce all relationships to nothing but transactions. But even he couldn't have conjured up CyberGold. The new Internet marketing company (based in Berkeley, California, no less) plans to act as the go-between for businesses that want to pay viewers to read advertisements on the Web.”

No artigo, praticamente, tem-se uma observação de que nem as mais críticas análises econômicas (no caso o marxianismo) teriam previsto os diversos vieses de captura de dados para uso no marketing, como também a exposição desses como novidades curiosas. Duas coisas são interessantes aqui. Primeiramente, observar Karl Marx na aura “pop”, rebelde, disruptiva, da revista. É revelador de que existia uma forte apropriação de símbolos de lutas sociais por parte daquela cibercultura (lembrar tópico 2.4), o que vê-se no artigo na forma de uma ilustração. Mas o que considero mais importante é observar o destaque por parte da revista a uma empresa de mediação/produção, de dados resultantes de visualização de anúncios, direcionados provavelmente para tracking (nome dado para experiências de aferência de adesão a algo por meio de pesquisas comumente quantitativas). Seria uma empresa de “tracking” desses anúncios, que tinha o fim de entender ou produzir determinados perfis, já um embrião, um traço, de pontos futuramente necessários a profilagem? Apenas pode-se supor com os dados esparsos do curto texto. No texto em si não há nenhuma reflexão, apenas uma exposição, mas ela por si só já mostra, ao menos, a presença dessas empresas na época, desse pensamento na época; de anúncios relacionados a visualizações personalizadas. O que é, de todo modo, um pilar do sistema de profilagem já presente, não só no imaginário, mas de fato numa empresa em funcionamento, nos estados unidos dos anos 1990.

Figura 7 - recorte da página 48 da edição de setembro de 1996



Fonte: WIRED (1996g, p. 48).

A relação mais direta, e não apenas embrionária com a profilagem como tem-se visto nas exposições acima, passa a ficar gradualmente mais clara nas duas próximas. Retrocedendo para 1995, logo no artigo a partir da página 110 da edição de outubro daquele ano, há um texto que inicia-se com os dois pés na porta. Vejamos: “A Internet, talvez a maior instanciação de auto-organização que o planeta já viu, evolui de forma descentralizada e

turbulenta por meio da Força-Tarefa de Engenharia da Internet, a IETF”<sup>67</sup> (WIRED, 1995f, p. 110). Se pode notar que a internet é vista e quista aí, como algo relacionado a auto-organização e a descentralização, características de um pensamento disruptivo observado nessas análises como típico do Vale do Silício dos anos 1990. Isso então, seria garantido naquela época, por um conjunto de verdadeiros, para eles, heróis; o IETF (Internet Engineering Task Force). Mas o que é essa sigla? Um grupo? É justamente a ela que é dedicado o artigo. Seriam “anarquistas”. Sim a revista dá esse adjetivo logo no título do artigo. Em uma rápida pesquisa na internet, vê-se que a sigla se refere a “Força-Tarefa de Engenharia da Internet” (original: Internet Engineering Task Force), um grupo desertor da Arpanet, composto por reconhecidos engenheiros de computação e representantes privados, que se reúnem até os dias atuais, para definir protocolos e regulações técnicas do uso da internet. Esse grupo atualmente está sob égide da ISOC (internet Society), que exerce esse papel que ele exercia no passado, mas com menos autonomia. Diferente dessa rápida e insípida explicação retirada de um rápido videar a um buscador na internet, a explicação da revista é rasa e principalmente foca num caráter místico, especial, como o “anárquico” no título do artigo já revela. Vejamos:

uma associação voluntária de magos da tecnologia que criam e supervisionam o futuro tecnológico da Internet. É; o trabalho do IETF em problemas técnicos difíceis que tornarão possíveis as aplicações da Internet do futuro<sup>68</sup> (WIRED, 1995f, p. 110).

Mas o ponto ainda mais revelador dessa aura “divina” desses “heróis”, nesse artigo, vem no final. Eles deveriam ser defendidos até mesmo dos perigos de empresas de tecnologia quando essas também fossem muito grandes ou monopolísticas. Vejamos o longo, mas necessário, e curioso, trecho:

E os IETFers sabem que a Internet está presa no meio de um abraço fatal entre o Godzilla da Microsoft e o monstro da poluição das Empresas Operacionais Regionais de Bell - com o Exterminador da intervenção do governo local e nacional pairando nas proximidades. Empresas comerciais governamentais forças e provedores de telecomunicações estão se preocupando com a Internet como nunca antes - e, ao fazê-lo, podem estragar uma das redes neurais mais lindamente autorreguladas, auto-regenerativas, adaptativas, democráticas de pessoas e tecnologia que o mundo já viu. [...] O IETF, em meados da década de 1990, luta com a interseção de tecnologia e cultura. E a organização necessariamente funciona menos bem, porque a cultura, a política e a economia são muito menos receptivas à lógica do código em execução. No entanto, ecoando o que Winston Churchill disse sobre a democracia - "É a pior forma de governo, exceto por todas as outras formas que foram tentadas de tempos em tempos" - a economia política do IETF é tão preciosa, pelo que fez e pelo que

---

<sup>67</sup> “The Internet, perhaps the greatest instantiation of self-organization the planet has ever seen, evolves in its fractious decentralized way through the Internet Engineering Task Force, the IETF.”

<sup>68</sup> “a voluntary association of tech wizards that create and oversee the technological future of the Internet. It is ; the IETF’s work on tough technical problems that will make possible the whiz-bang Net applications of the future.”

continua tentando fazer, que todos devemos esperar que dure e dure<sup>69</sup> (WIRED, 1995f, p. 118).

Todo esse ode aos “IETFers”, culmina numa preocupação com até que ponto essa preciosidade poderia ser ameaçada, não só pelo burocratismo e pelos governos, o que já é esperado dado ao que já foi visto nas análises nesse capítulo expostas (embora patrocinado diretamente por universidades, ou seja, governos, o que é no mínimo irônico), mas também por grandes empresas, o que é muito curioso, devido ao que veio se tornar a internet no futuro: um antro de empresas privadas monopolistas direcionadas, em linhas gerais, a uma exploração de dados baseada na criação de perfis estratificados, como já discutiu-se bastante nesse trabalho como profilagem (BEIGUELMAN, 2021; BRUNO, 2013; MISKOLCI, 2021; RAULINO, 2022; VÉLIZ, 2021; CESARINO, 2022). É muito curioso notar que essa mentalidade do Vale do Silício da época, embora fortemente empresarial, capitalista e monopolista, também denotava uma visão crítica ao quando isso atrapalharia o correr da liberdade na internet. É impressionante como essa tal “liberdade”, era ali, um conceito muito pétreo, ao ponto de ser incoerente com a realidade ao redor. A organização apresentada pela revista é vista como um conjunto de heróis, talvez não notando que o que justamente eles, revista e “IETFers”, lutavam contra – o controle monopolista tanto público quanto privado da internet – seria consolidado no futuro pelo segundo, pelos próprios sistemas de protocolos sustentados por ele, no caso o IP, de uma forma tão violenta quanto eles puderam imaginar.

No entanto a exposição desse artigo não caiu nesse tópico pelo trecho crítico, e comicamente futuramente irônico, ao que seriam no futuro as empresas de profilagem, que o IETF mesmo possibilitou com seus protocolos. Também é valioso notar – e é o que intento mais em expor a análise desse artigo nesse tópico, pois é onde nele há o maior traço a profilagem – o trecho que fala diretamente sobre os protocolos criados por esse grupo, creio que falando sobre o IP (creio pois de fato isso não fica literal no artigo), estarem se tornando importantes para a organização e para o futuro da rede. Vejamos:

---

<sup>69</sup> “And IETFers know the Net is caught in the middle of a fatal embrace between the Godzilla of Microsoft and the smog monster of the Regional Bell Operating Companies - with the Terminator of local and national government intervention hovering nearby. Commercial enterprises, government forces, and telecommunications providers are concerning themselves with the Net as they never have before - and in doing so, may screw up one of the most beautifully self-regulating, self-healing, adaptive, democratic, neural networks of people and technology the world has ever seen. [...] The IETF, in the mid-1990s, struggles with the intersection of technology and culture. And the organization necessarily works less well, because culture and policy and economics are far less amenable to the logic of running code. Nonetheless, echoing what Winston Churchill said about democracy - “It is the worst form of Government except for all those other forms that have been tried from time to time” - the political economy of the IETF is so precious, for what it has done and for what it continues to try to do, that we must all hope it lasts and lasts.”

Mas o IETF não está em negação. Os IETFers experientes intuíram desde meados da década de 1980 que seu tesouro era maravilhoso demais para não ter potencial comercial, e os palestrantes principais abordaram vários aspectos comerciais da Internet nos últimos anos. No 31º IETF, por exemplo, Nathaniel Borenstein - um dos cérebros por trás da pioneira rede de correio eletrônico Andrew da Carnegie Mellon University, o padrão MIME da Internet para e-mail multimídia, e a First Virtual Holdings, uma força para transações comerciais da Net - concentrou-se nos aspectos técnicos da oferta da start-up. O fato de um agente de merchandising estar se dirigindo a uma reunião plenária do IETF foi um sinal de mudança tanto quanto o primeiro desenho animado da New Yorker sobre a Internet. Os mercados e o dinheiro estão se tornando importantes para o IETF e a Internet, tanto quanto os conjuntos de protocolos e esquemas de interconexão de redes<sup>70</sup> (WIRED, 1995f, p. 118).

São justamente esses protocolos, mais especificamente o IP, um grande pilar do funcionamento da profilagem, ao passo que ele “vaza” as máquinas e conseqüentemente nossos usos nelas, quando individualiza-as em um código e conseqüentemente as atrelam a pessoas/usuários específicas(os), o que possibilita, a partir dos usos dos desses devidamente classificados, os armazenar em “perfis”. Sem o protocolo IP, não seria possível atrelar os dispositivos e seus usos específicos a pessoas específicas, assim não sendo possível os sistemas de profilagem (CHUN, 2016, p. 57-58). Não há aqui, um flagrante a profilagem na prática ainda, mas um flagrante as entranhas do sistema que formou e sustentou as bases da internet contemporânea, fortemente ligada a personificação, ou “atrelamento a uma pessoa específica”, dos dispositivos tecnológicos, hoje, principalmente o *smartphone* (BEIGUELMAN, 2021; BRUNO, 2013; MISKOLCI, 2021; RAULINO, 2022; VÉLIZ, 2021; CESARINO, 2022).

Enfim, a profilagem é finalmente de fato vista de forma literal ainda nos anos 1990, na seguinte exposição: nas páginas 152 e 153 da edição de março de 1996, encontra-se uma entrevista, dessa vez com um nome reconhecido do marketing que tinha recentemente lançado um livro. A entrevista se mostra valiosa a apresentar aqui nesse tópico, ao passo que a entrevistada, não apenas fala sobre um livro avulso, mas admite de uma forma clara um sistema que pode-se dizer que se aproxime, ou até seja de fato, um sistema de profilagem. Importante destacar, que de modo algum o relatado pela entrevistada, seria comparável aos sistemas que explano na introdução e que trabalho mais aprofundadamente, com a empiria a isso direcionada, nessa pesquisa, nos capítulos seguintes. Vejamos primeiramente um trecho do início da entrevista, em que já se vê pistas:

---

<sup>70</sup> “But the IETF is not into denial. Savvy IETFers have intuited since the mid-1980s that their treasure was too wondrous a thing not to have commercial potential, and keynote speakers have addressed various commercial aspects of the Net over the last several years. At the 31st IETF, for instance, Nathaniel Borenstein - one of the brains behind Carnegie Mellon University’s pioneering Andrew electronic- mail network, the Internet MIME standard for multimedia e-mail, and First Virtual Holdings, a force for Net commercial transactions - focused on the technical aspects of the start-up’s offering. That an agent of merchandising was addressing an IETF plenary meeting was as much a signal of change as the first New Yorker cartoon about the Internet. Markets and money are coming to matter to the IETF and the Internet as much as protocol suites and internetworking schemas.

Wired: O conceito central do seu livro é que a fabricação em massa, o marketing em massa e as comunicações em massa estão dando lugar a relacionamentos um-para-um. Como isso muda a maneira como as empresas se comportam? Rogers: Os profissionais de marketing de massa tradicionais desenvolvem um produto e tentam encontrar clientes para esse produto. Eles visam a participação máxima de mercado. Mas agora, com o rápido declínio do custo e o crescente poder do processamento de informações, as empresas são capazes de lembrar todos os detalhes de cada relacionamento com cada cliente. Assim, eles são capazes de oferecer comunicações personalizadas, atendimento personalizado e produtos personalizados em massa<sup>71</sup> (WIRED, 1996b, p. 153).

Declara-se acima, que naquele momento (à época), estava se apresentando diante do mundo, um sistema que seria muito revolucionário para o marketing. Nesse sistema, possibilitado pelo, capacitado pelas novas tecnologias, poder de processamento maior, haveria a possibilidade de “lembrar” as características, dados de consumo, de passados relacionamentos com clientes, o que possibilitaria um marketing potencialmente personalizado. Se o trecho acima dá uma pista de um tratamento mais individualizado, o seguinte trecho, por sua vez, declara explicitamente o interesse, o encaminhamento, toda a estrutura, do que viria ser a perfilagem no que consta aos interesses do ente do marketing. É flagrado no trecho abaixo, que para além de uma mentalidade, havia já uma estruturada prática relacionável a perfilagem, ainda nos anos 1990. Vejamos:

Então, quem serão nossos corretores de aprendizagem? Empresas familiares? [Entrevistador] provavelmente não. Aqueles que podem fazer isso primeiro e melhor são aqueles que já têm enormes canais de informação conectados a você. Por exemplo, seu banco, empresa de telefonia, empresa de televisão a cabo, empresas de cartão de crédito. [Entrevistado] Você está me assustando! [Entrevistador] Só porque você está pensando à moda antiga que eles são adversários. Uma empresa que deseja se tornar um corretor de aprendizagem precisa entender como ser um colaborador. Além disso, você não foi a uma loja onde eles dizem: "Oi, David, como você gostou daquela jaqueta que comprou há três meses? Aqui estão algumas calças coordenadas que você provavelmente vai adorar." Isso é marketing individual. É muito gratificante ser tratado dessa maneira. [Entrevistado]<sup>72</sup> (WIRED, 1996b, p. 153).

---

<sup>71</sup> “Wired: The central concept of your book is that mass manufacturing, mass marketing, and mass communications are giving way to one-to-one relationships. How does this change the way businesses behave? Rogers: Traditional mass marketers develop a product and then try to find customers for that product. They aim for maximum share of market. But now, with the rapidly declining cost and increasing power of information processing, companies are able to remember every detail of each relationship with each customer. Thus, they are able to offer tailored communications, personalized service, and mass-customized products.”

<sup>72</sup> “So who will our learning brokers be? Mom-and-pop enterprises? Probably not. The ones who can do it first and best are the ones who have huge channels of information plugged into you already. For example, your bank, telephone company, cable television company, credit card companies - You’re scaring me! Only because you’re thinking in the old-fashioned way that they’re adversaries. A company that wants to become a learning broker has to understand how to be a collaborator. Besides, haven’t you been to store where they say, “Hi, David, how did you like that jacket you bought three months ago? Here are some coordinating pants you’ll probably love.” That’s one-to-one marketing. It’s very rewarding to be treated that way.”

O trecho acima é muito rico a presente reflexão do tópico, ao passo que é de fato flagrante. É dado o nome de “corretor de aprendizagem” (“Learning broker”) as empresas que fariam esse serviço, serviço esse que fica declarado no final do trecho com o exemplo de compra da jaqueta, representando um tratamento direcionado, que é nada mais nada menos do que uma prática típica do sistema de profilagem, talvez a que fique mais flagrante aos nossos olhos no dia a dia com o uso de *smartphones*; o aparecimento de diversos anúncios de produtos que você tenha acabado de pesquisar sobre, ou que tenha dado mais atenção na rolagem do feed de qualquer rede social que seja. Impressionantemente também, o entrevistador se assusta com a capacidade possibilitada por esses novos sistemas, de grandes monopólios dominarem tantas informações e conseqüentemente tanto poder, o que é no mínimo ironicamente cômico dado ao que veio se tornar a internet no futuro, como já foi refletido em outra exposição acima, o que a entrevistada rodeia demonstrando o quanto isso é normal, e até legal, interessante. Vejamos ainda a fala final da entrevistada:

A Internet é um cenário perfeito para corretores de aprendizagem que permitem que as mensagens sejam entregues apenas àqueles que manifestaram interesse nelas. Isso muda o equilíbrio do poder para o marketing - mais ou menos como entregar o rifle ao cervo para variar. O corretor de aprendizagem está estabelecendo um relacionamento próximo e duradouro que representa seus interesses para outras empresas<sup>73</sup> (WIRED, 1996b, p. 153).

Ora há nesse trecho nada mais nada menos do que um manifesto de alguém do próprio marketing, em uma importante revista daquele ambiente da cibercultura do Vale do Silício nos anos 1990, do quanto a rede de computadores é (à época), e seria mais ainda, um terreno fértil a propaganda perfilada, individualmente direcionada, que é, repito mais uma vez, um dos maiores intentos e pilar de sustentação do que reflito na pesquisa como profilagem. Só se tem a internet que há hoje, funcionando em perfis resultado e resultantes de capturas e processamento de dados e conseqüentemente e em consequência de direcionamento pessoal de propagandas (BEIGUELMAN, 2021; BRUNO, 2013; MISKOLCI, 2021; RAULINO, 2022; VÉLIZ, 2021; CESARINO, 2022), porque ela está baseada nessas mesmas finalidades, e, pelo que observo aqui nesse artigo, nesse embrião, que já existia desde os anos 1990 na mentalidade da cibercultura do Vale do Silício, assustando até os membros dela mesma.

Vê-se no artigo exposto acima que o sistema de profilagem – que como já explicado desde a introdução desse estudo, caracteriza-se pela captura armazenamento e processamento

---

<sup>73</sup> The Internet is a perfect setting for learning brokers who allow messages to be delivered only to those who have expressed interest in them. This changes the balance of power for marketing - sort of like handing the rifle to the deer for a change. The learning broker is establishing a close, lifelong relationship that's representing your interests to other companies.

de pequenos átomos de comportamentos de usuários, para diversos usos, inclusive no marketing – está naquele ambiente do Vale do Silício dos anos 1990, presente sob o nome de “corretor de aprendizagem”, já praticamente da forma com que o conhecemos hoje – embora ainda não se comparasse em poder, grandeza e influência com o que há hoje no ambiente cibernético, que é quase completamente descritível nesse modo de funcionamento, a profilagem (CHUN, 2016) – o que ficou muito claro no trecho do artigo exposto acima que discorreu sobre o exemplo da jaqueta jeans.

Enfim, toda a extensiva – mesmo se tratando de uma seleção de um corpo maior exposto na íntegra do apêndice A – exposição do presente capítulo, revela indubitavelmente que, o ambiente de formação do que veio a se tornar no futuro a internet nos moldes que se conhece hoje, estava imbricado de uma subjetivação neoliberal, seja pelos caminhos do empreendedor de si mesmo, individualizado (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16; LAVAL, 2020; BATISTA, 2019; COSTA, 2009), seja – e principalmente/predominantemente – pelos caminhos do sujeito de gozo (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 354-356). Volto, para fechar esse capítulo, inevitavelmente, aos fins da pesquisa, ou melhor aos fins do exposto nele para com a pesquisa: a resposta ao objetivo primeiro, que em simplificadas palavras, intenta observar o modo como essa cibercultura dos anos 90 foi berço do embrião que formou e reformulou constantemente o Vale do Silício, ao passo que já era munida de uma subjetividade neoliberal. Com a análise e exposição das edições da revista, justamente, o que destacou-se por diversas vias, nos dados obtidos e nos expostos, foi uma forte presença desse sujeito neoliberal, dos diversos modos destacados na literatura de referência, o que é lógico que o torna um determinante nos caminhos futuros daquela região e cultura por ela representados.

### 3 CAPÍTULO 2: DUAS PÁGINAS ANTAGÔNICAS POLITICAMENTE DO FACEBOOK E O SUJEITO NEOLIBERAL NA PRÁTICA NAS *BIG TECHS*

No presente capítulo são expostos os resultados do segundo momento metodológico pensado para os fins da pesquisa, em que usou-se a técnica da categorização e inferências a publicações captadas em dois grupos antagônicos politicamente no Facebook. Essa técnica foi inspirada em Gomes (2016), mas desenvolvida, atualizada/alinhada, aos fins da pesquisa, como discutido desde a introdução, intencionando responder o segundo objetivo específico, embora não o consiga em sua totalidade, de forma assumida, assim como já explicado desde a introdução, quanto a sua complementação com o terceiro momento metodológico, exposto no capítulo seguinte. O segundo objetivo específico é, importante lembrar: “Identificar como o modo de captura de dados das *Big techs*, a profilagem, tende a criar nichos de opinião, e o quanto esses nichos resultam em bolhas de autoconfirmação dessas opiniões, reforçando assim a governamentalidade e o sujeito neoliberal”. É então finalidade mais específica do capítulo e da técnica nele apresentada, dar conta simplesmente do “trecho do objetivo”: “o quanto esses nichos resultam em bolhas de autoconfirmação dessas opiniões”. De fato, portanto, conseguiu-se com essa técnica constatar a presença de um ambiente de isolamento intrínseco no funcionamento prático das redes sociais, no sentido de capturar algo como o “comportamento” do agente, usuário, no sistema de profilagem das *Big techs* – sistema esse que é consolidado no formato “rede social” –, agente esse, fortemente também gerado por elas nesse sistema, embora ainda não constando da agência da *Big tech* diretamente, da assunção da profilagem propriamente dita. Como também, com análises mais qualitativas de publicações específicas, conseguiu-se já ter um sintoma dos malefícios gerados pela profilagem, e o seu consequente reforço a subjetivação neoliberal, mas repito, ainda não a agência prática das *Big techs*, em sua forma assumida por elas, o que foi conseguido com o terceiro momento metodológico aplicado, que é exposto no capítulo seguinte. O presente capítulo então, demonstra, em linhas gerais, como as *Big techs* com a profilagem, por meio de seu produto por excelência, as redes sociais, criam uma ambientação de isolamento de grupos que se auto confirmam em suas próprias opiniões, o que gera um forte ambiente de não aceitação do diferente e uma pobreza autocrítica, o que é fermento a um individualismo libertário cada vez mais potente, ponto importante à subjetivação neoliberal – presente na origem, como visto no capítulo anterior, e na prática, como inicia a ser visto no atual capítulo –, nas *Big techs*, objetivo principal deste trabalho. Considero enfim, que com o capítulo, responde-se o trecho intentado do objetivo, e além disso, traz-se importantes minúcias e flagrantes de sintomas gerados por esse ambiente.

No entanto, antes de partir para a exposição empírica desses resultados e suas consequentes reflexões, metodológicas e teóricas, cabe ainda retomar a discussão quanto a profilagem, embora ela já tenha sido feita na introdução desse trabalho. Mesmo com os exemplos extremamente didáticos e até cômicos da introdução: dos direcionamentos específicos relacionados a perfis específicos, de conteúdos com brigas de gatos, curiosidades sobre tecnologia e até o jogador de sinuca Baianinho de Mauá, considero necessário a uma abertura de capítulo, em que o modo de funcionamento das *Big techs* e suas redes hoje é investigado, a retomada breve desse conceito e sua explicação.

Cabe ainda antes, e junto a, uma rápida retomada da teorização quanto a profilagem, uma breve discussão, uma explicação rápida, da intenção investigativa com que me alinho nesse trecho da pesquisa: o da observação justamente desse fenômeno, o da profilagem, a partir da importância de compreendê-lo não apenas como “ideologia”, mas enquanto tal “modo de funcionamento”, ao passo que este não é dado, é construído de um determinado modo por um conjunto de empresas privadas localizadas geográfica e historicamente, na iniciativa privada californiana dos anos 1990, como bem destacado empiricamente também no capítulo anterior, o que deve ser, além de criticamente, tecnicamente entendido. Ora, é de imensa importância considerar os caminhos históricos e ideológicos de formação de um ambiente, como fiz brevemente na introdução e o próprio capítulo 1 intenta dar conta, mas com essa consideração, sem buscar também complementarmente a isso, o entendimento do funcionamento técnico/prático da coisa, do que se é estudado, tem-se sempre uma análise incompleta, no mínimo flutuante, onde muito bem se acusa, mas muito mal se explica e o leitor entende de modo prático. Aqui então, na presente pesquisa, a consideração do funcionamento técnico é de suma importância, é o que difere de leituras que flutuam em conceituações pesadas e muito profícuas, mas que não demonstram ao leitor, o onde de fato aquilo se situa tecnicamente, o que o estudo da profilagem, e sua conceituação – presente já nos capítulos acima – e demonstração prática e assumida – presente no atual capítulo e no próximo –, pretendem preencher.

Esse modo de funcionamento se destaca principalmente pela profilagem. Em linhas muito gerais a intenção hoje das grandes empresas de tecnologia com suas redes sociais é, no fim das contas, a captura massiva de dados de navegação, traços de interesses dos usuários em determinados conteúdos, em seus aplicativos/sites chamados “redes sociais”, para fins de processamento destes para criação de perfis de cada um deles, perfis esses que são vendidos em microtransações entre essas empresas para: direcionamento de conteúdo patrocinado nessas próprias redes, enrijecimento de inteligências artificiais dessas empresas, como também, mais direcionamento de conteúdo específico ou próximo àquele anteriormente visto, para

consolidação do usuário naquelas mesmas redes. Todo esse esquema simplificado acima, da captura ao uso retroalimentar, é a profilagem (BEIGUELMAN, 2021; BRUNO, 2013; MISKOLCI, 2021; RAULINO, 2022; VÉLIZ, 2021; CESARINO, 2022). Não irei retomar todo um corpo de autores que sustentam essa definição que dei logo acima do conceito de profilagem, com exposições específicas e citações quando oportunas para cada um, pois seria redundante, dado ao fato dessas citações e reflexões já estarem dispostas na introdução – inclusive vale a conferência a mesma, caso se queira esse reforço teórico. É importante destacar ainda que esse não é um conceito uno, inclusive nem o batismo do conceito é uno, sendo utilizado nesses termos no arcabouço apenas por Beiguelman (2021), e escolhido para batizar/carregar a síntese acima, devido a considerar o mais correto, por carregar o significado de perfil – do inglês “profile”, o ponto fulcral desse modo de funcionamento. Mas não ser uno não quer dizer que não se possa fazer uma síntese e uma conceituação geral, como foi feito acima, mas sim que existem discordâncias pontuais, como em relação ao foco no tratamento da técnica, modo de funcionamento, ou tratamento de uma formação político-histórica do tema – onde pessoalmente discordo que devam ser analisadas como paradoxais, a discussão honesta quanto a internet deve constar do peso histórico da formação da rede e do seu funcionamento prático. Importa aqui enfim, que no ponto onde constatam que há uma exploração de dados, e uso como os exemplificados acima, os trabalhos são consonantes. Em outras palavras, o corpo de referências não é uno quanto a definição e os caminhos desse fenômeno que aqui é exposto como “profilagem”, mas é totalmente consonante quanto sua estrutura, ou seja, o modo como captura, processa e usa dados de modo no mínimo problemáticos, seja qual for a instância que analisem.

Outra reflexão que não pode deixar de inevitavelmente se repetir, além de na introdução do trabalho, nessa introdução do capítulo e reexposição do conceito de profilagem, é a de Chun (2016), de que a internet não seria trivialmente baseada na individualização de dados em suas origens, isso sendo um dado histórico determinado, principalmente capacitado pela criação de protocolos específicos como o IP, ou seja, por meio de caminhos técnicos possibilitados por agentes dados do Vale do Silício, como também ficou destacado no artigo da WIRED analisado no capítulo anterior que fala do IETF<sup>74</sup>, e a consequente criação desses protocolos que individualizaram as máquinas a usuários específicos possibilitando no futuro a profilagem (WIRED, 1995f, p. 118), o que a autora chama de “leak” (“vazamento”) na sua construção teórica (CHUN, 2016, p. 57-58). Sem um dado momento histórico/ideológico

---

<sup>74</sup> Ver páginas 89-92.

propenso a isso, sem o modo técnico que responde aquela “forma cultural”, como bem sustenta Williams (2016), não haveria a internet como se tem hoje.

Parto então do pressuposto que o modo de funcionamento que gere a internet de hoje é a, construída historicamente pelo Vale do Silício, profilagem, que é retratada como um modo de funcionamento assumido pelas próprias empresas de tecnologia no próximo capítulo, e é o que fundamenta os fenômenos de isolamento que são dispostos adiante nesse capítulo a eles dedicado, com a exposição dos dados obtidos com a categorização e inferências a um conjunto de publicações de dois grupos antagônicos politicamente do Facebook (rede social da *Big tech* Meta), o “Militantes de esquerda” e o “Endireita Brasil”.

Urge então, para enfim partir à exposição dos dados, abrir com uma explanação da metodologia, explicitando de modo particular a técnica aplicada para a obtenção desses dados. A “categorização e as inferências”, são trechos da ampla já consumada técnica/metodologia de pesquisa chamada “análise de conteúdo” (BARDIN, 2016; FRANCO, 2018), que é bem mais “fechada” e complexa do que o que foi feito para esse trabalho. De fato foi feita uma reapropriação e reconfiguração, focando nesses dois momentos da análise de conteúdo, pelo já assumido tratamento metodológico desse trabalho, de realmente não se fechar em técnicas pré-concebidas que nem mesmo foram pensadas para os objetos da pesquisa (BECKER, 1992). Quero destacar que essa reapropriação/reconfiguração, não se deu num anarquismo forçado de quebrar a técnica como um ato de rebeldia, não foi esse o fim, mas apenas essa ação foi vista como a mais honesta forma de conseguir dados que ajudariam, e ajudaram, a capturar a existência e o comportamento político em nichos a esse fim no Facebook, o que é a intenção do capítulo. Foi extremamente certo e oportuno categorizar as publicações em um quadro com colunas para cada grupo de origem e a explanação da publicação capturada em cada célula, e a posterior inferência a que grupo político ela se alinharia para construir um novo quadro que revelasse para a pesquisa o quanto publicações de direita circulavam nos grupos de direita e o mesmo com o grupo de esquerda, aplicações essas que eram descritos em essência por Gomes (2016), mas não eram a totalidade da sua técnica, e que pelo bem da pesquisa assim foram aplicadas para obtenção do material empírico.

De modo prático e mais bem explicitado então, foi feito o seguinte. Foram escolhidos dois grupos na rede social Facebook, por essa ainda ser a mais utilizada no Brasil (KEMP, 2025a), e ter essa opção de grupos. Esses grupos foram escolhidos pois são os que primeiros se apresentaram em uma simples busca dos termos “direita” e “esquerda” na barra de pesquisa da rede social com o filtro de grupos, que estavam abertos a participação de qualquer usuário e que tinham grande número de participantes (são os grupos: “Militantes de esquerda”

e “Endireita Brasil”). Importante adicionar que embora ambos os grupos fossem abertos a participação, no sentido de admissão de qualquer usuário, o grupo de direita não era aberto a qualquer participação no sentido de publicação por parte de qualquer participante – foi notado que apenas o administrador podia publicar, este que por sua vez, exclusivamente compartilhava uma página de notícias claramente tendenciosa à direita, ao contrário do grupo de esquerda, onde qualquer um que fosse participante podia nele publicar. Nesses grupos então foram capturadas 60 publicações, 30 de cada, no ritmo de uma em cada dia em cada grupo (as capturas não seguiram uma frequência diária, tendo o processo, durado mais de um mês), onde cada uma capturada em um grupo, deveria ter como espelho, outra capturada no grupo antagonista especificamente no mesmo intervalo de horário de 1 hora, o que garantiu uma certa aleatoriedade e evitou a agência de quem os escreve na escolha das publicações selecionadas. Cada publicação era então colocada numa célula: na coluna referente ao seu grupo de origem, e na linha referente ao dia e horário de captura, tendo na coluna ao lado, a publicação do mesmo dia e horário do grupo do outro espectro político. Nas células foram dispostas uma numeração a cada publicação (por ordem de captura, onde por ela, as numerações ímpares foram as de “esquerda” e as pares as de “direita”, pois a primeira está uma coluna antes), e uma rápida explanação do que se tratava naquela publicação ali locada, uma descrição, dado a dificuldade de trabalhar com prints, e sua consequente questão do uso da imagem de seus publicadores, principalmente no grupo de esquerda, onde se tratavam de pessoas diversas e não de um “jornal”, que era o administrador e único publicador no caso do grupo de direita. O descrito acima foi a “categorização”, que foi usada para a “inferência”, descrita adiante. Após feito esse quadro (Quadro 1), que está disposto logo abaixo, foi feito o trabalho de inferências, em que, as descrições das publicações presentes nele, foram usadas para se inferir, por quem os escreve, o grupo político pelo qual cada publicação ali exposta seria consonante – a descrição disposta no quadro era usada para se fazer uma inferência, se aquela publicação, seria de “esquerda”, ou de, “direita”. Essa inferência foi feita tomando como referência o senso comum político dos últimos anos percebido pelo pesquisador, como também o trato da imprensa com ele, como fica explanado em cada célula do novo quadro produto dessa etapa, que consta de um texto de “justificação” daquela inferência<sup>75</sup>. Isso gerou então um novo quadro de apenas duas colunas,

---

<sup>75</sup> Como fica deveras visível na exploração de algumas publicações mais específicas ao fim do capítulo, e até mesmo nas descrições e inferências alocadas nas células dos quadros, essa delimitação é de fato frágil e por vezes contraditória, tendo inclusive essas contradições ganhado as vezes valioso espaço de discussão deles, principalmente no que consta as leituras do Supremo Tribunal Federal (STF), como de esquerda por parte da direita, e a confirmação desse absurdo também incoerente por parte desta última, muito presentes nessas explorações mais específicas que faço após as exposições dos quadros. Essa leitura é inevitavelmente contraditória, pois se trata de fato da natureza difícil dessa delimitação, que se torna mais complexa ainda no

onde eram alocadas, nas para cada espectro político indicada (inferida como A, de “esquerda” e inferida como B, de “direita”), as publicações já inferidas de seu espectro (Quadro 2). Na célula de alocação, além da indicação numeral da publicação, estava também uma descrição da inferência, dos motivos pelos quais, aquela publicação era vista como de “esquerda” ou “direita. Ainda foi feito um quadro pós inferências simplificado, apenas com o número da publicação e a indicação de que modo foi inferida, “esquerda” ou “direita” (Quadro 3).

O material final e mais importante obtido, foi então, quadros que acusam um “nível” de circulação de publicações de determinado espectro político em antros destinados a um determinado grupo político (Quadro 2 e sua versão simplificada Quadro 3). Quanto maior for a porcentagem, a recorrência de publicações de espectro A, no grupo A, por exemplo, mais acusa-se que as redes sociais funcionam como um âmbito de confirmação de um pensamento que o usuário venha a ter ou teria previamente, que pode inclusive ter sido obtido nessas mesmas redes, nesse mesmo ambiente cibernético perfilado e conseqüentemente radicalizado. Importante reforçar novamente, pois já foi destacado algumas vezes nesse trabalho, e deve ter sido notado pelo leitor atento e crítico, que esses resultados não irão dar conta da agência da *Big tech* por meio da sua rede social, da profilagem assumidamente praticada pela rede, o que é exposto no capítulo seguinte. De todo modo o material apresentado a seguir, resultante do processo explicitado acima, pode acusar a rede como um antro de confirmação de ideias, sem o espaço para o contradito, um sintoma da profilagem (EMPOLI, 2020, p. 80-81), e um reforçador do indivíduo isolado e empreendedor de si mesmo, de suas razões, pilar da subjetivação neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16; LAVAL, 2020; BATISTA, 2019; COSTA, 2009), o que responde parcialmente o objetivo específico que intenta investigar: “o quanto esses nichos resultam em bolhas de autoconfirmação dessas opiniões, reforçando assim a governamentalidade e o sujeito neoliberal”.

Parto então enfim para a exposição dos resultados em si. A guisa de deixar claro a estrutura, destaco que são expostas dedicadamente mais a diante num subcapítulo, algumas publicações específicas que chamam atenção por representarem uma denúncia flagrante aos sintomas do “nichamento” e à aridez de conteúdo nesses grupos nichados politicamente de forma independente aos quadros. Isso contribui com o fim geral do capítulo, embora não seja uma necessidade direta dele, essa identificação do isolamento que já foi explicada algumas vezes acima, que poderia ser retirada simplesmente apenas da observação dos quadros produtos finais da técnica (Quadro 2 e Quadro 3), o que não impede o rico adentramento. A exposição

---

contexto que vive-se hoje sob os traumas políticos justamente causados pelas mesmas *big techs* aqui estudadas, como defende Empoli (2019).

então, se dará primeiramente pelos quadros, para já disposição dos dados gerais obtidos, que já servem aos fins do capítulo, para depois serem tratadas algumas publicações específicas selecionadas pelo valor flagrante, por revelarem uma visão mais crua e qualitativa do ambiente.

Apresento então o quadro abaixo, o Quadro 1, referente simplesmente a categorização, onde estão dispostas as publicações capturadas nos grupos, junto as suas numerações e descrições, em colunas que referenciam seus grupos de origem (“Militantes de esquerda” e “Endireita Brasil”), e linhas que identificam o dia/mês e intervalo de horário que foram capturadas.

Quadro 1 – Categorização das publicações capturadas

<b>Dia/horário</b>	<b>“Militantes de esquerda”</b>	<b>“Endireita Brasil”</b>
10/09 – 12 – 13 horas	Publicação 1 - Uma publicação onde 3 pastores reconhecidos na sociedade brasileira, e admirados nos meios bolsonaristas, aparecem na forma de demônios, com chifres e rostos maldosos. Observa-se comentários de concordância que relacionam Bolsonaro ao satanismo como: “todos satanarista”.	Publicação 2 - Um compartilhamento de uma notícia sobre a recepção de Pacheco, presidente do senado, de um pedido de impeachment de Alexandre de Moraes, ministro do supremo.
17/09 – 17 – 18 horas	Publicação 3 - Uma imagem com características de meme onde uma cena de filme aparece com uma “legenda” alternativa. Uma criança diz: “Eu vejo imbecis o tempo todo”, o pai pergunta: “o que eles falam”, e a criança responde, “deus pátria e família”, em uma clara alusão aos bolsonaristas.	Publicação 4 - O compartilhamento de um link que promete mostrar a reação de Bolsonaro diante da cadeirada de Datena em Marçal, durante um debate de candidatos à prefeitura de São Paulo. Observa-se o apoio a Marçal nos comentários.
18/09 – 20 – 21 horas	Publicação 5 - Um texto em forma de imagem agradecendo Datena, no momento candidato à prefeitura de São Paulo, pela cadeirada que ele deu em um outro candidato em um debate na TV Cultura. O texto dá a entender que o ato seria uma vingança a golpes que o atingido teria dado em aposentados no passado.	Publicação 6 - Compartilhamento de uma notícia que destaca a atitude de Bolsonaro diante de uma suposta volta da rede social X. Bolsonaro teria se pronunciado e dado uma “lenhada” em Alexandre de Moraes. Observam-se comentários de apoio e de tom higienista, “Dale bolssonaro vamos fazer uma limpeza nos lixos que acumulou <sup>76</sup> lá em Brasília.
23/09 – 18 – 19 horas	Publicação 7 - Um texto sobre um suposto post de um jornal internacional que teria posto Alexandre de Moraes como uma “figura contra a desinformação”, com a foto dele ao lado da foto de Elon Musk. O post também convoca as pessoas a comentarem “Alexandre mito democrático” o que é obedecido por alguns no campo de comentários.	Publicação 8 - Um compartilhamento de uma notícia informando que o STF estaria julgando positivamente a questões relacionadas a causa transsexual. Há um tom crítico implícito que parte do pressuposto de que seria absurdo, como vê-se em um comentário que cobra que processos de corrupção de políticos sejam julgados e não algo como aquele que estava sendo noticiado, <b>militar por essa causa.</b>
30/09 – 18 – 19 horas	Publicação 9 - Um pequeno texto em forma de imagem, ilustrado com uma imagem alusiva ao tema, comemorando o recrudescimento de leis que regulamentam sites de apostas, seguido de uma relação do surgimento desses sites com a administração federal anterior.	Publicação 10 - Compartilhamento de uma notícia sobre um suposto isolamento diplomático do Brasil resultante de atritos recentes com a Venezuela. Observa-se comentários: “são tudo companheiro” e “dois safados,” em clara alusão a Lula e Maduro que aparecem juntos na foto que acompanha o link da notícia.
03/10 – 15 – 16 horas	Publicação 11 - Um pequeno texto em forma de imagem onde justifica-se o não diálogo com opositores políticos pois estes seriam comparáveis a um rebanho animal, uma alusão a um grupo de opinião uníssona.	Publicação 12 - Compartilhamento de uma notícia de um suposto estudo que demonstraria um possível déficit orçamentário em diversos estados, acompanhado de uma imagem de um gráfico em decréscimo com uma bandeira do Brasil de fundo.

<sup>76</sup> Os erros de concordância e gramaticais foram deixados da forma em que estavam nos comentários, o que dá uma imagem mais honesta do ambiente. Como também foram mantidos os textos em caixa alta quando eles foram originalmente concebidos e postados assim, seja em publicações, seja em comentários.

04/10 – 14 – 15 horas	Publicação 13 - Compartilhamento de link de um vídeo em que um entrevistado em um podcast, aparentemente um religioso, afirma que Valdemiro Santiago e Marcos Feliciano são encarnações de demônios. Observa-se comentários confirmando a informação de tom sobrenatural.	Publicação 14 - Compartilhamento de um link com uma notícia veicula que Bolsonaro teria notado uma atitude suspeita de Alexandre de Moraes.
07/10 – 12 – 13 horas	Publicação 15 - Imagem plasticamente bonita com uma cidade entre montanhas, com um texto em caixa alta e fonte imensa, onde há a pergunta: “VC MORA NA MESMA CIDADE QUE VC NASCEU” <sup>77</sup> (deduz-se ser uma pergunta embora haja a falta de ponto de interrogação). Logo abaixo aparecem as possíveis respostas, SIM ou NÃO. Há diversos comentários respondendo com as alternativas dadas.	Publicação 16 - Compartilhamento de link de uma notícia que destaca os futuros ocupantes do cargo de vereador na câmara de São Paulo, a partir da eleição ocorrida um dia antes. Acompanham comentários de congratulações.
08/10 – 11 – 12 horas	Publicação 17 - Um vídeo onde Guilherme Boulos, candidato já no segundo turno a prefeitura de São Paulo, comenta algumas perguntas. Um material de campanha já abrindo terreno ao segundo turno.	Publicação 18 - Compartilhamento de um link com uma notícia sobre Silas Malafaia ter proferido uma fala com tom bastante crítico e palavras bem ofensivas direcionadas a Jair Bolsonaro. Encontra-se comentários chamando Silas de louco e alguns de apoio a uma suposta união Marçal-Bolsonaro, que parece ser o motivo da revolta de Malafaia, o não apoio do primeiro pelo segundo.
09/10 – 18 – 19 horas	Publicação 19 - Compartilhamento de imagem, print de tela, de uma publicação no estilo Twitter, falando que Elon Musk agora aprenderia a diferenciar poder de dinheiro, em uma clara alusão a proibição de sua rede social “X” semanas atrás, e a sua recente liberação por parte do Ministro do supremo Alexandre de Moraes.	Publicação 20 - Compartilhamento de um link de uma notícia onde supostamente um juiz teria revelado o seu voto, deduz-se que na eleição para prefeitura de São Paulo pois segue também uma foto com Marçal e Boulos. Observa-se um comentário declarando voto em Boulos.
11/10 – 16 – 17 horas	Publicação 21 - Compartilhamento de uma foto do Instagram, onde a imagem de Flávio Bolsonaro aparece abaixo de um texto, que afirma que ele quer fazer maioria no senado federal para derrubar os processos que tem contra si.	Publicação 22 - Compartilhamento de link com uma notícia onde uma comissão do congresso teria aprovado uma nova proposta quanto a impeachment de ministros do STF. O link acompanha uma imagem onde aparecem Dino Moraes e Lula, no que parece ser uma conversa privada, dando a entender um cochicho, uma articulação. Observa-se também um comentário afirmando, que os três presentes na foto, irão “torrar” no inferno.
14/10 – 10 – 11 horas	Publicação 23 - Um vídeo em tomada aérea de um estacionamento com vários carros da empresa de abastecimento de energia Enel, acompanhado de uma caixa de texto informando que aqueles carros estariam parados mesmo diante de um apagão. A cidade de São Paulo nesse dia específico já estava a vários dias sofrendo com falta de luz em alguns bairros.	Publicação 24 - Compartilhamento de notícia sobre uma suposta fala de Alexandre de Moraes onde ele teria admitido um erro. Deduz-se que seja em alusão aos julgamentos do 8 de janeiro. Se observa também um comentário, provavelmente direcionado a Moraes, com os dizeres “BANDIDO VAGABUNDO”.
15/10 – 16 – 17 horas	Publicação 25 - Imagem de Bolsonaro com uma manchete, num tom de notícia, mas sem link de jornal atrelado, de que a polícia federal teria capturado mais mensagens que reforçam a participação de dele numa trama de golpe de estado, provavelmente sobre o 8 de janeiro. Há uma legenda expondo o que provavelmente seria a notícia por completo. Também se observa um comentário de indignação com uma suposta morosidade em prender Bolsonaro diante de muitas provas.	Publicação 26 - Compartilhamento de link com notícia com uma breve legenda falando sobre uma promessa não cumprida de Lula, mas sem deixar claro na legenda, sobre o que exatamente estava referindo-se. Acompanha uma imagem com Lula, um espeto de picanha e uma cédula de 100 reais ao fundo.

<sup>77</sup> Ver nota anterior.

16/10 – 16 – 17 horas	Publicação 27 - Compartilhamento de um conjunto de imagens/prints sobre agricultura familiar/MST/dia da agricultura familiar, em tom de ode.	Publicação 28 - Compartilhamento de link com notícia sobre o caráter negativo do suposto reconhecimento por parte do governo brasileiro das eleições venezuelanas, chamadas pela legenda de fraude. Acompanham comentários em tom de ameaça como: “lula a tua hora vai chegar”.
21/10 – 14 – 15 horas	Publicação 29 - Vídeo com pronunciamento de Bolsonaro afirmando que deseja ser candidato à presidência em 2026, acompanhado de uma legenda disposta no corpo do vídeo, na frente dos frames, afirmando uma não concordância com essa vontade de Bolsonaro, justificada pela afirmação de que ele estaria inelegível. É também destacado que Bolsonaro volta a atacar o TSE.	Publicação 30 - Compartilhamento de notícia onde uma acusação de Nunes contra Boulos teria sido confirmada. Contexto da eleição de São Paulo para a prefeitura este ano.
22/10 – 19 – 20 horas	Publicação 31 - Compartilhamento de uma imagem, print, de um post no estilo twitte, que avisa a não validade de uma fake news que estaria informando que o governo Lula iria proibir as multas rescisórias.	Publicação 32 - Vídeo onde Damares reclama que uma comissão não aprovou proposições suas, quanto ao não pagamento de imposto de renda por deficientes físicos.
23/10 – 11 – 12 horas	Publicação 33 - Imagem com Ciro Gomes e André Fernandes, acompanhado de uma legenda comentando sobre o convite do PDT para que o primeiro se desvincule do partido, após ele declarar apoio ao segundo na eleição municipal de Fortaleza esse ano. Acompanham comentário diversos em tom de concordância com a publicação.	Publicação 34 - Compartilhamento de link com notícia, acompanhado da imagem de Bolsonaro, informando que o apoio de Trump será fundamental na campanha de 2026, provavelmente à presidência. Acompanham comentários de apoio principalmente relacionado a Deus, e a fé.
24/10 – 12 – 13 horas	Publicação 35 - Imagem de um homem branco deitado em um gramado verde vendo o pôr, ou o nascer, do sol, acompanhado de uma legenda na própria imagem em letras garrafais: “o ódio é uma ferramenta da direita. Não precisamos de brigas internas aqui”.	Publicação 36 - Compartilhamento de link com notícia, acompanhado de uma imagem de Lula e Tarcísio, sobre uma discordância de Tarcísio, governador de São Paulo, sobre a retomada da cobrança de um seguro contra acidentes no trânsito. Acompanham comentários com críticas a Lula e ao PT em geral.
25/10 – 16 – 17 horas	Publicação 37 - Imagem com Lula em uma janela, acompanhado de caixas de texto em alusão ao apoio a campanha de Boulos a prefeitura de São Paulo.	Publicação 38 - Compartilhamento de link com notícia, onde uma deputada exporia um “caso surreal de perseguição”, de Alexandre de Moraes.
28/10 – 19 – 20 horas	Publicação 39 - Imagem de várias mulheres em estilo de desenho animado com bocas gigantes, com a legenda: “o mundo segundo uma certa corrente de esteticistas”. Observa-se o comentário: “credo”.	Publicação 40 - Compartilhamento de link com notícia sobre derrota de partidos de esquerda nas eleições de segundo turno ocorridas um dia antes. Acompanha a foto de Guilherme Boulos com punho cerrado para cima, ironicamente, pois o candidato havia perdido. Observa-se dois comentários de um total de 140, com os dizeres “Deus eh <sup>78</sup> maior” e “LIXOS”.
29/10 – 11 – 12 horas	Publicação 41 - Imagem com alusão a uma fala de Alexandre Padilha, à época Ministro-Chefe da Secretaria de Relações Institucionais, sobre um crime cometido por Tarcísio, na eleição para prefeito da cidade de São Paulo.	Publicação 42 - Compartilhamento de notícia sobre uma suposta fala de Gleisi Hoffman, presidenta do PT, onde ela falaria que a lei de regulamentação das redes seria essencial para evitar um “massacre da esquerda”.
30/10 – 18 – 19 horas	Publicação 43 - Imagem, provavelmente uma captura de tela, de uma notícia sobre o crescimento de empregos no atual governo federal de Lula. Acompanha uma imagem de lula com o ministro do trabalho.	Publicação 44 - Compartilhamento de link com notícia sobre a decretação de uma GLO, para o acontecimento do G20 no Rio de Janeiro. Acompanham comentários indignados, por exemplo, sobre porque essa medida não seria aplicada sempre, para proteção da população, e sim para receber políticos, e outro deduzindo que o GLO não era necessário pois Dino (ex-ministro da segurança pública e atual ministro do STF) teria articulação com lideranças do crime daquele estado.

<sup>78</sup> Ver nota ante anterior.

31/10 – 18 – 19 horas	Publicação 45 - Imagem de algumas pessoas de terno, acompanhada de letras gigantes com fundo vermelho, em tom de alerta, e acompanhada de um emoticon de sirene, com o texto: “URGENTE! PROTOCOLADO PEDIDO DE IMPEACHMENT DO GOVERNADOR TARCÍCIO”.	Publicação 46 - Compartilhamento de link com notícia sobre a fala de um senador que teria “detonado” Alexandre de Moraes quanto a seu “ativismo político-ideológico”.
01/11 – 11 – 12 horas	Publicação 47 - Imagem de Lula com um chapéu de piloto de avião, com uma legenda retirada de uma captura de tela, de uma notícia sobre o Brasil estar apenas atrás dos Estados Unidos quanto a investimento externo. No canto superior esquerdo, há um destaque sobre Lula estar conseguindo fazer isso diante de diversas dificuldades, com o congresso sem maioria, e uma direita tentando o sabotar.	Publicação 48 - Compartilhamento de link com notícia que acusa que Zé Ramalho teria recebido um valor milionário da Lei Rouanet. Acompanham comentários supondo que alguns artistas seriam beneficiados por serem “a favor do amor”, referência a apoiadores do governo Lula, enquanto pessoas mais necessitadas estariam passando necessidade.
04/11 – 13 – 14 horas	Publicação 49 - Imagem com um cartum/charge que apresenta uma figura que remete aos integrantes de grupos de cangaceiros, com os dizeres: “anistia é o caralho”, provavelmente em referência aos projetos de lei que visam anistiar os golpistas que participaram da manifestação antidemocrática que aconteceu em Brasília 8 de janeiro de 2023.	Publicação 50 - Compartilhamento de link com notícia informando que Lira teria um caminho certo a se tomar para o impeachment. Apenas na legenda não fica perceptível que impeachment seria esse, de quem seria. Mas o link acompanha uma imagem de Lira em cochicho com Lula, o que dá a entender que esse impeachment seria do mesmo. Acompanha diversos comentários. Um deles aconselha que os políticos deveriam sair da política.
05/11 – 15 – 16 horas	Publicação 51 - Imagem com fundo preto acompanhado de letras garrafais brancas, num tom de indignação, com quem votou em Tarcísio, pois este iria privatizar as escolas públicas. O mote do texto é uma revolta e sentimento de “sofram mesmo pois eu avisei e vocês não ouviram”. O texto ainda conta com um “fodam-se”. Acompanha o comentário “Eu acho é pouco, aguenta pobre de direita kkkkkk”.	Publicação 52 - Compartilhamento de link com notícia informando que Gleisi Hoffman (atual presidenta do PT) possivelmente ocuparia uma vaga no tribunal de contas da união. Acompanham comentários como: “só faltava ela.....pra completar o estrago” e “AFFF cada uma”.
06/11 – 11 – 12 horas	Publicação 53 - Imagem de computação gráfica com a estátua da liberdade com a mão no rosto dando a entender que estaria chorando.	Publicação 54 - Compartilhamento de um vídeo que é um recorte da cobertura da Globonews quanto a apuração das eleições americanas. O recorte trata da comemoração de vitória de Donald Trump. Acompanha o recorte grandes letras com os dizeres: “Trump chegando na festa da vitória. Clima de velório na Globonews”. Observa-se o comentário “globosta, globorreia”, relacionando o canal de TV com excremento.
07/11 – 18 – 19 horas	Publicação 55 - Vídeo de trecho de uma entrevista com Lula, acompanhado da legenda da fala do mesmo em destaque, e “13 NELES” escrito, em vermelho, em baixo. A legenda é: “nós tiramos do teto de gastos, que são investimentos para o povo, mas o congresso aceitaria um pacto para reduzir as emendas? E o mercado aceitaria reduzir subsídios?”.	Publicação 56 - Compartilhamento de link com notícia sobre “pulga atrás da orelha”, que ministros do STF teriam tido com a apuração das eleições estadunidenses. Acompanha uma imagem de três ministros conversando. Observa-se também comentários como: “bando de URUBU DO CARAIO, MINISTRECOS DO CARAIO”.
08/11 – 18 – 19 horas	Publicação 57 - Imagem de uma coluna de texto que inicia com o dizer: “FATOS”, argumentando que bolsonaristas não sabiam em quem teriam votado em eleições passadas, e não acompanhariam esses políticos após o período eleitoral.	Publicação 58 - Compartilhamento de link com notícia destacando que Nikolas Ferreira teria vencido no STF, uma ação contra o PSOL. Acompanha uma foto do deputado.
11/11 – 16 – 17 horas	Publicação 59 - Imagem de apoio a luta pelo fim da escala 6x1.	Publicação 60 - Compartilhamento de link com notícia sobre um suposto avanço do STF em uma pauta de proibição de artigos religiosos em repartições públicas, com foto dos ministros dispostos em uma bancada. Acompanham comentários críticos ao STF.

Fonte: O autor.

O Quadro acima (Quadro 1), expõe as publicações capturadas a partir da aplicação da técnica descrita mais acima, e apenas pela leitura delas assim como estão, simplesmente dispostas, já nota-se um certo ambiente de pobreza de ideias, não em um paralelismo barato entre os dois grupos – pois se trata de um grupo democrático à esquerda e um grupo que no mínimo ignora a situação golpista do 8 de janeiro de 2023 à direita, para dar apenas um exemplo –, mas atentando que em ambos os grupos, as publicações tratam-se antes, de uma defesa acrítica dos ideais alinhados no momento ao seu espectro político, quase sempre, e menos no grupo de esquerda, num compartilhamento de conteúdo e ideais prontos, ao invés de uma discussão política que, mesmo que alinhada exclusivamente a um lado do espectro, o que realmente se espera de um grupo a isso destinado, seja propositiva, relacional e crítica. Enfim essa discussão retomará quando mais à frente são tratadas algumas publicações específicas selecionadas, mas já se mostra importante aqui pois ilustra algo que mesmo sem análises aprofundadas, já se destaca na simples tabela de disposição das categorias captadas.

Importa nesse momento do presente texto, deixando de fato a discussão acima para mais adiante – a fim de não quebrar a sequência planejada ao capítulo –, que essas publicações, essas descrições, no quadro acima dispostas, foram utilizadas uma a uma para serem inferidas de suas ligações políticas, para a construção do revelador quadro abaixo (Quadro 2). Como pode notar o leitor o quadro está dividido em duas grandes colunas, que justamente referenciam as duas possíveis inferências entre as finalidades dessa análise: ou a publicação foi inferida como A (de esquerda), ou como B (de direita). Vejamos o quadro 2:

Quadro 2 – Quadro após inferências junto às justificativas

Inferido como A (“esquerda”)	Inferido como B (“direita”)
Publicação 1 – as figuras da imagem, pastores evangélicos nacionalmente famosos, são normalmente, e fazem por onde serem, atrelados a direita, e estão sendo postos como encarnação do “mal”.	Publicação 2 – a suposição de pedido de impeachment de Alexandre de Moraes, na publicação implicado, é um tema bastante quisto para a direita.
Publicação 3 – os imbecis que a criança vê o tempo todo, são os bolsonarista, de direita.	Publicação 4 – embora seja ambígua a “reação” de Bolsonaro exposta na imagem atrelada ao link, um comentário o relaciona com Marçal, o que aproxima a publicação de uma classificação com a “direita”. De todo modo Marçal é uma figura que por si só já possibilitaria essa inferência.
Publicação 5 – claro tom “anti-Marçal”, que no momento da publicação, eleição para a prefeitura de São Paulo, se punha como uma opção de direita.	Publicação 6 – Ode a tom violento de Bolsonaro, ídolo da direita nacional, em relação a Alexandre de Moraes, normalmente atrelado a “esquerda”, pela “direita” <sup>79</sup> .
Publicação 7 – ode a Alexandre de Moraes, na publicação admitido como herói de uma resistência democrática <sup>80</sup> , em antagonismo a um autoritarismo bolsonarista de “direita”.	Publicação 8 – tom abertamente transfóbico, conservador, normalmente atrelado a direita no contexto brasileiro.

<sup>79</sup> A definição de Moraes como de esquerda pode assustar, e de fato, como descrevo na própria inferência, é algo batizado pela direita. Mas há também concordância a isso na própria esquerda, como fica visível em outras inferências de publicações como à esquerda. Destaco então que essa definição, que é para algumas reflexões incongruente (assumo que para quem os escreve também), é escolhida como passível de sustentar a inferência como à direita, ou seja como for, pois é publicamente assim lida, como vai ser o caso também de outras definições, que podem, como essa, chamar a atenção do leitor, as quais já estão explicadas na presente nota.

<sup>80</sup> Ver nota anterior.

reforçada pela obediência dos visualizadores do post. que é assumida, ao comentarem obedientemente do modo como pede o publicador, a frase: “Alexandre mito democrático”.	
Publicação 9 – relacionamento dos sites de apostas a “direita”, problema em alta na época da publicação, com forte cobertura midiática. Além de valorização da atitude do governo atual, dado como de “esquerda”, de criação de leis que combateriam esse problema.	Publicação 10 – aberta crítica ao governo atual, atrelado a “esquerda”.
Publicação 11 – na publicação, os opositores têm seus aparelhos vocais comparados aos de animais ruminantes, assim relacionando eles a um comportamento de rebanho. O grupo é de esquerda e seus opositores são a “direita”.	Publicação 12 – aberta crítica ao governo atual, atrelado a “esquerda”, julgando que este não saberia administrar bem a economia.
Publicação 13 – na publicação pastores declarados de “direita” são relacionados a demônios.	Publicação 14 – crítica feita por Bolsonaro, atrelado a “direita”, mais uma vez, ao membro do supremo, Alexandre de Moraes, atrelado pela “direita”, a “esquerda”, por suspeição.
Publicação 17 – material de campanha de Guilherme Boulos, candidato de “esquerda” a prefeitura de São Paulo.	Publicação 16 – a publicação tem claro tom de congratulação aos candidatos eleitos de direita, também deduzível a partir da vinculação ao link de três imagens destes. As comemorações se repetem nos comentários.
Publicação 19 – crítica a Elon Musk, a partir da punição, fechamento, de sua rede social, na época, pelo judiciário brasileiro. Musk normalmente apoia candidaturas de “direita” mundialmente e tem opiniões favoráveis a esse campo.	Publicação 18 – reforço de uma união Marçal-Bolsonaro, que embora não tenha se concretizado, foi claramente quista por parte da direita, principalmente o eleitorado.
Publicação 21 – disposição de Flávio Bolsonaro, figura unanimemente posta como de “direita”, como um corrupto que tenta se desvencilhar de processos.	Publicação 20 – levantamento de suspeição do judiciário, normalmente posto como de “esquerda” pela “direita”.
Publicação 23 – notícia que indiretamente critica o governo estadual de São Paulo, gerido por Tarcísio de Freitas, normalmente atrelado a “direita”.	Publicação 22 – na notícia, na imagem e nos comentários, há um tratamento negativo ao STF. A notícia é uma clara valorização a um suposto avanço de lei que afetaria o judiciário brasileiro, este posto pela “direita”, como algo de “esquerda”, ou no mínimo um peso negativo aos fins da “direita”.
Publicação 25 – informação negativa de Jair Bolsonaro, provavelmente a figura mais popular da “direita” brasileira atualmente.	Publicação 24 – suspeição de Alexandre de Moraes, e consequentemente ao judiciário brasileiro, visto pela “direita” como de “esquerda”.
Publicação 27 – valorização do MST, movimento histórico de formação da esquerda brasileira.	Publicação 26 – rebaixamento da imagem de Lula, atrelado a “esquerda”, numa exposição de promessas de campanha ditas pela “direita” como não cumpridas.
Publicação 29 – reafirmação positivada da inelegibilidade de Jair Bolsonaro, figura de grandíssima relevância na “direita” brasileira.	Publicação 28 – tom negativo, ao suposto apoio a eleição, supostamente não democrática, da Venezuela, por parte de Lula, o colocando como líder de uma esquerda latina.
Publicação 31 – alerta a uma fake news negativa para a “esquerda”.	Publicação 30 – destaque a confirmação de uma informação negativa posta por Ricardo Nunes, normalmente atrelado a “direita”, a Guilherme Boulos, normalmente atrelado a “esquerda”, em um debate.
Publicação 33 – descontentamento com Ciro Gomes, figura as vezes vista como de esquerda, embora isso não tenha muito par com a realidade histórico política dele, aliando-se a André Fernandes, forte figura do PL e do Bolsonarismo no estado do Ceará.	Publicação 32 – destaque a uma certa “luta” parlamentar por direitos de minorias, de Damares, forte figura da “direita”.
Publicação 35 – crítica a um suposto ódio intrínseco a “direita”.	Publicação 34 – consideração positiva de um suposto apoio de Trump, maior figura da direita internacional hoje, a Bolsonaro, maior figura da direita nacional hoje, nas eleições a presidência em 2026.
Publicação 37 – reforço do apoio de Lula, figura de “esquerda”, ao candidato da “esquerda” em São Paulo para as eleições municipais de 2024, Guilherme Boulos.	Publicação 36 – crítica a retomada de impostos por parte do governo atual, atrelado a “esquerda”, com foco na figura de Lula, líder desse mesmo governo, também atrelado historicamente a “esquerda” e possivelmente seu maior líder histórico. Há também o uso da figura de Tarcísio, forte nome da “direita” paulista, como autor da crítica.
Publicação 41 – denúncia de fraudes na eleição de São Paulo, feitas por Tarcísio de Freitas, normalmente atrelado a “direita”.	Publicação 38 – suspeição ao judiciário brasileiro, na figura de Alexandre de Moraes, posto normalmente pela “direita” como um “atrapalhador” do governo de Jair Bolsonaro, e consequentemente colocado como de “esquerda”.

Publicação 43 – comemoração de resultados positivos do governo atual, atrelado a “esquerda”.	Publicação 40 – comemoração de uma suposta maior vitória da “direita”, em relação a “esquerda”, a nível nacional, nas recentes eleições municipais de 2024.
Publicação 45 – comemoração a um suposto pedido de impeachment de Tarcísio de Freitas, comumente atrelado a “direita”.	Publicação 42 – achique com a “esquerda”, a partir de uma fala da presidência do PT, maior partido desse posicionamento, que assumia que as redes não seriam favoráveis a eles, logo deveriam ser reguladas.
Publicação 47 – congratulação a resultados positivos do governo federal hoje liderado por Lula, normalmente atrelado a “esquerda”, na economia, em comparação com “grandes potências”.	Publicação 44 – destaque a uma GLO (garantia da lei e da ordem), normalmente utilizada em situações de distúrbio social, que supostamente teria sido assinada por um ministro do supremo, que normalmente são atrelados a “esquerda” pela “direita”, num tom de ressentimento pois Jair Bolsonaro, maior figura da “direita” brasileira, não teria feito isso em situações passadas, para finalidades de golpe de estado, algo que sempre foi demonstrado como muito querido pelo eleitorado radicalizado de “direita” brasileiro.
Publicação 49 – postura negativa a um projeto de lei que busca anistiar golpistas de “direita” que atacaram o estado democrático brasileiro no dia 08/01 de 2023.	Publicação 46 – suspeição ao judiciário brasileiro, na figura de Alexandre de Moraes, posto normalmente pela “direita” como um “atrapalhador” do governo de Jair Bolsonaro, e consequentemente colocado como de “esquerda”.
Publicação 51 – postura negativa a Tarcísio de Freitas, forte figura da “direita” nacional, acompanhada de crítica ferrenha ao eleitor de “direita”, com apelidos pejorativos como “pobre de direita”.	Publicação 48 – crítica a lei Rouanet, normalmente posta pela “direita” como “mamata” (palavra pejorativa na cultura brasileira aplicada a quem se beneficia de algum capital público ou privado de forma corrupta ou esbanjada) de artistas vistos como de “esquerda”.
Publicação 53 – descontentamento com a eleição de Donald Trump, figura principal da “direita” mundial, à presidência dos Estados Unidos.	Publicação 50 – suposição positiva a um impeachment de Lula, atual presidente, figura histórica da “esquerda” brasileira.
Publicação 55 – ode a uma fala de Lula, principal figura da “esquerda” nacional atualmente.	Publicação 52 – desagrado com a suposição de que Gleisi Hoffman, figura normalmente posta como de “esquerda” e presidenta do PT, maior partido tido como de “esquerda” das américas, tomaria posse de um cargo no tribunal de contas.
Publicação 57 – consideração dos eleitores de Jair Bolsonaro, principal figura da “direita” brasileira, como pessoas de baixa capacidade intelectual.	Publicação 54 – escárnio com um suposto comportamento de jornalistas da TV Globo, que teriam ficado tristes com a eleição de Donald Trump, figura principal da “direita” mundial, a presidência dos estados unidos. Os jornalistas são dados como de “esquerda”, como inimigos que se deve comemorar a sua tristeza.
Publicação 59 – apoio a luta pela redução da jornada de trabalho, pauta cara a “esquerda”.	Publicação 56 – notícia ambígua, mas que tem tom revelado pelos comentários de baixo calão em relação a ministros do supremo, dados como de “esquerda”.
	Publicação 58 – comemoração de uma suposta vitória de Nicolas Ferreira, deputado reconhecido positivamente pela “direita”, sobre o PSOL, partido que se auto identifica como à esquerda do PT, este já comumente considerado de esquerda.
	Publicação 60 – crítica ao judiciário brasileiro, normalmente dado por grupos de “direita” como de “esquerda”, quanto a supostas decisões que proibiriam artigos religiosos em repartições públicas.

Fonte: O autor.

No quadro acima, finalmente é apresentada a classificação pós inferências, onde acusa-se de uma forma flagrante, o modo como circulam em antros de determinado espectro político, apenas publicações daquele mesmo espectro político do grupo, o que finalmente é esmiuçado mais abaixo. Antes disso vale ainda destacar que foi feito um terceiro quadro, o Quadro 3, onde o mesmo quadro disposto acima (Quadro 2), foi refeito, trocando as justificativas das inferências, pela simples descrição da tabela de origem, o que serviu para demonstrar simplificarmente, e ainda mais flagrantemente, o fenômeno descrito no início

desse parágrafo. Antes então de refletir finalmente sobre esse conjunto de informações do quadro acima, vale dispor o terceiro quadro:

Quadro 3 - Quadro após inferências junto ao seu quadro de origem

Inferido como A (“esquerda”)	Inferido como B (“direita”)
Publicação 1 – Esquerda.	Publicação 2 – Direita.
Publicação 3 – Esquerda.	Publicação 4 – Direita.
Publicação 5 – Esquerda.	Publicação 6 – Direita.
Publicação 7 – Esquerda.	Publicação 8 – Direita.
Publicação 9 – Esquerda.	Publicação 10 – Direita.
Publicação 11 – Esquerda.	Publicação 12 – Direita.
Publicação 13 – Esquerda.	Publicação 14 – Direita.
Publicação 17 – Esquerda.	Publicação 16 – Direita.
Publicação 19 – Esquerda.	Publicação 18 – Direita.
Publicação 21 – Esquerda.	Publicação 20 – Direita.
Publicação 23 – Esquerda.	Publicação 22 – Direita.
Publicação 25 – Esquerda.	Publicação 24 – Direita.
Publicação 27 – Esquerda.	Publicação 26 – Direita.
Publicação 29 – Esquerda.	Publicação 28 – Direita.
Publicação 31 – Esquerda.	Publicação 30 – Direita.
Publicação 33 – Esquerda.	Publicação 32 – Direita.
Publicação 35 – Esquerda.	Publicação 34 – Direita.
Publicação 37 – Esquerda.	Publicação 36 – Direita.
Publicação 41 – Esquerda.	Publicação 38 – Direita.
Publicação 43 – Esquerda.	Publicação 40 – Direita.
Publicação 45 – Esquerda.	Publicação 42 – Direita.
Publicação 47 – Esquerda.	Publicação 44 – Direita.
Publicação 49 – Esquerda.	Publicação 46 – Direita.
Publicação 51 – Esquerda.	Publicação 48 – Direita.
Publicação 53 – Esquerda.	Publicação 50 – Direita.
Publicação 55 – Esquerda.	Publicação 52 – Direita.
Publicação 57 – Esquerda.	Publicação 54 – Direita.
Publicação 59 – Esquerda.	Publicação 56 – Direita.
	Publicação 58 – Direita.
	Publicação 60 – Direita.

Fonte: O autor.

A consideração direta e técnica da observação dos dois últimos quadros, que são de mesma origem, mudando apenas a forma de exposição, é que, das 60 publicações capturadas, houve um total de 58 relacionadas a algum “grupo político” passível de inferência nos moldes da presente pesquisa, “esquerda” ou “direita”. A partir das inferências constatou-se que, 30 de 30 publicações provenientes do grupo de direita, foram inferidas como de “direita”, e 28 de 30 publicações provenientes do grupo de esquerda, foram inferidas como de “esquerda”, sendo as duas publicações que não foram inferidas como de “direita” ou “esquerda”, publicações sem relação com a política e de conteúdo extremamente infértil, bestializado e inerte, vindas do próprio grupo de “esquerda” (são as publicações número 15 e 39, as quais são exploradas detidamente no subcapítulo referente as publicações inferidas como de esquerda). Fica claro então, que nos grupos do Facebook, rede social principal da *Big tech* Meta, de determinado espectro político, apenas se vê conteúdos, dada a amostra acima, daquele determinado grupo político – e quando não relacionados a política, esses conteúdos se tratam de aleatoriedades bobas. Assim, pode-se considerar, e agora não apenas teoricamente, mas empiricamente,

praticamente, que com os quadros acima, com a técnica aplicada na pesquisa, observa-se, constatam-se, as bolhas de autoconfirmação nas redes sociais, ambiente por excelência da profilagem. Apenas observa-se, não as flagrando ainda numa agência direta das *Big techs* propriamente ditas, mas sim numa espécie de comportamento daqueles indivíduos naqueles grupos, ou grandes páginas – como era o caso do grupo de “direita” –, o que pode sim muito bem ser problematizado como, para além de uma simples “agência”, um sintoma de uma rede totalmente baseada no uso dos perfis como fonte e alvo de propagandas individualizadas, ou seja, a profilagem (BEIGUELMAN, 2021; BRUNO, 2013; MISKOLCI, 2021; RAULINO, 2022; VÉLIZ, 2021; CESARINO, 2022). Mas não, não se captura aqui, ainda, a profilagem diretamente feita pelas *Big techs*, o que captura-se melhor com as páginas de suporte aos anunciantes, que é o que apresenta e discute a exposição do próximo capítulo. De toda forma, a intenção do momento metodológico e do capítulo, já se encontra aqui fechada, pois já se identificam nos dois últimos quadros (Quadro 2 e Quadro 3) as bolhas de autoconfirmação de opiniões fechadas politicamente, o que não significa que não se possa fazer um tratamento mais qualitativo ainda desses dados, como nos subtópicos a seguir, que trazem toda uma riqueza de detalhes flagrantes daquele ambiente.

É premente ainda, antes da exposição, do trato específico a algumas publicações selecionadas, e sinto que seja correto tratá-la, a questão: não seriam esses resultados, óbvios? A resposta é claramente sim. Embora não se possa duvidar nunca da política, e seu eleitorado, brasileira, é mais do que esperado que em um grupo de esquerda, circulem publicações de esquerda, e o mesmo com o outro lado do espectro. Mas para além de toda boa pesquisa científica, mesmo que pareça óbvia, sustente uma metodologia científica, momentos metodológicos e suas técnicas práticas de forma concisa e séria, acontece que importa mais aqui, como é declarado desde a introdução, e da abertura do presente capítulo, e é a intenção com a aplicação dessa técnica, a observação desse isolamento nas redes sociais, o quanto a captação interna por parte de seus usuários se consolida, como isso é agenciado e reapropriado criando uma cultura cibernética, claro, de forte influência do objeto técnico, como já alertei a partir de Miskolci (2021) desde a introdução, de reforço a um isolamento e confirmação de ideias pré-concebidas – mais uma vez disponho o trecho do objetivo específico que reforça esse fim: “o quanto esses nichos resultam em bolhas de autoconfirmação dessas opiniões” –, o que é mais do que flagrado com a consonância das publicações categorizadas e depois inferidas no mesmo espectro político de seus grupos, e é explorado ainda mais em detalhes, nos subcapítulos a seguir. Enfim, o resultado, esperado mesmo como óbvio, nunca é só um resultado estático, solto em um texto referente a uma pesquisa – isso não acontece nem mesmo em pesquisas

quantitativas –, ele é além disso, um encaminhador de discussões, o que resume a um detalhe ínfimo, sua “obviedade”. Em outras palavras, não intencionou-se com esses dados, simplesmente dizer que “A circula no A”, mas enriquecer uma pesquisa e dar conta parcialmente de um objetivo com a reflexão proveniente.

### **3.1 Algumas publicações tratadas mais a fundo**

Nos dois tópicos desse subcapítulo, apresentados logo abaixo, são expostas e refletidas mais atenciosamente algumas das publicações constantes nos quadros acima, resultantes da categorização e inferências a publicações de dois grupos antagônicos politicamente do Facebook. Essa exposição mais específica é feita de modo expositivo/analítico simplificado, ou seja, reexpondo e analisando criticamente junto ao contexto contemporâneo e referências quanto a história recente da polarização política brasileira, algumas publicações selecionadas, apenas mesmo para se atentar aos pormenores desse universo, dos quais no que consta aos fins gerais do capítulo, da finalidade de responder ao objetivo específico 2 parcialmente, já foram refletidos, apenas com a análise dos quadros em geral, como disposto acima, e mais abaixo no arremate. Não são expostos e analisados, óbvio, o montante geral, que é grande, o que trouxe uma necessidade de seleção, onde foram então escolhidas algumas publicações, por mérito mesmo, de serem flagrantes de implicações concernentes ao escopo teórico do estudo e situações mais pungentes a se flagrar o ambiente político polarizado contemporâneo no país. Essas publicações selecionadas são enfim dispostas e refletidas em uma análise rápida em um parágrafo para cada, para ilustrar melhor o capítulo e a discussão dele, já anteriormente disposta e reforçada pelos dados obtidos com a técnica aplicada e seus resultantes quadros.

Destaco ainda, e isso já foi brevemente exposto no início do capítulo, que era de interesse, principalmente no planejamento prévio da estrutura da presente exposição, que constassem os prints das publicações que foram usados para descrevê-las, no corpo do texto, principalmente nessa parte, o que enriqueceria ilustrativamente o trabalho. Isso infelizmente não foi possível, devido ao receio de possíveis violações formais a direitos de imagem, e o zelo também com a não violação a privacidade de entes que publicaram nesses grupos, pessoas comuns, mesmo quando informalmente e o caso talvez não sendo “alcançável” juridicamente. Seria no mínimo insensato um trabalho de tom crítico aos mandos e desmandos das grandes empresas de tecnologia no contexto social na atualidade, ignorar o direito de imagem, e não só – pois esse seria facilmente resolvido com uma mancha nas imagens –, diante que implica

também, o simples direito de privacidade de não ter sua publicação diretamente exposta e discutida dessa exposição – essa que de algum modo foi disposta na pesquisa, mas sempre a partir de uma descrição e posteriormente de uma justificação de sua inferência, nunca no original ou expondo e esmiuçando autoria. Enfim, seria valioso ilustrativamente dispor dos prints, que capturei e possuí para fazer as descrições e as inferências, mas não podem eles serem aqui dispostos, pois seria no mínimo incongruente.

### ***3.1.1 Exemplos de publicações do grupo de “esquerda” e suas superficialidades***

Na publicação 7 (descrita como: “um texto sobre um suposto post de um jornal internacional que teria posto Alexandre de Moraes como uma “figura contra a desinformação”, com a foto dele ao lado da foto de Elon Musk. O post também convoca as pessoas a comentarem “Alexandre mito democrático” o que é obedecido por alguns no campo de comentários”), inferida como de “esquerda” (por ser uma “ode a Alexandre de Moraes, na publicação admitido como herói de uma resistência democrática, em antagonismo a um autoritarismo bolsonarista de “direita”, reforçada pela obediência dos visualizadores do post. Que é assumida, ao comentarem obedientemente do modo como pede o publicador, a frase: “Alexandre mito democrático””), observa-se de um modo declarado, a visualização por parte da esquerda brasileira atualmente, da figura pública Alexandre de Moraes, um ministro do Supremo Tribunal Federal, como uma figura umbilicalmente de esquerda, e não uma simples figura de importante papel na atualidade. Moraes é posto como um declarado “herói”, principalmente nas palavras de quem obedece ao postador nos comentários à publicação. Eles repetem obedientemente a ordem de comentar “mito democrático”, o que pode-se inferir que signifique que essa figura garanta para aqueles, a democracia. Acontece que Moraes pode até a partir de certa leitura ser de forma justa visto como um sustentador importante da democracia nacional recentemente, dado suas agências no supremo para condenar golpistas da “direita” – agências pois embora seja apenas a aplicação da lei esperada de um ministro do supremo, ela muito comumente no contexto judiciário brasileiro é postergada, quando não até não exercida, devido a uma “frouxidão” e morosidade proposital (GARZILLO; MELLO, 2023) –, mas não parece coerente o ver como algum ente, herói, da esquerda. Moraes é indicação de Michel Temer ao STF, este por sua vez bradado pela esquerda, na época que foi levado a presidência por um golpe do legislativo à presidenta eleita à época Dilma Rousseff, como um golpista. O apego em Moraes, da forma exacerbada como é feita pela esquerda flagrada na publicação, pode ser supostamente justificado, e de fato só se pode aqui supor, por um reflexo antagonista ao

comportamento da direita e aos desafetos dela, ou por uma necessidade de preencher um vazio de grandes líderes, heróis. A segunda suposição não parece a par da realidade, afinal a esquerda brasileira ainda tem Lula, um dos maiores líderes desse lado do espectro político da história mundial. Vou então me atentar a primeira. Como foi visto no quadro, e se encontra presente também no subtópico dedicado às exposições dos artigos oriundos e inferidos como de “direita”, aquele lado do espectro político, tem um caso de ódio a figura de Moraes, o que provavelmente é reflexo dos anos de críticas feitas a ele pelo seu maior líder, Bolsonaro, que não aceitava o simples fato de existir um judiciário que pudesse interferir em decisões dos outros poderes da república, inclusive principalmente o que ele tinha nas mãos, o executivo, a presidência. Enfim aposto que essa ligação da esquerda a Moraes, que transbordava no grupo e foi capturada por essa publicação, seja um reflexo antagonista ao ódio da direita a ele, numa espécie de posicionamento no campo, no melhor estilo, “se eles odeiam ele é meu amigo”. Enfim, o observado pode de fato ser apenas uma admiração da sua agência, mas a ode e a obediência a essa ode com os repetidos dizeres, como em coro, “Alexandre mito democrático”, são no mínimo problemáticos a um campo independente e saudável, e revelam um ambiente vazio, simplista e acrítico com a história muito recente do golpe de 2016.

Destaca-se também a publicação 11 (descrita como: “um pequeno texto em forma de imagem onde justifica-se o não diálogo com opositores políticos pois estes seriam comparáveis a um rebanho animal, uma alusão a um grupo de opinião uníssona”), inferida como de esquerda (pois “na publicação, os opositores têm seus aparelhos vocais comparados aos de animais ruminantes, assim relacionando eles a um comportamento de rebanho. O grupo é de esquerda e seus opositores são a “direita””). Embora se espere que em um grupo de esquerda, no momento político extremamente polarizado que perpassa hoje a política do Brasil – com o adicional do outro lado do espectro político ser declaradamente baseado no ódio a grupos minoritários e que tenha tido intencionas golpistas à democracia recentemente –, seja radicalizado e presente de escárnio e achinque à sua oposição, não deixa de ser valioso, ao se observar as características de um grupo de determinado alinhamento político, a constatação da comparação destes a animais. Em outras e simplificadas palavras, não é de se impressionar que se compare seus opositores a animais ruminantes, principalmente no contexto brasileiro atual, mas isso não deixa de ser valioso analiticamente, e no mínimo ilustrador da radicalização e baixa disposição intelectual gerada por um ambiente de nichos auto confirmantes, gerados pela profilagem, o modo de funcionamento das *Big techs* atualmente. Convenhamos que a esquerda não precisaria desse rebaixamento, embora se entenda o contexto. Seria esse rebaixamento, um comportamento gerado por agência das redes? Ver-se-á essas reflexões no capítulo seguinte

Outra publicação que chamou atenção foi a 45 (descrita como: “imagem de algumas pessoas de terno, acompanhada de letras gigantes com fundo vermelho, em tom de alerta, e acompanhada de um emoticon<sup>81</sup> de sirene, com o texto: “URGENTE! PROTOCOLADO PEDIDO DE IMPEACHMENT DO GOVERNADOR TARCÍCIO””), inferida como de esquerda (por se tratar de uma “comemoração a um suposto pedido de impeachment de Tarcísio de Freitas, comumente atrelado a “direita”). Importa aqui, destaque nesse subcapítulo essa publicação, pois ela ilustra uma estética “memeficada<sup>82</sup>”, o que se sustenta principalmente no aviso em letras garrafais com emoticons de sirene, um típico sinal usado para chamar atenção em posts na internet com essa estética, no ambiente da internet, até mesmo entre notícias que se esperaria serem formais. Ela, a memeficação dos ambientes mesmo quando esses não esperáveis, é muitas vezes constante nas publicações dos dois lados do espectro observadas com essa técnica e apresentadas nesse capítulo. Essa “memificação” é um flagrante empobrecimento do debate público e político. Talvez esteja esperando demais ao achar que nessa análise, do campo político brasileiro, e principalmente de representações suas na rede de computadores, antro dessa cultura do “meme”, não existam publicações do gênero, mas não deixa de ser uma constatação existente na publicação e conseqüentemente no ambiente, que há um empobrecimento dele por meio de estéticas originárias e puramente da internet e das redes sociais. Outro ponto interessante à análise é a escrita incorreta do nome do recém-eleito à época prefeito de São Paulo, sempre relacionado no ambiente público/midiático brasileiro como de direita. Tarcísio de Freitas, é mencionado na publicação como “TARCÍCIO”. É extremamente comum nos grupos, e novamente destaque que a publicação referida é apenas um exemplo de um universo maior, a escrita formalmente incorreta, o que é mais um flagrante da informalidade do ambiente e incoerência com um debate político aprofundado e sério. Não quero definir aqui que a linguagem pobre e incorreta queira dizer automaticamente uma pobreza intelectual, o que foi mais do que desmistificado pelo valioso estudo de Marcos Bagno (2015), onde inclusive é alertado que o importante é a mensagem, essa que pode ser consolidada por um sujeito que mesmo sem instrução de língua formal, tenha conseguido de alguma forma, formal ou não, posse de uma instrução em determinado tema (BAGNO, 2015). É claro então, que existem reflexões, que embora tragam uma linguagem incorreta, e até mesmo pobre vocabulário,

---

<sup>81</sup> Emoticon é o nome dado aos recursos gráficos comunicativos presentes no teclado dos *smartphones*, normalmente representadas pelo simulacro de um rosto humano em amarelo com expressões faciais. Podem também ser muito mais diversos do que somente rostos, contendo figuras como: animais, veículos, profissões, simbologias asiáticas e etc.

<sup>82</sup> Neologismo decorrente de “meme”, que significa por sua parte, o arcabouço visual humorístico, em imagem e vídeo, decorrente da internet, normalmente os virais.

conseguem transmitir um recado, e até mesmo uma reflexão mais aprofundada, o que para Bagno (2015) é o que importa. Mas fica sonante que não é o caso das redes, e principalmente do caso acima, onde deixaram passar um erro em um nome próprio. Enfim intenciona-se aqui a constatação da pobreza da memeficação, junto ao destaque do erro ortográfico de um nome próprio – o que talvez nem faça sentido ou seja até um erro crasso, devido a nome próprio ser de livre escrita, que condiz não exatamente com ortografia, mas sim com uma determinação parental –, denunciando assim os sintomas de rebaixamento do ambiente de discussão política, quando este disposto nos modos de funcionamento da rede de computadores.

Por fim, a publicação de número 51 (descrita como: “imagem com fundo preto acompanhado de letras garrafais brancas, num tom de indignação, com quem votou em Tarcísio, pois este iria privatizar as escolas públicas. O mote do texto é uma revolta e sentimento de “sofram mesmo pois eu avisei e vocês não ouviram”. O texto ainda conta com um “fodam-se”. Acompanha o comentário “Eu acho é pouco, aguenta pobre de direita kkkkkk””), inferida como de esquerda (por “postura negativa a Tarcísio de Freitas, forte figura da “direita” nacional, acompanhada de crítica ferrenha ao eleitor de “direita”, com apelidos pejorativos como “pobre de direita””), chama atenção pelo tom vingativo para com o eleitor. Na publicação parte-se de um pressuposto problemático logicamente e estrategicamente, de que, haveria uma predisposição natural ao eleitorado popular, no caso pessoas de baixa renda usuárias de serviços públicos, a votar e a eleger candidatos de esquerda – daí então a revolta com o resultado eleitoral contrário, a eleição de Tarcísio. A publicação se indigna que isso não foi o caso na eleição do contexto da publicação, a eleição para a prefeitura de São Paulo de 2024. Esse eleitorado que não seguiu essa sua “natureza” intrínseca, deveria então ser severamente punido e achincalhado, no caso, com uma educação privatizada, o que predispõe uma educação paga e bancária (FREIRE, 2016). Tudo isso é ilustrado sob os xingamentos de “fodam-se” e a definição pronta de “pobre de direita”. Sustento que na política, seja numa análise acadêmica seja num grupo da internet, acreditar numa predisposição intrínseca, mesmo que configurada socialmente, da população em geral, a votar em candidatos de esquerda, seja um desvio de realidade e lógica gigantesco, e um afronte a uma visão relacional e aprofundada esperada do nosso campo, tal qual o cientista social que envereda por caminhos místicos, como a astrologia – o que convenhamos não é difícil de se ver. Em tons vingativos como os da publicação, expressados no desejo de falência intelectual da população usuária de serviços públicos, a única coisa que a esquerda consegue é afastar-se mais ainda do seu eleitorado, que talvez ela tenha tido um dia, que de orgânico e natural não tem nada – sendo formado principalmente nesse país por construções de base e relações com a sociedade civil trabalhadora, que hoje ela não parece ter

mais –, e que ela veio a perder com seus devaneios identitários, estes últimos que estão tanto mais para o neoliberalismo e a sua cultura de consumo e liberdades irrestritas, do que para uma luta verdadeiramente emancipatória do ponto de vista do acesso a igualdade de classe (RICCARDI, 2023, p. 153). Toda essa reflexão que disponho acima é mais um ilustrador da publicação e um diálogo com teorias que vieram a mente de quem os escreve, que nem essenciais são diante da clareza da própria publicação em denunciar o ambiente pobre e raso que vinculam esses grupos na rede social analisados. Antes de ser uma agência do publicador, o que não nego, essa pobreza e cegueira anti-prismática, é uma predisposição do objeto técnico, a rede social. Em outras palavras e à guisa de fechamento a esse parágrafo: como observado muito bem desde os quadros, e agora disposto mais diretamente nas publicações, os grupos são antros de um ambiente fechado e raso, enfim, nichado, o que é, como é tratado no capítulo seguinte, uma disposição técnica da profilagem, das *Big techs*, o que no fim das contas ambienta um sujeito neoliberal cada vez mais necessitado de uma mentalidade autossuficiente e fechada, seja de qual lado do espectro for, essa por fim alimentada pela rede social.

Com as 4 publicações dispostas acima, pode-se observar o fechamento em nichos do grupo de esquerda, o que repito, já tinha sido visto apenas com os quadros, mas que pôde ser enriquecido com a atenção maior dada a algumas publicações que se destacavam, como foi feito aqui. Nessas publicações, o que fica destacado, acima das discussões paralelas que elas suscitaram, é o flagrante às partes mais profundas do “nichamento” político das redes sociais, em seu formato literal, como também o nível raso de discussão política, aqui especificamente no grupo de esquerda<sup>83</sup>.

Há ainda duas publicações oriundas do grupo de esquerda que quero destacar mais especificamente neste trabalho, justamente as duas que não foram inferidas em nenhum lado do espectro político. Com isso estou desvirtuando esse subtópico, que julgo concluído do parágrafo anterior, mas considero ser importante que não passe despercebido esse fenômeno. Foi

---

<sup>83</sup> Importante destacar que com essas reflexões não quero sustentar que no Brasil a esquerda possa ser definida como uma espécie de “esquerda naif” (inocente, bobinha, ingênua). Isso não seria justo por uma questão de ser uma generalização barata, e pela presença de um forte debate interno profícuo e rico – como os muito comuns debates entre uma “esquerda radical”, e a malfalada por esses, “esquerda governista” acusam, a primeira constituída a partir de fortes críticas ao governo atual, e que viralizaram no nicho progressista ultimamente, o acusando até mesmo de neoliberal, a partir da acusação de desalinhado ao trabalhador, critica essa sustentada num utópico comunismo idealizado, algo próximo ao que fazia a célula radicalmente ironizada na obra prima “a chinesa” de Jean-Luc-Goddard, quando essa célula, composta por jovens filhos de grandes empresários burgueses e uma empregada que servia eles, criticava a União Soviética e o PC francês, ao passo que esses seriam reformistas, desalinhados do trabalhador, e coniventes com a guerra do Vietnã (LA CHIONOISE, 1967) – que não combina em nada com essa pobreza encontrada nos grupos. O que sustentei acima, apenas reflete os dados que foram encontrados com a pesquisa, o que não deixa de ser um flagrante e denúncia de fato a um ambiente raso, que não pode nem ser generalizado como definição do que seria a esquerda, nem ignorado.

justamente da coluna de “esquerda”, ao observar finalmente a tabela simplificada pós inferências, que se observava a falta de duas publicações de números ímpares, que faziam jus justamente a origem dessas publicações no grupo de esquerda. Destaco então as duas publicações: publicação 15 (“imagem plasticamente bonita com uma cidade entre montanhas, com um texto em caixa alta e fonte imensa, onde há a pergunta: “VC MORA NA MESMA CIDADE QUE VC NASCEU” (deduz-se ser uma pergunta embora haja a falta de ponto de interrogação). Logo abaixo aparecem as possíveis respostas, SIM ou NÃO. Há diversos comentários respondendo com as alternativas dadas”) e publicação 39 (imagem de várias mulheres em estilo de desenho animado com bocas gigantes, com a legenda: “o mundo segundo uma certa corrente de esteticistas”. Observa-se o comentário: “credo”). Isso aconteceu, essa presença dessas publicações sem fins militantes ou políticos, suponho, pois o grupo de esquerda, era aberto a publicação de toda e qualquer pessoa que nele entrasse, diferentemente do grupo de direita, que apenas o administrador publicava. Mas a análise que se faz finalmente, é que é de uma inutilidade e infimidade imensa, a presença de publicações sobre a cidade em que nasceu, e ao tamanho das bocas de pessoas que passaram por mudanças estéticas, em um grupo de fins militantes numa rede social. Estas publicações, não podem acusar uma pobreza intelectual nos sentidos políticos nas redes, como fazem as outras, mas acusam isso como algo onipresente em outras formas, das mais diversas forma imagináveis, nas redes.

### ***3.1.2 Exemplos de publicações do grupo de “direita” e suas superficialidades***

Antes de propriamente iniciar as exposições como no subtópico acima, é importante novamente tratar que as publicações oriundas do grupo de direita, e que foram em sua totalidade inferidas como de “direita”, são todas publicações do administrador do grupo, compartilhadas de uma página de notícias de direita, o que já diz algo sobre a liberdade de opinião naquele ambiente político, e o quanto seu público é aberto a ser agenciado por outrem, desde que esse seja declarado de “direita”: carregue as cores da bandeira nacional e a identidade visual da direita brasileira bolsonarista – sem contar também na necessidade de um tom de “diferente do establishment”, reforçado pela foto de perfil da página de notícias que é compartilhada pelo administrador do grupo: uma silhueta de um homem indefinido, uma figura anarquista, anti-sistema, que precisaria esconder a identidade diante da perseguição do malvado sistema globalista/comunista. Enfim, as publicações são então, todas, originárias de uma mesma “agência”, uma página de notícias declaradamente de direita.

Na publicação 8 (descrita como: “um compartilhamento de uma notícia informando que o STF estaria julgando positivamente a questões relacionadas a causa transsexual. Há um tom crítico implícito que parte do pressuposto de que seria absurdo, como vê-se em um comentário que cobra que processos de corrupção de políticos sejam julgados e não algo como aquele que estava sendo noticiado, militar por essa causa”), inferida como de “direita” (por seu “tom abertamente transfóbico, conservador, normalmente atrelado a direita no contexto brasileiro”), é flagrante a posição criminosa, principalmente dos comentários que a seguem: é nos comentários da publicação, que fica claro um caso de transfobia, fica declarado, pois não está imiscuído do “disse não disse” da publicação, da notícia, em si. Nessa, por sua parte, “apenas” está sendo noticiado um enfoque maior do supremo no considerado tema e a aprovação de leis positivas a ele. Mas ora, para se publicar algo assim, em um antro conservador, como é o caso do grupo em que a publicação foi extraída, onde o STF é considerado inimigo, é claramente previsível que a intenção não seja simplesmente informar, mas sim “aquecer” sua militância. A intenção é “denunciar” algo que seja como um “desvio” para temas “menores” ou “negativos” àquela militância, como foi obedecido pelos comentários, dando a entender que estão se preocupando mais com os “trans”, inimigos, do que com os “verdadeiros problemas do país”, um grande fantasma político clássico das oposições. Em outras palavras, a publicação denuncia tanto a transfobia absurda da direita/conservadorismo brasileira, como as táticas cínicas da mídia desse lado do espectro, técnicas que engrossam o caldo do ambiente nocivo das redes de computadores nichadas.

Chama também atenção, e considere digno ao destaque, a publicação 22 (ela foi descrita nos seguintes termos: “Compartilhamento de link com uma notícia onde uma comissão do congresso teria aprovado uma nova proposta quanto a impeachment de ministros do STF. O link acompanha uma imagem onde aparecem Dino Moraes e Lula, no que parece ser uma conversa privada, dando a entender um cochicho, uma articulação. Observa-se também um comentário afirmando, que os três presentes na foto, irão “torrar” no inferno”). Ela foi inferida como de “direita” (pois “na notícia, na imagem e nos comentários, há um tratamento negativo ao STF. A notícia é uma clara valorização a um suposto avanço de lei que afetaria o judiciário brasileiro, este posto pela “direita”, como algo de “esquerda”, ou no mínimo um peso negativo aos fins da “direita”). Selecionei essa publicação para lhe dar destaque nessa parte do capítulo, devido a ela ilustrar e flagrar mais especificamente a constante nas publicações inferidas como de “direita”, crítica ao STF – e quando digo constante estou falando de uma quantia de 11 de um total de 30 publicações, que eram críticas ou comemorações a legislações que atrapalhariam, ou o freariam, o STF. É importante não esquecer que no grupo em que essas publicações foram

extraídas, todas do grupo de “direita”, apenas publicava o administrador, este que sempre republicava ali, uma página de notícias de direita. Pode-se deduzir, e apenas deduzir, mas com alguma base dado ao histórico do campo político, que há uma perseguição constante ao STF por parte da mídia direitista, da mídia bolsonarista. Criticar as instituições democráticas brasileiras, principalmente o judiciário, e quase sempre na figura de Alexandre de Moraes, é um claro sinal do tom anti-democrático da direita brasileira, flagrante na publicação aqui destacada. Mas quero implicar mais um pouco. Não se nasce um asco à democracia dessa forma, de modo natural como algo que cai do céu – “é de direita é antidemocrático” –: isso é construto histórico de uma direita brasileira que nunca se pareceu com liberalismo, sempre se alinhou mais a um conservadorismo ditatorial, a meu ver, mais próximo de um monarquismo. No caso aqui estudado, isso se configura em um modo de se defender, ou melhor, defender seu líder, Bolsonaro, dos inúmeros supostos crimes cometidos durante o seu governo, inclusive casos de corrupção, e a já considerada de fato crime, inclusive pelo STF, tentativa de golpe de estado. Atacar o STF, é então, um modo de se defender, que a história, ao menos a recente, e bem recente, demonstrou desastroso, dado a condenação recente de Bolsonaro por golpe de estado, inclusive potencializada por essa estratégia. A publicação então acusa uma suposta, apenas suposta pois os dados que dispõe-se não são fortes para ter-se certeza, trama para atacar o supremo nas redes, o que não deixa de ser um flagrante do baixo nível político desses grupos nessas redes, como também, e nesse caso mais ainda, dos nichos radicalizados que elas criam, ou ao menos ajudam a sustentar com seu modo de funcionamento, radicalização essa que chega a ameaçar os poderes da república em provento de apenas um, quando esse representa os seus interesses, enfim, golpismo e antidemocracia.

Destaco ainda a publicação 44 (descrita como: “compartilhamento de link com notícia sobre a decretação de uma GLO, para o acontecimento do G20 no Rio de Janeiro. Acompanham comentários indignados, por exemplo, sobre porquê essa medida não seria aplicada sempre, para proteção da população, e sim para receber políticos, e outro deduzindo que o GLO não era necessário pois Dino (ex-ministro da segurança pública e atual ministro do STF) teria articulação com lideranças do crime daquele estado”), inferida como de “direita” (por ser um “destaque a uma GLO (garantia da lei e da ordem), normalmente utilizada em situações de distúrbio social, que supostamente teria sido assinada por um ministro do supremo, que normalmente são atrelados a “esquerda” pela “direita”, num tom de ressentimento pois Jair Bolsonaro, maior figura da “direita” brasileira, não teria feito isso em situações passadas, para finalidades de golpe de estado, algo que sempre foi demonstrado como muito querido pelo eleitorado radicalizado de “direita” brasileiro”). Há dois pontos de forte importância ilustrativa

da direita brasileira nesta publicação capturada nesse momento metodológico, 1) o desejo de golpe de estado por parte da direita e 2) a tacanha relação feita pela direita, entre crime e a esquerda. Vou em partes. Na publicação, há uma perceptível provocação implícita na notícia, um cinismo numa informação simples para cobrir uma intenção de inflamação da militância, algo parecido com o visto na análise nesse subtópico da publicação número 8. A notícia é dada à primeira vista de forma inocente: simplesmente o STF decidiu por uma GLO, ponto. Mas a GLO é largamente pedida no contexto bolsonarista como um caminho a tomada de poder e resistência, principalmente aos considerados por eles, desmandos do judiciário brasileiro – com finalidade mesmo de golpe de estado, como os relatos claros e escrachados revelados pelas investigações quanto a tentativa de golpe de estado por parte do núcleo bolsonarista no final de 2022 e início de 2023, largamente vinculadas na mídia tradicional brasileira, revelaram. Fica difícil então, não vincular a publicação acima, como uma tentativa de inflamar a militância a favor de uma GLO, ou ao menos a revoltá-la diante do não uso do dispositivo jurídico para um golpe no passado, o que é mais um flagrante da ambientação golpista e antidemocrática que circulava no grupo de direita onde as publicações foram capturadas. Um outro ponto surge de um comentário. A GLO, implicativa para outros fins como viu-se acima, teria sido, segundo a notícia, aplicada para combate de situações relativas ao crime no Rio de Janeiro, quando esse poderia pôr em risco a realização plena de atividades do G20 que aconteceriam naquela cidade. Um comentário então destaca uma opinião, de que não haveria necessidade, pois o perigo que a GLO intentaria precaver, segundo ele o crime, não deveria ser caso de preocupação, devido a Flavio Dino, na época já ministro do STF, mas recente ex-ministro da justiça, ter articulações com ele. É assustadora a facilidade com que se comete acusações sem nenhuma base na realidade na internet, como é o caso aqui explicitado dos comentários da publicação. Não há nada consistente que ligue Flavio Dino, e nem a esquerda governista atual, ao crime, mas a militância bolsonarista, por baixo dos panos, por meio de mídias incertas e paralelas, flagrantemente enceta na mentalidade da população essa informação falsa<sup>84</sup>. A naturalidade com que escreve o ente que comenta no espaço dos comentários – que nesse grupo é o único espaço que vê-se comentários de pessoas reais, com seus rostos, e não apenas um

---

<sup>84</sup> Muito dessa fake news, foi gestada na própria academia e no progressismo, quando mistificaram até as últimas consequências, os encontros de militantes de esquerda presos pela ditadura militar com criminosos comuns, nos idos dos anos 60 e 70 do século XX, esses irresponsavelmente possibilitados pela própria ditadura que prendia os mesmos num local só. Algumas afirmações diante desse fato são genéricas e vazias: encontros e ensinamentos de fato ocorreram como acusa o jornalista Carlos Amorim na literatura clássica sobre esse fenômeno, mas fazer essa ligação da forma como foi feito por um tempo, dando ela como direta, como uma espécie de aula de direcionamento, senão de fundação, foi de uma irresponsabilidade tamanha, e pareceu não passar de um modismo para chamar atenção em palestras e eventos, o que acabou reforçando talvez essa esdrúxula fake news largamente compartilhada pela direita que vê-se no comentário a publicação exposta acima.

compartilhamento de notícias pré-fabricadas —, uma fake news de tamanha monta, é flagrante do assustador modo como os usuários nas redes sociais se sentem livres para difamar a quem queiram, e como também acreditam fielmente nas informações que lhes passam os outros nichados das predisposições que venham a ter politicamente. Quem comentou tamanha fake news, o fez com uma naturalidade imensa, porque acredita fielmente no que vinculou, ou mesmo que não acreditando, passa a acreditar diante de tamanha insistência no tema, insistência natural do ambiente baseado na profilagem, que mostra o que já se vê, e o mostra radicalizado, levando sempre a uma maior radicalização, pois o radical engaja mais (EMPOLI, 2020, p. 80-81), e mantém o usuário ativo naquela rede. Resumindo a publicação disposta atentamente nesse parágrafo, ela acusa novamente o cinismo da mídia bolsonarista, suas intenções e respostas golpistas, e um exemplo de fake news que ela anda vinculando, o que reforça a imagem de ambiente raso e mesquinho que esses grupos e funcionamento da internet atual acusam, como também as reflexões creio que valiosas por eles gerados.

A discussão das fake news, ainda é presente quando da análise da publicação 48 (ela foi descrita como: “compartilhamento de link com notícia que acusa que Zé Ramalho teria recebido um valor milionário da Lei Rouanet. Acompanham comentários supondo que alguns artistas seriam beneficiados por serem “a favor do amor”, referência a apoiadores do governo Lula, enquanto pessoas mais necessitadas estariam passando necessidade”), inferida como de “direita” (pois se trata de uma “crítica a lei Rouanet, normalmente posta pela “direita” como “mamata” (palavra pejorativa na cultura brasileira aplicada a quem se beneficia de algum capital público ou privado de forma corrupta ou esbanjada) de artistas vistos como de “esquerda”). Na publicação há nada mais nada menos do que uma clássica fake news do bolsonarismo, da direita brasileira. É de praxe no universo de notícias falsas da direita brasileira, relacionar artistas, que nem sempre são abertamente progressistas, como é o caso de Zé Ramalho, citado na publicação, a tomadas de dinheiro público. Normalmente isso está vinculado a algum programa de incentivo às artes por parte das secretarias de cultura, que são nessas notícias, e por esse espectro, comumente vinculados a algo como “dinheiro público para amigos” e/ou “apoiadores”. Isso tudo é emparelhado para fazer parte do bolo junto a outras teorias que têm o fim de fertilizar um ódio a tudo que possa ser relacionado a “esquerda”, no caso da publicação, esses seriam os “artistas”. Muito do ambiente de ódio bolsonarista está baseado nesse maniqueísmo barato do “nós contra eles” (SOUSA; OLIVEIRA FILHO; LARRAIN, 2024), que no caso acima é reforçado nesse ódio aos artistas, um “eles”. A publicação é uma fake news, uma desonestidade e demonstração de baixo nível desse grupo, pois mesmo que o artista tenha supostamente recebido o valor milionário do qual a notícia

acusa, esse valor não teria vindo de dinheiro público, mas sim de redirecionamento de um percentual de impostos que seriam pagos por uma empresa específica, o modo como a Lei Rouanet funciona, como também não funciona agenciada pelo governo, não tendo agência nenhuma nem o governo federal, nem nenhuma secretaria de cultura, na escolha do artista e obra, esta sendo selecionada pelo pagador do imposto, que com a lei passa a ser direcionado ao artista, não sendo então uma escolha por causa do “amor”<sup>85</sup>, como acusa o comentário. No parágrafo seguinte comento como esse ambiente de “nós contra eles” fomenta um verdadeiro antro de teorias da conspiração no bolsonarismo, lembrando novamente o radicalismo inerente ao funcionamento das *Big techs* denunciado por Empoli (2020).

Por fim, destaco aqui a publicação 54 (descrita como: “compartilhamento de um vídeo que é um recorte da cobertura da Globonews quanto a apuração das eleições americanas. O recorte trata da comemoração de vitória de Donald Trump. Acompanha o recorte grandes letras com os dizeres: “Trump chegando na festa da vitória. Clima de velório na Globonews”. Observa-se o comentário “globosta, globorreia”, relacionando o canal de TV com excremento”), inferida como de “direita” (por constar de um “escárnio com um suposto comportamento de jornalistas da TV Globo, que teriam ficado tristes com a eleição de Donald Trump, figura principal da “direita” mundial, a presidência dos estados unidos. Os jornalistas são dados como de “esquerda”, como inimigos que se deve comemorar a sua tristeza”). Chama atenção aqui, como em outras publicações expostas acima, uma forçada de barra da realidade para obtenção de um ambiente de “nós contra eles”. Além de um simplismo, considerar a Rede Globo como um canal informativo da esquerda, é um distanciamento imenso da realidade, que parte de um pressuposto raso, pequeno, maniqueísta, de que tudo que não é “nós”, é “eles”. Acontece que pelo simples fato de noticiar as notícias do momento, como os problemas relacionados a supostas corrupções, e ao golpismo do 8 de janeiro, com os quais se envolveram Bolsonaro e o bolsonarismo, aquela rede de TV se torna para aquele ambiente, algo automaticamente de esquerda, ignorando assim o seu papel fulcral na formação do antipetismo no Brasil em praticamente toda a existência daquele partido, sem contar o apoio declarado e comprovado à ditadura militar de direita de 1964 no Brasil. São flagrantes na história as perseguições ao Partido dos Trabalhadores por parte da TV Globo, como nos casos de Lula no mensalão, e principalmente do governo Dilma com a Lava Jato. Este último principalmente, foi

---

<sup>85</sup> Algo “do amor”, denota a coisas apoiadas, ou apoiadoras, do governo Lula. Essa definição foi montada pela direita bolsonarista, logo após a posse de Lula em 2023 à presidência da república, e é comumente usada com casos supostos de corrupção ou má gestão. Por exemplo, algo do governo é denunciado na internet. Logo então se vê uma profusão de comentários de oposição com dizeres “tal coisa/situação é do amor”. Fenômeno parecido com o “faz o L”.

álibi para a rede de TV citada, diariamente vincular casos de corrupção, conseguir dados sigilosos com juízes, e criar uma imagética da relação corrupção-PT, como por exemplo no bueiro aberto saindo notas de dinheiro que aparecia por trás dos jornalistas no Chroma-key diariamente por um longo período (LINS; BORTOLOTTI, 2022). É inevitável então não tratar a Globo como detentora de uma enorme parcela de culpa na formação de um clima público de antipetismo, e pior, antipolítica, que veio enfim descambar no bolsonarismo (LOPES; ALBUQUERQUE; BEZERRA, 2020). E não é que a Globo seja bolsonarista, pois isso também seria uma mentira dado a ela nunca tê-lo apoiado: pelo contrário, ela denuncia os desmandos e atos antidemocráticos do bolsonarismo, mas teve papel fundante nele – possivelmente mesmo sem intenção de gestar um monstro radical, na intenção de gestar uma oposição à esquerda, o gestou. Tratar então a Globo como emissária da esquerda, é nada mais nada menos do que um sintoma do pensamento raso e nichado criado pelas redes sociais com a profilagem, como já acusam alguns teóricos aqui citados para teorizar ela, principalmente Empoli (2020), que mesmo sem citar nominalmente esse sistema, o acusa de necessitado de radicalização – radicalização essa que presume um ambiente raso – para que se isole, se “niche”, cada vez mais. Tratar a Globo como emissária da esquerda, denuncia algo como um “sistema de ouroboros” (repetição infértil segundo a mitologia egípcia) ou de recursão, intrínseco ao funcionamento das redes perfiladas, onde “retroalimentarmente” o que é raso reforça o nichado e o nichado reforça o raso – trazendo para o caso: é como se valesse a máxima “só vejo que a Globo é de esquerda (informação nichada) logo ela é de esquerda (pensamento raso), e assim recurso repetidamente”. Mas o fenômeno não deixa de ser além disso, ou complementarmente a isso, também um flagrante de uma ambientação de notícias manipuladas e frágeis geradas pelo jornalismo alternativo e descompromissado com a verdade do bolsonarismo. Ambos os fenômenos citados acima, complementares – pois toda ideologia radical pode se beneficiar desse fenômeno/modo de funcionamento – ou isolados, são reveladores de um ambiente baixo, doentio e nada leal com seus participantes, seja por agência das *Big techs*, seja por agência da direita nacional.

Com as 5 publicações dispostas e discutidas acima, fica flagrante o isolamento em nicho do grupo de direita, o que repito, já foi notado apenas com os quadros, e foi flagrado igualmente no grupo de esquerda, mas que mereceu o destaque pela importância das discussões paralelas suscitadas e o enriquecimento da discussão do presente trabalho. Da mesma forma que no grupo de esquerda, nessas publicações, o que fica destacado é o flagrante às veias mais profundas do “nichamento” político causado pelo modo de funcionamento de parte considerável da internet hoje, de modo cru, como também o nível raso de discussão política ali

disposto, o que não deixa de ser também um sintoma, como argumento à frente no arremate desse capítulo.

Com a exposição dos quadros, e do aprofundamento – e inevitavelmente o profícuo desvario por temas outros às intenções diretas da presente pesquisa – em algumas publicações, pode-se enfim fechar, construir, um arremate ao capítulo. É sabido, pela teoria na introdução, e é reforçado ainda mais no capítulo seguinte, que há um modo de funcionamento específico, determinado historicamente, e muito relevante aos problemas gerados pelas *Big techs*, chamado profilagem – não irei aqui novamente discutir teoricamente a mesma devido a ser uma redundância. Faço esse preambulo para destacar que tudo que foi exposto e flagrado no presente capítulo depende diretamente desta mesma. Aqui observou-se todo um campo de “sintomas”, causados pelo modo de funcionamento da internet atual, essa por sua vez, baseada na subjetivação neoliberal historicamente, como viu-se no capítulo anterior, e nessa mesma subjetivação de modo pratico, como viu-se nesse capítulo e se vê no capítulo seguinte (o leitor mais atento irá notar que essa subjetivação, ainda, se expressa de maneiras diferentes por ser resultado de momentos diferentes com causas diferentes, discussão que está presente no final desse texto nas considerações finais). Como discutido algumas vezes acima, o momento metodológico exposto no presente capítulo, deu conta apenas de fazer esse flagrante desses sintomas desse ambiente perfilado, respondendo declaradamente desde sua concepção, apenas parcialmente ao objetivo específico a qual se destinava: especificamente o que consta a “o quanto esses nichos resultam em bolhas de autoconfirmação dessas opiniões” (trecho do objetivo específico II). Isso não quis significar em nenhum momento que esses dados seriam, e o exposto acima comprova, menos importantes. Como pôde-se observar com os dados obtidos, pode ser usado o dizer popular: “a emenda se fez melhor do que o soneto”, pois: embora ainda não tratando da profilagem diretamente – o que o objetivo específico em sua totalidade intenciona e é complementado no capítulo seguinte –, o capítulo acima não apenas “identifica” os nichos isolados, como os expõe em seus modos e minúcias, principalmente no quanto os flagra nos seus sintomas da profilagem, trazendo assim um rico material que reforça o objetivo, este que é complementado adiante, enfim, no flagrante da profilagem na sua assunção pelas próprias *Big techs*.

Mas tratando então mais especificamente: a riqueza no flagrante que esse capítulo traz, é justamente a exposição já desses sintomas, para além de uma simples constatação, o que flagra o modo como o ambiente nichado, causado e profícuo ao funcionamento – do modo de funcionamento principal das *Big techs* hoje no seu contato com o público em geral, as redes sociais – da profilagem, é danoso ao tecido social, como já acusava Empoli (2020), e como ele

isola indivíduos em suas razões, fortalecendo o empreendedor de si mesmo, livre de amarras, um traço do sujeito neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016).

Enfim, no capítulo, não apenas constatou-se que existem grupos que se autoconfirmam na internet, o que era sua premissa básica, mas já se fez um sobrevoo ao modo como é danoso esse isolamento intrínseco a profilagem, ao tecido social, político e democrático, ao passo que isola pessoas em antros extremamente rasos e de confirmação de suas próprias ideias e radicalismos, um traço da subjetivação neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016). O leitor atento pode perceber que o disposto no período anterior se aproxima até mesmo da finalidade geral da pesquisa, objetivo geral, mas destaco que ela ainda não é aqui respondida e satisfeita, longe disso, pois ela não pretende apenas observar esse fenômeno no ambiente contemporâneo de uma rede social em apenas um momento metodológico, uma técnica aplicada, mas em todo um ambiente de formação e consolidação, onde somam-se o ambiente de formação visto no capítulo anterior, o ambiente de flagrante visto no presente capítulo, e o ambiente de constatação do modo de funcionamento na sua assunção no capítulo seguinte.

#### **4 CAPÍTULO 3: PÁGINAS DE SUPORTE A ANUNCIANTES DAS *BIG TECHS*: A ASSUNÇÃO DA PROFILAGEM COMO MODO DE FUNCIONAMENTO DA INTERNET CONTEMPORÂNEA E O CONSEQUENTE FOMENTO AO SUJEITO NEOLIBERAL**

Neste terceiro e último capítulo dessa exposição, dessa dissertação, apresento os resultados do terceiro momento metodológico, da técnica aplicada nesse terceiro momento da pesquisa, para complementar, e enfim corresponder por inteiro, ao objetivo específico segundo, isso junto, claro, ao arco da discussão teórica que tem sido feita desde o início. O momento metodológico que tem seus resultados expostos nesse capítulo, e pelo qual ele é estruturado, busca enfim dar conta da profilagem no seu âmago, em seu modo prático assumido, o que é aqui exposto a partir dos resultados da aplicação de uma técnica de pesquisa, para além da já afirmação de sua existência que já aparecia por meio do largo referencial teórico exposto algumas vezes acima. Tudo isso foi cumprido por meio de uma exploração analítica de páginas dedicadas ao suporte do serviço de direcionamento de anúncios, um dos vários das *Big techs*, direcionado especificamente aos anunciantes que contrataram ou contratariam aquele serviço, o que chamei de: “análise de páginas de suporte a anunciantes”. Explicando melhor esse produto das *Big techs*: ele é uma das finalidades da captura e processamento de dados, a própria profilagem, feita pelas *Big techs*, a possibilidade de oferecer um serviço de vinculação, por meio das suas redes sociais, de propaganda, marketing, publicidade, direcionados especificamente por terceiros. Ora, é justamente nas páginas de suporte a esse serviço dessas empresas, que encontra-se de modo assumido a profilagem por parte delas – repito, isso é o que foi aplicado, e batizei de “análise de páginas de suporte a anunciantes”. Descobrir a profilagem não mais nas suas margens, como feito no capítulo anterior que analisou a simples presença dos sintomas dela como também das características destes nas suas relações com a política contemporânea brasileira, e sim na sua assunção e explanação prática de seu funcionamento, é essencial para a compreensão do fenômeno ao leitor e ao cumprimento enfim do desvendamento do segundo objetivo específico: agora enfim, não se esta mais dando conta da, proficua mas ainda incompleta, isolada constatação da existência de danos por responsabilidade da profilagem, que fazia jus ao trecho: “o quanto esses nichos resultam em bolhas de autoconfirmação dessas opiniões”, do objetivo específico segundo, mas sim do que consta ao restante: “Identificar como o modo de captura de dados das *Big techs*, a profilagem, tende a criar nichos de opinião”, o que é ainda incompleto, mas flagrante da assunção, que em conjunto aos dados do capítulo anterior, da resposta ao trecho anterior, pode enfim: “Identificar como o

modo de captura de dados das *Big techs*, a profilagem, tende a criar nichos de opinião, e o quanto esses nichos resultam em bolhas de autoconfirmação dessas opiniões, reforçando assim a governamentalidade e o sujeito neoliberal”.

É importante destacar ainda mais atentamente o quanto o capítulo presente trabalha em complementação ao capítulo anterior, isso fazendo jus ao formato dos momentos metodológicos que eles expõem, e como estes respondem, com suas técnicas, aos objetivos específicos, especialmente o segundo. Como já deve-se ter notado, o presente texto, dá conta de uma pesquisa que se divide em dois momentos cronológicos investigativos: a técnica de análise bibliográfica documental, com as análises de edições da revista WIRED, visto no capítulo 1, buscou dar conta do objetivo primeiro, a subjetivação neoliberal nas origens das *Big techs*, inevitavelmente, no Vale do Silício, e fez isso em apenas um momento metodológico, uma técnica aplicada; já o segundo objetivo específico, descobrir essa subjetivação na agência e funcionamento prático contemporâneo dessas empresas, exigiu uma atenção metodológica mais complexa, e foi desembaralhado em dois momentos metodológicos diferentes: a análise de conteúdo (categorização e inferências) de dois grupos antagônicos politicamente no Facebook, e a análise de páginas de suporte a anunciantes nessas empresas, justamente para dar conta das “duas exigências” dele: a agência prática por parte das empresas, seu modo de funcionamento, e o funcionamento prático no dia a dia das redes sociais delas, os seus sintomas. Diante então dessa “complicação”, fazendo referência à mecânica de precisão dos relógios mecânicos onde esse termo significa o concatenamento de funções a um fim, houveram dois momentos metodológicos, expressados em dois capítulos, para dar conta do objetivo específico segundo – não sendo também eles isolados, mas pelo contrário, complementares. O capítulo anterior, deu conta de identificar a rede social como um propagador de radicalismos em consequência do seu funcionamento relacionado a profilagem, mas ainda não complementa o objetivo específico segundo, que é enfim complementado no presente capítulo com a constatação da agência prática das *Big techs* na aplicação e consolidação desse modelo, como também a inevitável passagem pelas suas características finas de funcionamento.

Para uma boa exposição da empiria logo à frente, cabe também, é essencial, um aprofundamento, ou reaprofundamento já que essa exposição já consta brevemente na introdução teórica, dos conceitos mais fortemente usados, como o de “*Big techs*”. É praticamente certo que o leitor que tenha acesso a esse texto, principalmente os avaliadores, a banca, já tenha uma noção do que é uma *Big tech*, devido ao interesse inerente no assunto e o fato de ele estar em destaque nas discussões, mas isso não pode gerar uma presunção boba por parte de quem escreve que tudo deve/pode estar subentendido, mesmo que ele tenha para além

de já aparecido brevemente na introdução, até mesmo sido discutido, ainda não diretamente, na empiria dos dois momentos metodológicos anteriores. Simplificadamente, a partir das referências já citadas na introdução, essas empresas seriam representadas pelas que hoje dominam o mercado do que aqui chamei, de modo conciliado, de profilagem<sup>86</sup>, sendo então o que chamo também de “grandes empresas de processamento de dados”. Seriam então, de modo resumido, as grandes empresas que monopolizam o mercado de tecnologia quanto a permanência e ao acesso da/à profilagem, entre empresas, e principalmente na ponta, aos usuários, comumente com redes sociais, ou produtos de tecnologia de largo acesso popular, como sistemas operacionais, softwares diversos e smartphones – produtos esses que embora não sejam profilagem diretamente, são encaminhadores essenciais a ela, no mais puro sentido de algo essencial, imprescindível, dela (BRIDLE, 2019; COECKELBERGH, 2023; EMPOLI, 2020; MOROZOV, 2018). Em uma leitura mais comum, essas empresas são comumente chamadas também de “*Big five*”, sendo essas, cinco grandes empresas americanas, todas sitiadas em princípio no contexto cronológico dos anos 1990, e no contexto cultural desses mesmos anos – contexto exposto no capítulo 1 dessa pesquisa –, a Amazon, Alphabet, Meta, Microsoft e Apple. É importante destacar ainda que embora seja costumeiro referenciar essas empresas apenas nessas 5 americanas, há o fenômeno das empresas de tecnologia e uso direcionado de dados – o que configuraria profilagem – chinesas, que embora não monopolísticas historicamente como as americanas, têm o mesmo *modus operandi* delas, como é o exemplo da ByteDance, dona da rede social de vídeos curtos declaradamente direcionados Tiktok (PARRA; MEDINA, 2024, p. 18). Também dado a mais larga interpretação do que seria *Big tech*, exposta acima, não seriam apenas essas 5 as distribuidoras desses produtos, sendo softwares e hardwares, ligados a processos de profilagem, tendo sido esse o motivo pelo qual preferi trabalhar com essa definição mais acima, por ela ser largamente mais aberta e responsável quanto ao que confere o caráter de direcionamento de conteúdo, desse tipo de internet, e não a simples constatação de um monopólio. Passando para algumas discussões teóricas, segundo Morozov:

A rápida ascensão das plataformas digitais produziu um estado de bem-estar privatizado, paralelo e praticamente invisível, no qual muitas de nossas atividades cotidianas são fortemente subsidiadas por grandes empresas de tecnologia (interessadas em nossos dados) (MOROZOV, 2018, p. 146).

---

<sup>86</sup> Ver página 97-98.

A citação acima é valorosa para ilustrar o que apresento acima como *Big tech*, destacando-as mais em um campo onde há um acontecimento específico, no escopo do estudo aqui feito, o escopo das grandes empresas de tecnologia que dominam o ambiente, não importando diretamente sua origem, mas sim o seu modo de funcionamento e de produção de sintomas e fenômenos sociais negativos, como também discute Véliz (2021):

Atualmente, a maioria das pessoas já está ciente de que os dados delas valem dinheiro. Mas os seus dados não são valiosos apenas porque podem ser vendidos. O Facebook (Meta) tecnicamente não vende seus dados, por exemplo. Nem o Google (Alphabet). Eles vendem o poder de influenciar você. Eles guardam seus dados para que possam vender o poder de mostrar anúncios a você, e o poder de prever o seu comportamento. O Google e o Facebook estão apenas tecnicamente no negócio de dados; eles estão principalmente no negócio de poder. Ainda mais do que ganhos monetários, os dados pessoais dão poder aqueles que o coletam e analisam, e isso é o que os torna tão cobiçados (VÉLIZ, 2021, p. 80, *parênteses meus*).

O trecho acima ilustra a presente exposição das *Big techs*, quando expondo especificamente o campo de influência das duas maiores, Meta, e Alphabet – justamente as que são especificamente analisadas com a empiria exposta nesse capítulo mais à frente –, mas isso já dando uma pitada da profilagem, o que demonstra como essas andam juntas.

Não caberia mais aqui, fazer mais uma exposição sobre a profilagem, dado que ela já foi feita algumas vezes. Mas considerando o quanto a explicação do que seriam as *Big techs*, traz essa temática intrínseca, pois de fato é essencialmente intrínseca, não consigo passar esse parágrafo sem uma mínima exposição dela. Deixo então isso a cargo da mesma autora acima. Segundo Véliz (2021):

A origem dos lados obscuros da economia de dados está no desenvolvimento da publicidade personalizada – e aí está o início de uma solução. Anúncios microdirecionados que são baseados em sua identidade e comportamento não valem as consequências negativas que eles geram. Um dos perigos mais graves da publicidade personalizada, como vimos quando discutimos a toxicidade dos dados pessoais, (é a possibilidade de corroer os processos políticos. [...]) Quando você vê um anúncio personalizado, isso não significa apenas que um determinada empresa sabe mais sobre você do que seus amigos. É muito pior do que isso. [...] e é assim que você recebe um anúncio de sapatos da Amazon. Infelizmente, nesse processo, dados muito pessoais como orientação sexual, e afiliação política podem ter sido enviados para quem sabe quantos anunciantes possíveis sem o seu conhecimento ou consentimento (VÉLIZ, 2021, p. 165-166).

Enfim, as *Big techs*, são as grandes empresas de captura e processamento de dados, ou seja, as grandes empresas administradoras do modo de funcionamento contemporâneo da internet, justamente, a profilagem, objeto específico dessa exposição, que investigará essa, assumida por aquela.

Diante da exposição deste acima, rápido brevíário quanto a uma conceituação complementar de “*Big tech*”, retomo a discussão teórico-metodológica direta à pesquisa aqui exposta. É justamente a partir da agência<sup>87</sup> desse relativamente recente modelo de empresas, desenvolvedoras de softwares e hardwares possibilitadores de uma rede modulada à captura e processamento de dados de estilo e usos de seus usuários, que desenvolve-se a profilagem, feita justamente por esses mesmos softwares e hardwares. O capítulo presente, expõe logo a diante, os resultados justamente do trecho da presente pesquisa, que buscou constatar em modo assumido, por essas próprias empresas, esse tipo de ação, o que foi conseguido por meio de uma análise a páginas de suporte a quem viria a anunciar nos seus softwares, no caso, redes sociais e buscadores – no caso da Alphabet não só, mas também vinculações a sites, e ao clássico buscador “Google” –, das duas maiores empresas do segmento: o Facebook e o Instagram da Meta e o Google da Alphabet.

A metodologia desenvolvida, a técnica em específico para dar conta desse momento metodológico, é exposta e explicada logo abaixo, mas cabe aqui antes, a guisa de esclarecimento, tomar atenção a uma possível dúvida ao atento leitor. Como visto acima, e ainda é retomado abaixo, o foco maior foi dado às *Big techs* que constam primordialmente a um trato de software, especificamente no que chama-se comumente de “rede social”, ou mais especificamente, a captura e direcionamento específico de conteúdos, diante da captura e processo de dados de usuários naquelas mesmas redes sociais. Por que então não tratar também, por exemplo, da Microsoft e Apple? Primeiramente, embora elas tenham também atos de captura de dados específicos de seus usuários por meio de softwares nativos a seus aparelhos físicos, não são empresas primordialmente de softwares de redes sociais, e sim largamente baseadas em produtos para facilitar o processo de profilagem, como sistemas operacionais e smartphones. E principalmente, considero, desde a concepção da pesquisa, que embora o conceito de *Big tech* seja bem mais amplo, a questão primordial, e mais fértil a ela, seja mesmo a do encaminhamento de anúncios específicos, que mesmo considerando que seja apenas uma modalidade em um universos maior de ação dessas empresas, é de longe a sua atividade final/fim, onde as que não trabalham diretamente com ela, têm também modos de chegar a esses dados – como no singelo mas revelador ato de até mesmo o videogame da Microsoft, o XBOX, por meio da sua “loja” *Game pass*, capturar dados de modos e preferencias de uso de seus usuários, além de ligar isso a funcionalidades terceiras de outras empresas (MICROSOFT, 2025) –, o que é primordial no processo de direcionamento de conteúdo, ou ao menos garantem

---

<sup>87</sup> Agência possível a partir do, possibilitado por organizações como o IETF e a sua criação de protocolos como o IP (WIRED, 1995f, p. 110 - 118), modelo de individualização das máquinas, como defende Chun (2016).

esse processo, com seus hardwares, como o smartphone da Apple, o Iphone, ou os Android de marcas variadas – que invariavelmente usam o sistema operacional da Google/Alphabet. Em outras e mais simples palavras, os anúncios direcionados, quase exclusivamente pelas redes sociais, realmente são o ponto fulcral do sistema de profilagem, das *Big techs*, e quando não as definem, são uma fatia considerável de seu funcionamento mesmo que indiretamente, o que faz eles terem sido mesmo privilegiados na técnica de pesquisa aplicada, onde o foco foi assumidamente as duas principais detentoras de encaminhamento de anúncios específicos, quase que exclusivamente pelas redes sociais, a Alphabet e a Meta.

É essencial ainda, fazer um(a) apanhado/explanação mais concisa e detalhada, do caminho metodológico em si desse terceiro momento, para aí sim, expor as análises trabalhadas no presente capítulo dessa dissertação.

O “objeto direto”, usando a referência à gramática, do momento metodológico exposto nesse capítulo, são as chamadas “páginas de suporte a anunciantes”, no caso, as páginas dessa natureza, das *Big techs*, Meta e Alphabet/Google<sup>88</sup>. Urge então explicar o que seriam essas páginas. Em diversas instâncias, tecnológicas ou não, do mundo do mercado em geral, as empresas que disponibilizam um dado produto físico, ou serviço, por vezes, se preocupam também em dar o que convencionou-se chamar de “suporte”. O suporte seria o arcabouço, em texto ou outros formatos, de ensinamento, de tutorial, de desencargo de dúvidas, quanto aquele dado produto ou serviço. Como viu-se mais acima, as *Big techs*, quando não disponibilizam meios para a profilagem, disponibilizam os softwares por excelência onde haverá a captura direta dos dados, as redes sociais, como também sites e aplicativos outros, para gerir seu serviço de propagandas direcionadas, que dadas(os) empresas/empresários podem colocar nelas, nas redes sociais, com finalidade de achar públicos-alvo a partir desses dados estratificados nessas mesmas redes sociais – um serviço que elas também oferecem, justamente a partir da feitura de perfis diante dos dados retirados dos usuários. Essas(es) empresas/empresários, precisam de suporte para usar esse serviço oferecido por essas *Big techs*, e são justamente as “páginas de suporte aos anunciantes”, que cumprem esse requisito. Essas páginas foram escolhidas a ser objeto desse momento metodológico, pelo poder flagrante que elas tem, de nos textos em que

---

<sup>88</sup> É dado que o Google, não é uma *Big tech*, mas sim, historicamente, um buscador – sendo inclusive uma referência a se falar desse tipo de software/site. Mas a própria empresa, que seria de fato sua *Big tech*, a Alphabet, parece não querer destacar essa posição, o contrário do que por exemplo, faz a Meta, que declaradamente oferece seus serviços de anúncios direcionados, batizando-se como Meta. A Alphabet, na página de suporte aos anunciantes, não se declara no cabeçalho do site, com esse nome: é usado mesmo “Google”, o que talvez seja um sintoma de algo escondido, fortalecedor do ambiente de naturalidade que alerta Bridle (2019). Faço a presente explanação para justificar o aparecimento da definição da *Big tech* da Alphabet, como por vezes, “Alphabet/Google”, como no caso acima. É o modo como nas páginas de suporte a anunciantes dela, ela prefere se identificar.

oferecem suporte a seu serviço de propagandas direcionadas, constarem necessariamente da assunção por parte dessas empresas, que elas dispõem de uma infinidade de perfis de alinhamento de comportamento e interesses nas suas redes, feitos por prévios ou momentâneos maquinários de captura de dados de uso e preferências nas suas redes sociais, essencial a fazer o prometido serviço.

Foi desenvolvido então, um modo de explorar essas páginas, o que classifiquei amplamente de “análise”, a “análise de páginas de suporte a anunciantes”. O desenvolvimento da referida técnica foi feito de inspiração livre, como intentei em toda metodologia, já explicada anteriormente, sem me prender em métodos/técnicas terceiras – a não ser que essas ajudassem –, isso não com fim militante, mas apenas para encontro de fato, dos melhores caminhos à adquirir os dados necessários aos objetivos da pesquisa, como preconiza Becker (1992). Essa inspiração livre, baseada apenas no amplíssimo escopo de uma “análise”, gerou uma técnica sistemática, que de modo prático, a primeiro momento, buscaria o site/página principal ao suporte dos anunciantes, e, ao se “embrenhar” no emaranhado de páginas dos tópicos disponibilizados por ele, acharia assim, as ramificações mais importantes e mais reveladoras do fim geral da aplicação da técnica: encontrar a assunção nas próprias *Big techs*, do sistema da profilagem. Essas “ramificações mais importantes”, seriam então printadas e guardadas, para o segundo momento, a análise de fato, onde cada uma dessas páginas printadas, seriam transformadas em uma relativamente curta, de parágrafo único, discussão corrida. Foi então exatamente isso que foi feito. De modo prático, foram escolhidos para a pesquisa, os suportes das *Big techs* Meta e Alphabet – como já foi dado spoiler alguns parágrafos acima –, por serem hoje as duas grandes empresas principais do ramo (PARRA; MEDINA, 2024, p. 18), além de mais representativas desse tipo de comportamento aqui alvo, a primeira com os anúncios e direcionamentos de conteúdo nas duas redes sociais mais acessadas do mundo hoje, exceptuando mensageiros instantâneos e bancos de vídeos, o Facebook e o Instagram (KEMP, 2025b), e a segunda pelo seu principal veículo de direcionamento de anúncios, nas suas redes sociais, como o gigante Youtube, e na internet em geral, principalmente em sites, o “Google ads”. Planejado isso, em fato, as páginas de suporte aos serviços de anúncios direcionados dessas empresas, mais especificamente suas ramificações que constavam de declarações diretas de assunção do sistema de profilagem, foram printadas (os prints estão dispostos no Apêndice E), gerando assim um total de 7 páginas que passaram por esse processo, 4 da Meta e 3 da(o) Alphabet/Google. Por fim, essas foram posteriormente analisadas em um texto corrido para cada, o que pode ser visto de modo cru e na íntegra no Apêndice D, o que foi trabalhado com uma exposição mais fina, na apresentação enfim do material formador desse capítulo, a diante.

Dada então a longa abertura acima, cabe dar cabo ao capítulo em seu papel de exposição de fato. Ao adentrar no emaranhado em organograma do encadeamento de páginas de suporte das *Big techs* analisadas, do modo descrito no parágrafo acima, foram encontradas as seguintes páginas que exponho a diante. Separei-as em dois tópicos, um para cada origem, se da Meta, ou se da Alphabet/Google.

#### **4.1 A assunção da profilagem como modo de funcionamento da Meta**

Com as 4 páginas da área de suporte do direcionador de anúncios da Meta analisadas nesse momento metodológico, foram captados os seguintes flagrantes onde se assume o sistema de profilagem dessa empresa.

É primeiramente na importante seção “sobre o direcionamento detalhado”, que encontra-se o que chamo nesse trabalho, em linhas gerais, de “direcionamento específico”, e afins. Trata-se de uma página de apresentação/suporte a uma funcionalidade disponibilizada aos anunciantes por um serviço afim, óbvio, da Meta. Na página o “direcionamento específico” é apresentado de uma maneira muito clara, para além de no próprio título do serviço, no ato em que de modo literal, a Meta revela ali, a possibilidade aos anunciantes de direcionar seus anúncios diante de opções de direcionamento específico, essas feitas a partir de estratificações específicas de dados. São eles: 1 - anúncios que as pessoas clicam; 2 - páginas com as quais interagem; 3 - tecnologias mais usadas da Meta; 4 - dados demográficos; 5 - idade; 6 - gênero; 7 - velocidade da rede e 8 - localização (META, 2024a), sem contar os dados que não estão ali assumidos nesse formato oferecido aos anunciantes. Além de flagrante prática de captura e processamento de dados de uso das suas redes sociais para criação de perfis, enfim, profilagem – pois não haveria outra maneira crível dessa empresa obter esses dados –, a função, suporte a função, acima, demonstra de modo literal a naturalização e assunção desse tipo de funcionamento, de como ele hoje representa algo costumeiro e totalmente habitual ao funcionamento desse tipo de empresa, hoje quase que onipresente ao uso banal e diário da rede de computadores. Não há meias palavras nenhuma, nem medo nenhum, por parte da Meta, em anunciar que ela dispõe de um conjunto de pelo menos 8 classificações que podem ser usadas, naquela função, ao bel prazer do anunciante, para estratificar do modo como se queira quem verá mais o seu anúncio. É importante atentar que para além de uma “função”, a mecânica disposta aos anunciantes e tutorada – muito mal aliás – no suporte, é um flagrante claro de que há sim, para obter os dados, todo um “maquinário” de capturas de fato direcionadas a criação desses perfis, que ficam aqui expostos no caso, em apenas um de seus inúmeros usos, podendo

serem utilizados, além disso, para diversos outros inimagináveis fins, diante da falta de limite político pelas quais militam essas empresas. Vejamos ainda outro trecho revelador da página: “Ele [a função] permite refinar o grupo de pessoas para as quais vincularemos os anúncios” (META, 2024a, *grifo meu*). Novamente, há nesse outro ponto, uma promessa que parte de um pressuposto que a meta tenha esses perfis. Chega a ser cômico o quanto é óbvia a situação a qual essa página de suporte denuncia, diante do quanto ela é negligenciada e naturalizada pela sociedade política e civil, o que não diminui, mas pelo contrário, reforça, o quão é revelador observar isso de modo sistemático em uma construção metodológica acadêmica. A situação é parecida e reveladora do mesmo fenômeno em outra página analisada da Meta no parágrafo a diante.

Na página de título muito semelhante a exposta acima, a página: “sobre o direcionamento específico”, tem-se algo complementar a anterior: trata-se de uma página de suporte a um serviço que flagra um ato de assunção por parte da Meta, do direcionamento de conteúdo a perfis, o que é consequência direta, e também flagrante, da obtenção dos dados daqueles que com seus usos diários de suas redes sociais, foram roubados da privacidade dessas suas agências, no quanto elas revelam suas preferências em determinados assuntos/conteúdos, quando estes dados são capturados e utilizados para finalidade de criação de perfis estratificados, por empresas como a própria Meta – profilagem. De modo técnico a página dá uma introdução a uma opção de ferramenta para o anunciante direcionar o seu anúncio, chamada “direcionamento específico”. Esta é antagonista a uma outra função chamada “direcionamento amplo”. Com essa ferramenta, a partir do fornecimento de certos parâmetros – a página não deixa claro quais e nem como – o anunciante poderia direcionar os seus anúncios a grupos específicos, o que talvez seja o contrário do que faria a opção antagonista (META, 2024b). A página chega a dar um exemplo alarmante, mais uma vez, para além de revelador da assunção do sistema da profilagem, de uma naturalização da posse e obtenção de dados pessoais e sensíveis de uso, para fins de criação de perfis direcionadores de anúncios – como pode também ser um direcionador de conteúdos e outros mais diversos fins. Vejamos: “por exemplo, uma loja de brinquedos infantis localizada em Mogi da Cruzes pode preferir um direcionamento específico. Ela pode direcionar os anúncios para pessoas que vivem perto de Mogi das Cruzes e que têm filhos” (META, 2024b). Esse exemplo acima, produzido pela própria Meta, em um ambiente de tutoria a seus consumidores, no sentido de quem usa seus serviços de disparo de anúncios, é assustador. Não há estranhamento nenhum por parte da empresa, em possuir um conjunto de dados de quem é e quem não é mãe, de o que preferiria quem seria mãe, de direcionar produtos a partir dessa bela posição, e porque não conteúdos – o que fica óbvio que

essas empresas fazem –, como por exemplo: sobre maternidade, sobre preocupações médicas, sobre vacinas e quem sabe, os tais supostos perigos delas – como normalmente vinculam os negacionistas comumente vinculados à direita contemporânea. Pior ainda, ali há a normalização de todo esse interim: da aplicação da profilagem como algo comum e totalmente desprovido de falha ética, o que se exemplifica ao colocar um exemplo usando essa classificação absurda, ser ou não mãe, em uma página de suporte, creio que largamente tomada como referência pelos usuários desses serviços, e conseqüentemente largamente vista, de modo tão naturalizado. Enfim, há de fato mais uma vez, nessa página analisada, o flagrante da profilagem e principalmente de um de seus usos, a partir, novamente, de uma promessa por parte da *Big tech* de direcionamento de anúncios, o que inexoravelmente indica uma posse de conteúdos tomados por processos de profilagem. Também chama atenção o modo como tudo isso é naturalizado.

O terceiro print que foi analisado é deveras simples: é da página que introduz o “gerenciador de anúncios”, que como o nome já diz, seria a central de controle das ferramentas onde, a empresa detentora dos produtos da profilagem, no caso a Meta, disponibilizaria aos usuários, contratadores, os serviços de disparo disponíveis – quando desejado, direcionados. Ao observar minimamente de modo atento, logo nota-se que não se trata da página onde há esse controle em si, do direcionamento das propagandas do anunciante, pois de fato teria esse acesso apenas contratando-o, mas apenas uma página de apresentação, inclusive por isso ela apareceu, creio eu, ao vasculhar os “enraizamentos” de páginas de suporte. A página então, retomo, é bastante simples, mas consideravelmente reveladora. Vejamos: a página abre com um título em fonte *bold* destacado citando: “encontre mais clientes com o gerenciador de anúncios” (META, 2024c), e em apenas um de dois tópicos, revela a assunção direta por parte da Meta, de todo um sistema de captura e processamento de dados para finalidade de construção de perfis estratificados, e o uso desses para direcionamento de anúncios – e por que não, para outros fins. Segundo a página o gerenciador de anúncios pode ajudar a encontrar o “público certo” pois, “nossa tecnologia alcança automaticamente pessoas que possam ter interesse no seu produto ou marca” (META, 2024c). Para fazer tal promessa de alcançar um público-alvo de modo tão competente e “automático” assim, é necessário que haja um arcabouço perfilado para a máquina recorrer e entregar esse resultado, e como não acredita-se, na ciência, e conseqüentemente nesse trabalho, em forças mágicas ou divinas, esses dados só podem ser resultados de todo o esquema de profilagem já largamente denunciado pela teoria exposta em momentos acima nesse trabalho (BEIGUELMAN, 2021; BRUNO, 2013; MISKOLCI, 2021; RAULINO, 2022; VÉLIZ, 2021; CESARINO, 2022), e também assumido em outros momentos dessa análise de páginas de suporte aos anunciantes. Em outras e complementares palavras, é no segundo curtíssimo tópico

que encontra-se a problemática referente a pesquisa a qual essas análises intentam, de forma flagrada; ali se assume a profilagem, mais uma vez, a partir da oferta de um serviço onde ela é inevitável. Enfim, é como se as *Big techs*, e no caso específico a Meta, anunciassem: “temos um serviço que dispõe a você, anunciante, automaticamente, o direcionamento do seu produto, a um público que anteriormente capturamos informações de uso das nossas redes e com isso os classificamos em perfis específicos, o que provavelmente te dará mais vendas e/ou visibilidade” – pouco importando se isso possa criar indiretamente, mônadas de opiniões únicas, ideal e ideologicamente, suscitando uma subjetivação neoliberal potente (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16) e alinhada ao mesmo Vale do Silício que as produz e que desde os anos 1990, como se viu no capítulo 1, patrocina, em diferentes formas, uma liberação desde que essa seja caracterizada por uma individualidade fechada em suas razões, justamente o que viu-se na contemporaneidade com o flagrante acima, potencializando assim uma sociedade mais intolerante, como já denunciava Empoli (2020), embora por outros caminhos.

Por fim, foi analisada, enquanto as análises de páginas da Meta, a página de suporte chamada “direcionamentos de anúncios para público”<sup>89</sup>. São nessa página dispostos, vários mecanismos que a meta dispõe ao anunciante, claramente alimentados por perfis estratificados por constante processo de profilagem, como por exemplo; dados demográficos, idade, gênero, língua nativa e afins. Em um ponto se comunica em grandes letras: “novos clientes com interesses específicos ou determinada localização” (META, 2024d). Ora, o raciocínio é o mesmo das análises anteriores: logicamente, para haver esse serviço, pressupõe-se que se tenha um enorme banco de dados desses perfis específicos a serem alvos dos anúncios. Mas essa discussão já está repetitiva, embora isso não diminua sua importância, e na verdade seu caráter de ponto alto, da busca do momento metodológico exposto nesse capítulo. Vale então tratar mais atentamente o caráter mais caprichado da página quanto ao design e a ilustrações, ao passo que ela é destoante das outras diante disso – sem esquecer claro, alguns pontos de assunção da profilagem, o maior fim aqui. Ao contrário da anterior, que não deixou de ser fértil à pesquisa por esse motivo, a presente página analisada é de fato tutorial e muito rica em ilustrações e textos. De uma forma muito didática, nessa página tem-se algo como um tutorial de criação de um bom direcionamento de anúncios, da parte que cabe ao anunciante, o que se destaca devido a pobreza e má qualidade mesmo, enquanto suporte, das outras páginas analisadas, ao passo que essa, é bem ilustrada e detalhada. No meio de diversas promessas de direcionamento de anúncios aos públicos-alvo, o que cabe a análise já feita acima, aparece de modo destacado

---

<sup>89</sup> A grafia “para público”, ao invés de “para o público” – o que seria o gramaticalmente correto –, é uma reprodução fiel do modo como este título estava apresentado no site.

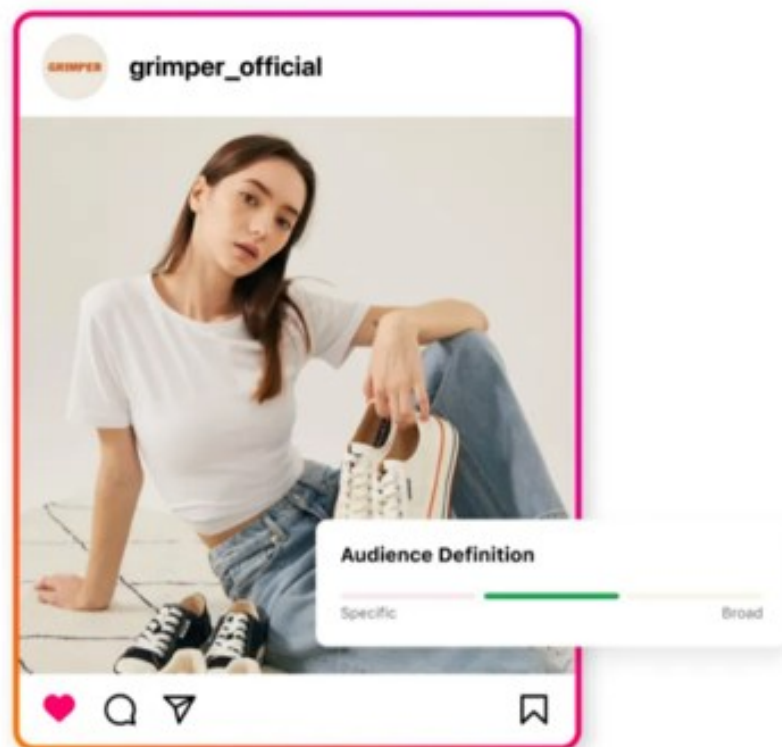
algumas vezes entre os blocos de texto, imagens do que seria um exemplo de um Instagram<sup>90</sup> de uma empresa, marca de calçados, provavelmente fictícia, chamada “*Grimper*”. Na primeira imagem (ver Figura 8), usada para exemplificar um potenciômetro de força de influência de um estratificador previamente definido pelo dono daquele Instagram fictício, uma ferramenta disponibilizada pela Meta que por si só já é prova e assunção de profilagem, aparece de fundo a publicação que estaria sendo pela aquela ferramenta influenciada, onde nessa, aparece uma jovem com roupas decoladas, segurando o tênis da marca e olhando fixamente para o espectador. Já na segunda imagem (ver Figura 9), usada para mostrar uma ferramenta, dessa vez muito reveladora do modo como funcionam esses softwares que têm acesso os anunciantes que contratam o serviço de direcionamento da Meta, em que aparecem várias opções de estratificação ao alcance de um toque, aparece de fundo, o mesmo par de calçados descolados, jovens, modernos, que puderam ser observados também na primeira imagem (META, 2024d). As imagens-tutorial revelam muito didaticamente o modo como funciona o sistema instado na profilagem prévia e contínua das *Big techs*, o que é mais um flagrante repetitivo aos expostos mais acima, desse mesmo sistema como muito presente e definidor da internet contemporânea. Mas elas também tem uma riqueza de revelar um caráter estético dessas empresas, no quanto eles não diferem, mas se alinham, a uma ideologia jovem, disruptiva, descolada, que trazem desde suas origens nos anos 1990, principalmente em seus traços de extrema militância a uma liberdade irrestrita desde que individualizada, ligada ao descolado. Em alguns pontos da discussão teórica, e principalmente na análise das revistas, expostas no capítulo 1, ficou claro que a ideologia que rege o Vale do Silício, não estaria ligada a um traço conservador, marcial ou militarista, mas sim a um liberalismo, econômico e nos costumes, o que não quer dizer que por meio de seu funcionamento, alguns radicalismos com aquele caráter, não possam ser patrocinados e potencializados, como pôde ser visto no capítulo 2, as pautas conservadoras se dando muito bem nesse ambiente – como também não possa haver uma mudança de rumos dessas empresas para esses lados, essa que não consegue ser capturada pela presente pesquisa. Mas de todo modo, na página acima, o que se observa é um alinhamento a uma estética descolada e jovem, o que é revelador desse traço que justamente não escapa ao sujeito neoliberal, não apenas enquanto *homo oeconomicus* (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16; LAVAL, 2020; BATISTA, 2019; COSTA, 2009), mas mais enquanto sujeito de gozo

---

<sup>90</sup> Rede social da Meta, que disputa ferrenhamente ser a maior do segmento com o Facebook, também da Meta. A princípio se tratava de uma rede de compartilhamentos de fotografias, quando ainda nem sob posse do Facebook – hoje Meta –, tornando-se no futuro uma grande rede social guarda-chuva de diversos modelos copiados de outras empresas menores.

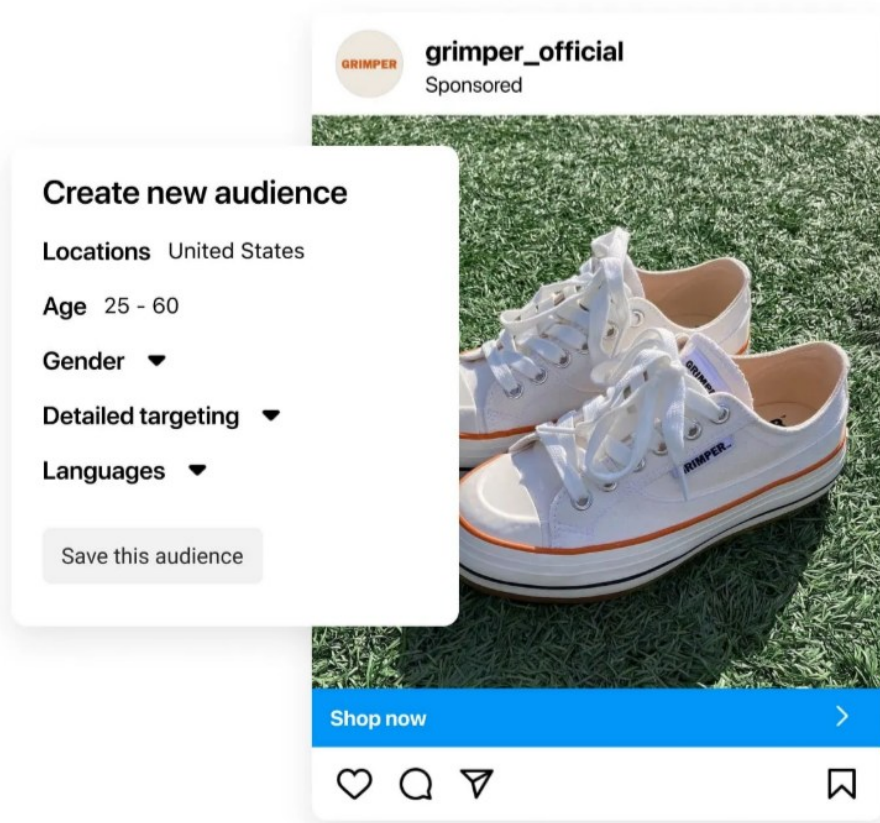
(DARDOT; LAVAL, 2016, p. 354-356). Esse sujeito deve estar desamarrado das cordas de um burocratismo opressor, de uma imagem de alinhamento limitadora, que poderia significar por exemplo, se se tratasse na postagem fictícia, de uma propaganda a um sapato comum, para uma jovem vestida com indumentária evangélica pentecostal, por exemplo – aí sim, não seria característico de uma subjetivação neoliberal, mas sim de algo fechado, limitado, regulado. Não vê-se, no arcabouço estético presente nessa página analisada, o patrocínio a uma estética doméstica, mas pelo contrário, a uma estética descolada, o que faz lembrar algumas leituras apresentadas desde a introdução desse trabalho, que quebram com uma leitura limitante do fenômeno neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 354-356; FONTENELLE, 2017; BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2020; LIPOVETSKY; SERROY, 2015), do sujeito neoliberal, principalmente quando essa o alinha a uma questão simplesmente econômica, ou pior ainda, como uma questão ideológica marcial/conservadora/evangélica. Leituras assim são limitantes, e podem apenas em casos isolados representar uma análise consistente, ao passo que cegam o olhar a possíveis situações como a do exemplo acima, onde a Meta, usa de uma estética descolada, um tênis do momento, e não uma sapatilha comportada de estética conservadora religiosa neopentecostal, para chamar atenção de seu consumidor.

Figura 8 - Postagem fictícia para tutorial em suporte da Meta



Fonte: Print do autor

Figura 9 - Segunda postagem fictícia para tutorial em suporte da Meta



Fonte: Print do autor

Perdoando-se então da grande discussão paralela ao capítulo – mas não à pesquisa –, disposta acima, concluo o presente tópico constatando que de fato nas páginas de suporte aos anunciantes da Meta, há a assunção ao sistema de profilagem como uma engrenagem mestra de funcionamento do seu principal serviço, como também indícios de traços dela serem essenciais a outros.

#### 4.2 A assunção da profilagem como modo de funcionamento da Alphabet/Google

No processo de observação e captura, quando essas demonstrassem oportunas, de páginas de suporte aos anunciantes, em busca de flagrantes onde essas assumem o processo de profilagem, e o provam como ponto nerval da internet contemporânea, foram selecionadas, para além das 4 dispostas acima da Meta, 3 páginas da Alphabet/Google. Nelas, como é exposto abaixo, há, como nas da Meta, um ato de assumir por meio do suporte aos anunciantes, a profilagem, ao mesmo tempo que, a prova como modelo dominante na internet contemporânea, dado que essa e a outra empresa, são as principais do ramo hoje (PARRA; MEDINA, 2024, p.

18). Mas deixo essa discussão para o fechamento do capítulo. Vejamos, de fato, as exposições às análises das páginas de suporte da Alphabet/Google.

Na primeira página analisada da Alphabet/Google, chamada “como ter sucesso no Google ads”, não confere-se uma assunção a partir de uma exposição/propaganda clara de ferramentas, como se viu presente no suporte da Meta, mas sim uma promessa mais ampla e clara às pretensões da presente pesquisa, de entregar os anúncios, justamente onde e quando mais provável os usuários os pudessem encontrar. Na página encontra-se a interessante assunção da premissa de direcionar anúncios quando os usuários estiverem interessados num tal fim que o produto anunciado poderia vir a ofertar. Vejamos nas claras palavras da própria página: “anúncios on-line para alcançar os usuários exatamente quando eles estiverem interessados nos produtos e serviços que você oferece” (GOOGLE, 2024a). Além de uma assunção mais direta do sistema de entregas de anúncios de formas específicas e oportunas, essa página denuncia mais uma vez o quanto o sistema tem que estar afiado nas suas capturas, na profilagem na prática, para tamanha presunção, o que flagra desde já a sua predominância para essas finalidades, além de na Meta, também na Alphabet. Mas mantendo a linha comparativa, a Meta, nas suas páginas analisadas acima, prometia apenas dispor de um arcabouço de classificações que ficariam ali nos nas suas ferramentas de direcionamento, disponíveis ao contratador do serviço de disparo especificado de anúncios para o seu usufruto, o que difere do que vê-se aqui com a Alphabet, que embora deva ter suas ferramentas específicas a esse mesmo fim, promete encontrar no momento desejado, determinado alvo nos seus usuários, a determinado produto que o anunciante dispôs ao seu sistema. O disposto por último é algo que parece ser o que há por trás do já fadado nas rodas de conversa, fenômeno de aparecimento de anúncios semelhantes ou até mesmo idênticos, a produtos que a pessoa teria a momentos ou dias atrás, pesquisado. Por exemplo: eu pesquiso sobre um amplificador A para atualizar e melhorar o meu equipamento de som modulado no buscador Google, justamente da Alphabet, logo aparecem então, ao visitar outros sites, blocos com anúncios daquele mesmo equipamento, ou de anúncio a amplificador B ou C, e assim sucessivamente. Esse direcionamento também pode me encontrar nas minhas redes sociais mais diversas, em vários formatos, como por exemplo: no meio do feed de publicações; implantada nos chamados “stories”<sup>91</sup> dos meus amigos e pessoas que sigo; no formato de um vídeo que aparece no meio dos reels”<sup>92</sup> do

---

<sup>91</sup> Funcionalidade presente em várias redes sociais, caracterizada principalmente por ser uma publicação efêmera e vertical. Normalmente somem em 24 horas. Têm clara inspiração na rede social Snapchat, que ficou famosa no passado justamente por essa funcionalidade.

<sup>92</sup> Funcionalidade ao usuário do Instagram, da Meta, que possibilita criar, mas principalmente apresenta, em um infinito carrossel vertical, vídeo curtos dos mais diversos criadores, visivelmente estratificado pelos usos prévios

Instagram – e sim dados da profilagem da *Big tech* A são influenciáveis a redes e softwares de *Big techs* B, pois esses resultados da profilagem, são internamente comercializados e compartilhados entre elas –, e etc..., sempre propagando uma empresa específica de comercialização de equipamentos de áudio<sup>93</sup>, algo previamente profilado a mim, diante daquela minha pesquisa. Mas voltando então para a discussão nuclear do presente capítulo, tem-se sim, na página, mais uma assunção do sistema de profilagem, pois ele é a fonte, que embora não assumida literalmente nessa página em si, é em outras, e facilmente deduzível diante das engrenagens desse tipo de promessas dessas empresas.

Mas como de fato não quero trabalhar aqui apenas com a profilagem flagrada e assumida em promessas de serviços e encontros de públicos “no momento certo”, apresento onde ela aparece de modo literalmente assumida, onde é assumido abertamente como em origem num sistema de captura de dados específicos de usuários, ou seja, na profilagem, os dados pelos quais se oferecem os serviços de direcionamento específico de anúncios, o que acontece na página tutorial da Alphabet, chamada “palavras-chave”. Nessa página dedicada a explanação de um serviço, onde a partir de literalmente palavras-chave indicadas pelo anunciante, a Alphabet por meio do serviço a isso direcionado, o Google ads, entregaria o anúncio nos momentos, e a pessoas a eles melhores, correspondentes, há o seguinte trecho:

Palavras-chave são frases que você escolhe para determinar quando e onde seu anúncio pode ser exibido. **Fazemos a correspondência das palavras-chave com os termos que as pessoas pesquisam ou o conteúdo da Web que elas visualizam.** Escolher palavras-chave estreitamente relacionadas aos anúncios ajuda você a alcançar os clientes que pesquisam o que sua empresa oferece (GOOGLE, 2024b, *destaque meu*).

Como pode se ler no trecho, principalmente no destaque, há nele, nessa página de suporte, a citação do trato de dados de uso de seus usuários para fins de criação e venda de perfis estratificados – profilagem –, de modo literalmente assumido. Para fazer a correspondência prometida, em algum momento, previamente ou no instante do direcionamento, tem de haver a profilagem, tem que haver o ato de capturar um determinado comportamento, e principalmente a partir dele, alocar determinada pessoa, usuário, nesse comportamento, para assim entregar os anúncios de modo estratificado, como prometido ao anunciante, o que era obviamente deduzível

---

de quem os assiste – no esquema “gosto mais de tal tema, tal tema aparece mais a mim” típico da profilagem. É um mecanismo claramente fundado em redes paralelas e menores dos idos do meio da década de 10, como Musica.ly e Dubsmash, e sistematizado e monopolizado posteriormente pelo TIKTOK, que diante de sua febre, e imensa capacidade, até doentia, de manter o usuário, foi copiado pelo exemplo aqui citado, como também pelo Youtube Shorts, Facebook Reels etc. – praticamente toda rede social tendo seu paralelo.

<sup>93</sup> Trata-se, como o leitor deve ter percebido, de uma experiência pessoal, a qual ilustra o discutido.

nas outras análises acima, e aqui é declarado literalmente. A profilagem é aqui, como em nenhum outro momento anteriormente, de modo bastante flagrante, assumida pela Alphabet em uma página de suporte aos seus anunciantes. Claro que ao dispor de serviços, já havia uma assunção por lógica, como constatei nos exemplos acima, mas aqui ela é de fato literal e aberta a qualquer um ver; “faz-se correspondências a partir de termos que se pesquisa, e ambientes digitais que se visita”, pondo em outras palavras o dito acima. Mais uma vez também a Alphabet se diferencia da Meta como discuto na página explorada no parágrafo anterior. Apenas por uma, ou mais, palavras-chave, a Alphabet promete entregar o anúncio ao alvo específico, chegando mesmo até a assumir de modo “radical” que fará a correspondência a partir dos usos, diferente do que aparecia nos suportes da Meta, que embora seja um retrato pequeno para denunciar isso, parece oferecer a ferramenta, mas esperar mais agência por parte do anunciante – o que não deixa de ser do mesmo modo flagrante ao que aqui procura-se, a assunção da profilagem.

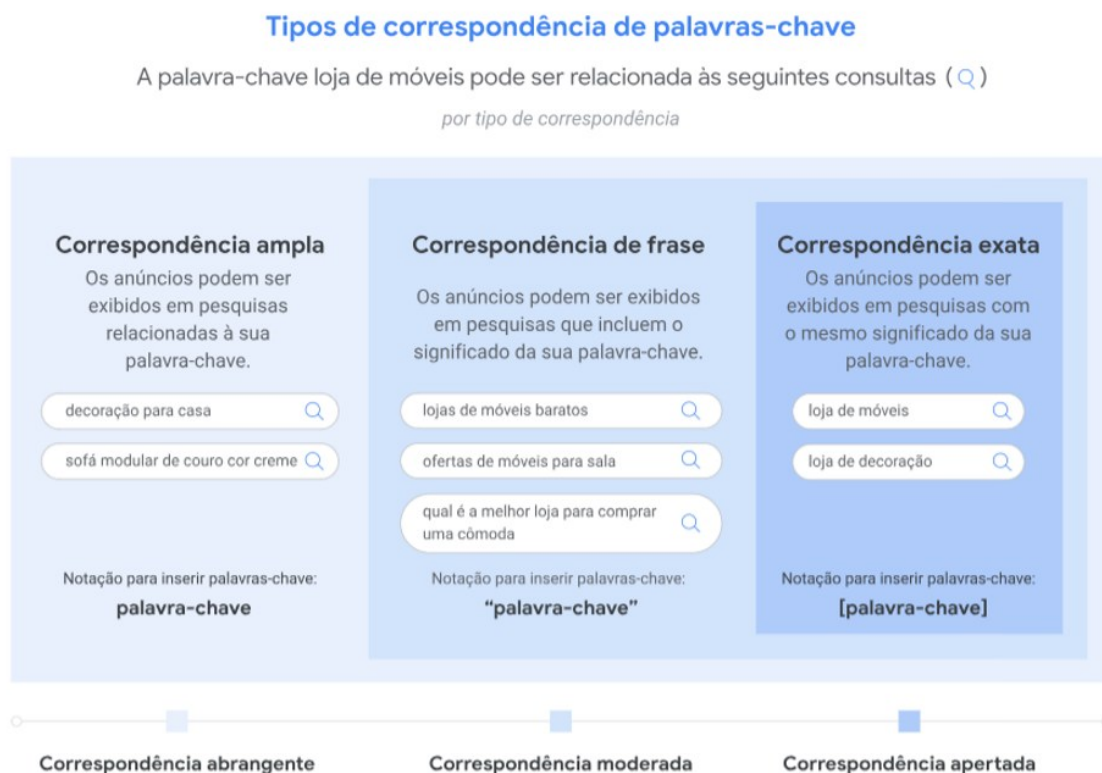
Ainda tratando-se de “palavra-chave”, por fim expõe-se a página chamada “sobre as opções de correspondência de palavra-chave”. Trata-se de uma subseção da página explorada logo acima, onde são dispostas de modo mais detalhado as opções de uso dessa ferramenta, a “palavras-chave”. Vejamos um revelador trecho:

Os tipos de correspondência determinam o nível de relação necessário entre a palavra-chave e o termo pesquisado pelo usuário para que o anúncio seja considerado no leilão. Por exemplo, você pode usar a correspondência ampla para veicular o anúncio em mais buscas ou optar pela correspondência exata para alcançar pesquisas específicas (GOOGLE, 2024c).

Como visto na citação, também existe nessa configuração, diferenciações entre direcionamentos mais amplos e mais específicos, como também pode-se definir, complementarmente, a intensidade deles, o que define o quanto eles seriam influentes na exposição ou não, de determinado anúncio a determinado perfil alvo, numa relação de: “+ intensidade” = “+ risco” e “- intensidade” = “- risco” – isso fica mais claro na Figura 10, retirada da página –, algo parecido com o que foi visto com uma funcionalidade da Meta exposta mais acima. Também existem as “palavras-chave” negativas, onde o anunciante define palavras que correspondam a perfis que deveriam ser afastados, afunilando assim de forma ainda mais específica, o seu alvo (GOOGLE, 2024c). Embora todo esse esquema em seu próprio funcionamento prático seja bastante interessante e revelador, e sua explanação seja essencial para a melhor compreensão do sistema que esse capítulo intenta expor, a página acima, principalmente, revela para a pesquisa, mais uma vez, o ato da página de suporte, e consequentemente da sua empresa, de partir de um pressuposto que se tenha o banco desses

dados, relacionados obviamente a criação de perfis estratificados para fins desse direcionamento – e entre outros –, assim sendo, mais uma assunção do sistema de profilagem. Tudo isso fica claro na promessa de “alcançar alvos”, como visto no trecho citado acima, e que outras vezes fica subentendido na página (GOOGLE, 2024c).

Figura 10 - Quadro de demonstração de risco pela exatidão das "palavras-chave" da Alphabet/Google



Fonte: Print do autor

Com esses três exemplos de páginas de suporte analisadas da Alphabet/Google, pode-se enfim constatar, que como sua grande parceira Meta – parceira pois esses produtos da profilagem são internamente compartilhados –, ela se sustenta em uma forte presença desse sistema de profilagem, para apresentar serviços de direcionamento, o que foi aqui flagrado diretamente, como também dispor dos resultados dela para os mais diversos fins, como discutido desde a apresentação teórica, da presente pesquisa.

A fim então de fechar esse capítulo, considero, finalmente, que os dados da empiria resultantes da aplicação do terceiro momento metodológico, somente vieram a confirmar o que já se discutiu aqui como teoria, quanto a profilagem, ou seja, que é ela, que hoje domina o funcionamento da internet contemporânea, ao menos no que consta ao que chega na ponta, no usuário constante na internet hoje, comumente por meio de smartphones, no acesso às redes sociais. Tudo isso foi comprovado aqui a partir das análises de páginas de suporte a anunciantes

da Meta e da Alphabet, empresas fulcrais desse sistema que direciona anúncios, e por que não, conteúdos, assim isolando indivíduos e fortalecendo a subjetivação neoliberal, ao passo que é pilar dessa, o reforço de um empreendimento de si mesmo, necessário ao bom *self-made man*, empreendedor, potente e livre (DARDOT; LAVAL, 2026, p. 16). Tratando então mais detidamente dos dados que sustentam as fortes afirmações acima, não se trata mais aqui, como no capítulo anterior, de uma discussão quanto a sintomas, ou a simples constatação de que há um fortalecimento, facilitamento, à criação de nichos nessas redes – o que viu-se no capítulo dois diante do segundo momento metodológico e por si só já era revelador dessa subjetivação na contemporaneidade –, mas sim, agora, da constatação de um ambiente onde se assume de modo aberto, onde há uma constatação direta e assumida, do funcionamento desse sistema, do simples fato de ele existir como resultado direto da profilagem, o que também, reforça, pois isola no simples modo de funcionamento – separando “tipos de gente” que gostam de determinados “tipos de coisas/conteúdos” –, uma subjetivação neoliberal. Em outras palavras, quando a Meta e a Alphabet oferecem aos seus anunciantes opções de direcionamento, elas assumem que têm dados de usos dos usuários de suas redes sociais, esses muito bem estratificados, para conseguir dar conta de tal serviço, e que além disso, ou a partir disso, os perfilam, compilam em modelos para direcionamentos futuros, o que inevitavelmente cria bolhas de direcionamento, ao menos de propaganda, e muito dificilmente não de conteúdo.

Pode-se considerar então, que enfim o objetivo segundo é satisfeito, pois constatou-se com os dois momentos metodológicos, o anterior, e principalmente esse, que de fato a expressão da subjetivação neoliberal na contemporaneidade quanto ao que consta as redes e a internet em geral, está baseada na profilagem, e que essa mesma é estruturante se não a uma formação – de fato não se pode com o disposto aqui, afirmar isso –, consideravelmente potente a seu reforço ou patrocínio, ou seja, ajuda a manter essa subjetivação neoliberal. Enfim, estratificando melhor, constatou-se a existência de nichos e que eles eram provocados pelas redes baseadas na profilagem no capítulo anterior, e agora, nesse, constata-se que de fato isso era um resultado de uma profilagem assumidamente aplicada pelas *Big techs*, nas redes sociais, o que enfim, cria toda uma ambientação, a partir de nichos, e conseqüente isolamento de pessoas, de reforço a um sujeito neoliberal, livre, potente, mas também isolado, radicalizado, fechado apenas aos seus ideais.

Vale então por fim nesse capítulo, refletir algo notável: que é visível diante do exposto acima, que o sujeito neoliberal da contemporaneidade formado pela profilagem, que tende a ser isolado e nichado – como também foi flagrado nas publicações classificadas do capítulo 2, principalmente na parte das suas análises mais minuciosas –, se mostra diferente do

sujeito neoliberal observado na origem do Vale do silício, nesse trabalho flagrado por meio das análises das edições da WIRED como visto no capítulo 1. Sustento que essas são diferentes expressões, e não viriam dos mesmos momentos: o primeiro é resultado final do modo de funcionamento da internet contemporânea perfilada – o que foi observado na prática com a categorização e as inferências, e declarações das próprias *Big techs* –, já o segundo era presente no Vale do Silício em origem – como visto nas análises das revistas –, o que pôde ser analisado, e as próprias análises dos artigos no capítulo 1 reforçam, como uma filosofia de ser daquele ambiente, baseada num patrocínio a uma liberdade irrestrita, que em primeiro momento tende apenas a fins ideológicos tão selvagens como os que pode-se ver nos exemplos práticos das redes hoje, diferindo-se assim dos produtos diretos do modo de funcionamento perfilado da internet contemporânea: os sujeitos isolados em nichos, munidos de muita potência e liberdade, desde que a proveito próprio. De todo modo fica claro que não é igual o sujeito neoliberal do Vale do Silício dos anos 1990, ao que observa-se estritamente como resultado da internet perfilada hoje. O possível estranhamento, diante da de fato diferenciação desses “sujeitos”, na verdade duas expressões diferentes da subjetivação neoliberal, é passível de ser compreendida na reflexão de que, embora uma tenha origem na outra, e compartilhem caracteres de ode a uma liberdade, são formações de mecânicas diferentes, como pôde-se ver com os diferentes resultados, quanto a esse “tipo de sujeito”, dos momentos metodológicos da presente pesquisa: uma resultante dos princípios ideológicos do Vale do Silício, e outra do modo de funcionamento dessa internet originada por aquele momento. Seria a tão vangloriada liberdade irrestrita com traços de emancipação, a origem a um modo de funcionamento que no seu resultado tem o enclausuramento de grupos em bolhas fechadas e prejudiciais ao convívio social? Além de um salto histórico muito conspícuo, isso não seria paradoxal? Deixo essa discussão para as considerações finais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para abrir essa etapa final, etapa de fechamento ao trabalho disposto até então – desde a atenção mais específica à teoria, que apresentava e abria ao leitor as prévias reflexões do autor que fundamentam a pesquisa, até a posterior exposição dos resultados da empiria, que claro, não deixavam de lado a teoria –, torna-se necessária, essencial, primeiramente, uma reflexão quanto ao peso e poder de significar uma verdade, do trato como fato e dureza científica, dos dados expostos em toda a pesquisa, que são amalgamados logo adiante no fim dessas considerações finais. Sempre uso nos textos que relatam uma pesquisa de minha autoria, o que é o caso dessa dissertação, no capítulo final, não o termo “conclusão”, mas sim, como visto, “considerações finais”. É de uma presunção irrealista enorme considerar que uma pesquisa social possa trazer uma resposta final, uma conclusão sobre algo, pois a sociedade, logo nota-se pelo bom pesquisador social desde suas essenciais disciplinas da graduação – principalmente a antropologia –, é um emaranhado que não carrega em si, em nenhum momento, um alinhamento, uma verdade, um modo regrado e retilíneo, o que em nenhum momento também é justo de ser usado como militância contra as humanidades, ou prova de uma suposta não validade delas como ciência, mas simplesmente uma constatação de que o bom pesquisador dessa área, é tão conciso nas considerações que suas pesquisas sustentam, na mesma medida em que assume suas limitações, pois assim ao invés de trazer a grande nova verdade que não passa de presunção, traz todo um novo campo de discussões de possível enorme valor a sua área, quando com iniciativas tão proficuas quanto outras tomadas por dados “duros” e “exatos”, traz benesses ao campo social. Pedro Demo, em uma valorosíssima antiga entrevista distribuída em DVD por uma produtora e distribuidora de materiais educativos, recuperada e exposta não oficialmente no Youtube, cita: “a ciência não conhece linha reta, a natureza não tem nenhuma linha reta”, radicalizando até mesmo às ciências exatas, as afirmações acima, justamente quando discute que o que seria “ciência”, seria a organização de um método para organizar essa falta de “retidão” (METODOLOGIA, 2015). Enfim tomando o presente trabalho, a pesquisa aqui apresentada, e logo adiante disposta de sua reflexão final, irá, claro, trazer toda uma valiosa riqueza a discussões da área, e contribuir em par com a verdade na medida em que seus dados consigam a ela se aproximarem respeitando os seus recortes, com de fato todo um arcabouço extenso de dados que são vistos nas exposições e em maior quantidade nos apêndices, todos imbuídos de atenta, e o máximo possível responsável, análise, mas isso nunca poderá significar uma dura verdade ou uma “fala final” – isso de fato não combina com a ciência, e muito menos com as humanidades.

Parto então primeiro, para um tratamento direto às respostas aos objetivos específicos, fazendo uma lembrança dos capítulos de um a um, lembrando alguns resultados deles para uma retomada a essas respostas, ainda antes de fazer, a partir da interação entre elas, a reflexão final. As considerações a cada capítulo em separado de fato já foram feitas no corpo deles nas suas exposições, mas considero essencial prestar essa conta com o leitor que acompanhou esse trabalho até essas considerações finais: um trato mais direto e em sequência, dos seus resultados e satisfação aos objetivos específicos.

Com o capítulo 1, direcionado a responder o objetivo específico primeiro – investigar a presença de uma ideologia positiva a uma subjetivação neoliberal, desde as origens do que conhece-se hoje por internet –, por meio da análise de um corpo de edições dos princípios da revista WIRED – uma importantíssima revista para o Vale do Silício, um material que acumula um retrato daquela região de modo muito fiel e sem “freios” editoriais –, encontrou-se de fato traços do que seria o sujeito neoliberal presente nessa origem das *Big techs*, na origem, conseqüentemente, da rede que tem-se hoje no contato direto com o usuário comum, no formato da rede social. Esse sujeito observado, é principalmente alinhado ao que se chamaria, baseando-se na teoria, no sujeito neoliberal quanto ao seu caráter de gozo: um sujeito desprendido de amarras, para além de econômicas, estéticas, comportamentais, morais e afins (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 354-356), exemplificadas como por exemplo, no ode a figuras gays revolucionárias e empreendedoras no mundo tech (WIRED, 1996c, 120-122), e na valorização a anarquia moral total exemplificada na reportagem que vangloria o *Burning Man* de 1996 (WIRED, 1996i, p. 196-205), para citar apenas dois de diversos momentos em que isso é constatado, o que também não quer dizer em nenhum momento o desvinculamento ao sujeito empreendedor, ao empreendedor de si mesmo, ao novo “sujeito econômico ativo”, (FOUCAULT, 2008. p. 307-308), como por exemplo quando esse toma dimensões empreendedoras a bens que deveriam ser públicos, conceito último esse, gerador de total aversão no público-alvo e aos idealizadores da revista – tudo isso fica claro no artigo de ode ao IETF, um grupo privado que define protocolos da internet, e odeiam, como diversos outros grupos vangloriados pela revista, tudo que é público, político, burocrático e afins (WIRED, 1995f, p. 110-118). Com o capítulo 1, constatou-se então de fato, que o sujeito que compartilhava, era formador e formação, à ideologia do Vale do Silício, exemplificado em enésimos artigos da WIRED, que tem apenas um recorte capturado pela referida técnica de pesquisa aplicada, carregava com ele, ou junto e intrinsecamente a ele, toda uma carga que encontrava par nas discussões já presentes no arcabouço teórico da presente pesquisa que discutiam o tal “sujeito neoliberal”, o que revela enfim o encontro da empiria com o objetivo

pretendido: observar o sistema de governamentalidade neoliberal, por meio da subjetivação neoliberal, presente no ambiente formador do que hoje conhece-se como internet, seja de modo intrínseco, ou seja de modo que mesmo que não “congénito” – natural ao seu funcionamento – , seja algo passível a observação analítica.

Já no capítulo 2, foi exposto o dado bruto e o foco em algumas específicas, de um corpo de publicações em dois grupos antagônicos politicamente no Facebook, após passarem por um processo de classificação e reclassificação diante de inferências, técnica construída a partir de trechos reapropriados da clássica “análise de conteúdo”. Tudo isso para observar o quanto se repetia em tal antro político (os grupos), publicações do mesmo espectro que ele dizia fazer jus. Isso embora pareça a primeira vista óbvio, e de fato é, trouxe à pesquisa uma primeira constatação dura de que naquela rede social, era muito fácil e esperável que, apenas, ou em quase maioria dos casos, ter-se-ia contato com conteúdos com os quais já se estava alinhado, o que respondia parcialmente o objetivo específico segundo, qual é: observar a subjetivação neoliberal no funcionamento prático das redes sociais das *Big techs*, a partir do seu patrocínio a um isolamento de nichos por meio da profilagem. De fato, a realocação na tabela referente ao espectro político, após as inferências, das publicações anteriormente originadas e classificadas naquele mesmo espectro, demonstrou que circula-se em antros de determinados grupos políticos, temáticas daquele mesmo grupo, o que por si só já reforça o isolamento como algo intrínseco a esse sistema que rege as redes sociais. Com algumas análises mais específicas, construídas diretamente a partir de publicações selecionadas por seu poder flagrante, feitas após a exposição dos quadros, também conseguiu-se constatar de modo qualitativo o acusado acima, e que aquele ambiente, além de autoconfirmador, era também patrocinador de uma fragilidade e caráter raso à discussão política, fosse de qual vertente. Esses dados de todo modo constataam que nas redes sociais há esse isolamento, algo que consequentemente patrocina um indivíduo isolado em suas razões, o que é traço da subjetivação neoliberal, principalmente nos moldes do *homo oeconomicus* (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16; LAVAL, 2020; BATISTA, 2019; COSTA, 2009), já respondendo, ainda que de modo insuficiente e frágil, o objetivo específico segundo, a visualização da subjetivação neoliberal presente na contemporaneidade das *Big techs*, a partir de seu modo de funcionamento, enquanto causa da profilagem. Mas faltava justamente um peso maior de ver esse fenômeno, principalmente enquanto diretamente relacionado a profilagem, na assunção das próprias redes que a vincula, as *Big techs*, complementação justamente feita pelo momento metodológico que é exposto no capítulo 3 que resumo abaixo.

Portanto, a complementar de modo tão rico quanto, o já descoberto no capítulo 2, trazendo então principalmente a busca do sistema já denunciado, dessa vez assumido e observado enquanto agência direta das *Big techs*, desenvolveu-se o momento metodológico terceiro, exposto no capítulo 3. Foi aplicada, a fim de capturar o que não tinha sido satisfeito ao objetivo específico segundo, no capítulo 2, uma técnica de pesquisa que focasse, ao invés de na ponta da ação das *Big techs* com as redes sociais – como foi analisar os comportamentos em grupos politicamente antagônicos –, na assunção de sua agência no sistema da profilagem, de uso e função principal dele. Desenvolveu-se então, a análise a páginas direcionada a suporte dos sistemas de direcionamento de anúncios das *Big techs* – no caso os da Meta e da Alphabet/Google –, por se tratarem de sistemas imbricados e necessitados de dados estratificados e perfilados em tese, para preencher essa lacuna, pois seria muito provável, ao dar suporte, que essas empresas admitissem nele, o seu modo de funcionamento. Foi encontrado de fato, nessas páginas de suporte, enquanto as mesmas faziam propagandas, e exemplificações muito simples e rasas – de baixa qualidade mesmo quanto a sua capacidade tutorial – de seus serviços, toda uma assunção do uso e necessidade essencial do sistema da profilagem para oferecer eles, principalmente de dois modos: 1) quando se oferecia um serviço de direcionamento muito específico, que partia de um pressuposto óbvio que se teriam dados para fazer esse serviço, assim assumindo um anterior, e por vezes instantâneo, processo de captura desses dados específicos para obter perfis específicos de entrega, ou seja, profilagem, como no caso do “direcionamento detalhado” da Meta (META, 2024a), e 2) quando se assumia diretamente a obtenção e posse desses dados, ao oferecer esses mesmos serviços, o que admitia de modo mais direto ainda, a obtenção prévia ou instantânea desses dados, como no caso das “palavras-chave” da Alphabet/Google (GOOGLE, 2024b). Constatou-se com esse momento metodológico exposto no capítulo 3, então, de fato, que a profilagem é algo existente e assumido pelas grandes empresas de processamento de dados, o que completa enfim, o objetivo específico segundo, em seu intento de observar a subjetivação neoliberal imbricada às *Big techs* no seu funcionamento contemporâneo, da sua constatação, até a sua assunção direta. Enfim, todo esse ambiente vai reforçar um indivíduo isolado – como já havia sido discutido desde o capítulo segundo mas agora no capítulo terceiro de modo assumido –, um reforço do sujeito neoliberal nos moldes de um sujeito desamarrado a preocupações, de correntes que não as suas; ao que já se deseja pensar, e consumir, e por que não, empreender.

Para de fato partir aos objetivos finais, urge fazer enfim o processo de triangulação dos resultados obtidos nos diferentes momentos metodológicos da pesquisa, captar algumas reflexões resultantes deles e dispô-las frente a frente para uma breve discussão final que

responda o objetivo geral da pesquisa, observe o sujeito neoliberal constante ao princípio e ao funcionamento das *Big techs*. Claro que traços dessas interações já aparecem em diversos momentos dos capítulos – principalmente no final do capítulo 3 –, mas de fato esse tratamento como pretendido desde a fase de projeto, é feita nessas considerações finais.

Algumas interações de dados dos momentos metodológicos aplicados, são passíveis de serem dispostas aqui, mesmo que ainda não façam parte da reflexão final disposta mais abaixo, devido a complementação, mesmo que não essencial, às discussões da área estudada, além de também serem momentos da aplicação da chamada “triangulação”, da discussão em conjunto dos dados obtidos.

O atento leitor, notou que por alguns momentos, e em diferentes capítulos, se referenciou nesse trabalho, o IETF (Internet Engineering Task Force), e junto àquelas discussões, os protocolos que regem o funcionamento da internet, pois esses últimos, afinal, são definidos pelos primeiros. Ele apareceu primeiro, inevitavelmente, no capítulo 1, em uma análise de um artigo da revista WIRED de outubro de 1995, que vangloriava os funcionários dessa instituição, como resistências a um mal burocrático personificado no Governo Federal estadunidense, suas agências de segurança e afins, o que é individualizado na figura de um funcionário/colaborador livre, descolado, e resistente a esse mal, que trabalharia nessa instituição “revolucionária” (WIRED, 1995f, p. 110-118). A análise desse artigo é referenciada então no capítulo 2, para ilustrar uma reflexão que disponho ao explicar a profilagem, essencial ao entendimento daquele momento da pesquisa, especificamente a de que o modo de funcionamento da internet contemporânea, a profilagem, não é algo inelutável ao funcionamento da internet e das máquinas, mas sim algo diretamente dependente de decisões específicas, decisões essas, que têm fortíssimos indícios de terem sido tomadas por aquele grupo, o IETF, pois ele que, segundo o próprio artigo da WIRED (1995f, p. 110-118), define esses protocolos. O IETF apareceu ainda já nessas considerações finais, mas apenas como incursão a dados do primeiro capítulo. Enfim o aparecimento constante dessa discussão, ilustra o modo como o sujeito neoliberal, estava ali presente desde o início, na imagem de um sujeito disruptivo e desamarrado dos anos 1990 – relacionado a quebras com o “estabishment” posado na burocracia estatal de controle a internet –, que era disposto naquele artigo como o personagem possibilitador daquela instituição. Portanto, o personagem vangloriado no artigo, também foi o resultado produzido a partir do funcionamento da profilagem como observado nos capítulos 2 e 3, que sem os protocolos produzidos justamente por essa mesma instituição, simplesmente não teria existido (CHUN, 2016). Em outras palavras, o IETF foi causado por aquele ambiente de subjetivação neoliberal, mas também foi causador em boa medida, do

ambiente reforçador a esse sujeito visto hoje, pois garante também, ou garantiu a princípio, com seus protocolos, a internet que se tem atualmente, causadora dos males que observou-se no capítulo 2. Essa subjetivação se apresenta em diferentes modos, como é discutido nos parágrafos finais à frente.

Destaco ainda que ficou muito visível, especificamente no final do capítulo 1, que todo o sistema de profilagem – o qual foi estudado nessa pesquisa na assunção das *Big techs* e nos modos práticos com que se consolida em nichos isolados em suas redes sociais, nos capítulos 2 e 3 –, já era previsto e planejado, senão praticado, no Vale do Silício dos anos 1990, o que ficou destacado principalmente em alguns esparsos artigos nas edições de 1996 da revista WIRED. Não pode-se afirmar que aqueles traços observados ali, casos até muito fortes talvez para serem chamados apenas de “traços” – como por exemplo: no artigo que fala de uma empresa de *tracking* que fazia esse típico serviço normalmente feito por pesquisas quantitativas, possivelmente pela produção de perfis estratificados a partir de dados de interações na internet (WIRED, 1996g, p. 48), e na entrevista a um ente direto do marketing que vangloriava um sistema de direcionamentos específicos, chamado de “corretores de aprendizagem” (WIRED, 1996b, p. 152-153) –, são de fato algo como uma linha direta que veio dar no que se conhece hoje como profilagem, mas inegavelmente há ali um embrião no mínimo semelhante ao que veio se frutificar, ou melhor, apodrecer, como profilagem no futuro. A partir do visto com os capítulos 2 e 3, a constatação desse sistema na contemporaneidade, pode-se entender ainda melhor que traços daquele fenômeno eram visíveis – embora não muito – nos anos 1990, pois observa-se que embora nem de longe iguais, eles compartilhavam traços, e não apenas como ideias, mas como empresas já em funcionamento, publicadas então em uma revista de larga influência naquele público.

Torna-se necessária então, ao encaminhar as considerações de fato finais, para além da constatação direta da resposta aos objetivos específicos, e algumas reflexões paralelas interacionais entre os momentos metodológicos expostos logo acima, a seguinte reflexão principal.

O sujeito observado e constatado de seu patrocínio por parte das *Big techs* nos capítulos 2 e 3, claramente não tem mais os traços que por vezes poderiam até ser lidos como progressistas, como os que foram observados nas análises dessa subjetivação no Vale do Silício nos anos 1990, destacada no capítulo referente às análises às revistas, mas ainda assim, carregam um certo tom de potência e liberdade, que era observado desde aquele momento naquele ambiente que germinou a semente dessas redes sociais como são hoje, estabilizadas e fomentadas se não nas mesmas empresas e ambientes comerciais, em instancias desses muito

próximas. Não se observa mais na contemporaneidade, na condição de “sujeito resultante dos sistemas e funcionamento do Vale do Silício”, o encontrado no capítulo 1 caracterizando o sujeito neoliberal: o sujeito de gozo aliado ao *homo oeconomicus*, uma valorização a figura disruptiva sexualmente à questões de gênero, citando apenas um exemplo. Isso pode até acontecer pontualmente, mas o que configura mais esse sujeito neoliberal no Vale do Silício de hoje, é o patrocínio generalizado a uma liberdade irresponsável com outrem, que por muitas vezes se transmuta em ideologias radicais, de por exemplo, tom autoritário, conservador, supremacista, homofóbico e etc. – ideologias radicais e simplistas de direita, como também de esquerda, mas esta última, incomparável enquanto radicalidade e danos a democracia, ao menos em episódios recentes até então, com a primeira –, provavelmente não mais patrocinadas por um libertarianismo generalizado como no passado, mas sim, um resultado do formato técnico mesmo, da profilagem, que como visto acima nicha pessoas, e conseqüentemente baseia um direcionamento específico de anúncios e conteúdos a elas, gerando assim esse sujeito, que mesmo que potente e livre, pode também, justamente por esses mesmos caminhos de “liberdade” e “potência”, serem valências a “não liberdade” e a “não potência” de outrem.

Enfim, o que todos os resultados dos momentos metodológicos aplicados à responder os objetivos, específicos, e agora geral, conseguem responder é que todos os capítulos, onde tudo isso foi exposto, mostram, com clareza, que de diferentes modos, todos os sujeitos nelas analisadas, podem ser caracterizados pelo conceito de "sujeito neoliberal": o primeiro, visto na origem, em linhas bastante gerais, pelo seu ode à liberdade irrestrita, e o segundo, visto na contemporaneidade, pelo seu individualismo, inevitável resultado do modo de funcionamento da técnica que abarca toda sua vida, o smartphone, a rede social, a internet profilada. Volto então a discussão aberta no fim do segundo capítulo de se não seria paradoxal que o sujeito da liberdade irrestrita dos anos 1990, forme no futuro, a partir das suas *Big techs* do Vale do Silício, um sujeito isolado, mas que ainda assim se sinta um sujeito super libertado, dentro de suas bolhas de verdade. Não. Não é paradoxal, são apenas facetas da subjetivação neoliberal, que pelo contrário de significar prisão, significa liberdade, desde que individual.

A questão suscitada acima, nada mais é, do que a forma mais profícua encontrada à ilustrar uma constância desse sujeito na origem e no funcionamento das *Big techs*, quando mostra também, sua onipresença até enquanto aparente contradição. Têm-se enfim com a presente pesquisa, a constatação de duas expressões diferentes da subjetivação neoliberal, que compartilham uma mesma linha histórica, mas que são resultantes de dois momentos diferentes, contudo, ambas expressões da subjetivação neoliberal, o que reforça enfim o presente desvendamento do neoliberalismo nas redes, a resposta ao objetivo geral da presente pesquisa:

algo constante desde as origens até as práticas, de diferentes maneiras, mas sempre baseando-se numa formatação de um determinado tipo de sujeito, o sujeito neoliberal, que como pôde-se ver nos diversos exemplos da empiria, é acima de tudo um sinônimo de potência, potência essa, por vezes, patrocinadora da não potência de outrem.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. Ed. São Paulo: Parábola editorial, 2015.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BATISTA, Bruno Nunes. **Foucault e a genealogia do neoliberalismo**. Movimento – Revista de Educação, Niterói, ano 6, n. 11, 2019.
- BECKER, H. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais** São Paulo: Hucitec, 1992.
- BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: Ubu, 2021.
- BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. Tradução de Ivone C. Benedetti. 2. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.
- BRIDLE, James. **A nova idade das trevas: a tecnologia e o fim do futuro**. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Todavia, 2019.
- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é possível**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- CEOLIN, Arnon Manhães. **Terra arrasada, utopias digitais: história e ideologia no Vale do Silício**. Tese (Mestrado em política social) – Centro de ciências jurídicas e econômicas, Universidade federal do Espírito Santo. Vitória, p. 281. 2021.
- CESARINO, Leticia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu, 2022.
- CHUN, Wendy. **Updating to remain the same: habitual new media**. Cambridge: MIT press, 2016.
- COECKELBERGH, Mark. **Ética na inteligência artificial**. Tradução de Clarisse Souza. São Paulo: Ubu; Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2023.
- COSTA, Sylvio de Souza Gadelha. **Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo**. Educação e realidade, Porto Alegre, v. 34, n. 2, 2009.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DARDOT, Pierre. et al. **A escolha da guerra civil**: Uma outra história do neoliberalismo. Tradução de Márcia Pereira Cunha. São Paulo: Elefante, 2021.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 2. Ed. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1991.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. Tradução de Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2020.

FALCÃO. Mulher Mala. Rio de Janeiro: RCA: 1997. Mp3.

FISHER, Mark. **Postcapitalist desire**: the final lectures. Londres: Repeater, 2021.

FONTENELLE, Isleide Arruda. **Cultura do consumo**: fundamentos e formas contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.

FOUCAULT, Michel. Aula de 14 de março de 1979. In: FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 9. Ed. São Paulo: Paz e terra, 2019.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 5. Ed. Campinas: Autores associados, 2018.

FRANK, T. O marketing da libertação do capital. Cadernos le monde diplomatique, maio 2001. Disponível em: < <https://diplomatique.org.br/o-marketing-da-libertacao-do-capital/>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GARZILLO, Romulo Monteiro; MELLO, Isabella Coimbra Pires de. O STF E O 8 DE JANEIRO: entre a exceção e a defesa da democracia. In: 14º Congresso Internacional de Ciências Criminais da PUCRS (CICCRIM), XIV, 2023, Porto Alegre. **Anais**, Porto Alegre: 2023. p. np.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016.

GOOGLE. **Como ter sucesso com o Google ads**. Disponível em: <https://support.google.com/google-ads/answer/6080949>. Acesso em: 03 dez. 2024a.

GOOGLE. **Palavras-chave**. Disponível em: [https://support.google.com/google-ads/topic/10546785?hl=pt-BR&ref\\_topic=10286611,3181080,3126923](https://support.google.com/google-ads/topic/10546785?hl=pt-BR&ref_topic=10286611,3181080,3126923). Acesso em: 03 dez. 2024b.

GOOGLE. **Sobre as opções de correspondência de palavra-chave.** Disponível em: [https://support.google.com/google-ads/answer/7478529?hl=pt-BR&ref\\_topic=10549272](https://support.google.com/google-ads/answer/7478529?hl=pt-BR&ref_topic=10549272). Acesso em: 03 dez. 2024c.

HIRSCHMAN, Elizabeth C; HOLBROOK, Morris B. **Hedonic consumption:** emerging concepts, methods and propositions. *The Journal of Marketing*, Chicago, v. 46, n. 3, 1982.

HOLBROOK, Morris B; HIRSCHMAN, Elizabeth C. **The experiential aspects of consumption:** consumer fantasies, feelings, and fun. *The Journal of Consumer Research*, v. 9, n. 2, 1982.

KEMP, Simon. Digital 2025, Brazil, Datareportal, 2025a. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2025-brazil>. Acesso em: 13 ago. 2025.

KEMP, Simon. Digital 2026 Global Overview Report, 2025b. Disponível em: [Digital 2026: Global Overview Report — DataReportal – Global Digital Insights](#). Acesso em: 06 nov. 2025.

LA CHINOISE. Direção de Jean-Luc-Goddard. Paris: Athos Films, 1967. AVI (92 min.).

LAVAL, Christian. **Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal.** Tradução de Márcia Pereira Cunha, Nilton Ken Ota. São Paulo: Elefante, 2020.

LIMA, Paulo Ricardo Silva *et al.* A ação das big techs no trato de dados e de informações: desafios e perspectivas para a ciência da informação. *In: 23º ENANCib encontro nacional de ciências da informação, 2023, Aracaju. Anais, 2023.*

LINS, C.; BORTOLOTTI, C.. Naquele estranho mês de março de 2016: excesso e repetição no *Jornal Nacional*. **Galáxia (São Paulo)**, v. 47, 2022.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo:** viver na era do capitalismo artista. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOPES, M. S.; ALBUQUERQUE, G.; BEZERRA, G. M. L.. “2018, a batalha final”: Lava Jato e Bolsonaro em uma campanha anticorrupção e antissistema. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 20, n. 3, p. 377–389, set. 2020.

MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Tradução de Roberto Machado. 9. Ed. São Paulo: Paz e terra, 2019.

MACIEL, Fabrício; MATTOS, Patrícia. **Como pensar o capitalismo contemporâneo? Considerações preliminares.** *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 35, n. 3. 2020.

MCKINNON, Susan. **Genética neoliberal:** uma crítica antropológica da psicologia evolucionista. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu, 2021.

META. **Sobre o direcionamento detalhado.** Disponível em: <https://www.facebook.com/business/help/182371508761821?id=176276233019487>. Acesso em: 2 dez. 2024a.

META. **Sobre o direcionamento específico.** Disponível em: <https://www.facebook.com/business/help/121933141221852?id=176276233019487>. Acesso em: 3 dez. 2024b.

META. **Encontre mais clientes com o gerenciador de anúncios.** Disponível em: <https://adsmanager.facebook.com/ads/accountonboarding/?act=122224047890130>. Acesso em: 3 dez. 2024c.

META. **Direcionamento de anúncios para público.** Disponível em: <https://www.facebook.com/business/ads/ad-targeting>. Acesso em: 3 dez. 2024d.

METODOLOGIA DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO – COM PEDRO DEMO. YouTube, 15 de MARÇO de 2015. 43min. Publicado pelo canal Bruno Rodrigues. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7hLqaJLQ5Q4>>. Acesso em: 18 dez de 2025.

MICROSOFT. **Resumo da coleta de dados do Xbox.** Disponível em: <https://www.microsoft.com/pt-br/privacy/data-collection-xbox>. Acesso em: 5 nov. 2025.

MISKOLCI, Richard. **Batalhas morais:** política identitária na esfera pública técnico-midiatizada. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech:** a ascensão dos dados e a morte da política. Tradução de Carlos Marcondes. São Paulo: Ubu, 2018.

OLIVEIRA, Robson de; SAMPAIO, Simone Sobral. **Neoliberalismo e biopoder:** o indivíduo como empresa de si mesmo. Textos & Contextos, Porto Alegre, v. 17, 2018.

PARANÁ, Edemilson. **Bitcoin:** a utopia tecnocrática do dinheiro apolítico. São Paulo: Autonomia literária, 2020.

PARRA, Adriano; MEDINA, Cíntia. **No rastro da plataformização digital: mapeando o processo de algoritmização empresarial a partir da crítica da economia política.** *SciELO Preprints*, São Paulo, 2024. [preprint]. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/9821>. Acesso em: 5 nov. 2025.

POMPEU, Bruno; TRINDADE, Eneus; SATO, Silvio Koiti. **Consumo, cidadania e vigilância:** reflexões sobre a expansão tecnológica e seus impactos no contexto brasileiro. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 38(110), 2024.

RAULINO, Gabriela. Capital e trabalho nas plataformas sociodigitais. In: DANTAS, Marcos *et al.* **O valor da informação:** de como o capital se apropria do trabalho social na era do espetáculo e da internet. São Paulo: Boitempo, 2022. p. 145-212.

RICCARDI, Rubens Russomano. **Contra o identitarismo neoliberal:** um ensaio de *poiesis* crítica pela apologia das artes. São Paulo: Contracorrente, 2023.

SÁ, Gustavo Malafaya. **À frente do computador:** a internet enquanto produtora de dependência e isolamento. *Revista da faculdade de letras da universidade do Porto*, Porto, v. 24, 2012.

SOUSA, R. S. DE.; OLIVEIRA FILHO, P. DE.; LARRAIN, L. F. C. R.. Adesão ao Bolsonaro: Dilemas, Contradições e Retórica em Argumentos de seus Militantes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 44, 2024.

STREETER, Thomas. **The moment of *Wired***. Critical Inquiry, Chicago, v. 31, 2005.

TOLENTINO, Rafael, Xavier. **Perspectivas da subjetivação da racionalidade neoliberal**. CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, v. 25, 2017.

VÉLIZ, Carissa. **Privacidade é poder: por que e como você deveria retomar o controle de seus dados**. Tradução de Samuel Oliveira. São Paulo: Contracorrente, 2021.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. Tradução de Marcio Serelle e Mário F. I. Viggiano. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte: PUC Minas, 2016.

WIRED. 2.03. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Março 1994, 1994a.

WIRED. 2.04. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Abril 1994, 1994b.

WIRED. 2.05. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Maio 1994, 1994c.

WIRED. 2.08. San Francisco: Wired Ventures Ltd1, Agosto 1994, 1994d.

WIRED. 2.10. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Outubro 1994, 1994e.

WIRED. 2.12. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Dezembro 1994, 1994f.

WIRED. 3.01. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Janeiro 1995, 1995a.

WIRED. 3.03. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Março 1995, 1995b.

WIRED. 3.06. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Junho 1995, 1995c.

WIRED. 3.07. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Julho 1995, 1995d.

WIRED. 3.08. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Agosto 1995, 1995e.

WIRED. 3.10. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Outubro 1995, 1995f.

WIRED. 3.12. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Dezembro 1995, 1995g.

WIRED. 4.02. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Fevereiro 1996, 1996a.

WIRED. 4.03. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Março 1996, 1996b.

WIRED. 4.04. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Abril 1996, 1996c.

WIRED. 4.06. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Junho 1996, 1996d.

WIRED. 4.07. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Julho 1996, 1996e.

WIRED. 4.08. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Agosto 1996, 1996f.

WIRED. 4.09. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Setembro 1996, 1996g.

WIRED. 4.10. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Outubro 1996, 1996h.

WIRED. 4.11. San Francisco: Wired Ventures Ltd, Novembro 1996, 1996i.

## APÊNDICE A – ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA/DOCUMENTAL DE EDIÇÕES DA REVISTA WIRED

Sobre a revista

1- WIRED é uma revista estadunidense focada em tecnologias e libertarianismo individual e econômico. Situada em São Francisco, nada mais ideal no que consta aos temas que ela toma. A revista se mostrou ideal para a nossa análise pois demonstra como o neoliberalismo, ou melhor, um modo de ser neoliberal (o sujeito neoliberal) é presente no vale do silício, reforçando com isso nossa tese de que as big techs (que vieram desenvolver as redes sociais e a profilagem por meio destas), são, além de praticamente, historicamente ligadas ao sujeito neoliberal, ao neoliberalismo. Especificamente irei buscar o sujeito neoliberal no princípio da cibercultura do Vale do silício, com flagrantes diretos de pensamento libertário/individualista e pistas de tecnologias que vieram a ser basilares ao funcionamento da internet hoje, como a profilagem. Mas essa busca não é fechada, podendo surgirem as mais diversas análises quando sentir oportuno para possível uso no trabalho final.

2- A revista é dividida em grandes blocos – como “electrosphere” “idees fortes”, “scans”, “street cred” e etc – mas eles não dão margem a classificações pois são eventualmente corrompidos e descaracterizados, o que não destoa do caráter flexibilizado, disruptivo, da revista e do sujeito neoliberal. Além dos blocos há artigos fixos, quanto a uma determinada questão que aparecem toda edição.

1994 – March – Laurie Anderson reinvents herself again

3- Na página 72, encontramos um anúncio interessante e proveitoso para relacionar a cultura daquela região, ou melhor, daquele grupo, com o sujeito neoliberal, ou ao menos com um libertarianismo diretamente relacionado as novas tecnologias. O anúncio trata de uma convenção intitulada “The fourth conference on computers, freedom & privacy”. No cartaz encontramos como propaganda a expertises, conhecimentos, em temas como: “hackers”, “acesso a informação governamental”, “colonização do ciberespaço” e etc, além de oferecer a pré-venda de uma fita de vídeo da conferência de um especialista em “invasão”. É claramente observável patrocínios a um indivíduo libertado, inclusive para fazer sua navegação colonizando o ciberespaço, no cerne dessa cultura californiana. Vemos ai o sujeito de gozo, sujeito neoliberal (DARDOT, LAVAL, 2016), típico daquele meio formado pelos que no futuro

formaram as big techs (BERARDI,2019), reforçando então a nossa investigação de que esse sujeito está no princípio das big techs.

4- Na página 81, em meio a um artigo de valoração da artista “Laurie Anderson”, observamos vários pontos de valoração a uma cultura artística “múltipla”, “flexível” e afins; Laurie é “provocativa”, “legal”, “confusa”. É posto pelo autor do texto as várias produções dela, como também seus novos lançamentos, entre curtas, performances e um novo álbum. Flexibilidade é um mote do neoliberalismo segundo várias referências (DARDOT, LAVAL, 2016), ainda quando atrelado a um indivíduo “cool” (FISCHER, 2021)

5- Na página 88 vemos uma demonstração de despreço a lei, quando o autor do artigo opina que as leis governamentais freiam as tecnologias, a lei seria uma paralisia, e sua transgressão algo digno. Observamos aqui, que no que consta a defender seus interesses, sem levar em conta os impasses éticos e morais da lei, o pensamento “tech” californiano da época era mister. Nos dias de hoje esse debate ainda continua em voga, com conservadores o defendendo, o que a princípio parece confuso, mas fica de mais fácil entendimento quando observamos as raízes no trecho analisado. Veja o trecho: “A tecnologia avança em empurrões, como a pontuação da evolução biológica grotescamente acelerada. As condições do mundo real continuarão a mudar a um ritmo alucinante, e a lei ficará mais para trás, mais profundamente confusa. Esse descompasso pode ser impossível de ser superado. Economias promissoras baseadas em produtos puramente digitais ou nascerão em um estado de paralisia, como parece ser o caso da multimídia, ou continuarão em uma recusa corajosa e deliberada de seus proprietários em jogar o jogo da propriedade.”<sup>94</sup>

6- Ainda no mesmo artigo, na página seguinte, encontramos as seguintes afirmações, que serão tomadas uma a uma no continuar do texto: “Information is an activity. Information is a life form. Information is a relationship”. Cada uma, no continuar do texto, toma uma forma de manifesto. A primeira se torna: “Information Is a Verb, Not a Noun”. A segunda: “Information Wants to Be Free”. E a terceira: “Information Wants to Change”. Todas essas frases dão um tom ainda mais libertário, conseqüentemente neoliberal, as afirmações, reforçando as características já analisadas na análise anterior (análise 5)

---

<sup>94</sup> “Technology advances in lunging jerks, like the punctuation of biological evolution grotesquely accelerated. Real-world conditions will continue to change at a blinding pace, and the law will lag further behind, more profoundly confused. This mismatch may prove impossible to overcome. Promising economies based on purely digital products will either be born in a state of paralysis, as appears to be the case with multimedia, or continue in a brave and willful refusal by their owners to play the owner- ship game at all”

<sup>95</sup> Quando citado no corpo da análise um trecho da revista ele estará traduzido para o português, constando a sua forma original em nota de rodapé.

7- Um par de páginas a frente, encontramos uma reportagem onde se investiga um jogo/fórum chamado “furrymuck”, o qual, pelo que entendi em pesquisa externa, trata-se de um servidor livre para ser editado pelos jogadores, em tempo real (Online), por textos e conseqüentemente comandos. O “jogo” é direcionado ao público “furry”, pessoas que eventualmente gostam de se sentir e se vestir como ferais<sup>96</sup>. Se sentir como um feral é o de menos estranho no ambiente descrito no texto. Você pode ali viver em “mundo dos vampiros no Elysium, ou ser um personagem de desenho animado no ToonMUD ou ser uma lontra elegante e pós-púbere no Furrymuck, onde você pode fazer sexo virtual com um peixe<sup>97</sup>” (REVISTA). O libertarianismo atrelado a uma liberdade individual irrestrita é o material interessante aqui a nossa pesquisa.

1994 – April – Oh no Mr Bill!

8- Na página 27 a revista dedica uma página inteira, algo como um editorial, protestando quanto a prisão de um hacker, acusado de invadir informações de governo. O governo americano não é algo a se passar pano, mas de toda forma trata-se de uma naturalização de um libertarianismo jurídico, uma defesa de que informações não estão seguras e de que é cool e até heroico a invasão de dados. Algo feito hoje de forma sistemática pelas big techs por meio das redes sociais com a profilagem

9- Em meio a diversos símbolos de um braço com punhos cerrados, clássico de lutas sociais naturalmente atrelados a esquerda, nas páginas de 40-49, vemos um texto/protesto a mudanças em leis estadunidenses no que consta a direitos básicos de privacidade. Essas mudanças se dariam em decorrência da preocupação com o terrorismo. Para o autor, e obviamente é a linha editorial da revista, a aplicação de segurança no ciberespaço é paranoica<sup>98</sup> e fantasmagórica<sup>99</sup>. É ironicamente posto um possível ataque ao world trade center (O que fatidicamente veio a acontecer cerca de 7 anos após a publicação dessa edição)! Essa liberdade irrestrita nas redes,

---

<sup>96</sup> Não sei se na época apenas no jogo, mas hoje o fenômeno se expressa na cena pública, com casos emblemáticos que viraram meme como o caso em que adolescentes e pais protestaram num colégio nos estados unidos pois os colegas que se identificavam como furry tinham o costume de arranhar os colegas sem mais ver.

<sup>97</sup> “world of vampires on Elysium, or be a cartoon character on ToonMUD or bea sleek, post pubescent otter on Furrymuck where you can have netsex with a fish”

<sup>98</sup> “I felt like I was in another remake of Jnvasion of the Body Snatchers. My friends in the administration had been transformed. They’d been subsumed by the vast mindfield on the other side of the security clearance membrane, where dwell the monstrous bureaucratic organisms that feed on fear. They’d been infect- ed by the institutionally paranoid National Security Agency’s Weltanschauung”.

<sup>99</sup> “In the spirit of openness and compromise, they invited the Electronic Frontier Foundation to submit other solutions to the “problem” of the nuclear-enabled terrorist than key escrow in devices, but they would not admit into discus- sion the argument that such a threat might, in fact, be some kind of phantasm created by the spooks to ensure their lavish budgets into the post-Cold War era”.

defendida ferrenhamente pelo artigo, é uma característica observada já em outros pontos da revista, o que nos demonstra ser um mote do pensamento do Vale do Silício. Esse pensamento não destoa também de princípios neoliberais clássicos.

10- Já na página 70, a segurança nacional é retomada novamente como algo negativo, num pequeno artigo onde ela é comparada a clássica figura de linguagem de palavras antagônicas com tom irônico, o Oxímoro. A segurança nacional, seria assim, algo como uma piada.

11- Em um curioso e longo artigo a partir da página 73, encontramos uma discussão sobre a invasão cultural do mercado voraz capitalista que a Rússia vem recebendo desde o fim da união soviética. A princípio uma boa e passível de ser bem referenciada crítica, mas que vai ganhando no decorrer do artigo um tom libertarianista/neoliberal, o que não é de se estranhar vindo da linha editorial da revista e do autor desse artigo; trata-se de Bruce Sterling, um dos principais, e primeiros, autores do gênero cyberpunk, que é normalmente atrelado ao ciberlibertarianismo, um mundo totalmente controlado por tecnologias onde do humano tomaria o lugar um cyborg. Mas voltemos. Onde está esse tom? Vejamos o curioso trecho: “Os russos hoje acreditam que estão sendo colonizados pela América, e se ressentem disso. Mas essa não é a verdade. Os russos não têm essa sorte [...] Se houvesse deputados da Marinha americana em cada esquina, se o general Douglas MacArthur estivesse aqui enforcando criminosos de guerra russos e condenados e ditando uma nova Constituição, seria muito mais pessoal, mais compreensível, menos sangrenta do que o processo sutil de derrota cultural e econômica que os russos estão sofrendo atualmente. Tudo na Rússia que foi congelado durante 50 anos de Guerra Fria está sendo destruído em um turbilhão devastador de Coca-Cola, hambúrgueres, música pop e barras de chocolate. Tudo está à venda<sup>100</sup>” (Revista). No trecho o capitalismo é defendido a todo custo, o capitalismo representado pela liberdade das boas ruas estadunidenses, em detrimento do capitalismo fechado, torto, baseado apenas em um consumo vazio, não original na cultura, visto sob as lentes do autor, na Rússia. É precioso para a pesquisa observar aqui como o capitalismo está baseado também na cultura libertária, e não somente na sua óbvia exploração pela mais valia.

12- Interessante notar que em vários pontos do texto, tudo que é relacionado a proibição, retrogrado, conservador, é direcionado de uma forma muito natural/indiscutível e negativa ao

---

<sup>100</sup> “Some Russians today believe that they are being colonized by America, and they resent it. That’s not the truth, though. The Russians are not that lucky. If there were American Marine MPs on every street corner, if General Douglas MacArthur were here hanging Russian war-criminals and dictating a new constitution, it would be a lot more personal, more comprehensible, less blood-chilling than the subtle process of utter cultural and economic defeat that the Russians are currently enduring. Everything in Russia that was frozen solid during 50 years of Cold War is being blown apart in a devastating whirlwind of Coca-Cola, hamburgers, pop music and candy bars. Everything is for sale”.

governo/polícia russo(a). O “jovem”, a “transgressão”, o “disruptivo” é relacionado ao novo, ao capitalismo, criticado em certo ponto como descrito na análise anterior, mesmo assim esse tratamento é importante na nossa análise, reforçando a leitura do sujeito neoliberal de gozo, base do vale do silício e do capitalismo de consumo (FONTENELE, 2017) moderno.

1994 – May – Here comes the Zippies

13- Em todas as edições há um pequeno bloco entre as primeiras dezenas de páginas, chamado “Jargon watch”, algo como observação de jargões, que se dedica em traduzir os dizeres do momento na comunidade do ciberespaço californiana. Nessa edição, lembremos, de maio de 1994, vemos a explicação do dizer “Datamining”, ou seja, mineração de dados, que é basicamente a finalidade da profilagem feita pelas big techs por meio das redes sociais. Mas vejamos a explicação da revista: “datamining” seria “O que as empresas que têm grandes computadores fazem com seus bancos de dados. Extrair valor (dinheiro) do alicerce aparentemente inútil de números, estatísticas e informações<sup>101</sup>”. Está aí uma forte manifestação do que foi toda a base da internet direcionada a grande população no futuro (a 1994); a criação de perfis, profilagem, para fins de capturar dados, armazená-los e vendê-los em massa (BEIGUELMAN). Um novo modo de administrar a internet, individualizando e dando um teor comercial ao IP (CHUN). O caminho por excelência para chegar a esse ponto foram as redes sociais, ignorando todo o fato ético de isolar pessoas em câmaras de autoconfirmação que vêm gerando danos a democracia (EMPOLI) (tese do trabalho ao qual essas análises se dedicam). Para além de toda a discussão, importa que temos aí, no trecho, a presença dessa mentalidade, flagrando que esse jargão, e o significado atrelado a ele, estava circulando por aquela comunidade cibernética californiana nos anos 90, que foi reciprocamente compartilhada, e/ou influenciou futuramente, os cabeças das big techs que no futuro vieram a desenvolver a profilagem, o uso comercial do IP, enfim, as redes sociais.

14- Na página 46 encontramos um assustador artigo comentando sobre um embate entre dois “fóruns” que vinheram a “brigar” na “Usenet” (rede de internet fora da “internet comum”, do “WWW”, com a finalidade de fóruns de discussão abertos). Tratava-se de um fórum chamado “alt.tasteless”, sem motivo aparente a não ser a barbaridade por si só, atacando um outro dedicado a cuidados e experiências com pets. Esses ataques tinham características gore, que era a característica do fórum que atacou. É absurdo ver que a revista embora não endosse essa

---

<sup>101</sup> What companies that have huge computers do with their databases. Extracting value (money) from the seemingly useless bedrock of numbers, statistics, and information.

“liberdade”, o que não seria difícil dado ao histórico de defesa de um libertarianismo irrestrito visto em outras análises, também não a critica veementemente. São dados inclusive destaques aos absurdos por ali compartilhados, como piadas com mortes de bebês, quando da explicação do fórum. Ai que está o que acho interessante nessa análise; a forma blasé com a qual a revista trata o fórum ao explicá-lo pura e simplesmente de forma descritiva.

15- Na página 75, encontramos um artigo curto mais proveitoso a nossa pesquisa. É discutido sobre um imposto de caráter protecionista em produtos audiovisuais vindos dos Estados Unidos, na França. O autor critica veementemente esses impostos, chamando os franceses generalissimamente de arrogantes que sentem que sua arte é superior, mas também argumentando, com um viés claramente neoliberal, que os impostos não devem existir e que são danosos a aquela economia. É valoroso a nossa pesquisa observar essa defesa de uma economia de livre mercado aliada aos outros temas tratados na edição e em outras, da revista.

16- A partir da página 79, temos o artigo de capa, sobre o que o autor intitula de “Zippies”; algo como um hippie contemporâneo à época. Essa “atualização” dos hippies, adere a características mais modernas, como sua relação com as novas (à época) tecnologias, mas permanecendo com suas características “antissistema”. É interessante notar que essas características reforçam o pensamento libertário, ciberlibertário, da época, característico do público da revista, visível já em diversas outras análises. Vale pensar sobre o quanto esse antissistema, não seria na verdade um sintoma de um novo sistema, que veio se consolidar anos depois, com as grandes big techs do vale do silício. Vejamos um trecho: “Um Zippie é “alguém que equilibra seus hemisférios para conseguir uma fusão do tecnológico e do espiritual. O tecno-pessoa entende que racionalidade, organização, planejamento de longo prazo, consistência e obstinação são necessários para alcançar qualquer coisa sólida no nível material. O hippie entende que visão, individualidade, espontaneidade, flexibilidade e mente aberta são cruciais para realizar qualquer coisa na escala espiritual””.<sup>102</sup> Pontos basilares do neoliberalismo; flexibilidade, individualidade, mente aberta (DARDOT; LAVAL. 2016), aparecem juntos a um libertarianismo cultural do vale do silício, o que é a nossa hipótese quanto a origem das redes estarem relacionadas e esse arcabouço.

17- Na parte “Streetcard” da revista, focada em sugestões de consumo de produtos ligados a essa nova cultura do vale do silício, observamos, na página 112 a indicação de um “vídeo”,

---

<sup>102</sup> “a zippie is “someone who as balance their hemispheres to achieve a fusion of the technological and the spiritual. The techno-person understands that rationality, organization, long-term planning, consistency and single-mindedness are necessary to achieve anything solid on the material level. The hippie understands that vision, individuality, spontaneity, flexibility and open-mindedness are crucial to realize anything on the spiritual scale.””

vendido provavelmente em formato de VHS. Esse vídeo trata-se de; “The alien dreamtime vídeo” ou “O vídeo dos sonhos de um alien”, uma viagem psicodélica colorida de transposição de imagens em um blur de cores pastéis junto a uma música rave e várias falas quanto a discussões sociais e antropológicas<sup>103</sup>. É muito rico a nossa análise a forma como a revista valora essas expressões psicodélicas relacionando assim o libertarianismo econômico, pois também é mote da revista, com as liberdades individuais em um tom transgressivo. Mas nem sempre de forma muito lógica, vejamos: “(atualizando McLuhan, McKenna afirma que a cibercultura pós-industrial está nos levando de volta ao futuro em direção a modos arcaicos de vida pré-triarca – testemunhar a ascensão do primitivismo moderno), a opressão da cultura "mono" ("monopólio, monogamia, monotonia"), e o lugar dos alucinógenos triptaminas na evolução humana”<sup>104</sup>.

1994 – August – Guerrillas in the myst

18- Logo na página 29, observamos uma valoração de um dispositivo de transferências de valores “digitais”, algo como um chaveiro que por meio de cartões faria transferências de valores com segundos que tivessem os mesmos apetrechos. Isso tudo já é um prenuncio, ou ao menos uma constatação, de que a ideia de digitalizar, descentralizar, valores, o que acontece com a bitcoin e as criptomoedas hoje em dia, já estava presente na mentalidade do vale do silício à época.

19- Mais ou menos na mesma linha da análise anterior, encontramos uma outra situação de algo que representa um embrião de algo que é muito forte na atualidade. Na página 33, observamos um pequeno artigo sobre o projeto “Tierra”. O projeto de um ecologista o qual tratava-se de um programa generativo, algo como um código que produz códigos terceiros sem a intervenção direta do programador, o que chamamos hoje de “inteligência artificial”, sendo a de hoje algo consideravelmente mais complexo do que o analisado aqui. Retomando, o projeto usa a rede para conseguir poder de processamento, e é aí que está o interessante à análise. Como na análise anterior, observamos aqui a presença dessa ideia nos primórdios da internet, da cultura de internet, a ideia da programação generativa, e principalmente da programação generativa alimentada constantemente pela própria rede. Ora, é exatamente o que as big techs fazem hoje

---

<sup>103</sup> Tive acesso fácil ao vídeo em uma rápida busca na internet. Segue o link: <https://vimeo.com/15091210>

<sup>104</sup> (updating McLuhan, McKenna claims that postindustrial cyberculture is leading us back into the future toward archaic prepatriarchal modes of living — witness the rise of Modern Primitivism), the oppressiveness of “mono” culture (“monopoly, monogamy, monotony”), and the place of tryptamine hallucinogens in human evolution

por meio dos dados coletados com as redes sociais com a profilagem (BEIGUELMAN). O autor diz na entrevista: “a rede global de computadores é o habitat ideal para a evolução de organismos digitais complexos”<sup>105</sup>.

20- Na página 73 encontramos um artigo comentando sobre um jogo do ano passado (à época) que estaria ainda fazendo muito sucesso, o jogo era o “Myst”, que com uma rápida pesquisa na internet descobrimos que continuou vendendo muito e se tornando uma grande referência de jogos em CD-ROM e histórias progressivas e complexas. O que encontramos de valioso as nossas análises é uma fala de um dos produtores do jogo, que alude que a linguagem, código, de programação democratiza as relações pois não têm preconceitos. Revela-se aí um pensamento aberto, libertário, onde as profissões liberais ligadas as tecnologias seriam um bom lugar para pessoas que não querem ligar para julgamentos ou terem liberdade de seus estilos. O trecho é: “As linhas de código não perguntam sobre religião, opiniões políticas, gostos com roupas ou músicas. Estamos habituados à ideia de que os rebeldes podem encontrar falhas nos novos sistemas; nós não concordamos com a ideia de que a rebelião não importa mais. Agora é pura imaginação, livre de tendências ou anti-tendências, o que pode acontecer em qualquer lugar que um hardware esteja”<sup>106</sup>.

21- Em um extenso artigo que inicia na página 76, é exposta uma grande reportagem sobre a pirataria quanto a TV paga. São entrevistadas duas pessoas envolvidas nesse negócio, os dois com nomes fictícios, além da exibição do modo como são feitos os processos. O que nos importa é que o artigo, embora tenha em geral tom isento, e até em alguns pontos, não sei se por ironia, critica o ato ilegal da pirataria, tem um tom libertário no final, de certa forma a justificar os ilegalíssimos. Não que eu faça o juízo de valor, mas isso também consta do ideário ciberlibertário, neoliberal, daquela região aquela época, o que é valoroso a pesquisa. São colocados como slogans, em texto separado destacado e em vermelho bem forte, trechos como: “As ondas de rádio devem pertencer ao povo. Se um sinal de TV invadir minha propriedade, devo ser livre para fazer qualquer coisa que eu quiser com ele, e não é da conta do governo.”<sup>107</sup>; “Se eu gosto de armas, a Constituição diz que tenho o direito de possuí-las, e não diz que só posso ter apenas uma. Sinto que tenho certos direitos. E se eu quiser assistir televisão, e eu

---

<sup>105</sup> “the global network of computers is the ideal habitat for the evolution of complex digital organisms.”

<sup>106</sup> “lines of code don’t ask about religion, political opinions, taste in clothing or music. We are used to the idea that rebels can find the cracks in the new systems; we are not used to the idea that rebellion doesn’t matter anymore. It’s pure imagination now, unfettered by trend or anti-trend; it can happen anywhere the hardware lives”.

<sup>107</sup> “The airwaves should belong to the people. If a TV signal comes trespassing onto my property, should be free to do any damn thing I want with it, and it’s none of the government’s business”.

descobrir uma maneira de assisti-lo, eu não acho que eu deveria ser um criminoso”<sup>108</sup>. No final a “lição”, sim é assim que a revista se refere, que fica é, entre várias outras de igual tom libertário, “O histórico da proteção contra cópia prova que as concessões podem ser viáveis. A história da pirataria de vídeo por satélite indica que a repressão leva a uma aplicação draconiana da lei, enormes gastos imprevistos e um mercado negro florescente patrocinado por americanos cumpridores da lei todos os dias. Nosso sistema tende a funcionar melhor quando os consumidores recebem uma sacudida justa e liberdade de escolha. Tentar limitar suas opções e tirar dinheiro delas com uma vara cada vez maior nunca foi uma política viável a longo prazo”<sup>109</sup>.

22- Na página 87, em um artigo sobre um DJ, encontramos a interessante afirmação; “Na maioria dos clubes o DJ fica invisível, no chão [...] artista e público se misturam. Com os computadores, a comunicação global e a descentralização do poder sobre nós, esta configuração reflete melhor para onde estamos indo”<sup>110</sup>. Computadores, seriam então, iguais a emancipação, descentralização de poder. Uma pista do pensamento da época, que veio no futuro gerar grandes monopólios de comunicação e processamento de dados.

23- Na página 106, em uma parte da revista dedicada a indicações diversas de mídias encontramos a indicação de um livro sobre informações capturadas por agências de marketing e afins. Parece uma piada irônica, com que o futuro proporcionaria para as pessoas que se endereçava a revista, formadores da futura internet baseada justamente na captura, processamento e uso de dados perfilados.

1994 – October – Hack the spew

24- Na seção “Fetish”, que é dedicada a indicações de produtos novos relacionados a novas tecnologias, vemos a indicação de um dispositivo meteorológico capaz de fazer previsões. A indicação começa com a frase; “a última pessoa que você deve confiar é o meteorologista”. Além de ótima jogada de marketing (se o meteorologista não é confiável eu compro um produto

---

<sup>108</sup> “If I like guns, the Constitution says I have the right to own them, and it doesn’t say I can only have just one. I feel I have certain rights. And if I want to watch television, and I figure out a way to watch it, I don’t think I should be a felon”.

<sup>109</sup> “The history of copy protection proves that concessions can be work- able. The history of satellite video piracy indicates that clamping down leads to draconian law enforcement, huge unforeseen expenditures, and a flourishing black market patronized by everyday, law-abiding Americans. Our system tends to function best when consumers are given a fair shake and freedom to choose. Trying to limit their options and beat money out of them with a bigger and bigger stick has never been a viable long-term policy”.

<sup>110</sup> “At most clubs the DJ is either out of sight or down on the floor [...] performer and audience are blended together. With computers, global communication, and the decentralization of power upon us, this setup is more reflective of where we’re heading”.

que me mostrará), a frase revela um pensamento paranoico de “todos contra a gente”, de um “establishment” que estaria perseguindo tudo que representa o que adoramos, pensamento esse muito característico nas redes sociais contemporâneas.

25- A partir da página 72 encontramos uma entrevista com o presidente da FFC (comissão federal de comunicações). A entrevista é direcionada a discutir diversas questões quanto as redes e sua regulamentação. O entrevistador, alinhado com o pensamento geral da revista, sempre adota um tom crítico a regulamentação, chegando a dar o exemplo do reino unido, onde as regulamentações quanto a comunicação foram flexibilizadas por Margareth Thatcher, sendo ela uma espécie de exemplo de tratamento com o tema. Justamente ela que é símbolo do neoliberalismo e da desregulamentação dos mercados (embora não represente bem a cultura neoliberal do vale do silício no que consta a liberdades individuais). Vejamos o trecho “Quais barreiras entre as indústrias devemos remover e quando? Na Grã-Bretanha, o governo da ex-primeira-ministra Margaret Thatcher desregulamentou a maioria dos aspectos das indústrias de telefonia e cabo de uma só vez.”<sup>111</sup> Para além disso é interessante notar que o entrevistado sempre se blinda de ser considerado um “regulador”, muitas vezes se justificando, respondendo os “cutucões” do entrevistador com desculpas e explicações que partem sempre com um “não é bem assim”. Vejamos: ““Eu não quero ser o negócio da censura. A FCC deve ser uma agência que se preocupa com a economia da concorrência [...] nunca censuramos ninguém [...] não vejo isso como uma questão de censura.”<sup>112</sup> etc... A questão que quero levantar é que se parte sempre do pressuposto que a regulamentação é algo negativo, que no máximo deve ser exercida com uma desculpa que a valide.

26- Um anúncio de duas páginas inteiras, 78 e 79, contratado pelas gigantes da comunicação AT&T e Bell, traz chips coloridos sobrepostos e a frase em letras enormes “Don`t let telecom politics leave you in the dark”, em português, “Não deixe que a política de telecomunicações o deixe no escuro”. A frase é uma forte intervenção no pensamento público quanto as regulações que estavam pretensas a serem instituídas nos estados unidos a época. Além de demonstração forte que as grandes empresas de comunicação sempre tiveram a audácia de movimentar o debate público enfrentando governos (o que se torna imensamente mais forte no contexto atual devido o poder das big techs com suas redes sociais e enésimos bancos de dados), esse anúncio, manifesto, flagra mais uma vez um pensamento neoliberal de liberdade econômica.

---

<sup>111</sup> “Which barriers between industries should we remove, and when? In Britain, the government of former Prime Minister Margaret Thatcher deregulated most aspects of the telephone and cable industries in one fell swoop.”

<sup>112</sup> “i don`t want to be the censorship business. The FCC should be an agency that is concerned with the economics of competition [...] we have never censored anyone [...] i don`t see that as a censorship issue”

27- Em um interessantíssimo artigo na página 86, na parte “Idées Fortes”, direcionada a discussões políticas, o título já diz muito: “Apenas diga não - Aos cybercratas e maníacos por controle digital”<sup>113</sup>. Como já observamos em diversas análises anteriormente, é constante na revista essa crítica a qualquer regulação no ambiente cibernético. Vejamos o que está em box destacado logo abaixo do título com uma fonte um pouco maior, algo como um subtítulo: “A esquerda está morta. A direita está morta. A ideologia está morta. Sem nenhuma proclamação oficial, já estamos vivendo em uma maravilha em rede”<sup>114</sup>. Mais curioso e revelador que ser crítico a regulação é se dispor também como livre da “direita”. Podemos pensar em primeiro momento, que ele se consideraria de direita. Quando não há essa autoconsideração, isso só revela mais o caráter, ou o desejo, desprendido dessa cultura cibernética. Sabemos que ele se encaixaria muito bem como alguém de direita, mas essa alcunha é negada em favor de uma imagem anárquica, desprendida. O neoliberalismo quando em uma leitura foucautiana, junto a Dardot e Laval e entre outros, compreende sem esforços esse fenômeno. O neoliberalismo não seria afetado, mas sim fortalecido, por esse tipo de sujeito. Voltando ao artigo em geral, ele em linhas gerais alerta que não deveríamos aceitar as regulações e dá diversos motivos atrelados ao pensamento econômico libertário.

28- A partir da página 103, encontramos o interessante artigo “Meet the extropians”, que fala sobre um grupo pioneiro na defesa de ideias transhumanistas. Mas antes de analisar ele em si, voltemos para as primeiras páginas da revista. Em todas as edições as primeiras páginas são tomadas por propagandas e antes do sumário sempre há, entre duas e quatro páginas dedicadas a um design moderno com figuras modeladas em 3D dando a impressão de que foram feitas em computadores modernos a época, alguma frase forte em grandes letras garrafais fazendo alusão a algum artigo do corpo da revista. Nessa edição essas páginas são dedicadas ao artigo dessa análise. Observamos lá, a frase: “De repente, a tecnologia nos deu poderes com os quais podemos manipular não apenas a realidade externa - o mundo físico - mas também, e muito mais portentosamente, a nós mesmos. Você pode se tornar o que quiser ser”<sup>115</sup>. Essa cibercultura californiana da época, a qual analiso para fortalecer o objetivo específico de observar o sujeito neoliberal no princípio do que veio a formar as big techs, reforça, como vemos nesse trecho, fortemente um indivíduo livre. Com os “extropianos”, tema do artigo, isso chega ao ponto de negar a própria natureza “entrópica” do ser humano, em favorecimento de

---

<sup>113</sup> “Just Say No - To Cybercrats and Digital Control Freaks”

<sup>114</sup> “The left-wing is dead. The right-wing is dead. Ideology is dead. Without any official proclamations, we're already living in a networked world economy”

<sup>115</sup> “Suddenly technology has given us powers with which we can manipulate not only external reality - the physical world - but also, and much more portentously, ourselves. You can become whatever you want to be”

um ser utópico sobre-humano que viria a superar as limitações da biologia intrínseca, como observamos nesse trecho, dessa vez do corpo do artigo: “A ideia básica é combater a entropia - a tendência natural das coisas de se esgotar, degenerar e morrer - com seu oposto polar, "extropia"<sup>116</sup>. O texto em geral busca adentrar nessa cultura, com variadas entrevistas e observações.

1994 – December – Hackers showdown

29- Na página 74 observamos um artigo sobre o desenvolvimento de um robô controlado por inteligência generativa. O criador argumenta que a inteligência artificial deve ser desenvolvida puramente pela regeneração, como se o robô fosse uma criança, e não por programação largamente produzida para a “partida”. Vejamos o que diz o artigo “Mentalmente, porém, Cog [Nome do robô] é um recém-nascido que pouco pode fazer além de mexer o corpo e agitar o braço; faz com que os Piratas do Caribe com dublagem e garrafa de cerveja pareçam positivamente talentosos. Mas, ao contrário dos piratas, Cog ficará cada vez mais esperto. A esperança é que isso prove que a melhor maneira de fazer robôs inteligentes não é programá-los, mas criá-los desde a infância, como crianças”<sup>117</sup>. O artigo se mostra interessante à pesquisa como mais uma valoração, junto de uma nova ideia, à inteligência artificial, não implicando nenhuma outra problemática mais complexa no continuar do artigo.

30- Na página 82, em um artigo sobre um head de um grupo de produção e distribuição de revistas dentro do contexto de conflitos entre China e Hong Kong, em vários pontos são colocadas de formas muito forçadas argumentos anti-China. É como se houvesse uma antipatia muito naturalizada com tudo que se relacionasse de alguma forma com o comunismo, ou melhor, com um estado de grande intervenção econômica, ou até não econômica como vemos na crítica feita no artigo relacionadas a censura. O artigo foca também em uma revista desse grupo chamada Next, a vangloriando por sua colocação crítica ao controle chinês sob Hong Kong e afins.

31- Em um artigo de interessante título, “Kaboom!!!”, observamos mais uma vez a valoração de uma liberdade individual irrestrita. Como já vimos parecido em outros artigos analisados, é

---

<sup>116</sup> The basic idea is to fight entropy - the natural tendency of things to run down, degenerate, and die out - with its polar opposite, “extropy.”

<sup>117</sup> “Mentally, though, Cog is a newborn who can do little but wiggle its body and wave its one arm; it makes the lip- synching, beer-bottle-waving Pirates of the Caribbean look positively gifted. But unlike the pirates, Cog will get smarter and smarter. The hope is that it will prove the best way to make intelligent robots isn’t to program them, but to raise them from infancy much like children.”

feita uma experiência por parte do autor em algum grupo com características descoladas, diferentes, estranhas, disruptivas etc. para que ele seja descrito em um artigo com pompas de “cool”. Nesse caso, trata-se de um grupo que se reúne no deserto de forma ilegal, organizando encontros pela internet “livre de burocratas”, para soltar explosivos e fazer experimentações gerais com pirotecnia. Como já visto em outras análises há uma valoração da liberdade individual irrestrita, mesmo que ilegal, junto da liberdade econômica e do cyberspaço. Vejamos alguns trechos: “Thummmmbpff! De um tubo de lançamento em outra parte da cratera do lago, uma concha sobe alto no ar e explode em uma série de magenta e glitter que brilha no céu. “Whoooo-hoooo!” Laura Gödel é exuberante. “Isso é lindo”, diz Linda Wilson”<sup>118</sup>, “Nos últimos dois anos, Lazar diligentemente enviou por fax instruções e datas erradas para perder alguns dos convidados indesejados e dores de cabeça em geral, sem mencionar os tipos indesejados de aplicação da lei. Desert Blast não está exatamente em conformidade com os regulamentos federais. “Na verdade, enquanto estávamos testando alguns projéteis um dia, um policial apareceu”, diz Lazar. “Ele viu o que estávamos fazendo e apenas disse: ‘Legal. Se importa se eu assistir?’”<sup>119</sup>.

32- Na página 144, observamos um curto artigo, mas muito proveitoso a nossa pesquisa. Ele busca incutir uma ideia de que a internet pode ser um poderoso meio para anúncios, desde que estes sejam baseados no entretenimento e não na simples exposição. Veja: “Os profissionais de marketing de massa realmente acham que vão encher a Internet de todo esse conteúdo maravilhoso, que supostamente representa o futuro da publicidade, mídia, comunicações e interação humana, tudo em um pequeno ícone de marca fofo que podemos acessar de nossos PCs domésticos com o clique de um mouse. Mas todos eles estão perdendo o ponto. Os serviços online não são sobre informação, são sobre entretenimento.”<sup>120</sup> É muito valioso à pesquisa ver discussões seminais quanto a anúncio na internet, pois esse é um dos grandes pilares que fazem a internet ser como é hoje, uma internet baseada na profilagem (BEIGUELMAN) baseada na personificação dos IPs (CHUM) para fins justamente de anúncios pessoalmente direcionados (além da retroalimentação de dados para evolução da inteligência artificial), o que geraria a

---

<sup>118</sup> “Thummmmbpff! From a launching tube on another part of the lake crater, a shell soars high up into the air and bursts into an array of magenta and glitter that sparkles up the sky. “Whoooo-hoooo!” Laura Godel is exuberant. “That’s beautiful,” chimes in Linda Wilson”

<sup>119</sup> “For the last two years, Lazar has diligently faxed out wrong directions and dates to lose a few of the uninvited guests and general pains in the ass, not to mention unwanted law-enforcement types. Desert Blast does not exactly conform to federal regulations. “Actually, while we were out testing some shells one day, a cop did show up,” says Lazar. “He saw what we were doing and just said, ‘Cool. Mind if I watch?’”

<sup>120</sup> “Mass marketers actually think they're going to stuff the Internet full of all this wonderful content, which is supposed to represent the future of advertising, media, communications, and human interaction all rolled into one cute little branded icon we can access from our home PCs with the click of a mouse. But they’re all missing the point. Online services aren't about information, they’re about entertainment”.

criação de bolhas de autoconfirmação danosas a democracia (EMPOLI). Mas voltando ao artigo, ele não revela diretamente esse esquema que baseia a internet na contemporaneidade, mas dá uma pista que era refletido que os anúncios deveriam ser mais baseados no entretenimento, onde interações são de grande valor. Nesse ponto, o das interações, há uma relação direta. Os anúncios interagem com o sujeito quando há um direcionamento baseado no perfil pessoal na internet hoje.

33- Em uma pequena coluna de texto, seguida de duas páginas fortemente ilustradas, nas páginas 160 e 161, encontramos um artigo sobre um designer disruptivo que estava lançando à época uma antologia de seus trabalhos. É interessante a estética dessas duas páginas, valendo até pensar sobre mostrar ela no corpo da dissertação (questão a se pensar depois). Nela há imagens incongruentes, mas sempre muito chamativas, dado até mesmo as suas incongruências entre si, todas com um tratamento de forte contraste e com palavras soltas em grandes letras com efeito similar. Vemos; um fisiculturista, um bebê disforme feito por computação gráfica dos anos 90, um hippie nu, uma moça em uma máquina, uma mão robótica segurando um chip, e uma criança com uma cabeça gigante, com palavras como; hyper-human, genetical engineering, fantasy, biotechnology, geometric abstraction, mutation etc. É visível esse design, essa estética, non sense, disruptiva, descolada, senil, rebelde sem causa, em todas as edições da revista, e no artigo o designer é citado como inspiração à revista. É interessante notar esse design com as características de liberdade individual daquela cibercultura à época e o quanto isso consta daquele neoliberalismo e desse novo sujeito neoliberal.

34- Nas páginas 166 e 167 temos uma entrevista com Bill Gates, head da Microsoft, de uma das big techs. Logo na primeira pergunta, quando perguntado sobre o que acha da “information superhighway” (termo que estava na moda na época para designar a interconexão dos estados unidos, o que ainda não era uma realidade embora pareça impensável atualmente) Gates já demonstra um pensamento de caráter anti estado, ou melhor, de uso do estado para fins do capital: “Wired: Como a Microsoft se encaixa na rodovia da informação? Gates: Eu odeio o termo information superhighway porque implica distância quando se trata de se livrar da distância. E isso implica que o governo deve construir essa coisa, e eu não acho que isso seja sábio ou necessário. O governo tem um papel: é limpar o caminho.”<sup>121</sup> O ponto retoma algumas perguntas após: “O governo precisa liberar as empresas de comunicação para que "as

---

<sup>121</sup> “Wired: How does Microsoft fit into the information highway? Gates: | hate the term information highway - because it implies distance when this is all about getting rid of distance. And it implies that the government should build this thing, and I don’t happen to think that’s wise or necessary. The government does have a role: it’s to clear the way.”

informações ao seu alcance" sejam realizadas. Mas nos estágios iniciais - nos próximos três ou quatro anos - acho que o governo deveria errar por fazer menos. Você pode realmente sufocar as coisas e prejudicar todo o processo tecnológico se tentar adivinhar e regular com antecedência."<sup>122</sup> São uma demonstração direta de alinhamento a um pensamento neoliberal o que convém mais à análise de DARDOT e LAVAL (2016), quanto ao neoliberalismo não ser exatamente "não estado", do que à visão meio anarcocapitalista da revista. Antes do fim dessa análise vale ainda observarmos um interessante trecho, que mostra o quanto a ideia de diversos produtos conectados a uma rede já era presente no pensamento da época, ou ao menos na cabeça de Bill Gates, mesmo que ainda sem relação com criação de perfis, profilagem, e afins da nossa análise. Vejamos: "Muitas pessoas estão tendo esse grande debate sobre se o futuro dos dispositivos domésticos será mais parecido com o PC ou a TV. A resposta é que você vai ter os dois; as pessoas terão redes em suas casas, e a TV e o PC serão alguns dos muitos periféricos dessa rede. As perguntas que você precisa fazer são: Qual porcentagem de tempo você vai querer ficar sentado na frente do seu PC? Qual a porcentagem de assistir passivamente à sua TV? E, quando você está assistindo sua TV, há muitas pessoas lá e, se houver, que tipo de interatividade todas essas pessoas querem compartilhar umas com as outras e com a TV?"<sup>123</sup>.

1995 – January – <sup>124</sup>

35- Logo na página 34, encontramos um texto curto, uma coluna, chamada "Um dia sem Boiled Angel é como um dia sem sol"<sup>125</sup>. Boiled Angel é uma revista de quadrinhos dos anos 90 de Mike Diana, focada em quadrinhos obscenos de violência. A revista continha desenhos de cenas sexuais irrealistas e exageradas, com situações até de estupro e pedofilia. O artigo comenta sobre uma condenação que o autor sofreu obviamente pelos conteúdos vinculados na revista. Embora não diretamente, o artigo é uma clara ode a essa liberdade irrestrita da revista, ao ponto de naturalizar os absurdos expostos por ela. Na página ao lado temos um grande desenho do autor com dois policiais e um ser indefinido, claramente postos como maus, atrapalhando uma

---

<sup>122</sup> Government has to unleash communications companies for "information at your fingertips" to be realized. But in the early stages in the next three or four years - I think government should err on the side of doing less. You can really choke things and hurt the whole technological process if you try to guess and regulate in advance.

<sup>123</sup> "Too many people are having this big debate about whether the future in home devices is going to be more like the PC or the TV. The answer is you're going to have both; people will have networks in their home, and the TV and PC will be some of the many peripherals on that network. The questions you need to ask are, What percentage of time will you want to sit in front of your PC? What percent passively watching your TV? And, When you're watching your TV, are there many people there, and if there are, what sort of interactivity do all those people want to share with each other and the TV?"

<sup>124</sup> A edição tem na capa apenas um fundo branco com um escrito em braille.

<sup>125</sup> "A day without boiled angel is like a day without sunshine"

relação sexual. É impressionante como mesmo em uma situação extrema como essa, o autor descolado é posto como o corajoso, o audacioso, o lutador que quebra as barreiras censoras do “estado mau”. A liberdade individual é uma cláusula pétrea à cibercultura californiana da época

36- Entre as páginas 86 e 92 encontramos um artigo falando sobre a “TV interativa” temática que já havia aparecido em outros pontos da revista, o que nos demonstra ser um assunto quente à época. Vale notarmos o quanto o direcionamento de crianças aos dispositivos era algo já quisto, trabalhado pela indústria da tecnologia como um poderoso mercado, o que implica problemáticas de inserção precoce. Mas a análise mais proveitosa a nossa pesquisa vem nas últimas páginas do artigo, quando se está tratando do quão proveitoso seria esse novo formato para fins de publicidade. É previsto pelo autor que a TV interativa abriria um novo leque de possibilidades à publicidade a partir da capacidade de interação pessoal do receptor com o comunicante, o que já nos é muito valioso, e foi também analisado na análise número 32, pois demonstra um embrião da publicidade moderna na internet, baseada na profilagem, o que necessita da interação. Vejamos: “Poderemos disponibilizá-lo para um público tão amplo porque os anunciantes, não os telespectadores ou os provedores de serviços da ITV, pagarão a conta do serviço”, Com a ajuda inicial da daVinci, os anunciantes criarão locais ou componentes de publicidade interativa que podem ser incorporados aos locais. Como outros conteúdos, a publicidade terá que ser tão atraente e divertida quanto outros elementos interativos, ou as crianças simplesmente não a escolherão. Isso, diz a Apple, significa que os anunciantes terão que repensar a maneira como promovem seus produtos. “A publicidade terá que atrair as crianças e convencê-las a interagir. Se eles interagem, você está levando a publicidade a um novo nível em que todos ganham”.<sup>126</sup> Mas mais interessante é, quando adiante no texto é falado de um marketing direto e individual, justamente o que fazem as big techs com a profilagem. Vejamos:

“Nesse caso, torna-se mais como marketing vertical, no qual você realmente se concentra nos indivíduos.”<sup>127</sup> Ou seja, temos nesse artigo, um forte flagrante de que esse modo de funcionamento com qual se baseia a rede contemporaneamente, estava embrionário em algumas

---

<sup>126</sup> “We'll be able to make it available to such a wide audience because advertisers, not the viewers or the ITV service providers, will be footing the bill for the service,” With initial help from daVinci, advertisers will create places or interactive advertising components that can be incorporated into places. Like other content, advertising will have to be as compelling and entertaining as other interactive elements, or kids simply won't choose it. That, says Apple, means that advertisers will have to rethink the way they promote their products. “Advertising will have to entice kids and convince them to interact. If they do interact, then you're taking advertising to a new level where everyone wins.”

<sup>127</sup> “In this case, it becomes more like vertical marketing, in which you really zero in on individuals.”

discussões da cibercultura californiana da época. Direcionar o marketing a uma pessoa torna necessário perfilar aquela pessoa.

37- A partir da página 100 temos um longo artigo sobre a peculiar situação política de praga pós-revolução de veludo. A revolução de veludo foi a dissolução do governo aliado a União Soviética em 1989. Há várias discussões internas ao artigo, onde vários temas diversos são tratados, discutidos, postos em questão. A revolução teria sido feita por intelectuais, intelectuais artistas, principalmente ligados a literatura. Mas ate que ponto estes já não estariam tão governistas quanto os que criticavam antes de assumir o poder, e o quanto uma sociedade seria mesmo representável por uma classe Bohemia e literária. Mas o interessante a nós, é que embora isso seja posto em discussão posteriormente no artigo, é dado um valor a esse sujeito revolucionário checo, o herói que teria derrubado a influência soviética ditadora e de estado forte, ou melhor, outros heróis que não ficaram no governo pós dissolução, que seriam tão revolucionários quanto. Vejamos: “Havel usou a poesia da decência e da moralidade para tirar o poder de um regime entorpecido e corrupto, mas suas formulações se tornaram frases de efeito políticas agora [...] Hoje em dia, Havel faz muitos cortes cerimoniais de fitas em pontes, e o país está nas garras do cada vez mais determinado e autocrático Vaclav Klaus. Se Havel é um sonhador de classe mundial, Klaus é um traficante pesado. E a maioria dos tchecos hoje - a maioria dos tchecos em qualquer dia - preferiria ser traficantes do que sonhadores. Havel fala e eles ficam profundamente comovidos, e então Klaus diz "sapo" e eles pulam. Havel, apesar de sua fama mundial, não foi o único dissidente tcheco. Considerando o preço hediondo que se tinha que pagar para ser um dissidente neste país, a antiga Tchecoslováquia os tinha em abundância. Em particular, um grupo dissidente, conhecido como Plastic People of the Universe, era (ou é) provavelmente a força revolucionária de rock and roll mais pesada, suja e bem-sucedida do mundo. Quando o Plastic People foi preso pela Gestapo de segurança do Estado em 1976, a indignação com essa quebra gratuita de borboletas no volante levou diretamente à formação da Carta 77, o grupo dissidente que acabou se tornando o Fórum Cívico e, em seguida, brevemente, o governo revolucionário deste país. Sem a influência do Plastic People, o florescimento da cultura alternativa americana aqui hoje teria sido impossível. [...] Aqueles corajosos hippies tchecos revolucionários eram realmente corajosos, realmente tchecos, realmente hippies, realmente revolucionários e realmente malucos.”<sup>128</sup> É como se uma

---

<sup>128</sup> Havel used the poetry of decency and morality to take power from a numb and corrupted regime, but his formulations have become political catch phrases now. [...] Nowadays Havel does a lot of ceremonial ribbon cut-tings at bridges, and the country is in the can-do grip of the increasingly determined and autocratic Vaclav Klaus. If Havel is a world-class dreamer, Klaus is a heavy-duty hustler. And most Czechs today - most Czechs any day - would far rather be hustlers than dreamers. Havel speaks and they are deeply moved, and then Klaus

melhoria dependesse de um “espírito rock n roll”, uma cultura alternativa norte americana colorida e contrária ao estadismo relacionado ao comunismo.

38- A partir da página 125 temos um artigo sobre a cada vez maior, a época, onipresença de câmeras de segurança, o que inverteria a lógica do “assistimos a TV”, para um “a TV nos assiste”. É interessante refletir o quanto no futuro essa personalização das câmeras em um nível muito superior, com os smartphones, foi essencial ao modo de internet que temos hoje.

1995 – March – Steven Brill and his court TV

39- Logo na página 42, encontramos mais uma defesa assustadora de uma liberdade de expressão irrestrita. Vejamos: “Má postura: O senador republicano do estado de Nova York, William Sears, tornou-se a mais recente e ambiciosa figura pública a entrar na onda da AIDS-tecnologia-pedofilia. No início deste ano, ele propôs uma legislação que tornaria crime "conduzir comunicações sexuais" com um menor em redes online.”<sup>129</sup> Ora. Embora entendamos que um moralismo conservador tenda a relacionar o problema com a homossexualidade o que seria claramente um preconceito de orientação sexual, isso não quer dizer que a proibição da “pedofilia online” não deva existir. É como se nessa cultura tudo valesse para fins de uma sociedade ciberneticamente livre.

40- Na página 76 temos um artigo sobre como a vigilância estaria sendo munida com as novas tecnologias, principalmente relacionado a vigilância no trabalho. A revista dota um tom crítico a essa vigilância. Em geral o artigo não teria muito a acrescentar a minha reflexão pois não se trata aqui de ecoar críticas da revista, nem propor contrapontos, mas captar sinais de reforço do sujeito neoliberal na cibercultura da época. O interessante para nós, e motivo de abrir uma análise desse artigo, é que no final se fala sobre localização e telefones, o que veio a ser um mote das big tech no futuro com os smartphones munidos diretamente de um GPS, e com esses dados sendo perfilados e intercompartilhados entre elas. Não chega a ser um flagrante dessa

---

says “frog” and they jump. Havel, despite his worldwide renown, was not the only Czech dissident. Considering the hideous price one had to pay to be a dissident in this country, the former Czechoslovakia had them in abundance. In particular, one dissident group, known as the Plastic People of the Universe, was (or is) probably the heaviest, down-and-dirtiest, most successful rock-and-roll revolutionary force in the world. When the Plastic People were busted by state security Gestapo in 1976, indignation at this gratuitous breaking-of-butterflies-on-the-wheel led directly to the formation of Charter 77, the dissident group that eventually became Civic Forum, and then, briefly, the revolutionary government of this country. Without the influence of the Plastic People, the flowering of American alternative culture here today would have been impossible. [...] Those courageous Czech hippie revolutionaries were really brave, really Czech, really hippies, really revolutionaries, and really bonkers.

<sup>129</sup> “Poor Posturing: Republican New York state Senator William Sears has become the latest and most ambitious public figure to jump on the AIDS-technology-pedophilia bandwagon. Earlier this year, he proposed legislation that would make it a felony to “conduct sexual communications” with a minor over online networks.”

intenção, mas ao menos já observamos a existência do fenômeno. Vejamos: “Want desenvolveu um assistente digital pessoal que ele chama de PARCTab. [...] Want preconiza as abas ficando mais finas e leves. Cada um de nós teria dezenas espalhados pelo escritório, no carro e em casa. [...] Claro, também pode dizer a eles onde você está. Certamente, esse é um conceito que dificilmente é estranho aos cidadãos do mundo conectado. Os telefones celulares possibilitaram que os melhores de Los Angeles triangulem O.J. Simpson durante sua odisséia em câmera lenta ao longo da rodovia da Disneylândia<sup>130</sup>. E sempre que você usa um cartão de crédito ou faz uma ligação telefônica de longa distância, você está essencialmente deixando um rastro de migalhas de pão virtuais para as empresas de telecomunicações, Visa e policiais”<sup>131</sup>.

41- Entre as páginas 92 e 99, encontramos um assustador artigo, próximo no quanto é assustador do analisado no ponto número 35. É observada de forma crítica, o modo como a lei canadense pune a pornografia infantil para além da distribuição e produção, chegando também à posse de conteúdo e ao planejamento de produções afins. A revista toma um tom crítico a essa lei. É assustador ver a revista relativizando a posse de conteúdo relacionado à pedofilia, claramente com um fim de endeusamento de tudo que “resiste” a burocratização ou limitação de conteúdos no mundo digital. A lei, a regulamentação que proíbe a posse de pornografia infantil, é posta pela revista logo no título como “polícia do pensamento”. Vejamos como é naturalizado: “Textos e desenhos, bem como fotografias de crianças, foram proibidos. Representações de adultos brincando como adolescentes menores de 18 anos foram proibidas. (Em outra contradição, a idade de consentimento do Canadá é de apenas 14 anos para a maioria dos atos sexuais.) Ao contrário da obscenidade, em que apenas distribuir ou criar o material é ilegal, a mera posse de "pornografia infantil" tornou-se um crime federal no Canadá.”<sup>132</sup> Interessante observar o adjetivo “mera” ao falar da “mera posse”, como se não fosse nada demais. Mas piora: “Por exemplo, um homem em um casebre que escreve histórias sexuais sobre crianças para seu próprio prazer masturbatório pode ser processado sem que uma única outra pessoa

---

<sup>130</sup> O cujo se envolveu em um caso de violência doméstica largamente holofotado pela mídia à época, posteriormente sendo inocentado.

<sup>131</sup> Want has developed a personal digital assistant he calls the PARCTab. [...] Want sees the tabs getting thinner and lighter. Each of us would have dozens scattered around the office, in the car, and at home. [...] Of course, it might also tell them where you are. Surely, that’s a concept that’s hardly foreign to wired world citizens. Cell phones made it possible for LA’s finest to triangulate on O.J. Simpson during his slo-mo odyssey along the Disneyland freeway. And any time you use a credit card or make a long-distance phone call, you’re essentially leaving a trail of virtual bread crumbs for the telcos, Visa, and law enforcers.

<sup>132</sup> “Text and drawings, as well as photographs of children, were banned. Depictions of adults playacting as teenagers under 18 were banned. (In another contradiction, Canada’s age of consent is just 14 for most sex acts.) Unlike with obscenity, in which only distributing or creating the material is illegal, mere possession of “child pornography” became a federal offense in Canada.”

esteja envolvida.”<sup>133</sup>. Ora é o mesmo que dizer que um assassino em potencial flagrante deve ser protegido em seus devaneios pois ele não afeta ninguém no momento. Mas realmente não importa aqui fazer valorações morais, mas refletir o quanto isso demonstra ao extremo a necessidade dessa cultura cyberlibertária de defender a liberdade no cyberspaço, seja quanto extrema for essa liberdade, distanciando-se assim de tudo que se relacione com “regulação”, “determinação”, “lei” e afins. Como vemos no último parágrafo do texto: “Eles não podem impedir o uso privado da pornografia - especialmente o texto ASCII - que se espalha sem esforço entre países e culturas. "A comunicação eletrônica", diz o ativista e produtor da CBC Max Allen, "tornou os regimes de censura fúteis””.<sup>134</sup>

42- Da página 100 a 104, temos um artigo sobre o Med-E-Systems, um sistema informatizado de apoio a médicos que teria a função de guardar dados dos pacientes, ajudando assim em diagnósticos. Não dá para tirar muitas reflexões disso, mas creio que valia como demonstração de um princípio bem embrionário de separar sujeitos em perfis informatizados, uma espécie de profilagem primitiva.

43- Na página 106 encontramos um artigo afirmando que nossos genes não são capazes de alcançar a inteligência que as máquinas alcançarão em 2088. Precisaríamos, diante disso, trabalhar na modificação genética humana para não sermos extintos. Veja: “Em 2088, nosso galho na Árvore da Vida desmoronará, encerrando uma corrida muito modesta (embora criticamente aceita) no planeta Terra. O culpado? Não o aquecimento global. Não guerra atômica. Não são bactérias carnívoras. Nem mesmo muita televisão. O culpado é o circuito integrado - auxiliado pelo surpreendente poder do crescimento exponencial. Seremos levados à extinção por uma espécie mais inteligente e adaptável - o computador. E nossa única esperança é tentar acelerar a evolução humana com a ajuda da engenharia genética.”<sup>135</sup> Além de antiética a afirmação é eugenista, o que por si só já é um problema. Mas não se trata, nessas análises, de achar “problemas”, mas dar uma noção do sujeito neoliberal do vale do silício, berço das big techs. Enfim, é observável o forte transhumanismo trago de uma forma muito “freestyle” nas afirmações.

---

<sup>133</sup> “For example, a man in a hovel who writes down sexual stories about children for his own masturbatory pleasure could be prosecuted without a single other person being involved.”

<sup>134</sup> “They can’t stop the private use of pornography — especially ASCII text — making its way effortlessly between countries and cultures. “Electronic communication,” says activist and CBC producer Max Allen, “has made censorship regimes futile.””

<sup>135</sup> “In 2088, our branch on the tree of life will come crashing down, ending a very modest (if critically acclaimed) run on planet earth. The culprit? Not global warming. Not atomic war. Not flesh-eating bacteria. Not even too much television. The culprit is the integrated circuit - aided by the surprising power of exponential growth. We will be driven to extinction by a smarter and more adaptable species — the computer. And our only hope is to try and accelerate human evolution with the aid of genetic engineering.”

44- Na página 129 encontra-se uma curta entrevista com George Colony, um analista dono de uma agência de consultoria da época. A entrevista é curta, mas muito proveitosa às análises em dois pontos. Em certo ponto da entrevista o entrevistado fala sobre os objetos de comunicação e computadores tenderem a serem cada vez menores e mais conectados, onde informações podem ser compartilhadas sem fio para diversos fins. Vejamos: Há uma supertendência em nosso negócio que diz menor e mais poderosa, e eu acredito nessa tendência. No futuro, teremos muitos dispositivos dedicados para sua pasta. Descartável, fins pontuais, baixo custo. Acho que menos de 500 dólares, 400 dólares. No futuro, as empresas lhe darão coisas. Por exemplo, a Domino's pode oferecer uma pequena máquina com dois botões: pizza com queijo, pizza com calabresa. Você joga em cima da geladeira e chega em casa tarde da noite. Você é tão preguiçoso que nem faz uma ligação - você pressiona um botão! Há um modem celular conectado por pacotes de dados digitais celulares, um novo padrão para enviar dados por linhas celulares para a rede de dados celulares, de volta à Domino's. Quinze minutos depois, há uma pizza.”<sup>136</sup> Temos aqui a demonstração de que já havia a intenção de usar dispositivos, computadores, pequenos com fins diversos à telefonia, o que se concretizou com o smartphone, que é essencial ao modo de internet base para nossas problematizações da pesquisa. O outro ponto suscita o mesmo: em uma parte da entrevista é perguntado sobre quais são os maiores líderes da indústria de computadores hoje, e inesperadamente é dito o nome da recém-criada Oracle, empresa especializada em software e hardware para processamento de dados, base do modo como a internet funciona hoje: “Não acredito que vou dizer isso, mas talvez Larry Ellison [presidente e CEO da Oracle Corporation]. O futuro é sobre dados - acesso, como usuários, clientes acessam dados. Ele é o número um lá.”<sup>137</sup>

1995 – June – JOHNNY MNEMONIC

45- Em uma parte da revista chamada Reality Check, publicada em todas as edições da revista, alguns especialistas na área afirmam, discutem em que época (ano) tal tecnologia futurista irá acontecer. Na desta edição o assunto era “o futuro do software”. Um dos pontos a serem

---

<sup>136</sup> “There’s a supertrend in our business that says smaller and more powerful, and I believe in that trend. In the future, we’re going to have lots of dedicated devices for your briefcase. Disposable, point purposes, low-cost. I think under 500 bucks, 400 bucks. In the future, companies will give you stuff. For instance, Domino’s might give you a little machine with two buttons: pizza with cheese, pizza with pepperoni. You throw it on top of your refrigerator and you come home late at night. You’re so lazy you won’t even make a phone call - you press one button! There’s a cellular modem connected by cellular digital packet data, a new standard for sending data over cell lines to the cellular data network, back to Domino’s. Fifteen minutes later, there’s a pizza.”

<sup>137</sup> “I can’t believe I’m going to say this, but maybe Larry Ellison [Oracle Corporation’s president and CEO]. The future is about data - access, how users, customers access data. He’s Number One there.”

“futurologizados” foi o “objetos interoperáveis” (interoperable objects). 3 de 6 análises preconizaram o ano dessa tecnologia em 2005. Vejamos o que diz o texto: “De acordo com os entrevistados, estamos nos aproximando de um dia em que a maioria dos aplicativos será feita a partir de objetos interoperáveis que permitirão que você use a função de pesquisa de um fabricante com outro processador de texto, por exemplo.”<sup>138</sup> Ora em meados de 2005, por ali, o telefone pessoal passou a ser multifunção, o que foi, princípio, para a multifuncionalidade que no futuro veio a ser a “internet das coisas”, nome dado para a internet interligada entre vários aparelhos para usos dos mais diversos, como uma geladeira “smart” com acesso a Wi-Fi e Youtube. Essa por sua vez é ponto importante a captura de dados base da perfilagem.

46- Na página 86 encontramos mais um de inúmeros artigos criticando qualquer regulação à rede de computadores que rapidamente se expandia na região à época. No caso trata-se de um curto artigo criticando um senador específico que encabeça regulações a conteúdos obscenos na rede. A análise é a mesma de várias outras anteriores, liberdade individual acima de tudo.

47- Entre as páginas 116 e 122 encontramos um valioso artigo para as nossas questões buscadas nessas análises. É feito uma ode a figura de um empreendedor americano, de origem na burguesia jornalística da região da Califórnia. O ponto do artigo, é uma mudança dessa origem jornalística, sua saída para se tornar um investidor de risco na área das tecnologias, ferventes na região à época. Um tipo de herói que abandona a sem graça linha de jornais impressos para encorpar o cyberspaço. Durante boa parte do artigo é feito uma valorização de uma certa figura empreendedora/descolada/hacker. Figura de um jovem que desde muito novo invadia sistemas e que tempos depois ajudava bandas de rock pequenas da região a gravarem seus discos e dividiu quarto na faculdade com um futuro grande desenvolvedor de microchips RISC. É flagrante na cultura do vale do silício, como flagra o artigo, essa valorização de um empreendedorismo, este estando atrelado a um indivíduo “cool”, descolado, jovem etc. É uma figura disruptiva dos anos 60-70 que nos 90 virá revolucionar o empreendedorismo (Ponto que é discutido relativamente pelo estudo de BOLTANSKI E CHIAPELO, “o novo espírito do capitalismo”), as comunicações, como é dito sem rodeios logo no início do artigo: “O herdeiro, que quando criança brincava livremente no terreno de San Simeon, agora tem 45 anos. Como muitos de seus colegas na primeira onda do baby boom, sua vida marca uma jornada do radicalismo dos anos 60 ao empreendedorismo e à tecnofilia dos anos 90. Ainda assim, seu legado único pesa sobre ele. Ele está tentando dar sua própria contribuição para o futuro da

---

<sup>138</sup> “according to those polled, we’re approaching a day when most applications will be boult from interoperable objects that will allow you to use one manufacturer’s search function with anothers word processor, for example.”

mídia, mas está fazendo isso investindo em start-ups que fabricam coisas como modems que se conectam à TV a cabo ou que oferecem serviços como feiras de negócios na Internet que são montadas em todo o país.”<sup>139</sup>

48- Já na página 126 temos uma discussão parecida. É falado sobre uma loja de impressões “estilizadas”, que foi feita por um grupo de hippies, que estava crescendo rapidamente nos estados unidos na época. Mais uma vez temos um empreendedorismo atrelado a um indivíduo livre, descolado e disruptivo.

49- Na página 131, temos mais um artigo direcionado ao risco de censura no cyberspaço, ou seja, qualquer forma de regulamentação. Esse ponto já apareceu diversas vezes nas análises anteriores, fortalecendo bastante a leitura de que a cybercultura do vale do silício à época compartilhava de um valor à liberdade econômica atrelado a liberdade individual irrestrita. Vejamos o parágrafo final: “Deixe seus senadores e membros do Congresso saberem que, não importa o que aconteça com a Internet, o Congresso precisa garantir que o ciberespaço continue sendo o fórum de liberdade de expressão que é hoje para que a democracia continue. Aqueles que fornecem o canal devem ser proibidos de censurar o conteúdo. Caso contrário, 260 milhões de nós podem em breve descobrir que nosso único direito legal de compartilhar pensamentos controversos foi limitado ao correio tradicional.”<sup>140</sup>

50- Em um gigante artigo que se estende da página 137 a 152 e retoma no fim da revista da 194 a 202, encontramos um sobrevoo ao “projeto Xanadu”, de Ted Nelson. Trata-se de um conceito de criar uma rede interligada de informações/máquinas, algo parecido com o que foi feito com a Word Wide Web (WWW). O texto, como dá para deduzir de seu tamanho, passa por diversas discussões históricas do projeto, dado ao fato de o mesmo já ter 30 anos na época do artigo (60 hoje em dia), análises de pessoas influentes da época do artigo, e considerações de aplicações por algumas organizações (principalmente de hackers) que ainda tentavam o produzir. Mas o que chama atenção e é valioso à análise é o modo como em alguns momentos, principalmente no início, a revista valoriza essa liberdade hacker que esse projeto proporcionaria, num claro tom de apologia a essa cultura do hacker liberto, que possibilita acesso ao que o “establishment”

---

<sup>139</sup> “The heir, who as a child played freely on the grounds of San Simeon, is now 45. Like many of his peers in the first wave of the baby boom, his life marks a journey from ’60s radicalism to ’90s entrepreneurship and technophilia. Still, his unique legacy bears upon him. He’s trying to make his own contribution to the future of media, but he’s doing it by investing in start-ups that make things like modems that hook up to cable TV or that offer services such as Internet trade shows that are mounted around the country.”

<sup>140</sup> “Let your senators and Congress members know that, no matter what happens to the Internet, Congress needs to ensure that cyberspace will remain the free-speech forum it is today so that democracy will continue. Those providing the conduit should be forbidden to censor the content. Otherwise, 260 million of us may soon find that our only legal right to share controversial thoughts has been limited to snail mail.”

esconde. É interessante notar que embora essas pessoas fossem atreladas a grandes empresas de eletrônicos ou nascentes empresas de softwares, e futuras big techs, eles se sentem representados em um sentimento de rebeldia, de revolucionários, de resistências a esse sistema, a qual são parte e futuramente se tornariam um dos poderes mais potentes e influentes na economia e política mundial. Vejamos: “Foi o sonho de computador mais radical da era hacker. O projeto Xanadu de Ted Nelson deveria ser a biblioteca de hipertexto universal e democrática que ajudaria a vida humana a evoluir para uma forma inteiramente nova [...] E, na suposição muito hackerística de que as catástrofes globais são causadas por ignorância, estupidez e falhas de comunicação, Xanadu deveria salvar o mundo”.<sup>141</sup>

51- A partir da página 162 temos um artigo chamado “o retorno dos luditas”. Os luditas foram um grupo que resistiu a primeira revolução industrial. O nome acabou designando, historicamente, todo grupo que se contraponha a tecnologia surgente em sua época. Dos anos 90 para cá, diretamente relacionada a aversão a computação e a internet. O artigo fala do ludismo ressurgente (lembrar que a revista é de 1995), suas curiosidades e, principalmente, dado ao teor da revista já sabido por nós, suas contradições. Especificamente sobre estas, um trecho já na última página do artigo é de grande valia a nossas buscas. O autor aproveita o gancho da crítica ludista, e apresenta-a como contraditória, glorificando a internet, a botando como originária de lutas sociais, o que hoje (à época), garante que não sejamos enganados por qualquer informação. Vejamos: “A Revolução Industrial não fez nenhum esforço para responder às necessidades, gostos ou comportamento social tradicional das pessoas afetadas por ela. Os computadores, por outro lado, são projetados para responder à interação, movimento e pensamento humanos. Elementos influentes da cultura do computador surgiram dos movimentos políticos e ambientais dos anos 60, às vezes anteriormente sensíveis às questões sociais.<sup>142</sup>” Temos aqui um forte flagrante da origem do pensamento cyberlibertário, em lutas dos anos 60, não diretamente produzidos, mas fortemente influenciados por elas, fortalecendo assim a leitura de BOLTANSKI e CHIAPELLO, de que o novo capitalismo não viria de uma repressão mas de um engrandecimento individual resultado da absorção dos ideais de 68 pelos

---

<sup>141</sup> “Xanadu it was the most radical computer dream of the hacker era. Ted Nelson's Xanadu project was supposed to be the universal, democratic hypertext library that would help human life evolve into an entirely new form. Instead, it sucked Nelson and his intrepid band of true believers into what became the longest-running vaporware project rae of ik history of computing - a 30-year saga rabid prototyping and heart-slashing despair. The amazing epic tragedy. [...] And, on the very hackerish assumption that global catastrophes are caused by ignorance, stupidity, and communica- tion failures, Xanadu was supposed to save the world.”

<sup>142</sup> “The Industrial Revolution made no effort to respond to the needs, tastes, or traditional social behavior of the people affected by it. Computers, by contrast, are designed to be responsive to human interaction, movement, and thinking. Influential elements of the com- puter culture sprang from '60s political and environmental movements sometimes agonizingly sensitive to social issues.”

manuais executivos para empresas. Ora para o cyberlibertário que escreveu esse artigo na revista, os movimentos dos anos 60 são engrandecedores da liberdade, nunca vistos como críticas ao capitalismo, mas sim a um burocratismo a ser derrubado, ajudando assim a criar a tecnologia mais libertadora já vista, o computador, a internet. Esse tom de liberdade está em um trecho alguns parágrafos abaixo: “Computadores e modems permitiram que milhões de pessoas se comunicassem diretamente umas com as outras, tornando-as menos dependentes de um punhado de jornais, revistas e noticiários para todas as suas informações sobre política pública.”<sup>143</sup> Luditas seriam ingênuos de não aproveitar essa liberdade, esse desprendimento, que essa panaceia proporcionaria. Esse discurso é núcleo do pensamento do sujeito neoliberal, de gozo (DARDOT, LAVAL), aberto, disruptivo, que quebra a normatividade para jorrar suas intolerâncias e abrir seu próprio negócio.

1995 – July – Selfish genes and hot memes are the new mass media

52- Logo na página 33 temos mais uma crítica a regulações nas redes sociais, direcionadas por políticos americanos na época. Vejamos: “As posturas ignorantes desses e de outros políticos e congressistas seriam ridículas se não fossem tão perigosas [...] ”o governo federal se tornou tão grande e poderoso que representa uma ameaça aos direitos e liberdades dos cidadãos comuns”<sup>144</sup>. Mais uma vez, como em diversas análises aqui feitas, o estado é posto como uma ameaça a liberdade, esta, valor inegociável.

53- Na página 43 temos novamente uma direta relação dessa libertação pelas tecnologias relacionada, a partir de um tema, a contraculturas dos anos 60. O texto em específico fala de uma produtora de cd rom que teria esse plus de seus idealizadores serem relacionados aos movimentos dos anos 60. Reforça o já discutido no ponto 51 quanto a BOLTANSKI e CHIAPELLO. Vejamos: “quando uma esquina de São Francisco era o centro do mundo anti-establishment. "Não estamos censurando nada. Não podemos colocar folhas de figueira no corpo das pessoas", diz Bove, que também dirigiu e co-produziu o CD-ROM. "Muito do material aqui pode ser considerado radical. Estamos falando de um movimento que envolveu liberdade de expressão." Bove e Haight, diretora associada e co-produtora Cheryl Rhodes, têm

---

<sup>143</sup> “Computadores e modems permitiram que milhões de pessoas se comunicassem diretamente umas com as outras, tornando-as menos dependentes de um punhado de jornais, revistas e noticiários para todas as suas informações sobre política pública.”

<sup>144</sup> “The ignorant posturings of these and other politicians and Congresscritters would be ludicrous if they weren’t so dangerous [...] “the federal government has become so large and powerful that it poses a threat to the rights and freedoms of ordinary citizens.””

a credibilidade do computador e da contracultura para o empreendimento. Os fundadores da revista Publish, bem como os autores de vários livros sobre multimídia, eles cresceram na era que estão narrando. "Saí dos anos 60 claramente uma pessoa da contracultura", diz Bove."<sup>145</sup> Também suscita pontos como a "liberdade de expressão", também valorosos as nossas análises 54- Na página 122, e com um trecho final na página 185, temos um artigo que fala sobre os genes humanos, os relacionando a medidas quantitativas de processamento de informação, paralelamente a computadores e hardwares de armazenamento de dados. Tudo isso é posto de maneira deveras simplista e não pode ser diferente diante do fato de qualquer pesquisa séria deixar claro que não há possibilidade de quantificação (MKINNON 2021). Vejamos os trechos: "Além disso, eles são verdadeiramente digitais, no sentido pleno e forte de computadores e discos compactos. O código genético não é um código binário como nos computadores, nem um código de oito níveis como em alguns sistemas telefônicos, mas um código trimestral, com quatro símbolos. O código de máquina dos genes é estranhamente semelhante a um computador [...] Os genes são pura informação - informação que pode ser codificada, recodificada e decodificada, sem qualquer degradação ou mudança de significado. A informação pura pode ser copiada e, por se tratar de informação digital, a fidelidade da cópia pode ser imensa. Os caracteres de DNA são copiados com uma precisão que rivaliza com qualquer coisa que os engenheiros modernos possam fazer."<sup>146</sup> Vale a análise de que não existem barreiras biológicas para o libertarianismo do vale do silício.

55- Em um artigo a partir da página 136, temos uma discussão das ambiguidades na valoração de conteúdo intelectual, diante das implicações surgidas do advento da popularização da internet. A linha geral é de que o valor tenderá mesmo a diminuir, mas isso pode ser suprimido por uma exposição maior da marca. Em alguns momentos essa exposição é posta a cargo da propaganda, onde esta, pagaria o produtor intelectual, não deixando nenhum custo ao consumidor do conteúdo digital. Vejamos: "A Internet muda drasticamente a economia do

---

<sup>145</sup> "when a San Francisco street corner was the center of the anti-establishment world. "We're not censoring anything. We can't go putting fig leaves on people's bodies," says Bove, who also directed and co-produced the CD-ROM. "A lot of the material here could be considered radical. We're talking about a movement that involved freedom of speech." Bove and Haight associate director and co-producer Cheryl Rhodes have the computer and counterculture cred for the venture. The founders of Publish magazine, as well as the authors of several books on multimedia, they grew up in the era they're chronicling. "I came out of the 60s clearly a counterculture person," say Bove."

<sup>146</sup> What is more, they are truly digital, in the full and strong sense of computers and compact disks. The genetic code is not a binary code as in computers, nor an eight-level code as in some telephone systems, but a quaternary code, with four symbols. The machine code of the genes is uncannily computerlike [...] Genes are pure information - information that can be encoded, recoded and decoded, without any degradation or change of meaning. Pure information can be copied and, since it is digital information, the fidelity of the copying can be immense. DNA characters are copied with an accuracy that rivals anything modern engineers can do."

conteúdo. Porque nos permite copiar conteúdo essencialmente de graça [...] Jornais e serviços de notícias online pagarão repórteres e editores para produzir conteúdo, que será revendido a baixo custo em conjunto com a publicidade que cobre a maioria dos custos; Esse mesmo conteúdo também pode ser distribuído "gratuitamente" como parte de um serviço de assinatura. Certamente, os anunciantes continuarão a pagar às pessoas para desenvolver conteúdo publicitário para eles, mesmo que esse conteúdo seja distribuído gratuitamente. Não estou dizendo que o conteúdo é inútil ou que você sempre o obterá de graça.”<sup>147</sup> Ora, é justamente o que acontece na rede hoje, o que é base para a profilagem. A profilagem só existe para suprir a necessidade de direcionamento de propaganda, meio final pelo qual as big techs geram seu capital (BEIGUELMAN, 2022), e o produtor de conteúdo, o trabalhador intelectual, recebe diante da vinculação dessa propaganda. O artigo acusa que já existia esse embrião, em 1995, de pensar o conteúdo gratuito e livre na internet, onde quem o pagaria seriam os anunciantes, esquema esse que se tornou azeitado a girar com o surgimento da profilagem e criação de nichos de gostos de consumo consequentemente de opiniões políticas e morais, corrente na internet contemporânea e discussão da nossa pesquisa. Em outro ponto é falado da importância de uma figura influenciadora, algo que se tornou também muito importante no mecanismo recém discutido. Veja: “Com os meios de produção cada vez mais baratos e fáceis por causa da Internet, ocorrerá uma bifurcação: mais e mais pessoas produzirão material para públicos menores de seus amigos, enquanto aqueles que buscam grandes públicos doarão suas coisas ou buscarão pagamento de um patrocinador - e tentarão persuadir os influenciadores a recomendá-lo.”<sup>148</sup> A profilagem, o intercompartilhamento de informações entre empresas, ou um embrião disso, também é fortemente flagrado no final do texto. As idas e vindas de informações também são hoje essenciais ao funcionamento problemático denunciado pela nossa pesquisa. Vejamos esse embrião: “O melhor cimento é um fluxo bidirecional de informações, ou visibilidade. As empresas tentarão encontrar parceiros não oferecendo descontos, mas compartilhando

---

<sup>147</sup> “The Net dramatically changes the economics of content. Because it allows us to copy content essentially for free [...] Newspapers and online news services will pay reporters and editors to produce content, which will then be resold cheaply in conjunction with advertising that covers most costs; that same content may also be distributed “free” as part of a subscription service. Certainly, advertisers will continue to pay people to develop advertising content for them, even if that content is to be distributed free. am not saying that content is worthless, or that you will always get it for free.”

<sup>148</sup> “With the means of production growing cheaper and easier because of the Net, a bifurcation will take place: more and more people will produce material for smaller audiences of their friends, while those seeking large audiences will give their stuff away or seek payment from a sponsor - and try to persuade influencers to recommend it.”

informações sobre si mesmas e trocando sua sabedoria competitiva. Para tornar sua sabedoria crível, eles terão que ser auto-reveladores.”<sup>149</sup>

1995 – August – Friend and foe

56- Na página 46, temos um artigo intitulado “radio is my bomb”. Trata-se da curiosidade de um ativista de esquerda que produz e comercializa kits para produzir transmissões caseiras de baixa latência de sinal de rádio. Sua intenção é política. Só o patrocínio ao ato ilegal de transmitir rádio sem as autorizações necessárias já é interessante às nossas análises. Mas o que de fato chamou atenção e achei valoroso a análise foi um trecho que a revista pergunta ao empreendedor o que, embora ele seja de esquerda, ele acha de varias transmissões e intenções parecidas por parte de grupos de ódio a minorias. A resposta é que o mais importante é a “liberdade de expressão”. Vejamos: “O que Dunifer, ativista de esquerda de longa data, pensa sobre vários grupos de ódio comprando transmissores? "Tudo bem para mim. É uma questão de liberdade de expressão. A única cura para a liberdade de expressão é mais liberdade de expressão.”<sup>150</sup> Esse valor para a cultura do vale do silício, se mostra estar acima de qualquer necessidade social, de igualdade, ou de respeito a minorias. É um endeuamento sempre de uma liberdade, mas uma liberdade individualista egoísta e irresponsável, inerte às consequências.

57- No quadro “reality check”, presente em todas as edições, que expliquei na análise 45, temos nessa edição as tentativas de previsão para a nanotecnologia. Um dos analistas destacou que a nanotecnologia seria necessária à inteligência artificial. Que ela precisava apenas da potência que só seria alcançável com os chips elevados a nona potência negativa, para ser de fato posta em prática. A inteligência artificial chegou ao grande público, ao menos de forma fortemente anunciada e admitida socialmente com o advento de inteligências recursivas como o Chat gpt, que “apareceu” a partir de 2023. Enfim, vale ressaltar que de fato a nanotecnologia possibilitou altos níveis de processamento assim possibilitando a inteligência artificial, mas não sozinha. Isso foi possível devido aos gigantescos acúmulos de dados possibilitados pela filosofia de mercado da big techs, também com a profilagem, no que diz respeito a dados diretamente relacionados e pessoas físicas. Enfim, o artigo mostra uma presença desse desejo pelo crescimento e consolidação da inteligência artificial naquela cultura.

---

<sup>149</sup> “The best cement is a two-way flow of information, or visibility. Companies will try to by find partners not by offering discounts but sharing information about themselves and exchanging their competitive wisdom. In order to make their wisdom credible, they will have to be self-revealing.”

<sup>150</sup> “What does longtime left-activist Dunifer think about various hate groups buying transmitters? “That's OK with me. It's a free speech issue. The only cure for free speech is more free speech.””

58- Na página 68 temos um artigo chamado “Estamos aqui, somos queer e agora temos suporte virtual”<sup>151</sup>. O artigo fala sobre um fórum da usenet, rede de computadores em forma de fóruns interligados, que já explicamos na análise 14, destinado ao apoio de pessoas que têm problemas a partir do seu reconhecimento sexual. Interessante observar que não há um direcionamento preconceituoso do grupo pró-mercado, como já dá pra deduzir diante de tantas análises que levam ao patrocínio da revista ao livre mercado irrestrito, como seria de se esperar, ao menos para algumas correntes de pensamento. As liberdades pessoais, mesmo as que positivas a lutas de grupos historicamente reprimidos, não incomodam essa cybercultura, ao menos não a que está por trás da revista, de grande influência por sinal. Temos aqui um sinal de que, na forma que ajude a ganhar dinheiro e influência, a cultura e o mercado do vale do silício não estão incomodados com a pauta que seja.

59- A partir da página 82 temos um artigo sobre as pretensões de um nome reconhecido do campo da tecnologia de construir uma forma efetiva de compressão de áudio com a finalidade de vender música sob demanda, algo que veio a se materializar com o Mp3 poucos meses depois, e evoluiu para o streaming de áudio de aplicativos para esse fim como o Spotify e afins. Embora esses aplicativos “perfilizem” as preferências musicais de seus usuários, e conseqüentemente as venda, no processo de profilagem, seria forçar muito da minha parte impor essa questão ao artigo. O que achei valoroso nele foi um tema incidental, logo ao falar do criador, Ken Thompson, o autor faz questão de passar a imagem de uma figura despojada, jovem (embora ele não fosse jovem a época), algo como um nerd clássico de um filme americano, junto de uma mentalidade criativa, hippie e especial desde muito jovem. Nunca um burocrata formal, sem graça, sério. Vejamos: “Com tênis surrados, jeans velhos e uma camisa larga vermelha que fica pendurada para fora da calça como um quimono Kmart, ele tem a presença de um mestre zen hippie - calmo, desapegado e totalmente autossuficiente. [...] O caso de amor de Thompson com a eletrônica remonta à sua infância. Ele lembra que quando tinha 12 anos, morando com sua família no sul do Texas, ele "começou a frequentar uma loja local de vendas e serviços de rádio.”<sup>152</sup>

60- Na página 103, em um curto artigo sobre leis antitruste direcionadas recentemente (à época) a Microsoft, temos claras críticas a regulação, o que flagra novamente o claro direcionamento liberal e antiburocrata da revista. é curioso também ver que nesse artigo é proposto um “contra-

<sup>151</sup> “We’re Here, We’re Queer, and Now We’ve Got Virtual Support”

<sup>152</sup> “In scuffed sneakers, old jeans, and a baggy red gingham shirt that hangs untucked like a Kmart kimono, he has the presence of a hippie Zen master - calm, detached, and totally self-sufficient. [...] Thompson’s love affair with electronics dates back to his childhood. He recalls that when he was 12 years old, living with his family in southern Texas, he “start- ed hanging around a local radio sales-and-service store.”

lobby” Vejamos: “A atitude do Departamento de Justiça é um alerta para a indústria de computadores. Apesar das contribuições que estamos fazendo para a economia e para a cultura, o governo não gosta de nós. Em vez disso, ele está fora para proteger seus interesses especiais adquiridos, como o grande banco, ao invés de apoiar o que eu acho que é a força mais dinâmica, não apenas em nosso país, mas no planeta hoje. Meu pensamento cínico é que o governo continuará sendo um negócio sujo por algum tempo; e a única maneira de a indústria de computadores conseguir o que merece é fazer um trabalho melhor em jogar junto. Tenho que acreditar que o lobby bancário de alguma forma influenciou o Departamento de Justiça e, no entanto, o único lobby com o qual a indústria de computadores pode responder é a Associação de Sistemas e Procedimentos. Que piada. Agora que os computadores estão desempenhando um papel mais amplo na sociedade, é ainda mais crítico educar o governo sobre os problemas que enfrentamos e como o sistema pode trabalhar conosco e não contra nós. Eu odeio a ideia de lobistas manipulando o sistema, mas se não combatermos fogo com fogo, somos nós que acabaremos nos queimando.”<sup>153</sup> Enfim temos mais uma vez flagrado o antiburocratismo e a defesa da liberdade econômica como valores importantes na mentalidade do vale do silício.

61- Em um artigo a partir da página 106 temos uma entrevista com um deputado republicano que tinha recém assumido o posto de presidente da câmara. Antes da entrevista em específico a entrevistadora faz um preâmbulo onde expõe conversas anteriores com aquele sujeito que a teriam deixado confusa diante de discursos pra ela convincentes quanto ao teor capaz de mudanças tragas pela nascente internet. Flagramos aqui que é algo digno de causar confusão a aquela turma, que um burocrata, como vimos em diversas análises todo político é assim taxado, ao menos reflita haver um caráter de concordância com as opiniões quanto a rede da revista. A entrevista discorre sem nenhum ponto mais chamar atenção para análise.

62- Na página 112, temos uma pequena coluna chamada “subversão psicodélica”. Nela fala-se sobre um artista e suas obras, nada que desperte em si só nossas problemáticas. É interessante o contexto geral. Junto ao texto temos uma das obras, algo muito psicodélico, uma montagem distópica, meio futurista, uma anêmona colorida no espaço com uma abelha que parece uma

---

<sup>153</sup> “The Justice Department's attitude is a wake-up call to the computer industry. Despite the contributions we're making to the economy and to culture, the government doesn't like us. Instead it's out to protect its vested special interests, such as big banking, rather than support what i think is the most dynamic force, not just in our country but on the planet today. My cynical thought is that government will remain a dirty business for some time to come; and the only way the computer industry will be able to get what it deserves is todaa better job at playing along. i have to believe that the banking lobby somehow influenced the Justice Department, and yet the only lobbying the computer industry can respond with is the Systems and Procedures Association. What a joke. Now that computers are playing a broader role in society, it's even more critical to educate the government about the issues we face, and how the system can work with us rather than against us. i hate the idea of lobbyists manipulating the system, but if we don't fight fire with fire, we're the ones who will wind up getting burned.”

fritura e salsichas que flutuam. Mais uma vez temos uma proximidade com o nonsense, rebelde, radical, legal, inesperado, transgressor, por parte da revista, o que mais uma vez suscita a análise de que o discurso de individualidade, o sujeito neoliberal, do vale do silício, não se distancia, mas se aproxima, de um sujeito liberado, criativo, etc...

63- A partir da página 128 temos um grande artigo sobre as mudanças recentes (à época) na Times Square, um encontro de avenidas nos estados unidos, muito conhecido pela generalizada publicidade em gigantescos telões que tomam toda as fachas dos prédios ali presentes. São diversas as minúcias do artigo, mas o que me chamou atenção foi um trecho do final do artigo, que encontramos na página 178. Nele a revista tenta incutir uma discussão de que haveria uma rebeldia por parte de um novo mercado mais despojado, a superar uma propaganda mais desconectada de um capital menos “cool”, o que é retrato de uma clara síndrome de não reconhecimento do próprio caráter de monopólio e poder das novas tecnologias. Vejamos o trecho: “As necessidades do "pessoal da Fortune 500", que significava torres escancaradas e estéreis em 1984, podem muito bem evoluir irreconhecíveis, forjando uma nova cultura pop-corporativa, que não dorme e não precisa de telhados de mansarda "respeitáveis". É complicado, porém, fazer previsões. A Times Square é um lugar malcriado, improvável de obedecer a qualquer visão oficial e provavelmente contrariar as probabilidades. Como diz Thompson, a autenticidade da Praça sempre esteve enraizada no livre mercado e no indivíduo que assume riscos "latindo sua história, cantando sua música, gritando seu nome sob todas as luzes que pode pagar". Ela acrescenta: "O caos cuidará de si mesmo".”<sup>154</sup> Aqui, muito claramente, a revista se põe numa posição de um livre mercado atrelado a uma imagem de jovialidade, rebeldia, superação do doméstico (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2021). Reforçando assim um determinado tipo de sujeito neoliberal determinante para o surgimento do sujeito neoliberal das redes sociais, e do capitalismo contemporâneo, um sujeito de gozo livre, livre para impor seus ideais, contanto que sejam individuais, e para abrir o seu próprio negócio.

64- Na página 147, na parte da revista “street cred” dedicada a indicar produtos diversos relacionados a cibercultura, temos a indicação de um livro em formato de CD-Rom (CD que roda um executável interativo em um computador compatível), de uma reportagem de um jornalista americano que havia morrido recentemente. A reportagem tratava da existência e das

---

<sup>154</sup> “The needs of “Fortune 500 folks,” which meant yawny, sterile towers in 1984, may well evolve beyond recognition, forging a new pop-corporate culture, one that doesn’t sleep and has no need for “respect-able” mansard roofs. It’s tricky, though, to make predictions. Times Square is a bratty place, unlikely to obey any official vision, and likely to buck the odds. As Thompson puts it, the Square’s authenticity has always been rooted in the free market and in the risk-taking individual “barking his story, singing his song, shouting his name in all the lights he can afford.” She adds: “Chaos will take care of itself.””

questões das comunidades LGBT no ambiente das forças armadas americanas. A análise é que pautas de identidade são presentes, não se mostrando como problemas para essa cibercultura normalmente relacionada a direita. A direita se relacionaria nesse grupo à liberdade econômica, mas não ao conservadorismo, o que não seria o padrão, não comum em algumas discussões que relacionam diretamente o doméstico e o militarismo com a direita, com a liberdade econômica.

65- Já na página 154, temos uma indicação, muito provavelmente paga, a um macarrão instantâneo que estava sendo lançado. Veja: “Pacote de lanches hacker. pré-perfurado para drenar o macarrão após adicionar água. Como convém a um dos grandes fabricantes de lanches do Japão, a Nissin pensou em tudo”.<sup>155</sup> Tudo que é flexível é valorizado, no caso em específico é interessante observar a relação com o “hacker”. Um “miojo hacker”.

1995 – October – The ultimate man-machine interface

66- Logo no início da revista na página 39, temos um curto bloco sobre um “criptógrafo”. É falado que o mesmo está desenvolvendo uma nova forma de se criptografar uma ligação telefônica mediatamente. Um texto “inofensivo” até então. Mas no último parágrafo, é descrita uma pergunta ao entrevistado, que abre todo um campo para analisarmos. Vejamos: “Por que Zimmermann está distribuindo criptografia de voz quando os federais ainda estão balançando uma acusação sobre sua cabeça? "Porque ainda é legal para os americanos manter uma conversa privada", diz ele. "E porque eu sou um criptógrafo. Isso é o que eu faço.””<sup>156</sup> Interessante observar a polícia aqui como algo indesejado, que podemos interpretar tanto pelo lado da cibercultura como não considerar negativas pautas comumente relacionadas a esquerda desde que não meçam na liberdade econômica, quanto pelo lado do antiburocratismo, onde a polícia seria um símbolo ao estado sempre incomodo ao individuo libertado do vale do silício. É ainda interessante notarmos o trecho “ainda é legal” quando a ligações codificadas, o que abre claramente a interpretação que a burocracia/legislador/estado malvado o quanto antes tiraria essa liberdade.

67- Temos na página 67 o bloco “reality check” dessa edição, nele fala-se sobre o futuro do trabalho nas telecomunicações. Em outras análises de textos desse bloco em outras revistas, as análises se tornaram interessantes pois a revista previa a época coisas que vieram a serem de

---

<sup>155</sup> “Hacker snack pack. pre-perforated for draining your noodles after adding water. As befits one of Japan's grand snack makers, Nissin has thought of everything.”

<sup>156</sup> “Why is Zimmermann giving away voice-crypto when the feds are still dangling an indictment over his head? “Because it’s still legal for Americans to hold a private conversation,” he says. “And because I’m a cryptographer. This is what i do.””

fato grandes motes do vale do silício, como na muito valiosa análise número 45. No caso desta é curioso e válido a análise que as previsões não acertam. Elas vão em geral para um caminho do trabalho generalizado por meio das telecomunicações, o que de fato cresceu, mas não se tornou o trabalho em si, não capturando assim o fenômeno da plataformização que tem forte e necessária relação com a profilagem. O que acusa que não havia a observação de uma exploração por meio da plataforma fechada e do perfil, mas sim pelo teletrabalho na internet “livre” (na época ainda não entrelaçada ao jugo das Big techs.

68- No bloco “geek page”, presente apenas a partir das últimas edições, dedicado mensalmente a uma novidade/curiosidade geek, temos um artigo sobre o GPS. É importante lembrar que a edição analisada é de outubro de 95, e esse sistema até então apenas era utilizado para fins militares, estando embrionariamente nascendo comercialmente naquela época. O artigo não traz discussões quanto a usos comerciais futuros, o que seria ideal às nossas pesquisas pois de fato esse sistema é importantíssimo no ecossistema perfilado da internet contemporânea que analiso. Mas o fato de expor esse novo sistema, surgente na época como algo “geek”, “cool”, um potencial novo, já mostra que havia uma certa mística, embora não se soubesse de que, dos potenciais daquele sistema, no momento liberado a fins comerciais. Vejamos dois trechos: “Mas agora, pelo custo de um videocassete, você pode segurar um dispositivo do tamanho da palma da mão que calculará sua latitude, longitude e altitude exatas. Com um receptor GPS, você nunca mais se perderá.”<sup>157</sup> E “Esses sistemas já são populares no Japão e em breve se tornarão uma opção nos carros dos EUA. É claro que, assim como os telefones celulares, os aplicativos de GPS podem ser libertadores e escravizantes.”<sup>158</sup>

69- Logo na página 80, temos um artigo, num bloco chamado “cyber rights now” (“cyberdireitos agora”). O título já valeria a análise por si só. É ele: “Discurso anônimo: Imagine combinar a liberdade de expressão com seu direito à privacidade”<sup>159</sup>. Já se observa a defesa da liberdade irrestrita, na forma da liberdade de expressão, assegurada por um anonimato. É um desejo de liberdade, em que o anonimato viria para garantir a não punição, a blindagem dela. Mas vamos nos deter ao texto; o artigo inicia noticiando a prisão de um finlandês que capturava e distribuía livremente informações confidenciais na internet. Isso é tratado pela revista com total naturalidade, o problema estando então na preocupação daquilo, a prisão, acontecer com alguém na internet, o que dependeria fortemente, para a revista, do

---

<sup>157</sup> “But now, for the cost of a VCR, you can hold a palm-sized device that will calculate your exact latitude, longitude, and altitude. With a GPS receiver, you'll never be lost again”

<sup>158</sup> “These systems are already popular in Japan, and they'll soon become an option in US cars. Of course, just like cellular phones, GPS applications can be both liberating and enslaving.”

<sup>159</sup> “Anonymous Speech Imagine combining free speech with your right to privacy.”

quanto lutaríamos por esses direitos. Vejamos: “Isso poderia acontecer nos EUA? Depende de como os tribunais dos EUA interpretam seu direito ao discurso anônimo, o que depende, por sua vez, de quão duro você luta por esse direito. Estabelecer um amplo direito ao discurso anônimo exigirá alguma munição intelectual potente.”<sup>160</sup> Outro ponto interessante, é o apelo a pautas de identidade para justificar esse anonimato irrestrito: “Quem se beneficia do anonimato digital? Denunciantes, vítimas de abuso e pessoas problemáticas que procuram aconselhamento. Insiders políticos, politicamente incorretos e insurrecionistas. Gays, lésbicas e heterossexuais entediados. Maus poetas. Pessoas tentando o ajuste de outra pele. Praticamente todos. Você.”<sup>161</sup>. Observamos aqui uma forçada de barra para justificar essa defesa irrestrita de liberdade, mas que é muito reveladora também em alguns pontos, pois a revista não esconde alguns “tortos” beneficiados, como “politicamente incorretos”. Voltando então ao “risco” de investigações criminais para a liberdade de expressão, o artigo, embora defenda uma diferenciação de liberdades negativas, reforça o risco, vejamos: “O direito à expressão anônima não protegeria a expressão ilegal, é claro. A polícia já aprendeu a lidar com chamadas, disfarces e pseudônimos não rastreáveis. Eles também podem aprender a lidar com o anonimato digital. Mas as autoridades não devem ferir nossas liberdades fundamentais ao atacar o discurso ilegal.”<sup>162</sup>. ora, algo como; as autoridades têm até que combater o crime, desde que não afetem nossa liberdade de expressão. Seria uma afirmação interessante, senão, assustadora. Por fim é dado a responsabilidade ao leitor de lutar por esses direitos, pois eles não seriam naturalmente garantidos. Fica a análise de que essa cybercultura, formadora do que hoje são as big techs, é, sabidamente, altamente antiburocrática, mas especificamente defensora da liberdade de expressão irrestrita reforçada por uma posição anônima. Pode-se então jorrar qualquer intolerância na internet, pois esse meio deveria ser simplesmente livre!

70- O artigo a partir da página 110 inicia-se com os dois pés na porta: “A Internet, talvez a maior instanciação de auto-organização que o planeta já viu, evolui de forma descentralizada e turbulenta por meio da Força-Tarefa de Engenharia da Internet, a IETF.”<sup>163</sup> Podemos ver que a internet é vista e quista como algo relacionado a auto-organização e a descentralização,

---

<sup>160</sup> “Could this happen in the US? It depends on how US courts interpret your right to anonymous speech, which depends, in turn, on how hard you fight for that right. Establishing a broad right to anonymous speech will call for some potent intellectual ammo.”

<sup>161</sup> Who benefits from digital anonymity? Whistle-blowers, victims of abuse, and troubled people seeking counseling. Political insiders, the politically incorrect, and insurrectionists. Gays, lesbians, and bored straights. Bad poets. People trying the fit of another skin. Virtually everyone. You.”

<sup>162</sup> “The right to anonymous speech would not protect illegal speech, of course. Police have already learned to cope with untraceable calls, disguises, and aliases. They can likewise learn to cope with digital anonymity. But authorities must not wound our fundamental liberties in targeting illegal speech.”

<sup>163</sup> “The Internet, perhaps the greatest instantiation of self-organization the planet has ever seen, evolves in its fractious decentralized way through the Internet Engineering Task Force, the IETF.”

características de um pensamento disruptivo observado nessas análises como típico do vale do silício, que seria garantido pela IETF. Mas o que é essa sigla? É justamente a ela que é dedicado o artigo. Seriam “anarquistas”. Sim a revista dá esse adjetivo. Mas vamos entender melhor; a sigla se refere a “Força-Tarefa de Engenharia da Internet” (original: Internet Engineering Task Force), um grupo desertor da Arpanet, composto por reconhecidos engenheiros de computação e representantes privados, que se reúnem até os dias atuais para definir protocolos e regulações técnicas do uso da internet, são hoje regidos pela ISOC (internet Society). A explicação da revista é rasa e foca num caráter místico, especial, como o “anárquico” do título. Vejamos: “uma associação voluntária de magos da tecnologia que criam e supervisionam o futuro tecnológico da Internet. É; o trabalho do IETF em problemas técnicos difíceis que tornarão possíveis as aplicações da Internet do futuro.”<sup>164</sup> Mas o ponto mais interessante desse artigo vem no final. Todo esse ode aos IETFers, culmina numa preocupação com até que ponto essa preciosidade poderia ser ameaçada, não só pelo burocratismo e pelos governos (embora patrocinado diretamente por universidades, ou seja, governos) mas também por grandes empresas, o que é muito curioso devido ao que veio se tornar a internet no futuro muito por influência dessa mentalidade por nós atrelada ao sujeito neoliberal de fortalecimento a um individuo potente e libertado, na cibercultura, por meio da internet. Vejamos o longo, mas necessário, trecho: “E os IETFers sabem que a Internet está presa no meio de um abraço fatal entre o Godzilla da Microsoft e o monstro da poluição das Empresas Operacionais Regionais de Bell - com o Exterminador da intervenção do governo local e nacional pairando nas proximidades. Empresas comerciais governamentais forças e provedores de telecomunicações estão se preocupando com a Internet como nunca antes - e, ao fazê-lo, podem estragar uma das redes neurais mais lindamente autorreguladas, auto-regenerativas, adaptativas, democráticas de pessoas e tecnologia que o mundo já viu. [...] Mas o IETF não está em negação. Os experientes IETFers intuíram desde meados da década de 1980 que seu tesouro era maravilhoso demais para não ter potencial comercial, e os palestrantes principais abordaram vários aspectos comerciais da Internet nos últimos anos. No 31º IETF, por exemplo, Nathaniel Borenstein - um dos cérebros por trás da pioneira rede de correio eletrônico Andrew da Carnegie Mellon University, o padrão MIME da Internet para e-mail multimídia e a First Virtual Holdings, uma força para transações comerciais na Internet - concentrou-se nos aspectos técnicos da oferta da start-up. O fato de um agente de merchandising estar se dirigindo a uma reunião plenária do

---

<sup>164</sup> “a voluntary association of tech wizards that create and oversee the technological future of the Internet. It is ; the IETF’s work on tough technical problems that will make possible the whiz-bang Net applications of the future.”

JETF foi um sinal de mudança tanto quanto o primeiro desenho animado da New Yorker sobre a Internet. Os mercados e o dinheiro estão se tornando importantes para o IETF e a Internet, tanto quanto os conjuntos de protocolos e esquemas de interconexão de redes. O IETF, em meados da década de 1990, luta com a interseção de tecnologia e cultura. E a organização necessariamente funciona menos bem, porque a cultura, a política e a economia são muito menos receptivas à lógica do código em execução. No entanto, ecoando o que Winston Churchill disse sobre a democracia - "É a pior forma de governo, exceto por todas as outras formas que foram tentadas de tempos em tempos" - a economia política do IETF é tão preciosa, pelo que fez e pelo que continua tentando fazer, que todos devemos esperar que dure e dure."<sup>165</sup> É muito curioso ver que essa mentalidade da época do vale do silício, embora fortemente empresarial, também denota uma visão crítica quando isso atrapalharia o correr da liberdade na internet. Também é valioso notar o trecho que fala sobre os protocolos, creio que falando sobre o IP, comecem a estarem se tornando importantes para a organização, pois é justamente o IP um grande pilar do funcionamento da profilagem, ao passo que "vaza" as máquinas e consequentemente nossos perfis (CHUM).

71- Na página 134 temos um artigo sobre apostas em sites, na internet. É um tema interessantíssimo dado as problemáticas recentes que surgiram quanto a isso no contexto da economia e política nacional. Um grande contingente de pessoas tem se tornado dependente e tido diversos problemas financeiros devido a esses jogos online recentemente famosos no Brasil. Mas à nossa análise não cabe a discussão do Brasil contemporâneo. Estamos procurando traços de um sujeito neoliberal formador da mentalidade da cibercultura da região que veio a formar as big techs. O artigo é valioso ao passo que põe essas apostas online, em um trecho

---

<sup>165</sup> "And IETFers know the Net is caught in the middle of a fatal embrace between the Godzilla of Microsoft and the smog monster of the Regional Bell Operating Companies - with the Terminator of local and national government intervention hovering nearby. Commercial enterprises, government forces, and telecommunications providers are concerning themselves with the Net as they never have before - and in doing so, may screw up one of the most beautifully self-regulating, self-healing, adaptive, democratic, neural networks of people and technology the world has ever seen. [...] But the IETF is not into denial. Savvy IETFers have intuited since the mid-1980s that their treasure was too wondrous a thing not to have commercial potential, and keynote speakers have addressed various commercial aspects of the Net over the last several years. At the 31st IETF, for instance, Nathaniel Borenstein - one of the brains behind Carnegie Mellon University's pioneering Andrew electronic-mail network, the Internet MIME standard for multimedia e-mail, and First Virtual Holdings, a force for Net commercial transactions - focused on the technical aspects of the start-up's offering. That an agent of merchandising was addressing an JETF plenary meeting was as much a signal of change as the first New Yorker cartoon about the Internet. Markets and money are coming to matter to the IETF and the Internet as much as protocol suites and internetworking schemas. The IETF, in the mid-1990s, struggles with the intersection of technology and culture. And the organization necessarily works less well, because culture and policy and economics are far less amenable to the logic of running code. Nonetheless, echoing what Winston Churchill said about democracy - "It is the worst form of Government except for all those other forms that have been tried from time to time" - the political economy of the IETF is so precious, for what it has done and for what it continues to try to do, that we must all hope it lasts and lasts."

logo no início, como uma resistência econômica, a impostos que seriam praticados na legislação americana, ao passo que esses sites, como é assim até hoje, estariam hospedados, legalmente locados, em paraísos fiscais, sendo inalcançáveis pela lei. Vejamos o trecho: “Para o bem ou para o mal, o ciberespaço é a próxima fronteira do jogo. E por que não? Transposto para a rede, o jogo pode estar em todos os lugares e em nenhum lugar ao mesmo tempo. Você pode ir para a mesa de merda em segredo sempre que quiser, sem ter que aturar os outros tolos fazendo o mesmo. Como muitos dos estabelecimentos de jogos de azar online são empresas paralelas sediadas no exterior, seu próprio cassino cibernético privado pode oferecer o abrigo perfeito contra os impostos que o governo impõe a você quando você ganha”<sup>166</sup>. O jogo estaria mais livre, livre temporalmente e das amarras burocráticas, o que para essa cibercultura seria uma vitória, uma vantagem, uma liberdade.

72- A partir da página 140 temos em gigantes letra a palavra IPHONE, o que a primeiro momento chama atenção. Trata-se não da tecnologia de Steve Jobs, criada apenas na segunda metade da primeira década do século XXI, mas de “celular com internet”. O artigo chama atenção pois de fato o “celular com internet” foi um grande possibilitador da internet como conhecemos hoje, baseada na profilagem, como já discutimos diversas vezes nessas análises. Mas não trata-se, como não era de se esperar pela época muito distante do lançamento do que conhecemos hoje como Iphone, nem vemos pistas, do que viria futuramente ser esse modo de funcionamento contemporâneo da rede, ou seja, não confirma-se a expectativa criada quando vi aquelas grandes letras garrafais, de que leria um artigo com essas informações. Encontramos mais, no artigo, informações sobre a aplicação dessa “internet no celular”, em situações quanto a ligações telefônicas ou até compartilhamento de informações para fins paralelos, como melhorias em videogames e afins, enfim, aplicações de mercado diretamente relacionadas as tecnologias já existentes a época. Mas embora não tenhamos conseguido encontrar pistas quanto ao funcionamento dos, hoje smartphones, no cbersistema da internet, o próprio fato dessa discussão existir já é rica o suficiente. Existia, naquela cibercultura, a intenção de atrelar a internet ao aparelho móvel. Vejamos: “Ainda assim, nunca houve um muro que ninguém

---

<sup>166</sup> “For better or worse, cyberspace is gambling’s next frontier. And why not? Transposed to the Net, gambling could be everywhere and nowhere at once. You could belly up to the crap table in secret whenever you want, without having to put up with the other fools doing the same. Since many of the online gambling establishments are shadow companies headquartered offshore, your own private cybercasino might offer the perfect shelter from the taxes the government imposes on you when you win.”

quisesse derrubar. Por pelo menos 10 anos, os amadores têm experimentado a ideia de trazer o telefone, a principal tecnologia de comunicação em tempo real, para a Internet”<sup>167</sup>

1995 – December – The new Hollywood

73- Na página 53, temos um artigo reclamando uma certa falta de uma “cultura rock n roll” no mercado de revistas norte americano. Mesmo revistas icônicas como a Rolling Stone, não serviriam como autênticas. Há aqui um patrocínio a uma cultura descolada, relacionada a um apelo jovem e rebelde, rock n roll.

74- No fim da página 56 temos um pequeno, mas muitíssimo valioso artigo para os nossos fins principais nessas análises – buscar o sujeito neoliberal no princípio da cibercultura do Vale do silício, com flagrantes diretos de pensamento libertário/individualista e pistas de tecnologias que vieram a ser basilares ao funcionamento da internet hoje, como a profilagem – pois ele traz justamente a informação, sem mais aprofundamentos pois é um artigo pequeno, de uma nascente empresa que pretendia oferecer um serviço de Email, que até então era sempre pago, de graça, a partir do pressuposto de vincular propagandas na tela do usuário durante o seu uso cotidiano. Veja: “Digite Juno Online Services. Com lançamento previsto para o início de 1996, o Juno oferecerá uma conta de e-mail gratuita para qualquer pessoa com um PC baseado em Windows e um modem (outras plataformas podem ser adicionadas posteriormente). Em troca de e-mail gratuito, os assinantes devem aturar pequenos banners publicitários e podem receber lixo eletrônico direcionado”<sup>168</sup>. O que acabamos de ler é nada mais nada menos do que um embrião do que veio a ser a profilagem, não ainda no direcionamento de conteúdo específico e na criação de perfis, não, mas na visualização da internet como um grande veículo propagandístico comercial, e de determinadas plataformas como sendo os propagadores desses comerciais, oferecendo o serviço destas em troca da visualização intermitente do anúncio, o que fazem todas as redes sociais e afins contemporaneamente, produto por excelência das big techs. Creio que vale deixar mais um trecho do artigo: “Admitindo que ninguém pode prever como o mundo conectado evoluirá, Shaw diz que o objetivo é "ter o maior número possível de pessoas olhando para uma tela com nossas coisas, seja lá o que for que essas coisas possam

---

<sup>167</sup> “Still, there never was a wall that nobody wanted to break down. For at least 10 years, hobbyists have been experimenting with the idea of bringing the telephone, the core real-time communications technology, to the Net.”

<sup>168</sup> “Enter Juno Online Services. Set for launch in early 1996, Juno will offer a free e-mail account to anyone with a Windows-based PC and a modem (other platforms may be added later). In return for free e-mail, subscribers must put up with small banner advertising and might receive targeted junk e-mail.”

evoluir". Shaw vê o surgimento do "espaço de prateleira" digital, uma comodidade como as prateleiras ao nível dos olhos do supermercado do bairro. Com a comunicação e o comércio viajando digitalmente ao redor do mundo, Shaw quer estar firmemente plantado na interseção entre consumidores e comerciantes"<sup>169</sup>

75- Na página 80 temos novamente o constante descontentamento da revista, da cibercultura do Vale do silício, com o legislativo americano quanto a regulações nas redes sociais. Dessa vez a discussão é sobre regulamentações direcionadas a conteúdos que poderiam ser de forma não desejada, consumidos por crianças. Mas vale o mais um relato de descontentamento com a burocracia e um claro clamor por uma sociedade/cultura, baseada num indivíduo livre e desamarrado.

76- A partir da página 82 temos um artigo vangloriando o forte crescimento das redes de TV privadas na Rússia pós socialista. É muito presente uma naturalização total da benesse da desvinculação da Rússia de um governo comunista e, principalmente, autoritário, burocrático, regulador. Seria algo óbvio o progresso, principalmente com a privatização de áreas antes públicas, como é a TV, centro do artigo. Temos então um forte alinhamento com uma concepção de liberdade econômica, no que toca a não interferência do estado e principalmente ao não monopólio do estado, o que reforça minha tese de que o Vale do silício se pautava de um forte teor neoliberal em seu pensamento, tanto no que conta a liberdades individuais, quanto no que consta a liberdades econômicas. Vejamos um trecho do início do artigo: "Para surpresa dos especialistas da mídia ocidental, os noticiários da TV na Rússia decolaram, melhorando muito sua imagem, objetividade e variedade de reportagens. E enquanto a Rússia pode estar atolada em um lento rastejamento para a democracia, a TV russa já encontrou seu caminho para o mercado livre. Grande parte do crédito - particularmente pelo nascimento de estações locais independentes e seu desenvolvimento em redes regionais - deve ir para os fanáticos heterodoxos da Internews, uma organização de mídia não governamental em ação na antiga União Soviética."<sup>170</sup> O artigo continua com a discussão, mas não levando a novas análises que senti serem oportunas a trazer uma nova questão, a não ser a que já pus antes da citação. Vale ainda

---

<sup>169</sup> "Admitting that no one can predict how the wired world will evolve, Shaw says the object is to "have as many people as possible staring at a screen with our things on them, whatever those things may evolve into." Shaw sees the emergence of digital "shelf space," a commodity like the eye-level shelves of your neighborhood supermarket. With communication and commerce traveling digitally around the globe, Shaw wants to be firmly planted at the intersection between consumers and merchandisers."

<sup>170</sup> "To the surprise of Western media mavens, TV news in Russia has taken off, vastly improving its image, objectivity, and range of reporting. And while Russia may be mired in a slow crawl to democracy, Russian TV has already found its way to the free market. Much of the credit - particularly for the birth of independent local stations to and their development into regional networks - must go the unorthodox zealots at Internews, a nongovernmental media organization at work in the former Soviet Union"

pontuar, apenas a título de curiosidade, um forte tom colonialista do texto, onde a Rússia aparece como a coitada a receber esse “livramento” dessa ong americana.

77- A partir da página 152 temos um artigo sobre o futuro da figura “presidenciável” no contexto da política estadunidense. São, no artigo, vangloriadas duas figuras, uma do partido democrata e outra do partido republicano, respectivamente, Al Gore e Newt Gingrich. Ambos seriam figuras ímpares dentro de um antro de burocratismo, que é a política de regulamentações quanto a liberdades na internet. Ora, como já vimos em várias análises, a revista patrocina um pensamento libertário fortemente antiburocrático. Vejamos: “Como Toffler, Gore e Gingrich acreditavam que as mudanças mais fundamentais estavam ocorrendo ou sendo impulsionadas pela tecnologia de computação e comunicação. Esta certamente não foi uma grande notícia no Vale do Silício ou em Tóquio durante a década de 1980. Mas em Washington, a crença colocou os dois homens nas margens externas - a vanguarda, isto é - do establishment político. Cada um se tornou líder de um grupo de políticos com ideias semelhantes, a coalizão frouxa dos Democratas Atari e a mais formal Sociedade de Oportunidades Conservadoras, que se definiu parcialmente em oposição à tecnofobia que tomou conta de ambos os partidos.”<sup>171</sup> Eles estariam a “margem externa do establishment”, o que reforça nossa análise da revista como um patrocinador dessa mentalidade disruptiva. Mas chama também atenção observar esse patrocínio por parte da revista a essas duas figuras, que dado a radicalidade de outros artigos já analisados nesse nosso trabalho, não passariam de execráveis burocratas, como qualquer político, ou política. No fim do artigo eles chegam até a serem postos como figuras que irão mudar conforme as posições de poder que alcançarão, mas não é uma visão radical.

78- A partir da página 164 temos uma entrevista com Marc Andersen, um dos criadores e dono de boa parte, da “Netscape” uma espécie de software de ligação a outros softwares para uso com a rede mundial de computadores, algo como um navegador. A entrevista aborda principalmente o tema da novidade do Netscape em uma nova versão, e reflexões quanto aos seus concorrentes, outros entes do mundo do Vale do silício. Na resposta de uma pergunta, sobre como ele vê a cada vez maior onipresença da rede, inesperadamente, Andersen, talvez numa ação reativa, faz uma afirmação muito forte e muito valiosa às nossas análises. Vejamos: “O que a Internet é, mais do que qualquer outra coisa neste momento, é uma plataforma para

---

<sup>171</sup> “Like Toffler, Gore and Gingrich believed that the most fundamental changes were taking place in, or being driven by, computing and communications technology. This was certainly not major news in Silicon Valley or Tokyo during the 1980s. But in Washington, the belief placed the two men on the outer fringes - the cutting edge, that is - of the political establishment. Each became a leader of a group of like-minded politicians, the loose coalition of Atari Democrats and the more formal Conservative Opportunity Society, which partly defined itself in opposition to the rank technophobia that gripped both parties.”

atividades empresariais - uma economia de livre mercado em seu sentido mais verdadeiro. É um campo de jogo nivelado onde as pessoas podem fazer o que quiserem.”<sup>172</sup> A relação da internet com o livre mercado é posta aqui de uma forma ainda não vista em nenhuma análise até então, de uma forma concisa e direta. O lugar livre por excelência, para ser o que quiser, e principalmente, exercer uma economia de livre mercado livrada das intempéries das regulações é a internet, afirma o entrevistado, que é um cabeça das origens das big techs. Mas vamos ao contexto, que é tão interessante quanto. Vejamos a pergunta e o início da resposta que culmina na riquíssima afirmação anterior: “[PERGUNTA] Exceto que não é apenas software; agora estamos lidando com o tipo de conexão de rede disponível: America Online, CompuServe, a rede da Microsoft. [RESPOSTA] A coisa tremendamente emocionante que está acontecendo é que todos os serviços online estão basicamente se tornando serviços TCP/IP. Seus usuários serão capazes de executar qualquer software que eles querem - pode ser nosso ou de outra pessoa, mas todos esses serviços sabem disso. A Microsoft está percebendo que os serviços proprietários serão um beco sem saída.”<sup>173</sup> A internet baseada por IP, é, para CHUN (2016), o que possibilitou o “leak” que lemos na nossa pesquisa como parte da construção do que chamamos de profilagem. É muito revelador observar a figura por trás da Netscape, vangloriando esses novo protocolos, afirmando que assim “todos saberão” o que utilizaríamos. Ainda não é uma exposição nua e crua de uma profilagem, aqui ele mais comemora uma possibilidade de uso de múltiplos softwares e uma convivência entre diferentes no mesmo sistema cibernético, mas é um flagrante da valorização da nova tecnologia à época.

1996 – February – Steve Jobs The Next Insanely Great Thing

79- Logo na página 35 temos um curto texto falando sobre um protesto de um grupo de digerati (pessoas com profundo conhecimento computacional) que pedia por mais liberdade na internet e menos regulações governamentais ou ao menos a não aplicação, nas palavras da revista, “proteger o cyberspaço”. Esse tema é bastante decorrente nas análises, não sendo uma surpresa a revista noticiar com prazer o protesto. É posto na curta coluna, alguns trechos comentados da fala de um dos manifestantes. Vejamos: “Temos que mostrar”, declarou o autor Howard

<sup>172</sup> What the Net is, more than anything else at this point, is a platform for entrepreneurial activities - a free-market economy in its truest sense. It's a level playing field where people can do anything they want to.

<sup>173</sup> “Except it's not only software; now we're dealing with the type of Net connection available: America Online, CompuServe, The Microsoft Network. The tremendously exciting thing that's happening is that all of the online services are basically becoming TCP/IP services. Their users are going to be able to run whatever software they want - it may be ours or somebody else's, but all these services know this. Microsoft is realizing that proprietary services are going to be a dead end.”

Rheingold sobre a liberdade de expressão na Internet, "que não é apenas para alguns geeks em São Francisco". Citando James Madison, ele advertiu: "Um governo popular sem informação popular, ou os meios de adquiri-la, é apenas um prólogo de uma farsa ou tragédia. Ou talvez ambos."<sup>174</sup> É importante à pesquisa analisar não a mais uma de inúmeras aparições de um tom antigoverno, antiburocracia, mas o curioso tom de defesa de um "governo popular", o que nos alerta de tomar certos cuidados ao pôr a cibercultura do Vale do silício numa rápida interpretação de antidemocracia. Talvez eles estejam mais perto de um anarquismo tão radical, ou uma utopia democrática profunda, que os levaria, no fundo, a um libertarianismo raso e impraticável.

80- Mais uma vez o artigo do bloco "cyber rights now", página 72, mostra-se merecedor de análise. Dessa vez, mais uma vez, o artigo começa com muita veemência em uma militância anti qualquer forma de regulação no ecossistema informacional da época, com a seguinte afirmação: "A polícia do pensamento sedenta de poder está demolindo nossa liberdade e privacidade"<sup>175</sup>. O assunto em específico do artigo é sobre a obrigatoriedade em que o governo estava impondo as empresas de telefonia tornarem aberto o acesso a possíveis necessárias escutas. Vejamos mais: "o governo Clinton quer espionar milhões de cidadãos a mais do que o governo jamais fez antes [...] Precisamos de uma melhor supervisão de nossos supervisores. Mas fale agora... enquanto você ainda ousa"<sup>176</sup> interessante observar no final a convocação por uma fala ativa em protesto a essas aberturas investigativas. Por fim, encontramos nesse artigo, para além da mais do que repetitiva em nossas análises antiburocracia/antirregulamentação, o que acusa um libertarianismo clássico ao sujeito de gozo potente (DARDOT, LAVAL, 2016), um certo tom antimilitar, ou anti presunção de culpa, algo assim.

81- A partir da página 74 temos um artigo que busca falar sobre uma "nova economia" a "webeconomia" ("webnomics"). Logo no início encontramos uma interessante fala sobre a economia hoje estar atrelada ao consumo, a um certo gozo sensorial, a partir de cores, fontes, expressões novas de uma nova época fortemente condicionada pela internet. Vejamos o trecho: "O emaranhado colorido de palavras, imagens, som e movimento da Web está rapidamente se tornando mais do que apenas um novo meio. É mais como um universo paralelo que espelha o mundo real em alguns aspectos, mas exhibe propriedades únicas em outros. E se você ficar lá

---

<sup>174</sup> "“We have to show,” declared author Howard Rheingold of free speech on the Internet, “that it is not just for some geeks in San Francisco.” Quoting James Madison, he warned, “A popular government without popular information, or the means of acquiring it, is but a prolog to a farce or a tragedy. Or perhaps both.””

<sup>175</sup> “power-hungry thought police are demolishing our freedom and privacy”

<sup>176</sup> “the Clinton administration wants to spy on millions more citizens than government ever has before [...] we need better oversight of our overseers. But speak up now... while you still dare”

por tempo suficiente, descobrirá lentamente que nada menos que uma economia editorial e publicitária inteiramente nova está tomando forma neste terreno feito pelo homem e baseado em informações. Chame isso de Webonomics.”<sup>177</sup> Podemos observar aqui que no cyberspaço há um grande apelo a uma estética disruptiva, nova, colorida. Lembrar aqui as análises clássicas do marketing feitas por HISCHMAN e HOLBROOK, quanto a mudanças no consumo para uma finalidade mais relacionada ao prazer individual.

82- Ainda no mesmo artigo da análise anterior, da página 74, a discussão dessa nova economia se encaminha para uma explanação explícita do que chamo de profilagem, ou ao menos, uma explanação explícita de suas origens, ou reflexões originárias em exemplificações de serviços de algumas novas empresas do cenário cibernético. Vejamos três trechos que combinei em um: “Como a empresa conhece os interesses específicos de seus clientes, os anunciantes podem segmentar os consumidores exatos que desejam. A Silicon Graphics Inc., por exemplo, vende computadores servidores Web, por isso patrocinou uma das seções de notícias sobre a Web. A divisão Lotus da IBM patrocinou a seção de notícias sobre groupware. E a 3Com Corp., que vende hardware e software de rede, patrocinou a seção sobre redes locais. Um consumidor com esses interesses específicos verá apenas anúncios relacionados. Dessa forma, cada anunciante consegue atrair os clientes em potencial que mais valoriza. [...] Junto com muitos outros, o I/PRO começou a auditar esses arquivos de log do servidor, verificando as informações e traduzindo os dados da taxa de acerto em relatórios que supostamente fornecem uma medida objetiva de quantas pessoas visitaram cada site. A I/PRO, com sede em San Francisco, já tem mais de 75 assinantes de seu serviço de medição na Web, incluindo anunciantes como a Chrysler e empresas de mídia como USA Today e Time Warner. [...] O software oferece aos membros registrados visualizações personalizadas do conteúdo do HotWired, lembrando as preferências dos usuários citadas durante a inscrição. Além disso, ele lembra quando os usuários registrados visitaram o site pela última vez e coloca todo o novo conteúdo desde então em uma seção especial "O que há de novo". Anker diz que o ainda não lucrativo HotWired continuará a se mover para permitir que os usuários registrados criem sua própria experiência interativa.”<sup>178</sup> Essa enorme citação é de uma riqueza fundamental para nossas análises pois

---

<sup>177</sup> “the Web’s colorful entanglement of words, pictures, sound, and motion is briskly becoming more than just a new medium. It’s more like a parallel universe that mirrors the real world in some ways but exhibits unique properties in others. And if you hang out there long enough, you will slowly discover that nothing less than an entirely new publishing and advertising economy is taking shape in this man-made, information-based terrain. Call it Webonomics.”

<sup>178</sup> “Since the company knows the specific interests of its customers, advertisers can target the exact consumers they want. Silicon Graphics Inc., for instance, sells Web server computers, so it has sponsored one of the news sections about the Web. IBM’s Lotus division has sponsored the news section on groupware. And 3Com Corp., which sells network hardware and software, has sponsored the section on local area networks. A consumer with

flagra no âmago a formação da internet que conhecemos hoje que sustenta supostamente o sujeito neoliberal por meio dos perfis privadamente administrados criados para fins comerciais e seus direcionamentos comerciais e conseqüentemente ideológicos, isolacionistas (EMPOLI). Ou seja, para além dessa sustentação no próprio sujeito neoliberal na cybercultura do Vale do silício nos anos 90 que flagramos em várias das nossas análises aqui com o atiburocratismo, e o libertarianismo individual extremo, havia já de forma direta um sinal do que viria a ser no futuro, mais da forma como vemos hoje, a profilagem.

83- A partir da página 102 tomos o artigo que se faz referência na capa dessa edição. Trata-se de uma entrevista com Steve Jobs, fundador da Apple. Na época Jobs fazia uma discussão sobre como seria importante no futuro, a internet ligada ao que ele chamava de “objetos”. Entende-se por esses “objetos”, qualquer coisa que pudesse ser interligada a rede de computadores, assim atrelando-se a softwares e apps. A entrevista trata de diversos pontos, como o potencial revolucionário da internet, ao qual Jobs diz não acreditar mais, embora seja importante existir a utopia, e sobre interferências positivas das mudanças trazidas pela internet ao campo educacional. Mas o mais importante para nossa pesquisa, e que o autor fez questão de colocar na introdução da entrevista, foi a discussão dos “objetos”. Vejamos um trecho: “Sua paixão hoje em dia [de Steve Jobs] é por objetos. Objetos são modelos de software que podem ser combinados em novos aplicativos (consulte "Prepare-se para objetos da Web"), assim como peças de Lego são construídas em casas de brinquedo. Jobs argumenta que os objetos são a chave para acompanhar o crescimento exponencial da World Wide Web. E é o comércio, diz ele, que alimentará a próxima fase da explosão da Web.”<sup>179</sup> Embora não haja aqui relação direta do objeto com hardwares, em uma rápida busca encontramos essa relação. De toda forma, vale nossa análise de que já havia um embrião de ideia de atrelar a internet a objetos de uso cotidiano, o que foi cabal a criação do smartphone, criação de Steve Jobs inclusive, esse por sua vez

---

those specific interests will see only related ads. This way, each advertiser gets to appeal to the prospects it values most. [...] Along with many others, I/PRO has begun auditing those server log files, verifying the information, and translating the hit-rate data into reports that are supposed to provide an objective measure of how many individuals visited each site. I/PRO, based in San Francisco, already has more than 75 subscribers to its Web measurement service, including advertisers such as Chrysler and media companies like USA Today and Time Warner. [...] The software offers registered members customized views of HotWired content by remembering preferences users cited during enrollment. In addition, it recalls when registered users last visited the site and places all new content since that time under a special “What’s New” section. Anker says the not-yet-profitable HotWired will continue to move toward letting registered users create their own interactive experience.”

<sup>179</sup> “His passion these days is for objects. Objects are software modules that can be combined into new applications (see “Get Ready for Web Objects”), much as pieces of Lego are built into toy houses. Jobs argues that objects are the key to keeping up with the exponential growth of the World Wide Web. And it’s commerce, he says, that will fuel the next phase of the Web explosion.”

fundamental ao sistema de captura e processamento de dados por meio da profilagem junto as redes sociais produto das big techs.

84- A partir da página 119 temos um artigo sobre a busca por um Hacker. Mais uma vez é muito curioso ver a revista defendendo a “liberdade de expressão”, o libertarianismo, ao ponto de defender crimes, como nas assustadoras análises 35 e 41, onde observamos uma relativização até mesmo de conteúdos relativos à pedofilia, pela “liberdade de expressão”. Nessa análise, para além dessa defesa, é curioso observar a estética do artigo, complementado por imagens de folhas inteiras onde aparecem cartuns com jogadores e peças de xadrez, dado assim um tom de um altivo estrategista, claramente em referência ao saudoso hacker.

85- A partir da página 133 temos um longo artigo comentando sobre a mesma lei criticada na análise 80, dessa mesma revista. As empresas telefônicas estariam sendo cobradas a entregar informações, mais especificamente possibilitar escutas telefônicas. O artigo gira mais em torno de, além de criticar a lei, principalmente destacar o papel da EFF (Electronic Frontier Foundation), uma espécie de organização sem fins lucrativos que luta por padronizações no meio digital e principalmente lutas pela liberdade, privacidade e segurança na rede, na luta por um melhor “acabamento”, “lustre”, a essa lei. São vangloriados os “lutadores”, que garantem, a tal liberdade na rede, o que reforça a análise de que esse caráter disruptivo atrelado a liberdade de expressão e a privacidade garantida, estava presente na mentalidade da cibercultura do Vale do silício. Vejamos um trecho: “O rascunho resultante foi parcialmente baseado em recomendações feitas por Jerry Berman, então analista-chefe de políticas da Electronic Frontier Foundation. Stanton McCandlish, gerente de serviços online da EFF, diz que a versão final (o rascunho de Leahy / Edwards) removeu "o máximo possível de linguagem do FBI do projeto de lei" e inseriu "o máximo possível de legislação pró-privacidade". A EFF não se opôs ao projeto de lei de imediato, viu a escrita na parede. Uma lei de escutas telefônicas corajosamente atualizada parecia inevitável. A escolha, então, era trabalhar dentro do sistema para defender e salvar os princípios de privacidade ou seguir o caminho certo e evitar sujar as mãos. Depois de muito exame de consciência, o grupo decidiu estocar sabão e mergulhar de cabeça.”<sup>180</sup>

1996 – March – George Gilder on the road to techno-utopia

---

<sup>180</sup> The resulting draft was partly based on recommendations made by Jerry Berman, then the Electronic Frontier Foundation’s chief policy analyst. Stanton McCandlish, the EFF’s online services manager, says the final version (the Leahy/Edwards draft) removed “as much FBI language from the bill as possible” and inserted “as much pro-privacy legislation as possible.” The EFF did not oppose the bill outright, it saw the writing on the wall. A boldly updated wiretap law seemed unavoidable. The choice, then, was either to work within the system to defend and salvage privacy principles or to take the high road and avoid getting dirty hands. After much soul-searching, the group decided to stock up on soap and plunge right in.

86- Na página 40 um pequeno texto inicia-se comentando um recente fenômeno de salas virtuais, onde meio que num mundo paralelo pessoas produzem diálogos e interações. Acontece que para o autor, essas salas seriam negativamente polidas por regulamentos e filtros. Destaca-se, então, no final do texto, uma sala, recém-lançada pela Time Warner onde estaria mais garantida a liberdade em um mundo virtual mais personalizável. Embora pareça, não é explicitamente uma propaganda, mas um artigo mesmo da revista, onde há mais uma vez uma ode a locais “não filtrados”, na internet.

87- Na página 46 temos um interessante e valioso caso, posto pela revista em uma breve coluna. O governo da Bavaria proibiu à época alguns grupos da Usenet, que é algo como um arranjo de fóruns interligados paralelos ao WWW que era famoso à época; explico melhor na análise 14. Essa proibição inspira essa breve coluna, que nada mais é do que um tutorial de como burlar essa proibição. Veja: “Poucos dias depois que a CompuServe proibiu o acesso a 200 grupos de notícias da Usenet por causa da pressão do governo da Baviera, Duncan Frissell, advogado e consultor de privacidade de Nova York, postou uma prova elegante do axioma de que "a Internet vê a censura como dano e a contorna". Sua prova tomou a forma de instruções passo a passo para ler os grupos de notícias proibidos por meio da CompuServe Network - mesmo se você mora na Alemanha. É assim: [Segue então no artigo o como fazer que não exporemos por ter tom técnico irrelevante para a análise]”<sup>181</sup> Para além de um sentimento de liberdade de praticar desrespeito às autoridades legislativas de um outro país, o que tem um tom intervencionista e por que não imperialista, o artigo traz um tom libertário e antiburocrático, complementado por uma situação bastante palpável, explícita, desse pensamento na prática. Podemos ainda fazer paralelos com o uso e influência ao uso de VPN para acesso a rede social “X” por vários entes políticos e cidadãos comuns atualmente, diante da proibição imposta pelo supremo brasileiro.

88- Na página 86, no bloco “cyber rights now”, já bastante presente nessas análises, encontramos um artigo de opinião sobre um recente pacote de reformas. Obviamente, diante do que já analisamos, a revista se põe contra. Mas observamos um tom de resistência, observe: “Os netizens parecem incapazes de se defender. Repetidas vezes, propostas repressivas inventadas por legisladores sem noção não conseguiram levantar mais do que um gemido da

---

<sup>181</sup> just days after CompuServe banned access to 200 Usenet newsgroups because of pressure from the Bavarian government, Duncan Frissell, a New York lawyer and privacy consultant, posted an elegant proof of the axiom that “the Net sees censorship as damage and routes around it.” His proof took the form of step-by-step instructions for reading those banned news- groups through the CompuServe Network - even if you live in Germany. It goes like this:

comunidade online. O congresso e a Casa Branca passaram a acreditar que a rede é inútil como arma política - e que os usuários são incapazes de resistir politicamente organizada. Se os internautas quiserem conter a hemorragia das liberdades restantes, essa postura passiva deve mudar - e rápido. Devemos aproveitar todas as ferramentas à nossa disposição para atacar o Congresso e fazer nossas vozes serem ouvidas”<sup>182</sup> Teriam os “netizens” (um neologismo, que mistura cidadãos com “net”), um comportamento passivo, diante dos ataques recebidos pelo estado. Notamos aqui tanto um antiburocratismo explícito, quanto uma exigência de um comportamento de luta, clássico de movimentos de esquerda, aplicado a movimentos individualista e libertários, por parte dos “netizens”. É curioso observar também essa captura, a partir de discussões como as de BOLTANSKI e CHIAPELLO.

89- Da página 104 a 112, encontramos um curioso artigo, no sentido em que destoia em parte do tom que tenho encontrado nos escritos que geraram as presentes análises. Destoar é esperado pois não se trata, nessas análises, de livros escritos a uma só mão, mas de diversos formatos de textos escritos em uma revista por diversos atores daquela cibercultura, embora a linha editorial seja bem marcante como pode se notar no que já foi analisado acima. Mas sobre o artigo em si, trata-se de uma discussão do quanto um discurso recente de que a primeira emenda (onde garante-se a liberdade de expressão) já não serviria para os problemas do presente, problemas gerados pela popularização da rede, seria válido ou não. O autor reflete então o porquê de não se alinhar ao discurso, a partir do argumento de que a primeira emenda já garante a liberdade de expressão, e que essa não quer dizer uma liberdade absoluta que livre quem à goza da responsabilidade para com o outro. É nessa “responsabilidade” que observo o destoamento que comentei no início. Trago essa análise apenas título de curiosidade podendo ser aproveitada numa reflexão paralela na redação final.

90- A partir da página 122, temos um grande artigo sobre George Gilder. Um escritor estadunidense reconhecido pelo seu papel no governo Reagan e um pensamento de forte teor liberal (neoliberal?) ao passo que defende radicalmente a baixa intervenção estatal na economia e a redução de impostos<sup>183</sup>. O artigo perpassa por diversas discussões partindo de situações

---

<sup>182</sup> “netizens seem incapable of defending themselves. time and time again, repressive proposals concocted by clueless lawmakers have failed to raise more than a whimper from the online community. congress and White House have come to believe that the net is useless as a political weapon - and that users are incapable of organized political resistance. if netizens want to stem the hemorrhage of remaining freedoms, this passive stance must change - and fast. we must seize every tool at our disposal to bash congress and make our voices heard”

<sup>183</sup> É sabido que não se pode definir o neoliberalismo, e nem o liberalismo, de uma forma tão simplista, simplesmente o atrelando a um não intervencionismo. Inclusive destacadas fontes da pesquisa ao qual essas análises são material usam autores que discordam fielmente dessa leitura. Quando trago essa afirmação, tenho a finalidade direta de demonstrar o pensamento da revista, reforçando então o quanto a revista partia desse pressuposto embora as atitudes de grandes empresas, contemporâneas ou não a revista, não demonstrassem o

como, momentos vividos entre o autor do artigo e o escritor e reflexões junto a livros do autor, isso para fazer um sobrevoo diante da sua figura. Quando destacado o seu papel econômico, vemos uma explicação dos seus pensamentos, em um tom de ode a eles, expondo a sua radicalidade, os colocando de uma forma no mínimo destacada. Observe: “Gilder começa a falar sobre a próxima revolução na areia (silício), vidro (fibra) e ar (sem fio). O milênio promete um bilhão de transistores em uma única lasca de silício, 700 fluxos de bits em um único fio de fibra e uma infraestrutura celular mil vezes mais barata que a de hoje. Juntos, esses avanços fenomenais derrubarão todas as instituições centralizadas”<sup>184</sup> Gilder é esse cara radical, ideal a muitos outros artigos já analisados anteriormente. Mas a análise que quero fazer não é esta. Gilder, mais a frente, é posto na parede na exploração de um suposto ponto fraco, que fica no ar até o final do artigo e não é finalizado. O autor não opina diante da querela que surge, dando a entender que esse “defeito”, simplesmente existe. O “defeito”, seria sua radicalidade em questões de identidade (a palavra identidade não é utilizada no artigo), e em um tom conservador. Vejamos os trechos: “Em um minuto, George está defendendo a inteligência do público americano, e eu quero animá-lo. Mas então eu me lembro que ele apenas negou a existência de racismo. [...] Religião e transcendência infundem tanto o estilo de George quanto sua substância. Ele tem o impulso de um missionário para ensinar aos outros o que sabe e fala com o fervor de um pregador. Ele acredita que os valores morais se traduzem em empreendedorismo e desenvolvimento tecnológico.”<sup>185</sup> É como se Gilder fosse um ser pitoresco, como se não fosse que alguém que tivesse um forte pensamento liberal economicamente pudesse também ter um forte apelo conservador. A análise que fica então é de que a cibercultura do Vale do silício opera sob uma concordância com a liberdade econômica, mas esta não conversa diretamente com conservadorismo, como podemos as vezes rapidamente interpretar a partir experiências como as da América do Sul nos anos 60-70. Na cibercultura que tentamos analisar aqui, a liberdade individual anda junto com a liberdade econômica, como já foi observado em diversas outras análises onde o disruptivo, transgressor, libertário, é posto como heroico.

---

mesmo. É como se o apoio fosse um “não estado”, culturalmente falando, e um “pro estado” tecnicamente agindo, onde, creio, alinha-se o pensamento de DARDOT e LAVAL.

<sup>184</sup> “Gilder starts to speak about the coming revolution in sand (silicon), glass (fiber), and air (wireless). The millennium promises a billion transistors on a single sliver of silicon, 700 bitstreams in a single thread of fiber, and a cellular infrastructure a thousand times cheaper than today’s. Taken together, these phenomenal advances will topple all centralized institutions.”

<sup>185</sup> “One minute George is defending the intelligence of the American public, and i want to cheer him. But then i recall that he just denied the existence of racism. [...] Religion and transcendence infuse both George's style and his substance. He has a missionary’s drive to teach others what he knows, and he speaks with a preacher's fervor. He believes that moral values translate into entrepreneurship and technological development.”

91- Na página 146 temos uma curta entrevista, com um importante player do mundo do jornalismo. Um trecho, uma pergunta e a sua resposta, me chamou atenção e o considerei frutífero a uma análise. Vejamos: “Por que você aceitou o trabalho de Novas Mídias em primeiro lugar? [Entrevistador] A revolução digital oferece o desafio mais emocionante para o jornalismo desde a invenção da televisão. Porque desde então, tudo foi transmitido. Agora não é mais mídia de massa; é pessoal [Entrevistado].”<sup>186</sup> Esse último período é muito revelador de que já era claro em algumas mentes daquela região, uma tendência de direcionamento da rede, a um fim pessoal, e não de massa. De que era mais proveitoso usar, de que era frutífero usar, a rede, atrelada a um direcionamento personalizado, perfilado.

92- Logo na página 152 encontro outra entrevista, dessa vez com um nome reconhecido do marketing, que abre uma discussão muito parecida com a da análise anterior logo na primeira pergunta e resposta. Vejamos: “Wired: O conceito central do seu livro é que a fabricação em massa, o marketing em massa e as comunicações em massa estão dando lugar a relacionamentos um-para-um. Como isso muda a maneira como as empresas se comportam? Rogers: Os profissionais de marketing de massa tradicionais desenvolvem um produto e tentam encontrar clientes para esse produto. Eles visam a participação máxima de mercado. Mas agora, com o rápido declínio do custo e o crescente poder do processamento de informações, as empresas são capazes de lembrar todos os detalhes de cada relacionamento com cada cliente. Assim, eles são capazes de oferecer comunicações personalizadas, atendimento personalizado e produtos personalizados em massa.”<sup>187</sup> Se a análise do texto anterior dava uma pista de um tratamento mais individualizado, esse texto aqui por sua vez, declara explicitamente o interesse, o encaminhamento, toda a estrutura, do que viria ser a profilagem no que consta aos interesses do ente do marketing. É flagrado aqui, para além de uma mentalidade, uma ideia estruturada e prática. Existem ainda outros trechos muito valiosos a essa reflexão. Onde o ser consumidor a ser perfilado, e o modo como será, é melhor explicado. É dado o nome de “corretor de aprendizagem” (“Learning broker”) as empresas que fariam esse serviço. Vejamos: “Então, quem serão nossos corretores de aprendizagem? Empresas familiares? [Entrevistador] provavelmente não. Aqueles que podem fazer isso primeiro e melhor são aqueles que já têm

---

<sup>186</sup> Why did you take the New Media job in the first place? The digital revolution offers the most exciting challenge to journalism since the invention of television. Because since then, everything has been broadcast. Now it’s no longer mass media; it’s personal.

<sup>187</sup> “Wired: The central concept of your book is that mass manufacturing, mass marketing, and mass communications are giving way to one-to-one relationships. How does this change the way businesses behave? Rogers: Traditional mass marketers develop a product and then try to find customers for that product. They aim for maximum share of market. But now, with the rapidly declining cost and increasing power of information processing, companies are able to remember every detail of each relationship with each customer. Thus, they are able to offer tailored communications, personalized service, and mass-customized products.”

enormes canais de informação conectados a você. Por exemplo, seu banco, empresa de telefonia, empresa de televisão a cabo, empresas de cartão de crédito. [Entrevistado] Você está me assustando! [Entrevistador] Só porque você está pensando à moda antiga que eles são adversários. Uma empresa que deseja se tornar um corretor de aprendizagem precisa entender como ser um colaborador. Além disso, você não foi a uma loja onde eles dizem: "Oi, David, como você gostou daquela jaqueta que comprou há três meses? Aqui estão algumas calças coordenadas que você provavelmente vai adorar." Isso é marketing individual. É muito gratificante ser tratado dessa maneira. [Entrevistado]"<sup>188</sup>. Impressionantemente, o entrevistador se assusta com grandes monopólios dominando tantas informações e conseqüentemente tanto poder, e a entrevistada demonstra o quanto isso é normal, e até legal, interessante. Vejamos ainda a fala final da entrevistada: "A Internet é um cenário perfeito para corretores de aprendizagem que permitem que as mensagens sejam entregues apenas àqueles que manifestaram interesse nelas. Isso muda o equilíbrio do poder para o marketing - mais ou menos como entregar o rifle ao cervo para variar. O corretor de aprendizagem está estabelecendo um relacionamento próximo e duradouro que representa seus interesses para outras empresas."<sup>189</sup>. Ora temos aqui nada mais nada menos do que um manifesto de alguém do próprio marketing do quanto a rede de computadores é um terreno fértil a propaganda perfilada, individualmente direcionada, que é basicamente um grande pilar de sustentação do que reflito na pesquisa como profilagem. Só temos a internet que temos hoje, baseada em perfis resultado e resultantes de capturas e processamento de dados e conseqüentemente e em conseqüência de direcionamento pessoal de propagandas (BEIGUELMAN, MISKOLCI etc.), por que ela está baseada nessas mesmas finalidades, e, pelo que observo aqui nesse artigo, nesse embrião que já existia desde os anos 90 na mentalidade da cibercultura, assustando até mesmo membros dela mesma.

1996 – April – SEX, LIES & AVATARS

---

<sup>188</sup> "So who will our learning brokers be? Mom-and-pop enterprises? Probably not. The ones who can do it first and best are the ones who have huge channels of information plugged into you already. For example, your bank, tele- phone company, cable television company, credit card companies - You're scaring me! Only because you're thinking in the old-fashioned way that they're adversaries. A company that wants to become a learning broker has to understand how to be a collaborator. Besides, haven't you been to store where they say, "Hi, David, how did you like that jacket you bought three months ago? Here are some coordinating pants you'll probably love." That's one-to-one marketing. It's very rewarding to be treated that way."

<sup>189</sup> The Internet is a perfect setting for learning brokers who allow messages to be delivered only to those who have expressed interest in them. This changes the balance of power for marketing - sort of like handing the rifle to the deer for a change. The learning broker is establishing a close, lifelong relationship that's representing your interests to other companies.

93- Logo nas primeiras páginas de conteúdo dessa edição, página 35, onde ficam alguns textos não assinados, numa ideia de editorial, encontramos um pequeno texto falando sobre uma recente aprovação de uma lei sobre limitações de conteúdos, ao que dá para entender, pornográficos, na rede. Vejamos: “Os americanos que postarem material "indecente" na rede agora podem estar sujeitos a uma multa de US \$ 250.000 e uma pena de prisão de dois anos. Ativistas online e organizações de mídia não aceitaram o ataque aos direitos de braços cruzados [...] Aqui em São Francisco, a revista Wired e nossa irmã online HotWired também estão tomando medidas legais para defender a Primeira Emenda e expurgar a Lei de Decência nas Comunicações dos livros de direito”<sup>190</sup>. Como podemos ver a revista se põe diretamente contra, dizendo até mesmo que vai fazer essa legislação sair dos livros de direito. Observa-se aqui mais uma vez um alinhamento a um antiburocratismo, na forma de uma aversão a qualquer tipo de regulação no ciberespaço como já vimos em diversos outros conteúdos da revista.

94- A partir da página 63 apresenta-se um artigo falando sobre “fragilidades” no partido republicano. Entre diversas discussões a principal discussão, o problema, o responsável maior pelos “buracos na tenda” – sim isso está no subtítulo do artigo – é a fatia conservadora do partido. Se hoje conhecemos o partido republicano como algo diretamente relacionado a um certo conservadorismo consolidado, a lá século XXI com figuras pitorescas como Trump, não foi sempre assim. Vejamos uma frase que fica destacada no artigo dentro de uma montagem de dois amantes em trajes de festa com os rostos trocados por duas figuras do partido: “A fatia de crescimento mais rápido do Partido Republicano quer mais liberdade - a menos que isso leve ao que os conservadores culturais veem como torpeza moral”<sup>191</sup> Ao que indica o artigo, sim ele pode ser fiel a uma visão não coerente com a realidade, há esse risco, essa fatia fiel a história, era apenas uma fatia nos anos 90, não representando mais, à época, o partido, inclusive sendo uma “pedra no sapato”. Vejamos outros pontos onde isso fica mais explícito: “Nas últimas duas décadas, um influxo de conservadores culturais transformou o Partido Republicano. Tipicamente religiosos, muitas vezes da classe trabalhadora e do sul, quase exclusivamente brancos, esses eleitores não gostam de um governo grande. Mas, ao contrário dos regulares do partido que cortam impostos e regulamentam, eles se preocupam mais com os "valores". Eles querem restaurar a moralidade, não reformar o Medicare. A questão do déficit não os move;

---

<sup>190</sup> “Americans who post "indecent" material to the net now may be subject a us\$250,000 fine and a two-year prison term. Online activists and media organizations didn't take the rights assault lying down [...] Here in San Francisco, wired magazine and our online sister HotWired are also taking legal action to uphold the First Amendment and purge the Communications Decency Act from the law books”

<sup>191</sup> “the fastest-growing slice of the republican party wants more freedom - unless it leads to what cultural conservatives see as moral turpitude”

aborto e oração escolar, controle de armas e direitos dos homossexuais, sim. [...] o desafio para os democratas é se livrar de seus maníacos por controle econômico, especialmente os sindicatos, enquanto o desafio para os republicanos é - bem, não quero dizer se livrar de nossos maníacos por controle social. Digamos apenas que precisamos encontrar uma mensagem de liberdade social.”<sup>192</sup> Observamos nesse artigo que para a cibercultura do Vale do silício a liberdade econômica não estaria atrelada a um conservadorismo social, muito pelo contrário. Devaneios conservadores seriam verdadeiros entraves a políticas que permitissem as liberdades no ciberespaço.

95- Novamente temos uma análise no bloco “cyber rights now”, na página 80. Dessa vez a revista faz uma “galeria de vilões”, sim é dado exatamente esse título, a uma disposição de imagens e textos resultados e pequenas entrevistas feitas com os legisladores que tinham votado recentemente à época, uma lei com regulações à internet, a mesma da análise 93. A página tem um estilo de exposição pública de entes indesejados à comunidade leitora da revista.

96- A partir da página 82 temos um artigo que discute como não é novidade, ao menos a níveis governamentais menores, estaduais e municipais, as legislações que protegem ou limitam a internet. Os indesejados burocratas, conservadores, com suas leis como a recente à época já referenciada na análise anterior e na primeira dessas revistas, não são novidade. Os americanos nunca de fato teriam sido livres para o autor. No seguir do texto são dados alguns exemplos práticos de pessoas que teriam sido condenadas de alguma forma por legislações desse tipo, em um tom de que aquilo não seria justo ou cabível a alguém que só estaria praticando sua liberdade de navegar na internet. Para o autor “Se o governo pode desligar um sistema porque um indivíduo vê algo de que não gosta, então todo o sistema de comunicações deste país está sob ataque.”<sup>193</sup> Mais uma vez fica claro um pensamento libertário.

97- Na página 102 encontra-se uma pequena coluna chamada “ativismo da informação”. Nela o autor declara que os primeiros meses de 1996 foram péssimos para o ambiente cibernético. Essa afirmação surge devido as recentes regularizações feitas por parte do legislativo e do governo Clinton. O autor então propõe que a internet seja retomada pelo povo em detrimento do domínio do governo, a partir de um novo simbolismo que remeta imediatamente a essa luta.

---

<sup>192</sup> “Over the past two decades, an influx of cultural conservatives has transformed the GOP. Typically religious, often working class and Southern, almost exclusively white, these voters don’t like big government. But unlike the party’s tax-chopping and regulation-slashing regulars, they care most about “values.” They want to restore morality, not reform Medicare. The deficit issue doesn’t move them; abortion and school prayer, gun control and gay rights, do. [...] the challenge for the Democrats is to slough off their economic control freaks, especially the unions, while the challenge for the Republicans is to - well, I don’t want to say slough off our social control freaks. Let’s just say, we need to find a message of social freedom.”

<sup>193</sup> “If the government can shut down a system because one individual sees something he doesn’t like, then the whole communications system of this country is under attack.”

O fim do artigo é trazer essa ideia do símbolo, mas ele mostra muito sinteticamente uma inconformidade da cibercultura com as regulações recentes.

98- A partir da página 114 observa-se um artigo sobre o crescimento dos “bots”, programações que fazem trabalhos de forma automática, no ambiente da web ou dos computadores pessoais. A discussão sobre o crescimento dos bots em si não importa a nossa análise, mas é curioso observar que em um trecho, já na penúltima página dedicado ao artigo, discute-se como os bots deixaram de ser uma “coisa de nerd”, para se tornar algo muito vendável, utilizável, por grandes empresas de tecnologia, não para captura e processamento de dados como adoraria ler e analisar, mas como facilitador de indexações ainda não pessoalmente direcionadas, ao menos o artigo ainda não fala quanto a isso. De todo modo os bots já eram pensados, valorados, como bons ajudantes no funcionamento de serviços oferecidos por grandes empresas, o que no futuro ficou comum e consolidado facilitando, ou até mesmo sendo basilar, a internet que conhecemos hoje.

99- A partir da página 120 encontramos um artigo falando sobre uma figura específica de São Francisco, Tom Jennings. A revista destaca logo na estilosa e descolada primeira página do artigo que ele é um “homo punk ativista”. O que o artigo faz é destacar que a figura, pode sim ser um grande player do Vale do silício, um barateador de serviços de internet, um idealizador, mesmo sendo um produtor de zines gays, “atípico” à sociedade conservadora. Vejamos alguns trechos para ilustrar o que disse acima: “diz algo sobre nosso momento sociocultural peculiar que Tom Jennings - o ativista homo punk de São Francisco possuidor de tatuagens no crânio e vários piercings em geral - está procurando um CEO [...] Os democratas podem tentar reivindicar uma criatura como Jennings como sua, o homem dificilmente é um liberal confiável, rejeitando a política assimilacionista convencional de qualquer tipo, gay ou heterossexual. Foi em uma convenção anarquista que ele conheceu seu funcionário de apoio ao cliente da International Workers of the World, Deke Nihilson. E desafiando a maioria das noções de recreação aceitável, ele também é um instrutor de armas de fogo certificado pela National Rifle Association [...] O mesmo instinto de como as coisas deveriam ser em um mundo sensatamente autogovernado de comunicações irrestritas surgiu na gestão de Jennings do TLG. Já tendo co-fundado o Homocore - um zine anarco-gay - em meados dos anos 80, tendo se envolvido em - uma diversão séria de conserto de hardware correndo com seu Rambler 1963 convertido em propano”<sup>194</sup> Essa ode a figura disruptiva, que não se encaixa em padrões partidários do

---

<sup>194</sup> “it says something about our peculiar sociocultural moment that Tom Jennings — the out-there San Francisco homo punk activist possessed of tattoos on his skull and multiple piercings overall — is looking for a CEO [...] Democrats might try to claim a creature such as Jennings as their own, the man is hardly a dependable liberal,

contexto, uma figura que sobrepunha os padrões morais e heteronormativos, é vangloriada em altas letras pela revista, como tudo que se relacione a qualquer forma de resistência a uma sociedade “cinza”, normativa, regulada, parada. É interessante observar que junto da valorização à liberdade econômica, como já vimos em algumas análises, há, não um conservadorismo, como costumamos ver em algumas leituras, mas sim um patrocínio a liberdade pessoal seja qual for.

1996 – June – Mr. Bill goes Hollywood!

100- Na página 47 temos uma curiosa situação em que a não concordância com alguma regulação, proibição, limite, típica da revista como temos visto nas análises, aparece não direcionada ao governo, mas sim a uma empresa privada, a um provedor de internet, talvez o maior da época, o “American Online”, ou, “AOL”. Um pequeno texto denuncia que o provedor estaria removendo diversos usuários de seus serviços devido a burlas aos seus termos de serviço. É curioso observar que a anti-regulação, a luta por liberdade na internet das figuras da cibercultura, não se restringe a um ódio a dimensão pública, classicamente atrelada a liberais radicais, mas se estende a qualquer regulação, limitação, das liberdades irrestritas, sonhadas por eles, da rede.

101- Na página 82, nessa edição do bloco “reality check”, temos previsões sobre o futuro da escola. Esse bloco, como já explicamos nas análises 45, 57 e 67, pretende fazer uma visão para o futuro de um determinado tema ou de um determinado fenômeno, com suas específicas nuances e previsões de dados fenômenos relacionados. Nessa edição, sobre o futuro da escola, chamou-me atenção, e trago aqui para análise, que uma das perguntas para os convidados refletirem e opinarem o ano, perguntava sem mais nem menos sobre o fim da escola pública, sobre que ano o seu fim se consolidaria. As previsões foram em maioria nunca, junto a duas dissonantes, 2000 e 2100. O que importa é que esse fim é posto com muita naturalidade, expressando um pensamento de claro teor negativo a coisa pública e patrocinador do domínio privado de uma estância social tão importante como a escola. Há comentários da revista quanto a opinião dos convidados, e eles não são de um claro tom negativo a coisa pública, mas impressiona a naturalidade da posição do fim da escola como algo esperado ou dado, algo que

---

rejecting mainstream assimilationist politics of any kind, gay or straight. It was at an anarchists convention that he met his card-carrying International Workers of the World customer-support employee, Deke Nihil-son. And defying most pinko earth-muffin notions of acceptable recreation, he's also a National Rifle Association-certified firearms instructor [...] The same instinct for how things ought to be in a sensibly self-governing world of unrestricted communications has come through in Jennings's management of TLG. Having already co-founded Homocore — an anarcho-gay zine - in the mid-'80s, having engaged in - some serious hardware-tinkerer fun racing his converted-to-propane 1963 Rambler”

não foi concordado nem pelos especialistas, provavelmente alinhados ao pensamento editorial da revista.

102- Na página 94, no conhecido bloco “cyber rights now”, temos um artigo em tom de comemoração a uma certa “freada” em uma legislação recente, à época, que normatizava a criptografia de informações. Para a revista a criptografia deveria ser livre e direito de quem precisasse esconder o que fosse. Mais uma vez temos um tom de liberdades irrestritas, até mesmo para se esquivar da lei e de possíveis investigações.

103- A partir da página 112, encontra-se um artigo discutindo novamente sobre as recentes (à época) regulações quanto a criptografia na internet, como na análise anterior. Em específico o artigo trata-se de uma exposição da figura de Bernstein, um reconhecido militante na causa pró-criptografia. No correr do artigo são expostas várias situações quanto a causa, mas principalmente uma ode geral as possibilidades da criptografia para a defesa da privacidade pessoal e comercial. Vejamos: “O que está em jogo é se a Internet virá a suportar a criptografia forte necessária para se tornar um meio universalmente confiável e comercialmente viável. Essencialmente, o processo de Bernstein está na vanguarda de uma insurgência civil para libertar a Internet de um tipo sutil, embora enervante, de lei marcial.”<sup>195</sup> Podemos ver também, e já não é para as análises aqui presentes uma surpresa, uma consideração da regulação como algo militar, conservador, enfim, marcial. São expostos também alguns argumentos que justificariam a regulação como os perigos do uso da criptografia para a ocultação de rastros, de crimes, por parte de organizações criminosas. A revista responde: “Argumentos como esse ignoram o fato de que a criptografia forte dá às pessoas comuns a capacidade de se protegerem contra terroristas e criminosos - e também contra um governo imperioso.”<sup>196</sup> É o taxado argumento de resolver A com A+. A criptografia, mesmo podendo ser perigosa, poderia ser combatida com uma mais forte. É explícito de toda forma a defesa de uma liberdade não regulada. Mesmo que a criptografia seja uma tecnologia hoje consolidada, sua defesa à época tinha um claro tom libertário, anti-regulatório numa linha pró liberdade individual e comercial.

104- A partir da página 126 encontra-se um artigo sobre a transformação recente, ou em processo, da Microsoft em uma empresa, além de tecnológica, de mídia, de entretenimento. A princípio parecia, e me chamou atenção, a tendência a encontrarmos traços do que veio a se tornar a profilagem. Mas não foi isso o encontrado. A discussão geral é mesmo da abertura da

---

<sup>195</sup> “At stake is whether the Net will come to bear the strong cryptography needed to become a universally trusted and commercially viable medium. Essentially, Bernstein’s suit is at the vanguard of a civilian insurgency to free the Net from a subtle, though enervating, kind of martial law.”

<sup>196</sup> “Arguments like this ignore the fact that strong cryptography gives ordinary people the ability to protect themselves against terrorists and criminals - and an imperious government as well.”

Microsoft para questões de mídia, distribuição de softwares relacionados e afins. Mas o que de fato encontrei e justificou essa análise foi que esse alastramento a uma empresa de mídia também constava de um foco maior em um entretenimento com finalidade de marketing. Vejamos: “Gates disse que até 2000, a Microsoft gastará US \$ 250 milhões por ano para promover seus esforços por meio de publicidade interativa”<sup>197</sup> Podemos tirar daqui que essa virada, de forma muito sutil, colocava Microsoft nessa posição de uma big tech com o embrião de uma possibilidade de fins propagandísticos e de mídia. Isso não é tão claro, reforço, mas está ali. Vejamos ainda o parágrafo final do artigo onde essa virada fica clara: “Assim, seja por design ou por circunstância, a Microsoft está segurando todas as peças conhecidas em um quebra-cabeça que poderia se encaixar em uma nova geração de empresa de mídia, uma empresa de "tecnomídia" que não apenas cria mídia, mas também controla toda a cadeia de valor de entregá-la - software para PC, acesso à Internet, servidores e ferramentas criativas. E tem influência no mercado para continuar tentando até que algo, ou talvez até tudo, se encaixe.”<sup>198</sup>

105- Nas páginas 138 e 139, observa-se uma entrevista com duas figuras que provavelmente vinham discutindo sobre internet e relacionamentos. Uma resposta me chamou atenção, pois flagra, uma consideração da internet não mais como um lugar de distribuição de conhecimento, mas sim algo direcionado a relações individualizadas, relacionamento. Observemos: “A tecnologia da informação era um bom nome há 20 anos, quando a computação e o manuseio de dados eram o fim da história. Mas agora, a razão pela qual implantamos a chamada tecnologia da informação tem cada vez mais a ver com o gerenciamento de relacionamentos. Como nas relações entre as pessoas, como na Internet; ou relações entre empresas, como em uma rede eletrônica de intercâmbio de dados; ou relacionamentos entre nações, como quando os bancos centrais usam redes de compensação e liquidação. A maior parte do que é chamado de tecnologia da informação hoje já superou o nome e agora é tecnologia de relacionamento.”<sup>199</sup> Como vemos, a internet não seria mais o lugar para a simples disposição de dados, mas para

---

<sup>197</sup> “Gates has said publicity that by 2000, Microsoft will be spending \$250 million per year to promote its efforts via interactive advertising”

<sup>198</sup> So, whether by design or by circumstance, Microsoft is holding all known pieces to a puzzle that could snap together into a new breed of media company, a “technomedia” company that not only creates media but also controls the entire value chain of delivering it - PC software, Internet access, servers, and creative tools. And it has the market clout to keep trying until something, or maybe even everything, clicks into place.

<sup>199</sup> Information technology was a good name 20 years ago when computing and handling data were the end of the story. But now, the reason we deploy so-called information technology increasingly has to do with managing relationships. As in relationships among people, like on the Internet; or relationships among companies, like on an electronic data interchange network; or relationships among nations, like when central banks use clearing and settlement networks. Most of what is called information technology today has already outgrown the name and is now relationship technology.

relacionamentos individualizados. Podemos aqui atrelar isso a um princípio de um pensamento que veio a confortar futuramente uma internet mais individualizada, como a que temos hoje baseada em dados e direcionamentos totalmente perfilados.

106- A partir da página 142 temos um artigo falando sobre metaversos, lugares virtuais onde se simula um mundo paralelo. O artigo inicia falando de uma experiência em específico e parte para falar sobre a questão em geral. São postas problemáticas como, até que ponto o metaverso pode englobar games ou o próprio modo de uso da rede no futuro. O que me chamou atenção para abrir essa análise foi o design do artigo em geral, que indica a relação desses metaversos com um caráter bastante disruptivo, liberalizado e orgiástico. São postos no início do artigo duas imagens de duas páginas, e descrevê-las é bastante complexo. Mas em geral trata-se de um conjunto de figuras não convencionais em um mundo colorido e 3D em uma interação dispersa não direta de ente a ente. Em uma tentativa de descrever a imagem, muito distante de preencher toda a imagem; vê-se um animal incerto e roxo parecido com um gato dentro de uma gaiola. Atrás dele há um rosto gigante com a boca estranhamente aberta e com um chapéu, onde na aba corre um menino estranho montado em cima de uma figura que parece um porco. Ainda no chapéu, em cima do chapéu, há um cavalo com face de humano travestido de palhaço com dois longos chifres, e montado nele um humanoide com uma cabeça de espiga de milho meio despilhada. Tudo isso demonstra um pensamento bastante libertário que se encontravam nesses metaversos. Creio que não todos, mas boa parte e a parte exposta pela revista, nos mostram um retrato de uma cibercultura fortemente atrelada ao disruptivo, colorido, irreal e descolado.

1996 – July – Kids cyber rights

107- Na parte inferior da página 40 temos um curto parágrafo de tom humorístico comentando sobre o modo de vestimenta de funcionários de empresas de tecnologia serem sempre os mesmos, tanto no passado considerado brega, quanto no presente considerado descolado, pois em ambos, eles continuavam sendo cópias, de um modo ou de outro se vestiam todos iguais. Para além da discussão geral é interessante observar que o funcionário antigo pode vir a ser considerado, além de brega, um responsável pela ruína de uma empresa, ou seja, a inovação é pétrea, um valor essencial. Vejamos: “Quando Lew Gerstner abandonou o código de vestimenta na IBM, ele enviou uma mensagem clara contra o tipo de conformidade do pensamento de grupo corporativo que estava levando a empresa à ruína.”<sup>200</sup>

---

<sup>200</sup> “When Lew Gerstner dropped the dress code at IBM, he sent a clear message against the kind of corporate groupthink conformity that was leading the company to ruin.”

108- Já no lado, na página 41, temos um interessante artigo comentando sobre um suposto desconforto do representante de uma empresa que presta serviços de limitação de acesso a partes da internet, direcionado a conteúdos impróprios para crianças, ao ser sondado por governos sobre a prestação desses serviços para limitações de acesso em determinados ecossistemas digitais desses países. A revista assume, e de certo modo o empresário, pois ele afirma que venderia relutantemente, que é natural, essencial, um serviço direcionado não a regulação de liberdades de acesso em geral. É flagrante aqui que a liberdade é um ponto essencial, de certo modo até ideológico, desse grupo.

109- A partir da página 45 temos uma entrevista com Alvin Toffler, que inclusive fez parte do corpo bibliográfico da pesquisa a qual servem essas análises. A intenção da entrevista é ver as observações de um Toffler reconhecido pelo apoio a um político republicano conhecido, Newt. Capturei dois momentos que considere valiosos para análises. Vejamos: "[Pergunta] No ano passado, você estava muito otimista de que estávamos à beira de uma mudança na política geral do país e que haveria o início de um realinhamento político. Você ainda se sente assim? [Resposta] Sim. Mas não é o realinhamento que a maioria das pessoas pensa. Acredito que a campanha eleitoral e a batalha entre os dois partidos são... Não vou dizer que é irrelevante; os partidos ainda comandam o controle dos orçamentos incrivelmente grandes. Mas o fato é que a verdadeira política no país se reflete não na distribuição de votos entre democratas e republicanos, mas sim nos votos "nenhum" do resto da população e na repulsa da população em relação ao próprio sistema. E isso cresceu enorme e perigosamente no ano passado."<sup>201</sup> E: "[Pergunta] Você está otimista de que a democracia prosperará no ciberespaço? [Resposta] O que temos agora é uma forma de democracia que é a democracia de massa, que é a expressão política da produção em massa, distribuição em massa, consumo em massa, educação em massa, mídia de massa, entretenimento em massa e todo o resto. E o que está acontecendo é que a sociedade está se tornando mais desmassificada, mais heterogênea e, portanto, é cada vez mais difícil chegar a uma maioria sobre uma questão. E quando você faz isso, muitas vezes é apenas um artefato do sistema de votação, ao invés de uma expressão das crenças orgânicas da população. Portanto, acreditamos que existem dificuldades muito profundas para a democracia

---

<sup>201</sup> "Last year you were very optimistic that we were on the cusp of change in the overall politics of the country and that there would be a beginning of a political realignment. Do you still feel that way? Yes. But it's not the realignment that most people think. I believe the election campaign and the battle between the two parties is ... i won't say it's irrelevant; the parties still command control of the incredibly large budgets. But the fact of the matter is the real politics in the country are reflected not in the distribution of votes between Democrats and Republicans, but rather in the "none" votes of the rest of the population, and in the revulsion of the population toward the system itself. And that has grown enormously and dangerously in the last year."

de massa na era da diversidade, que está sendo impulsionada pela revolução do computador.”<sup>202</sup> Como observado, nas duas partes Toffler se mostra descrente com a democracia, ou melhor, considera que esta era no mínimo afetada por um heterogenismo. Mas o que me chama mais atenção é a parte no primeiro trecho em que se fala que a democracia sofreria com uma espécie de desvinculação onde as pessoas perderiam o interesse, estariam criando uma repulsa ao sistema como é. Vemos hoje, e é finalidade do trabalho, analisar os danos a democracia, e é curioso ver a observação desse fenômeno por parte de Toffler. Isso já era observado desde a época. Enfim, não temos nenhum flagrante ao sujeito neoliberal nessa análise, mas ela é interessante de todo modo ao capturar o explicado acima.

110- No bloco fetish, dedicado a indicação de produtos tecnológicos, que são novidade, no contexto da cibercultura, temos a indicação de um aparelho como o que seria hoje um roteador. Observa-se a ideia de conexão privada doméstica já no embrião, o que futuramente foi muito necessário ao modo de funcionamento da internet hoje que problematizo no trabalho a que servem essas análises

111- Na página 64 temos um artigo falando sobre uma empresa de telefonia dedicada a cristãos. É claro o tom irônico da revista, passando eles por fanáticos. Mais uma vez vemos um distanciamento do doméstico, do conservador. É como se fosse um “fato curioso”, esses religiosos se isolando tecnologicamente contra o secularismo. Vejamos alguns trechos: “Ao criar o primeiro reino de Deus totalmente conectado, Thompson sonha que sua empresa pode salvar a América dos perigos da torpeza moral. Nosso objetivo é mudar o mundo para Cristo a cada chamado”, diz Thompson. [...] Agora ele lidera o estudo bíblico na empresa e ridiculariza os homossexuais por “trazer destruição a milhões de pessoas”.<sup>203</sup>

112- Numa curta coluna do bloco “cyber rights now”, temos mais uma vez uma manifestação de insatisfação com alguma lei regulatória do ambiente digital conectado, da internet. O título já é bastante interessante; “a caça as bruxas começa”<sup>204</sup>. O artigo fala especificamente da influência de uma organização conservadora diante da procuradoria geral, que estaria

---

<sup>202</sup> “Are you optimistic that democracy will thrive in cyberspace? What we have now is a form of democracy that is mass democracy, which is the political expression of mass production, mass distribution, mass consumption, mass education, mass media, mass entertainment, and all the rest. And what’s happening is that society is becoming more demassified, more heterogeneous, and it is therefore harder and harder to arrive at a majority on an issue. And when you do, it’s frequently just an artifact of the voting system rather than an expression of the organic beliefs of the population. So we believe that there are very deep difficulties for mass democracy in the era of diversity, which is being propelled by the computer revolution.”

<sup>203</sup> “By creating the first fully wired kingdom of God, Thompson dreams that his company can save America from the perils of moral turpitude. “Our goal is to change the world for Christ with every call,” Thompson says. [...] Now he leads Bible study at the company and derides homosexuals for “bringing destruction to millions of people.”

<sup>204</sup> “the witch-hunt begins”

investigando alguns provedores de internet a partir do requerimento dessa organização, com a acusação de vinculação de conteúdo tendencioso a pornografia. A comunidade estaria então sendo perseguida por uma cruzada moral. Ficam claros aqui tanto o pensamento libertário, quanto a anti-regulação. Parte-se do pressuposto de que aquele ciberespaço ideal e livre estaria sendo atacado por um fundamentalismo atrelado a regulação por parte do governo. Observa-se novamente então, que a relação desse liberalismo (neoliberalismo?) do vale do silício estava numa posição anticonservadora, essa sendo vista inclusive atrelada a um estado forte e negativamente regulador.

113- Entre as páginas 82 e 89 encontra-se um artigo resultado de algumas investigações quanto a pirataria, o vasto acesso a pirataria, na China e outros países da região. Em geral trata-se de uma entrevista, um aprofundamento com pessoas da própria pirataria de softwares. São discutidos diversos pormenores, mas em geral sobre o funcionamento desse processo, as opiniões etc. Chamou-me mais atenção justamente algumas falas, inseridas nesse contexto, que demonstravam um certo tom anti regulação, antigoverno, por parte dos entrevistados chineses. Vejamos: “O governo tem violado as mesmas leis que nós. Se eles não dão a mínima, por que deveríamos ter medo? Além disso, se eles me pegassem, eu me faria de bobo. Eu diria apenas que estava roubando os demônios estrangeiros para ajudar o Partido Comunista a economizar algum dinheiro em tecnologia avançada do exterior! [...] Mas quanto mais treinamento tínhamos, pior ficávamos. Nossa, o governo está cheio de idiotas. Eles estão sempre falando sobre tentar reformar a maneira como as pessoas pensam. Bem, isso é muito estúpido, se você me perguntar. A maneira como você pensa já está programada em sua cabeça, como uma grande bagunça de documentos. Você pode estar trabalhando com um aplicativo fodido, mas ele tem sua própria lógica interna. É impraticável tentar alterá-lo de acordo com algum plano mestre, documento por documento. É mais trabalhoso do que começar tudo de novo.”<sup>205</sup> É como se houvesse um interesse por parte da revista, embora a finalidade do texto claramente não ser essa e sim um certo exotismo que chega a ser até xenófobo, em expor que esse pensamento libertário atrelado ao pessoal da tecnologia é algo universal, presente até nas mais “contraditórias”, como é o caso da pirataria asiática, culturas cibernéticas.

---

<sup>205</sup> “The government has been breaking the same laws we have. If they don’t give a damn, why should we be scared? Besides, if they nabbed me I’d play dumb. I’d just say that I was ripping off the foreign devils to help the Communist Party save some money on advanced technology from abroad! [...] But the more training we got, the worse we became. Geez, the government is full of idiots. They’re always talking about trying to reform the way people think. Well, that’s pretty dumb, if you ask me. The way you think is already programmed in your head, like a big mess of documents. You might be working with a fucked up application, but it’s got its own internal logic. It’s impractical to try and change it according to some master plan, document by document. It’s more labor intensive than starting all over again.

114- A partir da página 90, temos um artigo sobre um grupo privado de uma espécie de “justiceiros”, pelos bons costumes na internet. São os “CyberAngels”, como se autointitulam. Eles trabalham fiscalizando sítios na rede e denunciando irregularidades aos competentes, como pornografia infantil por exemplo. Como era de se esperar o artigo tem um tom crítico a estes. Veja: “Oficialmente, os Anjos da Guarda dirão que só querem garantir que as pessoas obedeçam à lei. Mas algumas de suas palavras e atividades visam destruir ou proibir material perfeitamente legal que atenta suas sensibilidades privadas.”<sup>206</sup> Claro que a crítica da revista é super pertinente, mas não é papel dessas análises julgar, mas apenas atentar, mais uma vez, para a presença de um tom crítico a qualquer regulação, e conservadorismo, no ambiente da rede de computadores.

115- Na página 101 temos mais uma curta coluna falando da procuradoria geral. Dessa vez sobre uma abertura de escuta que resultou na captura de um hacker argentino. Para o autor isso foi “mais um passo na marcha do governo em direção à desconstrução da privacidade pessoal.”<sup>207</sup> Mais uma vez fica flagrada na revista, suponhamos que na cibercultura, uma mentalidade fortemente antiregulatória e libertária. Acima de qualquer irregularidade, deve sempre estar a privacidade.

116- A partir da página 120 encontramos o artigo de capa, intitulado “os direitos das crianças”. O artigo começa com duas páginas em gatefold com uma montagem de um grupo de crianças sob um fundo listrado em laranja e branco, que olham fixamente e seriamente para a o leitor e seguram raios, um tipo específico de raio, que são uma identidade visual da revista, frequentemente usados em artigos que se referem diretamente a direitos irrestritos no ciberespaço, nas mãos. Apenas nessa introdução visual do artigo já se nota uma estética impositiva, descolada, afirmativa de uma reivindicação. O artigo está disposto como um estatuto, ou constituição; dividido em “artigos” em algarismos romanos, que vão até o “X”, a disposição não diz muito sobre o que de fato lemos. Não se trata de simulacros de leis, mas apenas tópicos. A ideia geral é de expor um manual sobre como lidar com as crianças hoje (à época) que estariam sendo abraçadas por um novo mundo que exige cuidados, mas que pode despertar um grande potencial revolucionário. Irei então expor e comentar alguns trechos em análises separadas para tornar mais simples o uso posterior.

---

<sup>206</sup> “Officially, Guardian Angels will tell you that they only want to ensure that people obey the law. But some of their words and activities are aimed at destroying or banning perfectly lawful material that offends their private sensibilities.”

<sup>207</sup> “it was one more step in the government’s march toward deconstruction of personal privacy.”

117- Em dado ponto são expostos alguns “direitos das crianças” de forma explícita. Alguns deles chamam atenção: “As crianças têm o direito de serem respeitadas, de receber a mesma sensibilidade que outras minorias desprivilegiadas receberam de má vontade do resto da sociedade. Eles não devem ser vistos como propriedade ou como impotentes para participar das decisões que afetam suas vidas.”<sup>208</sup> É interessante observar que, embora em boa parte do artigo o autor comente que não apoia uma permissividade total, jovem, a criança, deve dotar-se de uma independência, não podendo ser vista como uma propriedade. Mas vejamos mais pontos: “As crianças têm direito a comunicações bidirecionais com os políticos, clérigos e líderes educacionais que afirmam saber o que é melhor para elas. As crianças têm o direito de ajudar a moldar as discussões sobre suas vidas morais.”<sup>209</sup> Crianças então deveriam também ter poder de discussão a nível organizacional, sendo vistas assim como entes dotados de uma capacidade construtiva, e independência, de opinião. Vejamos mais um ponto, mais um “direito”, o mais revelador: “As crianças têm o direito de contestar o uso de software de bloqueio e outras tecnologias, como o V-Chip, que arbitrariamente lhes negam escolha, exposição a ideias e liberdade de expressão.”<sup>210</sup> As crianças deveriam então, ter total acesso a rede sem regulação nenhuma por parte dos pais. O V-chip, é um dispositivo utilizado à época em Tvs, a partir da determinação de uma legislação própria, para dar a possibilidade aos pais de bloquear conteúdos julgados impróprios aos filhos. Esse dispositivo seria no caso um limitador da “liberdade de expressão” para a revista. Juntando então esses três trechos, observamos de uma forma muito clara que a revista, repito, embora reforce que os pais devam ser responsáveis, o que é contraditório até, patrocina uma figura infantil livre, liberta de amarras resultantes de uma regulação, para que desfrute de um futuro no incrível mundo de possibilidades que nasce com a onipresença nascente das redes. Veremos isso mais forte na análise após a posterior.

118- Os movimentos juvenis, também teriam então relação direta com esse novo jovem possibilitado por essa modernidade. Em um ponto, isso é posto lado a lado com lutas de identidades, de forma positiva, pela revista. Vejamos: “As batalhas sobre as novas mídias provavelmente desencadearão uma politização juvenil que lembra os movimentos lançados por minorias raciais, mulheres e gays. Sob o nariz de seus guardiões, os jovens agora estão ligados uns aos outros em todo o mundo. Eles já compartilham sua cultura online, trocando informações

---

<sup>208</sup> “Children have the right to be respected, to be accord- ed the same sensitivity that other disenfranchised minorities have grudgingly been granted by the rest of society. They should not be viewed as property or as helpless to participate in the decisions affecting their lives.”

<sup>209</sup> “Children have a right to two-way communications with the politicians, clergy, and educational leaders who claim to know what is best for them. Children have a right to help shape discussions about their moral lives.”

<sup>210</sup> “Children have a right to challenge the use of blocking software and other technologies, like the V-Chip, that arbitrarily deny them choice, exposure to ideas, and freedom of speech.”

sobre novos filmes, programas de TV e CDs, alertando uns aos outros sobre vírus, compartilhando dicas de software e tecnologia.”<sup>211</sup> Ora esse jovem é potente para ser o novo player do mundo tecnológico do futuro, ao mesmo tempo que está antenado nas lutas, contanto que não firam o capitalismo. É interessante observar aqui mais um reforço da tese de Boltanski e Chiapello (2021) e outras referências como Fontenele (2017) de que lutas anteriores seriam não combatentes, mas reforços de um novo tipo de capitalismo.

119- No final do artigo, a revista, o autor, se declaram de forma muito explícita quanto ao desejo do libertarianismo se estender ao público infantil, ou que ele seja garantido, não atrapalhado, por forças malignas regulatórias, de ser absolvido, a fim de as crianças e os jovens não perderem essa oportunidade única epocal: “A autoridade opressiva e a censura parecem cada vez mais anacrônicas em meio às fronteiras porosas da era digital emergente. O milênio que se aproxima é mais do que um marco histórico. É o momento certo para libertar nossos filhos das mãos pesadas da história. A maioria de nós reconhece que nossos filhos estão entrando em uma nova era milagrosa. Eles, como todos os outros, correrão riscos e enfrentarão perigos. Eles também colherão grandes recompensas. As crianças têm a chance de reinventar as comunicações, a cultura e a comunidade. Para resolver os problemas do novo mundo de novas maneiras. Para fazer melhor do que fizemos. Em vez de os impedir, devemos empurrá-los para a frente. Em vez de protegê-los, devemos tomá-los pelas mãos, guiá-los até os portões e animá-los.”<sup>212</sup>

1996 – August – The Egos at id

120- Logo na página 37 temos mais uma manifestação de não concordância com uma regulação do ambiente cibernético, ou melhor, uma comemoração de que uma dessas regulações estava sendo posta em questão por alguns entes judiciários. Vejamos: “Acione os fogos de artifício, acenda a banda e comece a beber champanhe ... Descobrimos a vida inteligente dentro do judiciário. Em 12 de junho, um painel de três juízes federais na Filadélfia defendeu a liberdade

---

<sup>211</sup> “The battles over new media are likely to spark youthful politicization reminiscent of the movements launched by racial minorities, women, and gays. Under the noses of their guardians, the young are now linked to one another all over the world. They already share their culture online, trading information about new movies, TV shows, and CDs, warning one another about viruses, sharing software and tech tips.”

<sup>212</sup> “Oppressive authority and censorship seem increasingly anachronistic amidst the porous borders of the emerging digital era. The approaching millennium is more than a historical landmark. It’s the right time to liberate our children from the heavy hands of history. Most of us recognize that our children are moving into a miraculous new era. They will, like everyone else, take risks and face dangers. They will also reap great rewards. Children have the chance to reinvent communications, culture, and community. To address the problems of the new world in new ways. To do better than we did. Instead of holding them back, we should be pushing them forward. Instead of shielding them, we should take them by the hands, guide them to the gates, and cheer them on.”

de expressão no ciberespaço, concedendo uma liminar contra a Lei de Decência nas Comunicações dos EUA.”<sup>213</sup> Para além de mais uma revelação de não concordância com regulações, o que mostra mais uma vez um sujeito libertário, o que por si só já justificaria uma análise, é também importante destacar que se parte de um pressuposto que os juízes não seriam a favor da liberdade na internet. Quando o autor escreve que há vida inteligente no judiciário, é como se tudo ali não fosse inteligente, não fosse a favor de quem escreve, de quem lê, esse texto. Tudo que é relacionado a lei, a governo, a autoridade, é automaticamente posto num balaio de regulação e equiparada a desprovemento de inteligência.

121- A partir da página 45, no bloco “the netizen”, encontra-se um artigo sobre os caminhos e descaminhos políticos do congresso estadunidense quanto a causa da imigração, com relação as vantagens e desvantagens relacionadas a possível ajuda ao desenvolvimento tecnológico interno de políticas pró-imigração. O que despertou a necessidade de análise não foi o tema geral do artigo em si, mas pontos onde alguns entes posicionam o Vale do Silício em uma posição fortemente pró-imigração, o que mais uma vez, como em outras vezes nessas análises, o põe alinhado com pautas que hoje reconhecemos como progressistas. Fica demonstrado que não há um distanciamento de pautas econômicas, do enriquecimento dessas empresas de tecnologia, com questões sociais, como é o caso da imigração, sendo ela vista até como positiva, pois traria o capital humano de outros países para produzir riqueza nessas empresas privadas estadunidenses. O Vale do silício lutaria então contra desmandos do legislativo conservador à época em provimento de uma política mais livre para a circulação do capital humano: “O que os CEOs e especialistas em assuntos governamentais do Vale do Silício reconhecem é que, goste ou não, seu envolvimento na alta política tende a aumentar - mesmo que apenas como uma medida defensiva. “Não é uma questão de 'amadurecimento' de nossa indústria; é uma questão de o governo fazer mais coisas que são profundamente prejudiciais, forçando-nos a agir”, diz T. J. Rodgers. William Archey, da American Electronics Association, concorda: “A passividade tradicional está mudando, de Mantenha esses bastardos longe de nossas costas para Se não nos envolvermos, esses bastardos vão nos ferrar””<sup>214</sup>

<sup>213</sup> “break out the fireworks, strike up the band, and start a the champagne ... we've discovered intelligent life inside the judiciary. On June 12, a panel of three federal judges in Philadelphia upheld free speech in cyberspace by granting a preliminary injunction against the US Communications Decency Act.”

<sup>214</sup> “What Silicon Valley’s CEOs and government-affairs mavens do acknowledge is that like it or not, their involvement in high politics is bound to increase - if only as a defensive measure. “It’s not a matter of the ‘maturing’ of our industry; it’s a matter of the government doing more things that are profoundly harmful, forcing us into action,” T. J. Rodgers says. The American Electronics Association’s William Archey agrees, “The traditional passivity is changing, from Keep those bastards off our backs to If we don’t get involved, those bastards will screw us.””

122- Na parte superior da página 64, temos um curto texto sobre um vendedor de domínios, de que alguma forma consegue ter a expertise de fazer domínios fora do padrão “.com”. É interessante que essa simples característica é posta como algo muito transgressor. Veja: “Ele é especialista em dobrar as coisas - de preferência as regras [...] O rebelde Kashpureff está torcendo o nariz para a estrutura de poder da Internet.”<sup>215</sup> Até coisas mais simples, ou no mínimo desnecessárias dessa rotulação, ganham o rótulo de transgressoras a algum poder maligno, algum sistema castrante, e afins.

123- Na parte inferior da página 64 ainda, há a informação de um grupo de pais contra a “censura” na internet. Mais uma vez esse assunto é tomado na revista demonstrando o alinhamento daquela cibercultura com um pensamento anti-regulação, até mesmo relacionado ao uso da rede por crianças (lembrar análises 116-119).

124- Em todas as edições existe um bloco chamado “raw data”, onde são dispostos gráficos interessantes com pouca legenda, apenas para reflexão e apreciação do leitor. Um dos dessa edição, na página 70, é um gráfico resultado de uma pesquisa quantitativa sobre para que as pessoas adquiriam um computador (lembrar a época da revista). Os motivos, estratificados do maior para o menor, são: “Crianças capazes de acessar material educacional; Videoconferência; Acessar informações sobre hobbies ou interesses; Acessar informações para o trabalho; Enviar notas para amigos e familiares; Obtendo informações sobre um novo emprego; Chamadas telefônicas baratas de longa distância; Banco em casa; Compras em casa; Jogos de azar em casa; Nenhum desses.”<sup>216</sup> É interessante observar que nenhuma das alternativas estava ligada ao uso por puro e simples entretenimento, e conseqüente profilagem, que temos na internet de hoje, o que acusa que houve uma verdadeira virada para a personalização do uso da internet como reflete CHUN (2016).

125- A partir da página 80 temos um artigo sobre as decisões do governo quanto a regulação de criptografias. O artigo acaba chegando em uma crítica que a regulação afeta a indústria nacional e crescendo indústria da área de outros países, como o Japão. Temos aqui uma crítica ao estado, mais especificamente a regulação, ao mesmo tempo que um pedido para que o estado agilize o mercado interno, ou ao menos não o atrapalhe, o que é um sinal de neoliberalismo nos melhores moldes de Dardot e Laval (2016), que argumentam em linhas gerais que o

---

<sup>215</sup> “he specializes in bending things — preferably the rules [...] The rebellious Kashpureff is thumbing his nose at the Internet power structure.”

<sup>216</sup> “Children Able to Access Educational Material; Videoconferencing; Accessing Information on Hobbies or Interests; Accessing Information for Work; Sending Notes to Friends and Family; Getting Information on a New Job; Cheap Long-Distance Phone Calls; Banking from Home; Shopping from Home; Gambling from Home; None of These.”

neoliberalismo não seria um anti-estado, mas um pró estado que seja pró interesses econômicos. Vejamos os trechos: “Os fabricantes de chips japoneses estão totalmente tontos com o apego do governo às restrições de exportação de criptomoedas e, na esteira do Clipper III, estão se preparando com fortes produtos de criptografia para preencher um mercado internacional em expansão no qual as empresas americanas não têm permissão para entrar. Em 3 de junho, a subsidiária japonesa da RSA Data Security, Nihon-RSA, anunciou que havia firmado um acordo com a Nippon Telephone and Telegraph - a AT&T do Japão - para começar a vender conjuntos de chips criptográficos de chave pública de 1.024 bits. Nós realmente cedemos esse mercado para empresas japonesas”, diz Jim Bidzos, da RSA. É quase tarde demais para dar a volta por cima.” As propostas de criptografia do governo Clinton sacrificam os empregos americanos e os direitos de privacidade dos americanos no altar da "segurança nacional". Mas agora o véu do mistério foi removido e a claudicação de sua política de criptografia foi exposta para todos verem. Dê uma olhada, pessoal. O imperador está nu.”<sup>217</sup>

1996 – September – Tired Wired 100!

126- Na página 46 temos uma curta coluna comentando sobre uma experiência em uma escola que ofereceu um curso de informática para crianças. As crianças teriam desenvolvido habilidades empreendedoras ao ponto de pôr em risco empresas locais, o que gerou freios da própria escola, que os direcionou a atividades sem fins lucrativos. Vejamos o texto: “Ouverture Magnet, uma escola pública em Wichita, Kansas, começou a oferecer um curso de Internet em janeiro passado. Na primavera, as crianças abriram um negócio por conta própria. " Fizemos as páginas iniciais da Conferência Nacional para Cristãos e Judeus", diz o estudante Lance Nunnery. "Eles acharam nosso trabalho ótimo, mas quando aparecemos na reunião, eles meio que surtaram porque temos apenas 11 anos de idade." Tudo isso terminou em julho, quando o Distrito Escolar de Wichita emitiu uma ordem de cessar e desistir. Parece que os alunos da quinta série eram muito concorrentes para as empresas locais. Após um recente recurso da

---

<sup>217</sup> “Japanese chip manufacturers are downright giddy over the administration’s Krazy Glue-like attachment to crypto export restrictions, and on the heels of Clipper III, they’re gearing up with strong encryption products to fill an expanding international market that American firms aren't allowed to enter. On June 3, RSA Data Security's Japanese subsidiary, Nihon-RSA, announced that it had entered into an agreement with Nippon Telephone and Telegraph - Japan's AT&T - to begin selling superstrong, 1,024-bit public key crypto chip sets. “We truly have ceded this market to Japanese companies,” says Jim Bidzos of RSA. “It’s almost too late to turn it around.” The Clinton administration's encryption proposals sacrifice both American jobs and Americans’ privacy rights on the altar of “national security.” But now the veil of mystery has been stripped away, and the lameness of its cryptography policy has been laid bare for all to see. Take a look, everyone. The emperor has no clothes.”

decisão, o superintendente concedeu aos alunos mais liberdade: eles podem trabalhar para grupos cívicos e sem fins lucrativos.”<sup>218</sup> É muito interessante observar aqui o sujeito neoliberal (Dardot Laval, 2016) sob a formação do empreendedor, e não sob o indivíduo extremamente libertado como está sendo mais comum nessas análises, já desde a educação infantil. E relacionado ao computador. O computador seria um possibilitador do empreendedorismo infantil, vangloriado pelo texto, na demonstração das pompas da iniciativa da escola. É um traço desse pensamento ciberlibertário, atrelado a um indivíduo empreendedor, o que é muito valioso as nossas análises quanto ao sujeito constitutivo do vale do silício e formador das redes como temos hoje.

127- Na página 48, ao lado de uma pilha de barras de ouro marcadas com o rosto de Karl Marx, observa-se um curto texto sobre uma empresa que paga por interações com anúncios. Vejamos: “Marx advertiu que o capitalismo eventualmente trataria todos os seres humanos como mercadorias e reduziria todas as relações a nada além de transações. Mas mesmo ele não poderia ter evocado o CyberGold. A nova empresa de marketing na Internet (com sede em Berkeley, Califórnia, nada menos) planeja atuar como intermediária para empresas que desejam pagar aos telespectadores para ler anúncios na Web”<sup>219</sup>. Duas coisas são interessantes aqui. Observar Karl Marx na aura “pop” da revista é revelador de que existia uma forte apropriação de símbolos de lutas sociais por parte daquela cibercultura. Mas o que considero mais importante é observar o destaque a uma empresa de visualização de anúncios, pois o anúncio é um pilar da internet calcada na profilagem que temos hoje, como já largamente explicado em pontos acima. No texto em si não temos nenhuma reflexão, apenas uma exposição, mas ela por si só já mostra a presença dessas empresas na época, desse pensamento na época; de anúncios relacionados a visualizações personalizadas. Seria uma empresa de “tracking” desses anúncios com determinados perfis? Apenas pudemos supor.

128- Na página 56 temos o bloco “the netizen”, direcionado a discussões políticas do contexto americano, no ano da revista, em plena eleição, que viria a ocorrer logo em dois meses. Essa edição fala sobre o alto televisionamento da presente eleição. O artigo inicia de uma forma

---

<sup>218</sup> “‘Ouverture Magnet, a public school in Wichita, Kansas, began offering an Internet course last January. By spring, the kids had gone into business for themselves. “We did the homepages for the National Conference for Christians and Jews,” says student Lance Nunnery. “They thought our work was great, but when we showed up at the meeting they kind of freaked out because we're only 11 in years old.” All this ended July, when the Wichita School District issued a cease-and-desist order. It seems the fifth graders were too much competition for local companies. After a recent appeal of the decision, the superintendent granted the students more freedom: they're allowed to work for civic and nonprofit groups. Check them out at”

<sup>219</sup> “Marx warned that capitalism eventually would treat all human beings as commodities and reduce all relationships to nothing but transactions. But even he couldn't have conjured up CyberGold. The new Internet marketing company (based in Berkeley, California, no less) plans to act as the go-between for businesses that want to pay viewers to read advertisements on the Web.”

muito expressiva logo no longo subtítulo, ou uma espécie de preâmbulo, que diz: “Os EUA não são mais uma democracia, mas um governo por multidão alucinante, enlouquecido pela televisão. Não é de admirar, então, que a eleição deste ano pareça uma escolha entre cânceres. Anime-se, porque quando pudermos eleger o suficiente para fazer a diferença, a Internet terá mudado tanto a sociedade que o Senado dos EUA parecerá tão relevante quanto a Câmara dos Lordes.”<sup>220</sup> Aqui já se observam três pontos: 1) o autor, e consequentemente o público leitor que busca aquela leitura, não vêem mais os Estados Unidos como exemplo de democracia, pois a TV estaria tomando a sanidade das pessoas, o que provavelmente é uma metáfora para uma suposta manipulação. 2) os políticos seriam cânceres, todo corpo burocrático/político, é visto como negativo, como já foi observado inúmeras vezes nessas análises e 3) a Internet no futuro mudaria a sociedade ao ponto de ela não precisar mais dos políticos pois eles se tornariam irrelevantes, ou seja, a internet é, seria, um remédio, libertário, à escolha política correta, e a prova disso seria a eleição num futuro distante desses políticos positivos que ao mesmo tempo seriam irrelevantes (partindo da interpretação de que o autor quis dar essa interpretação ao comparar com a câmara dos lordes, que tem baixo poder de decisão). É muito rico para a presente pesquisa observar de forma tão declarada a mentalidade do Vale do Silício quanto as futuras (a época) eleições. A rede seria a cura, traria a libertação, de uma legião enganada pelos políticos, em contraponto à TV, fechada, ligada ao antigo e ao político. A internet, como já visto em vários outros pontos, muitas vezes é disposta como essa salvação, essa libertação, atrelada ao livramento de uma amarra; é um pensamento pró-liberdade, em ode a um indivíduo desresponsabilizado, não moldado. Pode-se discutir muito facilmente com a literatura contemporânea do tema, que a internet hoje molda a política, o que é endossado pelo corpo referencial e o problema da pesquisa a qual essas análises se destinam; isso reforça o quanto a internet passou por mudanças, que não continha em sua origem, ponto fortemente levantado por CHUN (2016). O sujeito neoliberal em origem seria então diferente do sujeito neoliberal na prática, ou melhor, não viriam do mesmo resultado. O primeiro era presente no Vale do Silício (como temos fortemente visto nas análises dessas revistas), o segundo é resultado final do modo de funcionamento da internet contemporânea perfilada (que estou vendo na prática com a categorização e as inferências, e declarações das próprias Big Techs), e não simplesmente filosofia de ser dessas redes, que em primeiro momento tendem apenas a fins comerciais tão

---

<sup>220</sup> “The US is no longer a democracy, but Government by Hallucinating Mob, driven mad by television. Little wonder then that this year’s election feels like a choice between cancers. Take heart, because by the time we can elect enough of our own to make a difference, the Net will have changed society so much that the US Senate will seem about as relevant as the House of Lords.”

selvagens como os da TV, denunciada por esses mesmos atores como observado acima. O Ponto de virada, segue sendo uma dúvida. Mas precisa haver ponto de virada?

129- Ainda falando do mesmo artigo. Em mais pontos essa diferenciação, da TV, mídia de massas, negativa frente a superior internet, livre e independente, é posta. Vejamos: “A maioria dos eleitores vem de uma cultura que foi criada pela mídia de massa - uma cultura bem diferente daquela que se consolida na Grande Conversa do ciberespaço.”<sup>221</sup> Mais uma vez é importante destacar a visão que aquela cibercultura tinha da internet, voltando as mesmas reflexões da análise anterior.

130- Na página 72 encontra-se um curto artigo sobre um novo restaurante aberto por duas mulheres negras. É uma posição de admiração por parte da revista. Reforça-se mais uma vez o fato de que não podemos relacionar a cibercultura do Vale do Silício de uma forma direta com qualquer tipo de conservadorismo, ou intolerância melhor dizendo, como racismo e misoginia. Pelo contrário; no que se trata a questões de liberdades individuais, a revista, e supomos que a cibercultura do Vale do Silício, se mostra totalmente alinhada, tanto no que consta a liberdade de um indivíduo genérico, quanto no que consta a um indivíduo de lutas de identidades. O alinhamento ao neoliberalismo não aproxima a revista de um viés conservador, pois não se tratam de coisas inerentemente próximas ou consequentes uma da outra, como já reforçam alguns autores referência à pesquisa a qual essas análises são material: Fontenele (2017), Dardot; Laval (2016), Boltanski; Chiapello (2020) e etc.

131- A partir da página 120 temos um artigo sobre criptografia e regulações quanto ela pelo legislativo estadunidense, num tom crítico às regulações justificado no perigo de tomada por mercados estrangeiros, da disposição e venda de produtos para criptografar, que em tese seriam em essência norte-americanos por terem supostamente de forma intrínseca superior tecnologia. Muito próximo do que já foi exposto na análise 125. Vejamos alguns trechos do artigo: “A perspectiva de entrada japonesa neste mercado atinge o cerne dos controles dos EUA sobre criptografia. O futuro desses controles depende de os formuladores de políticas manterem a confiança de que os controles não prejudicam seriamente a indústria americana. Embora muitos na indústria contestem essa visão, o governo tem poucas dúvidas [...] embora possam ser desenvolvidos primeiro para o mercado japonês, o Japão não é obrigado por acordo internacional a restringir as exportações de criptografia - pelo menos não da maneira agressiva

---

<sup>221</sup> “Most voters come from a culture that has been created by mass media — a culture quite different from the one gelling in The Great Conversation of cyberspace.”

realizada pelos Estados Unidos.<sup>222</sup> Realmente as considerações são as mesmas da análise 125. Há aqui um pedido ao estado, tão renegado, para que garanta o poderio americano com contexto das tecnologias, como é discutido por Dardot; Laval (2016). (ver análise 125).

132- A partir da página 143 observa-se um artigo chamado “Capitalista de aventura”<sup>223</sup>. O nome logo chama atenção pois já indica a relação do capitalismo com um espírito liberto, de risco, que é o que vem primeiro a mente quando lê-se “aventura”. Trata-se, especificamente, de um texto sobre a investidora de risco Ann Winblad. O texto perpassa uma experiência de andança pelas ruas de Tijuana no México com a investidora, mostrando como ela, ao mesmo tempo que é uma investidora capitalista, é uma pessoa descolada, que anda na rua altas horas da noite em busca de restaurantes legais, tira onda com forças policiais, passando toda uma aura de jovem descolado que se diverte livremente. Vejamos dois trechos: “Ann está posando do lado de fora do The Caves, um bar na notória Avenida Revolucién, repleta de clubes, em Tijuana. A música disco está tocando por dentro. O fotógrafo Eric O'Connell ajusta seus filtros de luz enquanto murmura a letra da música pulsando nas profundezas de The Caves: Don't want no short-dick man. Não quero nenhum homem de pau curto.... [...] O ritmo implacável de nossa visita não a atrasa. Mas ela também trabalha tão duro quanto festeja. "Se você não trabalha 12 horas por dia, está atrasado", diz ela. Se você não lê 100 revistas especializadas, não verifica seu e-mail, não retorna a ligação de alguém ou não vai a um evento de desenvolvedores, você está atrasado. Ou você está comprometido ou não.”<sup>224</sup> A análise a ser feita é que nesse artigo fica muito clara a relação de uma mentalidade do empreendedor, do respeitável empreendedor de risco, com uma figura descolada. A figura destacada pela revista, a figura posta em fundos coloridos e com imagens disruptivas como a que ela segura um peixe, o comportamento juvenil, desprezioso, leve, natural, livre, é relacionado ao que parece, ao herói empreendedor de risco. As reflexões de Fontenele (2017) de um capitalismo baseado no consumo e no descolado, se mostram muito certeiras a essa análise.

---

<sup>222</sup> “The prospect of Japanese entry into this market strikes at the heart of US controls on encryption. The future of these controls depends on the policymakers maintaining confidence that controls do not seriously hurt American industry. While many in industry challenge this view, the government has few doubts [...] while they may be developed first for the Japanese market, Japan is not required by international agreement to restrain exports of cryptography - at least not in the aggressive manner carried out by the United States”

<sup>223</sup> “Adventure capitalist”

<sup>224</sup> “Ann is posing outside The Caves, a jamming bar on Tijuana’s notorious, club-lined Avenida Revolucién. Disco music is blaring from within. Photographer Eric O'Connell adjusts his light filters as he mouths the lyrics of the song pulsing deep within The Caves: Don't want no short-dick man. Don't want no short-dick man.... [...] The relentless pace of our visit doesn't slow her. But she also works as hard as she parties. “If you don't work 12 hours a day, you're behind,” she says. “If you don't read 100 trade magazines, don't check your email, don't return somebody's call, or don't go to a developer event, you're behind. Either you're committed or you're not.””

1996 – October – Walter Wriston on the future of money

133- Na página 46 temos um artigo em tom de exposição positiva da proposta de Lori Fena de aplicação de selos, que informariam ao usuário que acessasse sites na internet, o quanto de cookies estariam sendo capturados de seu acesso. Seriam três tipos de selos, que informariam se o site utiliza de dados para fins comerciais, se utiliza para fins de experiência de navegação, ou se não utiliza. Ficam claras duas coisas valiosas a pesquisa. Que há a captura, e o uso, de dados para fins comerciais; especificamente o artigo fala: “revelando que pode revender notícias de seu desejo de viajar na Web e outros dados a terceiros”<sup>225</sup>, e como um traço na mentalidade das empresas de tecnologia; que isso existia em teoria, embora não possa se dizer que fosse o padrão da internet, como acontece hoje. E que a revista tinha um tom, ou ao menos deixava esse tom correr ao vincular textos como é o caso desse exposto, de crítica ao uso generalizado de dados pessoais por empresas de tecnologia. Para a pesquisa então, fica mais claro que quando se trata de sujeito neoliberal na ação contemporânea e no fundamento dessa, não se está falando de uma linha direta lisa e concisa. O sujeito neoliberal crítico a regulações e valorizador de liberdades absolutas do Vale do Silício dos anos 90, pode ser até mesmo crítico ao funcionamento dessa internet contemporânea. O sujeito neoliberal desta seria mais um resultado do isolamento, o individualista resultante do funcionamento da máquina, que combina nas liberdades, mas não é fruto de um mesmo processo que resultou o primeiro.

134- A partir da página 53 temos o bloco “the netizen”, que nessa edição trata de Bill Clinton, o CDA (Communications Decency Act), e no fim algumas comparações com o candidato republicano. Lembrar que a revista é de outubro de 96, na boca da eleição para presidência dos Estados Unidos. Clinton é criticado no artigo pois seria mais um político que não coadunava com os preceitos corretos, que seriam os preceitos da cibercultura; a liberdade de expressão irrestrita, o uso livre da internet e afins. Vejamos: “Tudo isso leva a uma conclusão inevitável. Ao longo deste ano, muitos internautas argumentaram que o apoio de Clinton ao CDA reflete uma falta de noção fundamental sobre o mundo etéreo. Outros argumentaram que isso reflete um flagrante desrespeito pelas liberdades civis no ciberespaço. Considerando a aba de Knox, no entanto, ambas as visões parecem muito generosas. O que o apoio de Clinton ao CDA realmente reflete é um flagrante desrespeito pelas liberdades civis em geral.”<sup>226</sup> Nesse trecho

---

<sup>225</sup> “revealing that it may resell news of your Web wanderlust and other data to third parties”

<sup>226</sup> “All of which leads to an inescapable conclusion. Throughout this year, many netizens have contended that Clinton’s support for the CDA reflects a fundamental cluelessness about the etherworld. Others have argued that it reflects a blatant disregard for civil liberties in cyberspace. Considering the Knox flap, however, both views

Clinton é relacionado com o “mal”, considerado desrespeitoso com as liberdades civis pela aprovação no começo daquele ano do CDA, uma lei que regulamentava, proibia, compartilhamento de conteúdo pornográfico, ou que fazia alusão a ela, para menores, e também a produção dos mesmos com menores na internet. A revista chega a usar um exemplo de um universitário que teria sido preso “apenas”, por possuir conteúdo sugestivo de menores de idade. Em outros pontos do artigo são feitas exposições de outras decisões que seriam danosas a essa liberdade feitas por Clinton, como chips e clipagens para fins antiterroristas. Mais uma vez a liberdade de expressão aparece como um valor absoluto, ao ponto de se relativizar crises de segurança nacional e consumo de material alusivo a pornografia infantil. No fim do artigo é feita uma reflexão do quanto o candidato republicano naquela eleição que se aproxima, seria tão problemático, por ser tão conservador quanto, o que mostra mais ainda a posição em que essa cibercultura se sentia, se posicionando numa classificação antissistema que era crítica aos democratas dados como cínicos e conservadores incrustados, e mais ainda aos republicanos conservadores assumidos.

135- Nas páginas 94 e 95 dessa edição, encontra-se o sempre presente bloco “cyber rights now”. Nessa edição temos uma comparação frente a frente de alguns pontos dados como relevantes pela editoria da revista dos dois principais candidatos à presidência dos estados unidos que iriam ser votados no início do mês seguinte. Foi feita uma tabela com alguns assuntos onde preenchia-se com um texto sobre a abordagem de cada candidato com eles. Era atribuída também uma nota no sistema alfabético, comum na educação básica estadunidense. Em uma curta coluna antes das comparações temos os seguintes trechos reveladores de um pessimismo e não alinhamento aquelas figuras que já era prévio às avaliações. Veja: “A verdade é que a Casa Branca de Clinton tem sido um pesadelo - raramente perdendo uma oportunidade de restringir as liberdades civis no ciberespaço enquanto expande a autoridade reguladora do governo. O histórico de direitos cibernéticos de Citizen Dole é mais obscuro, mas suas posições sobre assuntos importantes para os internautas são igualmente sombrias. [...] Aqui está o Wired Cyber Rights Report Card sobre os dois principais candidatos à presidência dos Estados Unidos. Lembre-se quando for à cabine de votação em novembro. Mas não nos culpe se sentir necessidade de tapar o nariz.”<sup>227</sup>. Fica claro que não há um prendimento com nenhum partido

---

look far too generous. What Clinton’s support for the CDA really reflects is a blatant disregard for civil liberties in general.”

<sup>227</sup> “Truth is, the Clinton White House has been a nightmare - seldom passing up an opportunity to curtail civil liberties in cyberspace while expanding the government’s regulatory authority. Citizen Dole’s cyber rights record is more obscure, but his positions on matters of importance to netizens are equally dismal. [...] Here then is the Wired Cyber Rights Report Card on the two top contenders for the presidency of the United States. Keep in mind when you go to the voting booth November. But don’t blame us if you feel the need to hold your nose.

clássico americano por parte da editoria da revista, o que comanda é um pessimismo generalizado, principalmente justificado por uma forte defesa da regulação das redes, muitas vezes com justificativas que eles julgam conservadoras, por parte do presidente que tenta se reeleger e pior ainda do que é sua oposição. No fim das contas a política, o processo eleitoral clássico, é visto, é comparado, a uma matéria pútrida que faria os eleitores tamparem seus narizes no ato de votação. Esse ambiente permeia todas as pautas abordadas em comparação, tendo quase todas, com exceção de uma, avaliações negativas.

136- A partir da página 98 temos um artigo que promete, vide o subtítulo e uma espécie de preâmbulo que se vê abaixo de uma imagem caricatural de um ciborgue voador com rosto humano e resto de peças e eletrodomésticos: “A próxima grande novidade a chegar à Internet será conectar milhões de minúsculos computadores embutidos em tudo o que usamos. Esta não é uma visão de futuro - os produtos estão chegando ao mercado agora. [...] Os computadores pessoais de hoje e a Internet estão no estágio em que os motores domésticos e a eletricidade estavam há 100 anos. Eles estão prestes a encolher e desaparecer - misturando-se ao fundo de nossas vidas diárias.”<sup>228</sup> Temos aqui uma ode ao que hoje chamamos de “internet das coisas”; a onipresença de aparelhos conectados para fins de praticidade, e que são fortes aliados ao processo de captura de dados para a profilagem, como já discutido em outras análises, pois seriam portas abertas a capturas dos mais diversos comportamentos a serem atrelados a perfis, ao passo que estão onipresentes em diversos pontos da casa com seus microfones câmeras e relatórios de uso. O aparelho símbolo da internet das coisas, dos chips menores, é o smartphone, surgido muito depois desse artigo, mas produto direto do que é nele exposto, que é peça fundamental na popularização e concatenação com a vida pessoal das redes sociais, também inseparável do processo de profilagem. O corpo do artigo fala sobre esses sistemas, “embedded internet”, levando mais para um sentido de que eles popularizariam a internet sem que as pessoas precisassem se especializarem na internet, apenas como facilitadores de comandos. Em um ponto também é discutido que esses novos instrumentos seriam mais interessantes a fins profissionais do que ao consumo. Por fim, embora o corpo do artigo não entregue o que fortemente se dispõe no seu título, não pode-se negar que ele represente um traço de um pensamento de desejo de uma internet que interligaria coisas, o que foi fundamental, no melhor sentido da palavra, ao advento do smartphone, meio por excelência da profilagem.

---

<sup>228</sup> “The next big thing to hit the Net will be wiring together millions of tiny computers embedded into everything we use. This is no future vision - the products are hitting the market now. [...] Today’s personal computers and the Internet are at the stage where home motors and electricity were 100 years ago. They’re poised to shrink and disappear - blending into the back- ground of our daily lives.”

137- A partir da página 145, temos um artigo sobre dois grupos que defendem linha diferentes de consolidação futura (à época) da internet. Um patrocina que os investimentos privados reforcem o hardware, e o outro o software. A discussão toma um tom relativamente técnico e não desperta análises a pesquisa, mas no início do artigo, numa descrição do público do congresso que despertou esse texto para o autor, esse indivíduo, ou grupo, meio que propositivo, é posto de uma forma positiva pelo artigo, pela revista. mais uma vez alinhando essa figura do nerd descolado, cool, da cibercultura do Vale do Silício dos anos 90, como visto já muitas vezes em análises anteriores. Vejamos: “Os 250 engenheiros que preencheram o auditório escuro com painéis de madeira durante a reunião de dois dias do NANOG, o Grupo de Operadores de Rede da América do Norte, eram dos maiores provedores de serviços de Internet da América - empresas como UUNet, Netcom, Sprint - e possuíam a autoconfiança que vem da operação de milhões de dólares em tecnologia de ponta da qual o mundo depende cada vez mais. Eles foram os construtores de uma nova era e, embora não tivessem a força e as maçãs do rosto definidas dos engenheiros nos pôsteres de propaganda soviéticos, emanavam a mesma atitude heróica de avanço da civilização por meio de lutas hercúleas.<sup>229</sup>” Principalmente no final, fica clara a visão do estudioso da tecnologia, do trabalhador médio do Vale do Silício, como um herói que luta contra as intempéries do mundo inimigo, num patrocínio de uma visão ressentida de um ente especial ao ponto de que o mundo deveria se curvar a eles.

138- Nas páginas 148 e 149, encontra-se uma entrevista com McLuhan, grande pensador, um dos gurus, do Vale do Silício. A entrevista inicia sobre o quanto controlamos a internet ou ela nos controlaria, mas perpassa por uma diversidade de temas. Em um ponto, chega-se ao futuro da TV, se ela permaneceria com o surgimento do crescimento, popularização, da internet. O entrevistado usa o ensejo para expor que a TV seria substituída por uma tecnologia mais livre, livre para o trabalhador, a internet, ao ponto inclusive de relacionar essa liberdade ao que desejava Karl Marx em seus escritos. Vejamos: “Enquanto a Web está se retribalizando, o que acontece com a mídia de transmissão? Será que ele simplesmente - puf - desaparece? Gradualmente, sim. Sua importância diminuirá. Desde que temos a unidade de controle remoto da TV, controlamos a tela até certo ponto e mostramos nosso desejo de participar da produção de seu conteúdo. Em uma sociedade em rede, a verdadeira mudança de poder é do produtor

---

<sup>229</sup> The 250 engineers who filled the dark, wood-paneled auditorium during the two-day meeting of NANOG, the North American Network Operators' Group, were from America's largest Internet service providers — companies like UUNet, Netcom, Sprint - and they possessed the self-confidence that comes from operating millions of dollars of bleeding-edge technology that the world increasingly depends on. They were the builders of a new age, and although lacking the brawn and defined cheekbones of the engineers in Soviet propaganda posters, they emanated the same heroic attitude of advancing civilization through Herculean struggles.”

para o consumidor, e há uma redistribuição de controles e poder. Na Web, o sonho de Karl Marx foi realizado: as ferramentas e os meios de produção estão nas mãos dos trabalhadores”<sup>230</sup>. Mais uma vez a internet é posta como a luz que chega para tirar o povo das trevas autoritárias do passado personificado na TV. A internet é a luz, a liberdade, o cool, a utopia marxista? A forçada de barra do autor ao ponto de relativizar a internet a utopia comunista demonstra caricaturalmente o quanto a internet era vista como uma panaceia para os integrantes e formadores da cibercultura do Vale do Silício.

139- A partir da página 166 encontra-se uma grande e muito bem ilustrada linha do tempo sobre a Atari, uma marca pioneira e reconhecida de videogames desde os anos 70. A linha do tempo perpassa vários momentos históricos da marca que não cabem a análise. Posterior a linha do tempo observa-se um curto artigo fechando o bloco, e no final dele encontra-se o interessantíssimo trecho: “Em menos de uma década, a empresa passou de um pequeno grupo de hippies da linha de montagem e engenheiros elétricos curiosos para a força motriz em dois mercados de bilhões de dólares: videogames de fliperama e entretenimento doméstico digital. Os dias de glória da Atari podem ser uma lembrança sombria. Mas, como indica o gráfico a seguir, seus muitos veteranos talentosos garantem que sua influência continuará a se espalhar pela indústria de computadores muito depois que o grande sucesso da empresa terminar.”<sup>231</sup> Temos de forma muito clara aqui a valorização do conto já visto em outras análises; “o desacreditado, coitado, mas aventureiro, e destemido, arrisca num capital de risco e surpreende a todos”. Esse mote é uma clara valorização ao sujeito empreendedor, tão fundamental quanto o sujeito individualmente libertado para a formação do sujeito neoliberal ideal do neoliberalismo (DARDOT; LAVAL, 2016). Não apenas o sujeito libertado, antiregulação, se mostra presente no Vale do Silício. Ele é mais completo e alinhado ao que preconizam Dardot e Laval. Um sujeito empreendedor, assumido de riscos.

1996 – November – Greetings from Burning Man

---

<sup>230</sup> “While the Web is retribalizing, what happens to the broadcast media? Does it just - poof - disappear? Gradually, yes. Its importance will diminish. Ever since we’ve had the TV remote control unit, we’ve controlled the screen to a certain extent and shown our desire to participate in the production of its content. In a networked society, the real power shift is from the producer to the consumer, and there is a redistribution of controls and power. On the Web, Karl Marx’s dream has been realized: the tools and the means of production are in the hands of workers.”

<sup>231</sup> “In less than a decade, the company went from a small group of assembly-line hippies and curious electrical engineers to the driving force in two billion-dollar markets: arcade videogames and digital home-entertainment. Atari’s glory days may be a dim memory. But as the following chart indicates, its many talented veterans guarantee that its influence will continue to ripple through the computer industry long after the company’s big splash is over.”

140- Logo na página 41, temos um curto texto questionando mais uma vez as políticas de privacidade do governo. Para o autor, e conseqüentemente para a revista, o governo é pró privacidade, quando se trata dos sistemas utilizados para ele próprio, ao mesmo tempo que não avança nas pautas e não deixa correr resistências, a leis recentes que regulamentam situações que não são por eles interpretadas como anti-privacidade, mas para o autor são.

141- Já na página 43, temos uma foto em página inteira destacando a figura de um programador/hacker, acompanhada de um texto apresentando seu projeto de um novo modo de transmissão de rede, de internet, que, saudosamente, vide a ode a esse indivíduo com a foto, livraria uma pequena, mas valorosa, quantidade de conexões, sujeitas a escuta por parte do governo. Mais uma vez temos a valorização da resistência a regulação, no caso da desobediência a lei, aquela regulação, o que reforça mais ainda o caráter radical, de risco, da valorização de uma liberdade irrestrita, de um ciberespaço desregulado.

142- Na página 53, nessa edição do bloco “the netizen”, temos um artigo chamado “o fim da velha política”<sup>232</sup>, que já revela a presença na época de um discurso muito observado nos últimos anos no jornalismo e academia de que a política estaria sendo substituída por uma nova política baseada no uso moldado de dados e perfis da internet, que estaria por trás de eleições de “outsiders” como Donald Trump e Jair Bolsonaro. Claro que o artigo não fala dos tempos atuais, e obviamente não discute a problemática acima da mesma forma, tratando mais de uma revelação, lição, que a eleição de 96 estaria dando a democracia e o seu futuro. Ela viria a ser mais moderna, superando, pela panaceia da internet livre, um passado obscuro, preso. O subtítulo já é claro: “Esta não é apenas a última eleição do século 20. Com os partidos e a mídia terminalmente fora de contato, é a última eleição do antigo sistema, ponto final.”<sup>233</sup> Vejamos também o parágrafo final do artigo que reforça mais o exposto acima: “Mudanças que a Velha Política não conseguiu levar em conta, mas mudanças que precisam desesperadamente ser tratadas. Com o nascimento de uma nova ordem, é hora de uma nova política. É por isso que, apesar de toda a exaustão e cinismo que esta campanha me sobrecarregou, de uma forma indireta também tem sido motivo de esperança. Como o homem disse uma vez, é o fim do mundo como o conhecemos, e eu me sinto bem.”<sup>234</sup> A internet, ou toda uma revolução informacional que não exatamente se resumiria no nome “internet”, seria a novidade, o fim do

---

<sup>232</sup> “old politics RIP”

<sup>233</sup> “This isn’t just the last election of the 20th century. With the parties and the media terminally out of touch, it’s the last election of the old system, period.”

<sup>234</sup> “Changes that Old Politics have failed to take account of, but changes that desperately need to be dealt with. With a new order being born, it’s time for a new politics. Which is why, for all the exhaustion and cynicism this campaign has saddled me with, in a backhanded way it’s also been a cause for hope. As the man once said, It’s the end of the world as we know it, and I feel fine.”

mundo que conhecemos, o que daria fim a essa política indesejável e asquerosa que se tinha à época para os autores.

143- Nessa edição do bloco “cyber rights now”, na página 98, temos como na edição passada, uma tabela. A intenção da vez é demonstrar várias opiniões sobre os ideais para o futuro das políticas direcionadas a internet. Foi então chamado um corpo de figuras importantes da área para dar essas opiniões que foram dispostas em uma tabela uma a uma. Os ideais à internet futura são diversos óbvio, mas quanto a defesa da criptografia e da primeira emenda em resistência ao CDA (Communications decency act, ou “ato de decência nas comunicações. Como já exposto na análise 134, uma lei estadunidense que regularia conteúdos ilegais, ou julgados impróprios, na rede de computadores), são praticamente uníssonos. Vejamos<sup>235</sup>: “A primeira coisa na minha lista de desejos digitais é ver todos os vários editores e instituições de mídia tradicionais reconhecerem que o conceito de direitos autorais não funciona no ciberespaço. Tentar impor rigidamente os direitos autorais no ciberespaço e limitar o uso justo é inútil [...] Em segundo lugar, gostaria de ver uma eliminação completa das restrições de criptografia. Gostaria que o governo reconhecesse que iniciar a economia depende da criação de uma economia digital forte e segura o mais rápido possível, e isso não acontecerá sem o uso generalizado da criptografia.”<sup>236</sup>. “Meu cenário de fantasia é que paremos de construir tecnologias para vigilância e comecemos a construir tecnologias para privacidade. Eu gostaria que o governo admitisse que o Clipper e as contas de telefonia digital foram um erro - com o resultado prático de que eles os abandonam, não os financiam e não os perseguem. Eu gostaria de começar a construir e usar tecnologias para transações anônimas e pagamentos anônimos - tecnologias para proteger a privacidade à medida que a Internet toma forma.”<sup>237</sup>. “Eu gostaria de ver a comunidade da Internet se tornar um eleitorado político fortemente cortejado. Não sobreviveremos apenas com base em nossos argumentos. Precisaremos ser reconhecidos como um eleitorado votante ativo e bem-educado. Só então poderemos ver políticas cibernéticas adequadas criadas. Mobilizar os eleitores on-line como uma força política é a única maneira de

---

<sup>235</sup> Irei expor separado, trechos de diferentes entrevistados.

<sup>236</sup> “The first thing on my digital wish list is to see all the various publishers and old-line media institutions recognize that the concept of copyright does not work in cyberspace. Trying to rigidly enforce copyrights in cyberspace and limit fair use is hopeless. [...] Second, I'd like to see a complete elimination of encryption restrictions. I'd like the government to recognize that bootstrapping the economy depends on creating a strong, secure digital economy as quickly as possible, and that isn't going to happen without wide- spread use of encryption.”

<sup>237</sup> “My fantasy scenario is that we stop building technologies for surveillance and start building technologies for privacy. I'd like the government to admit that Clipper and the Digital Telephony bills were a mistake - with the practical result that they abandon them, don't fund them, and don't pursue them. I'd like to begin building and using technologies for anonymous trans- actions and anonymous payments - technologies to protect privacy as the Internet takes shape.”

fazer com que os legisladores entendam que devem manter as mãos longe da Primeira Emenda e da tecnologia de criptografia.”<sup>238</sup>. “O Congresso deve ficar fora do negócio de dizer às pessoas o que elas podem e não podem dizer umas às outras. Em questões de criptografia, gostaria de ver aprovada uma legislação que salvguarde a segurança de privacidade que os cidadãos americanos precisam e exigem. Precisamos reformar a política de criptografia dos EUA para nos afastarmos das propostas do Clipper e reconhecer as realidades da economia global e da infraestrutura global de informações.”<sup>239</sup>. Como pode-se notar, as falas são uníssonas na crítica às regulações a internet, e consequentemente a navegação livre, um sujeito livre. São criticados o CDA, o Clipper III, todo projeto que venha a criar alguma barreira regulatória ao livre uso do ciberespaço. Mais uma vez temos o reforço ao sujeito libertado presente na cibercultura do Vale do Silício, dessa vez por parte de vozes muito potentes dentro de entes jurídicos da área.

144- A partir da página 157 observa-se um artigo sobre o crescimento do uso de “agentes inteligentes” na rede de computadores, nos navegadores e afins. “agentes inteligentes” nada mais são, do que deu para entender, que bots, facilitadores de uso de algumas ferramentas informáticas, que são interpretadas pelo autor nesse artigo, quase como se fossem grandes inteligências artificiais como temos hoje. Não é para tanto, não passam de bots. Mas de todo modo o que chama atenção é esse tom crítico; um medo muito presente no artigo, de que os usuários percam a criatividade, a autonomia diante de programações mais ativas. Não cabe aqui julgar o quanto as big techs no futuro se tornariam ironicamente o contrário disso, ou grandes potencializadores desse mal, mesmo que formadas justamente na cibercultura de que essa revista é signatária. Mas fica claro o pensamento presente naquela cibercultura de defesa de um indivíduo autônomo que a internet como panaceia estava possibilitando, e o risco que, uma programação que decidisse pelo internauta, causaria. Vejamos o parágrafo final do artigo para ilustrar: “Já é ruim o suficiente quando somos transformados idiotas por livros, TV e outras mídias antigas. Com agentes [inteligentes], estaríamos construindo ideias inadequadas sobre nós mesmos no tecido funcional de nossas ações. O objetivo da Internet é o empoderamento das pessoas, não dos computadores. Isso só acontece se as pessoas optarem por ser

---

<sup>238</sup> “I’d like to see the Net community become a heavily courted political constituency. We will not survive on the basis of our arguments alone. We’re going to need to be recognized as an active and well- educated voting constituency. Only then will we be able to see proper cyber policies created. Mobilizing online voters as a political force is the only way we’ll get legislators to understand that they should keep their hands off the First Amendment and encryption technology.”

<sup>239</sup> “Congress should stay out of the business of telling people what they can and cannot say to each other. On crypto issues, I’d like to see legislation passed that would safeguard the privacy security that American citizens need and demand. We need to reform US encryption policy to move away from the Clipper proposals and recognize the realities of the global economy and the global information infrastructure.”

empoderadas. Não vamos desperdiçar essa chance de mais autonomia humana porque estamos presos na fantasia da inteligência da máquina.”<sup>240</sup>

145- Também na página 157, temos um muito curioso curto artigo de coluna. Segundo o autor, incomoda a ele, os anúncios personalizados, que vinham se normalizando no ciberespaço. O livre mercado americano seria originalmente muito livre e democrático (no sentido de consumo plural), e o decepcionava muito perceber que os anúncios que apareciam para ele eram sempre os mesmos, limitando assim sua liberdade de consumir de forma variada e democrática. Vejamos trechos: “E então, por apenas algumas semanas ou meses antes que meus hábitos regulares de consumo, ou a falta deles, se reafirmem nas listas de e-mail. Quando os anunciantes segmentam os consumidores com marketing "personalizado", eles tiram alguns dos nossos sonhos. [...] Como podemos fazer essas escolhas se os anúncios que vemos é limitado por nossas compras anteriores? Nós vivemos em uma sociedade onde podemos atualizar alguma parte do nossas fantasias, mas apenas enquanto temos o conhecimento para fazer.”<sup>241</sup> Mais uma vez aqui, existe um conflito de interesses. Um ciberlibertarianismo que se incomoda com o anúncio direcionado, que justamente viria a ser o mote da internet do futuro a época do artigo ironicamente. O senso de liberdade é tão potente, ao ponto de até mesmo iniciativas do próprio mercado incomodarem-na. Tem-se também a discussão de que não se está falando do mesmo “sujeito neoliberal” na origem e na prática. Mas de duas facetas distintas, uma da filosofia de formação e outra do resultado de um modo de internet específico, (discussão interna da pesquisa, já feita em outras análises).

146- A partir da página 166, encontra-se um artigo sobre fundadores de um site “descolado” e despretenso na web, que agora estaria ganhando muito dinheiro. Vê-se logo no título e subtítulo, apresentação, que, como em muitas análises, esses fundadores, que também são punks e hackers, são vangloriados como os jovens descolados que com a criatividade e uma certa dose de desobediência e rebeldia estão “vencendo a vida” no contexto do Vale do Silício. O patrocínio a desobediência e a rebeldia, atrelado a um indivíduo descolado, é mote do site, e claramente valorizado no corpo do artigo, vejamos: “O Web Dream é o que crianças inteligentes em toda a América - crianças inteligentes em todo o mundo - estão sonhando. Eles podem não

---

<sup>240</sup> “It’s bad enough when we are made into suckers by books, TV, and other old media. With agents we would be building inadequate ideas about ourselves into the functional fabric of our actions. The whole point of the Net is the empowerment of the people, not the computers. That happens only if people choose to be empowered. Let’s not blow this chance for more human autonomy because we’re caught up in the fantasy of machine intelligence.”

<sup>241</sup> “And then for only a few weeks or months before my regular spending habits, or lack thereof, reassert themselves on the mailing lists. When advertisers target consumers with “personalized” marketing, they take away some of our dreams. [...] how can we make those choices if the advertising we see is limited because of our previous purchases? We live in a society where we can actualize some part of our fantasies, but only as long as we have the knowledge to do so.”

confiar em Deus ou na Família e com certeza não acreditam no País; eles acreditam em si mesmos e no poder de seus sonhos habilmente personalizáveis, infinitamente escaláveis, robustos e onipresentes, interativos e de menu suspenso. E por que não? Aqui está um meio barato e fácil de usar que permite que qualquer pessoa chame a atenção do planeta. Tudo o que você precisa fazer é mostrar aos tolos como usá-lo AGORA. E o que você tem a perder, você que não tem nada? Dificilmente custará um centavo, e você pode ficar rico fazendo isso. Foda-se esperando na fila pela sua vez. Mijar no leite da oligarquia. Não vamos fazer um acordo e, pelo amor de Deus, não pegue o que Carol Merrill está segurando na caixa. Pegue o dinheiro. Então corra como o inferno.”<sup>242</sup> Mais uma vez temos a valorização de um indivíduo libertado, de certa forma um indivíduo que não teme as regulações. Junto a valorização de uma rebeldia infante, no melhor sentido “rebelde sem causa”.

147- A partir da página 196, temos o artigo de capa da edição, sobre o Burning man, um evento anual que acontece em um deserto na Califórnia onde o mote é a liberdade de expressão irrestrita dos participantes. De forma prática, são colocadas diversas barracas, trailers, e afins, ao redor de uma estátua de madeira em formato humanoide que no final é queimada; e entre esses meandros são criadas expressões e interações livremente, sem roteiro nenhum, valorizando acima de tudo a liberdade irrestrita de se fazer o que quiser. O artigo, logo na imagem que o abre, mostra duas mulheres pintadas com os seios à mostra e um homem vestido com uma fantasia de demônio também com a pele pintada, de vermelho, e óculos de mergulhador. O artigo tem formato de um relato, onde são mostrados, dia a dia, as situações observadas, além de ser bastante ilustrado com imagens que mostram as “expressões” do cotidiano extremamente libertado do evento. Vejamos alguns pontos que considerarei valioso a análises: No dia 30 de agosto, numa “primeira vista geral” do evento, o autor diz: “É tudo móvel; é tudo temporário. Gire a chave de ignição e derrape com o vento. Burning Man é um show de arte por tradição. A longo prazo, evoluiu para outra coisa; talvez algo como uma versão física da Internet. A arte aqui é como fan art. É muito descartável, muito apropriado, muito recortado e colado. O acampamento é como um encontro de troca gigante onde ninguém vende coisas, mas as pessoas trocam posturas, clip-art e atitude. As pessoas vêm aqui em grupos:

---

<sup>242</sup> “The Web Dream is what smart kids across America - smart kids around the world - are dreaming. They might not trust in God or Family and they sure as hell don’t believe in Country; they believe in Themselves, and in the power of their cleverly customizable, infinitely scalable, robust and ubiquitous, interactive, pull-down-menu Dreams. And why not? Here’s a cheap and easy-to-use medium that lets anyone seize the attention of the planet. All you have to do is show the fools how to use it RIGHT NOW. And what do you have to lose, you who have nothing? It’ll hardly cost a dime, and you might just get rich doing it. Fuck waiting in line for your turn. Piss in the milk of the oligarchy. Don’t Let’s Make a Deal, and for God’s sake, don’t take what Carol Merrill is holding in the box. Take the money. Then run like hell.”

pessoas de performance, percussão”<sup>243</sup>. Temos aqui uma valorização do efêmero, que está muito relacionado a discussões quanto ao mundo do trabalho contemporâneo, muito influenciado por plataformas, mas não é essa nossa discussão. Observar a valorização do efêmero, do móvel, do temporário, reforça a imagem do ente da cibercultura como um desprendido, que tem se visto em diversos momentos nessas edições analisadas. Vale destacar também a definição do autor: “versão física da internet”, que demonstra claramente quão intrínseca é a relação desses valores e com como veem a rede de computadores. O indivíduo, o sujeito, do ciberespaço e do Vale do silício, que aqui são equiparados, é um sujeito que valoriza essas características, distanciando-se sempre que possível do fixo, doméstico. No dia seguinte, 31 de agosto: “Acordei, tomei café da manhã. Olhei pela janela do meu trailer e vi um cara sentado em um brinquedo. Ele estava derrapando a cerca de 45 mph em um enorme rastro de poeira. Ele tinha seu banheiro montado em um trenó de madeira e estava sendo rebocado por uma picape. Suas calças estavam em volta dos tornozelos e ele estava lendo uma revista enquanto deslizava. Foi a leitura da revista que tornou este gesto verdadeiramente memorável. [...] Fogos de artifício e sinalizadores voadores lançando um brilho lúgubre de guerra de trincheiras acima do enorme acampamento. Maníacos batendo tambores com caras dançando nas garras de alucinógenos, caras nerds se divertindo com falta de jeito, como se nunca tivessem dançado em suas vidas.”<sup>244</sup>. Esses relatos mais práticos dão uma visão do ambiente do evento. Vejamos ainda o fechamento do artigo: “São apenas grandes multidões felizes de pessoas artísticas inofensivas se expressando e quebrando alguns códigos de conduta sem sentido que só servem para ulcerar os jovens de qualquer maneira. Deveria haver festivais do Burning Man realizados no centro da cidade uma vez por ano em todas as grandes cidades da América. Seria bom para nós. Nós precisamos disso. Na verdade, até que possamos relaxar de vez em quando e aprender a fazer isso corretamente, provavelmente nunca ficaremos bem.”<sup>245</sup> Mais uma vez

---

<sup>243</sup> “It’s all mobile; it’s all temporary. Twist the ignition key and drift with the wind. Burning Man is an art gig by tradition. Over the longer term it’s evolved into something else; maybe something like a physical version of the Internet. The art here is like fan art. It’s very throwaway, very appropriative, very cut-and-paste. The camp is like a giant swap meet where no one sells stuff, but people trade postures, clip art, and attitude. People come here in clumps: performance people, drumming”

<sup>244</sup> “Woke up, had breakfast. Looked out my RV window and saw a guy sitting on a toilet. He was skidding by at about 45 mph in a massive trail of dust. He had his toilet mounted on a wooden sled, and he was being towed by a pickup. His pants were around his ankles, and he was reading a magazine as he skidded along. It was the magazine reading that made this truly a memorable gesture. [...] Fireworks and flying flares casting a lurid trench-warfare glow above the massive camp. Drum-pounding maniacs with guys dancing in the grip of hallucinogens, nerdy guys capering with out-of-it clumsiness, as if they had never danced in their lives.”

<sup>245</sup> “It’s just big happy crowds of harmless arty people expressing themselves and breaking a few point- less shibboleths that only serve to ulcerate young people anyway. There ought to be Burning Man festivals held downtown once a year in every major city in America. It would be good for us. We need it. In fact, until we can just relax every once in a while and learn how to do this properly, we’re probably never gonna get well.”

fica muito clara a relação daquela cibercultura, com um imaginário libertado e não com repressões e afins.

**APÊNDICE B – DIVISÃO TEMÁTICA DA ANÁLISE  
BIBLIOGRÁFICA/DOCUMENTAL DE EDIÇÕES DA REVISTA WIRED**

1- Valoração<sup>246</sup> a um sujeito libertado na rede:

Análises: 3, 8, 9, 16, 17, 20, 22, 25, 26, 27, 33, 35, 39, 41, 46, 49, 50, 51, 53, 58, 60, 61, 62, 66, 69, 70, 71, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 128, 129, 134, 135, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147.

2- Valoração a um sujeito libertado economicamente:

Análises: 11, 15, 17, 18, 25, 26, 30, 34, 37, 47, 48, 60, 63, 71, 76, 77, 78, 90, 94, 99, 103, 112, 113, 125, 126, 128, 131, 132, 139, 146.

3- Valoração a um sujeito libertado moralmente:

Análises: 4, 7, 11, 12, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 28, 31, 33, 35, 37, 39, 41, 47, 48, 50, 51, 53, 56, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 70, 71, 73, 86, 96, 99, 100, 103, 106, 107, 111, 114, 116, 117, 118, 132, 134, 139, 141, 144, 146, 147.

4- Valoração radical<sup>247</sup> a um sujeito libertado:

Análises: 3, 8, 14, 21, 31, 35, 39, 41, 70, 71, 84, 85, 87, 88, 103, 112, 113, 117, 134, 141, 147.

5- Valoração extrema<sup>248</sup> a um sujeito libertado:

Análises: 35, 39, 41, 54, 134.

6- Valoração a um sujeito libertado de forma palpável<sup>249</sup>:

Análises: 3, 8, 11, 12, 14, 18, 21, 31, 47, 48, 50, 56, 58, 69, 70, 71, 75, 77, 85, 87, 93, 95, 96, 103, 112, 113, 123, 126, 128, 134, 139, 140, 141, 147.

7- Ode a uma cultura e sujeito “hacker”:

Análises: 3, 8, 18, 20, 21, 29, 47, 50, 65, 66, 68, 70, 84, 87, 98, 99, 113, 115, 122, 137, 139, 141, 146.

8- Valoração a uma cultura desprendida de regulações morais:

---

<sup>246</sup> Nota posterior a feitura do presente apêndice: foi usado durante boa parte da pesquisa o termo “valoração” erroneamente, querendo significar “valorização”, o que foi devidamente posteriormente corrigido, mas preferi deixar nos apêndices por uma questão de transparência com o processo da pesquisa. Pode-se notar que ele aparece até mesmo no apêndice anterior, e nos scanners do documento impresso do presente material, quando para seleção das análises a serem trabalhadas no texto final, o próximo apêndice.

<sup>247</sup> Defesa de ilegalidades por exemplo.

<sup>248</sup> Defesa de ilegalidades que para além de ilegais juridicamente, são eticamente asquerosas, como a relativização da pedofilia ou abuso sexual em nome da liberdade na rede.

<sup>249</sup> Casos sobre ações e afins praticadas de fato.

Análises: 4, 7, 11, 12, 14, 16, 17, 20, 21, 28, 31, 33, 35, 37, 39, 41, 46, 47, 48, 50, 51, 53, 56, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 86, 96, 99, 100, 103, 106, 107, 111, 114, 117, 118, 129, 132, 134, 137, 139, 141, 144, 146, 147.

9- Defesa clara de pautas de identidade, ou lutas comumente atreladas ao progressismo<sup>250</sup>:

Análises: 16, 20, 28, 33, 58, 64, 69, 90, 94, 99, 111, 118, 121, 127, 130, 138, 139, 144.

10- Desapreço a lei/regulação/burocratismo:

Análises: 5, 8, 9, 10, 12, 16, 20, 21, 25, 26, 27, 30, 31, 33, 35, 37, 39, 41, 46, 49, 50, 51, 52, 56, 60, 61, 63, 66, 69, 70, 71, 75, 76, 77, 79, 80, 85, 86, 87, 88, 93, 94, 95, 96, 97, 101, 102, 103, 107, 108, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 125, 128, 129, 131, 132, 134, 135, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 146, 147.

11- Desapreço ao Estado, Governo e Nação.

Análises: 3, 5, 16, 21, 22, 25, 26, 27, 30, 31, 35, 37, 41, 46, 49, 50, 52, 60, 61, 66, 69, 75, 76, 77, 79, 80, 88, 94, 95, 97, 101, 102, 103, 112, 113, 120, 125, 128, 131, 134, 135, 143.

12- Desapreço ao político, política, sistema eleitoral e afins

Análises: 16, 21, 22, 24, 26, 27, 30, 37, 46, 49, 50, 52, 60, 61, 66, 69, 75, 76, 77, 79, 80, 88, 95, 96, 97, 112, 120, 128, 131, 134, 135, 142, 143.

13- Apoio a transgressão de leis/regulações<sup>251</sup>:

Análises: 3, 5, 8, 14, 16, 17, 20, 21, 28, 30, 31, 33, 35, 37, 41, 50, 51, 63, 71, 84, 87, 88, 103, 107, 113, 114, 117, 134, 141, 147.

14- Desvalorização de poderes coercitivos, ou da preocupação com a segurança:

Análises: 9, 10, 11, 12, 20, 21, 31, 35, 37, 38, 39, 41, 66, 69, 79, 80, 84, 85, 87, 88, 93, 99, 101, 103, 111, 112, 115, 117, 123, 126, 128, 132, 139, 140, 141.

15- Anticomunismo/socialismo e afins:

Análises: 11, 12, 27, 37, 76, 113.

16- Flagrante da profilagem, ou embriões do que foi se tornar ela no futuro:

Análises: 13, 19, 23, 26, 32, 36, 40, 42, 44, 45, 55, 70, 72, 74, 78, 82, 83, 91, 92, 98, 105, 110, 124, 127, 128, 133, 136, 145.

17- Apologia, elogio, valoração, do uso de drogas alucinógenas ou apreço a simulação de seus efeitos:

---

<sup>250</sup> Interessante pois demonstra o quanto aquela cultura não estava atrelada a um pensamento retrogrado, normalmente atrelado à direita e ao liberalismo econômico, reforça a tese de que o liberalismo pode, e se dá, muito bem com liberdades, desde que estas sejam individualistas, algo que pode ser reforçado a partir de Boltanski e Chiapello (2020).

<sup>251</sup> Difere-se do tema 4, ao passo que não está relacionado a defesa desse sujeito, mas desse “ato” de uma forma mais geral.

Análises: 17, 33, 62, 106, 132, 139, 147.

18- Valoração ao transumanismo:

Análises: 28, 43, 54, 106, 147.

19- Discussões quanto a inteligência artificial:

Análises: 19, 29, 57, 98.

20- Discussões quanto ao trabalho plataformizado:

Análise: 67.

21- Considerações negativas a liberdade irrestrita:

Análise: 89.

22- Reflexões quanto a democracia:

Análises: 109, 142.

23- Tom crítico aos perigos da captura de dados para fins comerciais/profilagem:

Análises: 133, 145.

## APÊNDICE C – SCANNERS DA SELEÇÃO DE ANÁLISES A SEREM EXPOSTAS NO CAPÍTULO 1

~~#~~ *Guacau de Temas*

**Divisão temática das análises bibliográfica/documental de edições da revista WIRED<sup>1</sup>**

2.1 ①- Valoração a um sujeito libertado na rede:

Análises: 3, 8, 9, 16, 17, 20, 22, 25, 26, 27, 33, 35, 39, 41, 46, 49, 50, 51, 53, 58, 60, 61, 62, 66, 69, 70, 71, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 128, 129, 134, 135, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147.

2.2 ②- Valoração a um sujeito libertado economicamente:

Análises: 11, 15, 17, 18, 25, 26, 30, 34, 37, 47, 48, 60, 63, 71, 76, 77, 78, 82, 90, 94, 99, 103, 112, 113, 125, 126, 128, 131, 132, 139, 146.

2.3 ③- Valoração a um sujeito libertado moralmente:

Análises: 4, 7, 11, 12, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 28, 31, 33, 35, 37, 39, 41, 47, 48, 50, 51, 53, 56, 58, 59, 62, 64, 65, 68, 69, 70, 71, 73, 86, 96, 99, 100, 103, 106, 107, 111, 114, 116, 117, 118, 132, 134, 139, 141, 144, 146, 147.

4- Valoração radical<sup>2</sup> a um sujeito libertado:

Análises: 3, 8, 14, 21, 31, 35, 39, 41, 70, 71, 84, 85, 87, 88, 103, 112, 113, 117, 134, 141, 147.

5- Valoração extrema<sup>3</sup> a um sujeito libertado:

Análises: 35, 39, 41, 54, 134.

6- Valoração a um sujeito libertado de forma palpável<sup>4</sup>:

Análises: 3, 8, 11, 12, 14, 18, 21, 31, 47, 48, 50, 56, 58, 69, 70, 71, 75, 77, 85, 87, 93, 95, 96, 103, 112, 113, 123, 126, 128, 134, 139, 140, 141, 147.

⑦- Ode a uma cultura e sujeito "hacker":

*4*

<sup>1</sup> Para fins de melhor sistematização dos materiais obtidos a partir da citada técnica.  
<sup>2</sup> Defesa de ilegalidades por exemplo.  
<sup>3</sup> Defesa de ilegalidades que para além de ilegais juridicamente, são eticamente asquerosas, como a relativização da pedofilia ou abuso sexual em nome da liberdade na rede.  
<sup>4</sup> Casos sobre ações e afins praticadas de fato.

Análises: 3, 8, 18, 20, 21, 29, 47, 50, 65, 66, 68, 70, 84, 87, 98, 99, 113, 115, 122, 137, 139, 141, 146.

8- Valoração a uma cultura desprendida de regulações morais:

2.3  
TAMBÉM

Análises: 4, 7, 11, 12, 14, 16, 17, 20, 21, 28, 31, 33, 35, 37, 39, 41, 46, 47, 48, 50, 51, 53, 56, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 86, 96, 99, 100, 103, 106, 107, 111, 114, 117, 118, 129, 132, 134, 137, 139, 141, 144, 146, 147.

9- Defesa clara de pautas de identidade, ou lutas comumente atreladas ao progressismo<sup>5</sup>:

2.5  
2.4

Análises: 16, 20, 28, 33, 58, 64, 69, 90, 94, 99, 111, 118, 121, 127, 130, 138, 139, 144.

89-121  
LIBERT. INTERVENÇÃO

10- Desapreço a lei/regulação/burocratismo:

2.6  
2.5

Análises: 5, 8, 9, 10, 12, 16, 20, 22, 25, 26, 27, 30, 31, 33, 35, 37, 39, 41, 46, 49, 50, 51, 52, 56, 60, 61, 63, 66, 69, 70, 71, 75, 76, 77, 79, 80, 85, 86, 87, 88, 93, 94, 95, 96, 97, 101, 102, 103, 107, 108, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 125, 128, 129, 131, 132, 134, 135, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 146, 147.

11- Desapreço ao Estado, Governo e Nação.

Análises: 3, 5, 16, 21, 22, 25, 26, 27, 30, 31, 35, 37, 41, 46, 49, 50, 52, 60, 61, 66, 69, 75, 76, 77, 79, 80, 88, 94, 95, 97, 101, 102, 103, 112, 113, 120, 125, 128, 131, 134, 135, 143.

12- Desapreço ao político, política, sistema eleitoral e afins

Análises: 16, 21, 22, 24, 26, 27, 30, 37, 46, 49, 50, 52, 60, 61, 66, 69, 75, 76, 77, 79, 80, 88, 95, 96, 97, 112, 120, 128, 131, 134, 135, 142, 143.

13- Apoio a transgressão de leis/regulações<sup>6</sup>:

Análises: 3, 5, 8, 14, 16, 17, 20, 21, 28, 30, 31, 33, 35, 37, 41, 50, 51, 63, 71, 84, 87, 88, 103, 107, 113, 114, 117, 134, 141, 147.

PROGRESSO E LIBERTADES ECONÓMICAS, E POLÍTICAS.  
DESAPREÇO A POLÍTICA, GOVERNO E NAÇÃO.  
E APOIO A TRANSGRESSÃO DAS LEIS.

<sup>5</sup> Interessante pois demonstra o quanto aquela cultura não estava atrelada a um pensamento retrogrado, normalmente atrelado à direita e ao liberalismo económico, reforça a tese de que o liberalismo pode, e se dá, muito bem com liberdades, desde que estas sejam individualistas, algo que pode ser reforçado a partir de Boltanski e Chiapello (2020).

<sup>6</sup> Difere-se do tema 4, ao passo que não está relacionado a defesa desse sujeito, mas desse "ato" de uma forma mais geral.

14- Desvalorização de poderes coercitivos, ou da preocupação com a segurança:

Análises: 9, 10, 11, 12, 20, 21, 31, 35, 37, 38, 39, 41, 66, 69, 79, 80, 84, 85, 87, 88, 93, 99, 101, 103, 111, 112, 115, 117, 123, 126, 128, 132, 139, 140, 141.

15- Anticomunismo/socialismo e afins:

Análises: 11, 12, 27, 37, 76, 113.

16- Flagrante da profilagem, ou embriões do que foi se tornar ela no futuro:

Análises: 13, 19, 23, 26, 32, 36, 40, 42, 44, 45, 55, 70, 72, 74, 78, 82, 83, 91, 92, 98, 105, 110, 124, 127, 128, 133, 136, 145.

17- Apologia, elogio, valorização, do uso de drogas alucinógenas ou apreço a simulação de seus efeitos:

Análises: 17, 33, 62, 106, 132, 139, 147.

18- Valoração ao transumanismo:

Análises: 28, 43, 54, 106, 147.

19- Discussões quanto a inteligência artificial:

Análises: 19, 29, 57, 98.

20- Discussões quanto ao trabalho plataformizado:

Análise: 67.

21- Considerações negativas a liberdade irrestrita:

Análise: 89.

22- Reflexões quanto a democracia:

Análises: 109, 142.

23- Tom crítico aos perigos da captura de dados para fins comerciais/profilagem:

Análises: 133, 145.

## APÊNDICE D – ANÁLISES DE PÁGINAS DE SUPORTE A ANUNCIANTES NAS *BIG TECHS* META E ALPHABET

Profilagem assumida pelas Big Techs: pontos onde nas páginas dedicadas ao publicitário é assumido o direcionamento de conteúdo à perfis estratificados

**1 – “sobre o direcionamento detalhado” (Facebook, da Meta):** Link: <https://www.facebook.com/business/help/182371508761821?id=176276233019487>. Acesso em 02/12/2024.

Na página é admitido a profilagem de uma maneira muito clara, ao revelar a possibilidade aos anunciantes de direcionar seus anúncios a partir de dados que a meta teria, como; anúncios que as pessoas clicam, páginas com as quais interagem, tecnologias mais usadas da Meta, dados demográficos, idade, gênero, velocidade da rede e localização. Além de flagrante prática de profilagem para ter disponível essas métricas ao dispor dos anunciantes, temos aqui uma assumida prática de invasão de privacidade, que embora seja “aceita” nos “termos e condições” pelo usuário quando cria uma conta, continua sendo problemática visto o contexto social onde essas redes são dadas como necessárias a um convívio social e cultural contemporâneo. Voltando a profilagem, vejamos nas palavras da própria página: “Ele permite refinar o grupo de pessoas para as quais vincularemos os anúncios”.

**2 – “sobre o direcionamento específico” (Facebook, da Meta):** Link: <https://www.facebook.com/business/help/121933141221852?id=176276233019487>. Acesso em 03/12/2024.

Demonstra a opção de o anunciante escolher parâmetros para o receptor ideal do anúncio publicado. Obviamente pressupõe também a profilagem, ao passo que para oferecer esse tipo de serviço a Big tech deve ter o corpo de perfis onde seria aplicado o direcionamento dos anúncios “específicos”, conforme o serviço oferecido, a escolha dessas especificidades pelo anunciante.

**3 – “página de apresentação do “gerenciador de anúncios”” (Facebook, da Meta):** Link: <https://adsmanager.facebook.com/ads/accountonboarding/?act=122224047890130>. Acesso em 03/12/2024.

Encontra-se aqui pouca informação, afinal trata-se de apenas uma página de apresentação do sítio onde a Meta, sistematiza junto aos anunciantes, seus serviços de anúncios, o “gerenciador

de anúncios”; uma espécie de painel de controle do anunciante com o serviço disposto pela Meta. A promessa bem clara na primeira frase disposta na página já nos diz muito; “encontre mais clientes com o gerenciador de anúncios”. Mas é no segundo curtíssimo tópico que encontramos a problemática referente a pesquisa a qual essas análises intentam, de forma flagrada: “encontre o público certo: nossa tecnologia de anúncios alcança automaticamente pessoas que possam ter interesse no seu produto ou marca”. Em outras palavras: temos um serviço que dispõe a você, anunciante, automaticamente, o direcionamento do seu produto, a um público que anteriormente capturamos informações e classificamos em perfis específicos, o que provavelmente te dará mais vendas e/ou visibilidade (pouco importando se isso possa criar indiretamente mônadas de opiniões únicas, ideal e ideologicamente, suscitando uma sociedade mais intolerante e uma democracia mais frágil).

**4 – “direcionamento de anúncio para público” (Facebook, da Meta):** Link: <https://www.facebook.com/business/ads/ad-targeting>. Acesso em 03/12/2024.

De uma forma muito didática, nessa página temos algo como um tutorial de criação de um bom direcionamento de anúncios, da parte que cabe ao anunciante. São, inevitavelmente dispostos os vários mecanismos que a meta dispõe, claramente alimentados por perfis estratificados, profilagem, como por exemplo; dados demográficos, idade, gênero, língua nativa e afins. Em um ponto se diz em grandes letras “novos clientes com interesses específicos ou determinada localização”. Ora, logicamente, para se ter esse serviço, pressupõe-se que se tenha um enorme banco de dados desses perfis específicos a serem alvos dos anúncios.

**5 – “como ter sucesso com o Google ads” (Google, da Alphabet):** Link: <https://support.google.com/google-ads/answer/6080949>. Acesso em 03/12/2024.

Na página encontramos a muito interessante assunção da premissa de direcionar anúncios quando os usuários estiverem interessados naquele fim que o produto anunciado pode ofertar. Vejamos: “anúncios on-line para alcançar os usuários exatamente quando eles estiverem interessados nos produtos e serviços que você oferece.”

**6 – “palavras-chave” (Google, da Alphabet):** Link: [https://support.google.com/google-ads/topic/10546785?hl=pt-BR&ref\\_topic=10286611,3181080,3126923](https://support.google.com/google-ads/topic/10546785?hl=pt-BR&ref_topic=10286611,3181080,3126923),. Acesso em 03/12/2024.

Aqui mais uma vez um serviço que é oferecido, assumidamente depende de um disposto banco de dados, se não perfilado, no mínimo estratificado, dos seus usuários. Vejamos: “Palavras-

chave são frases que você escolhe para determinar quando e onde seu anúncio pode ser exibido. Fazemos a correspondência das palavras-chave com os termos que as pessoas pesquisam ou o conteúdo da Web que elas visualizam”. Tem-se então, um banco de pessoas, usuários, relacionadas aos termos que pesquisam e conteúdo na web que visualizam.

**7 – “Sobre as opções de correspondência de palavra-chave” (Google, da Alphabet):** Link: [https://support.google.com/google-ads/answer/7478529?hl=pt-BR&ref\\_topic=10549272](https://support.google.com/google-ads/answer/7478529?hl=pt-BR&ref_topic=10549272).

Acesso em: 03/12/2024.

Uma subseção da página acima, onde é mais detalhada as opções de uso das “palavras-chave”. Pode-se definir a intensidade delas, o que define o quanto elas seriam influentes na exposição ou não de determinado anúncio a determinado perfil alvo, numa relação de: +intensidade = +risco. Também existem as “palavras-chave” negativas, onde o anunciante define palavras que correspondam a perfis que deveriam ser afastados, afinando melhor o seu alvo. Embora todo esse esquema seja bastante interessante e revelador, é mais interessante para a pesquisa, como na página acima, o pressuposto que se tenha o banco desses dados, relacionados obviamente a perfis.



2 – “sobre o direcionamento específico” (Facebook, da Meta): Link: <https://www.facebook.com/business/help/121933141221852?id=176276233019487>. Acesso em 03/12/2024.

00 Meta Começar Anunciar Aprender Suporte

Central de Ajuda para Empresas

## Sobre o direcionamento específico

Existem duas abordagens gerais que você pode adotar para criar um público-alvo: específica e ampla.

Nenhum tipo de segmentação é inerentemente superior ao outro. Além disso, é quase impossível não incorporar elementos de ambos em um determinado conjunto de anúncios. Escolha o tipo de abordagem com base no objetivo e nos recursos disponíveis.

### Direcionamento específico

O direcionamento específico significa que você nos fornece um conjunto relativamente estrito de parâmetros a fim de encontrar as pessoas certas para as quais seu anúncio deve ser exibido. Esses parâmetros podem assumir a forma de direcionamento demográfico, públicos personalizados ou públicos semelhantes. Eles podem conduzir a um público potencial menor, mas que esteja mais interessado no que você está anunciando em comparação a um público maior e mais amplo.

Por exemplo, uma loja de brinquedos infantis localizada em Mogi das Cruzes pode preferir um direcionamento específico. Ela pode direcionar os anúncios para pessoas que vivem perto de Mogi das Cruzes e que têm filhos.

Observação: você também pode usar o recurso de expansão de direcionamento para ampliar um direcionamento específico.

### Saiba mais

- Boas práticas para a configuração de eventos padrão com o Pixel da Meta
- Metas de desempenho disponíveis por objetivo no Gerenciador de Anúncios da Meta
- Boas práticas para anúncios de imagem

Essa informação foi útil? \*

Sim

Não

Mais nesta seção: Públicos

Noções Básicas	-	Gerenciar	+
Sobre os públicos		Especificações	+
Sobre o direcionamento amplo		Solução De Problemas	+
Sobre o direcionamento detalhado			
Sobre direcionamento por localização			
Sobre os públicos compartilhados			
Sobre o direcionamento específico			
Configurar	+		
Criar	+		

Receba as atualizações mais recentes da Meta for Business.

Forneça seu endereço de email para receber as atualizações mais recentes da Meta for Business, incluindo notícias, eventos e atualizações de produtos.

As enviar este formulário, você concorda em receber comunicações eletrônicas da Meta relacionadas a marketing, incluindo notícias, eventos, atualizações e ofertas promocionais. É possível remover seu consentimento e cancelar o recebimento dessas comunicações a qualquer momento. Saiba mais sobre as opções de consentimento disponíveis em nossos emails. Para obter mais informações sobre como a Meta lida com seus dados, leia nossa Política de Privacidade.

<p><b>Tecnologias da Meta</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Facebook</li> <li>Instagram</li> <li>Messenger</li> <li>WhatsApp</li> <li>Audience Network</li> <li>Meta Quest</li> <li>Workplace</li> <li>Meta for Work</li> </ul> <p><b>Ferramentas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Ferramentas gratuitas</li> <li>Páginas do Facebook</li> <li>Perfil do Instagram</li> <li>Stories</li> <li>Lojas</li> <li>Meta Business Suite</li> <li>Anúncios do Facebook</li> <li>Anúncios do Messenger</li> <li>Anúncios do Instagram</li> <li>Atividades em vídeo</li> <li>Gerenciador de Anúncios</li> </ul>	<p><b>Metas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Configure uma Página do Facebook</li> <li>Aumentar o reconhecimento da marca</li> <li>Promoção sua empresa local</li> <li>Aumentar as suas vendas online</li> <li>Promoção seu aplicativo</li> <li>Gerar cadastros</li> <li>Monitorar e otimizar desempenho</li> <li>Faça o redirecionamento para clientes existentes</li> <li>Ver todas as metas</li> </ul> <p><b>Tipos de empresas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Pequena empresa</li> <li>Empresa de grande porte</li> <li>Agência</li> <li>Mídia e publicidade</li> <li>Criador de conteúdo</li> <li>Desenvolvedor</li> <li>Startup</li> <li>Porcore do negócios</li> </ul>	<p><b>Setores</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Automotivo</li> <li>Bens de consumo não duráveis</li> <li>Comércio eletrônico</li> <li>Entretenimento e mídia</li> <li>Serviços financeiros</li> <li>Jogos</li> <li>Intovos</li> <li>Restaurantes</li> <li>Varijri</li> <li>Tecnologia e telecomunicações</li> <li>Viajens</li> </ul> <p><b>Inspiração</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Meta Forosight</li> <li>Orientações para campanha</li> <li>Notícias de empresas</li> <li>Estudos de caso</li> <li>Vídeos</li> <li>Eventos</li> <li>Central de Criatives</li> </ul>	<p><b>Habilidades e treinamento</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Aprendizado online</li> <li>Programas de certificação</li> <li>Webinars</li> </ul> <p><b>Guias e recursos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Guia de Anúncios</li> <li>Segurança e Integridade</li> <li>Equidade nos negócios</li> <li>Baseado em parâmetros de negócios</li> <li>Mais do Site</li> </ul> <p><b>Central de Ajuda para Empresas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Criar e gerenciar contas</li> <li>Publicar e distribuir conteúdo</li> <li>Anúncios</li> <li>Vender no Facebook e no Instagram</li> <li>Manter seu conteúdo atualizado</li> <li>Ver todas as artigos</li> </ul>
---	--	---	---

© 2024 Meta

Sobre | Desprivatize | Carreiras | Privacidade | Cookies | Termos | Central de Ajuda

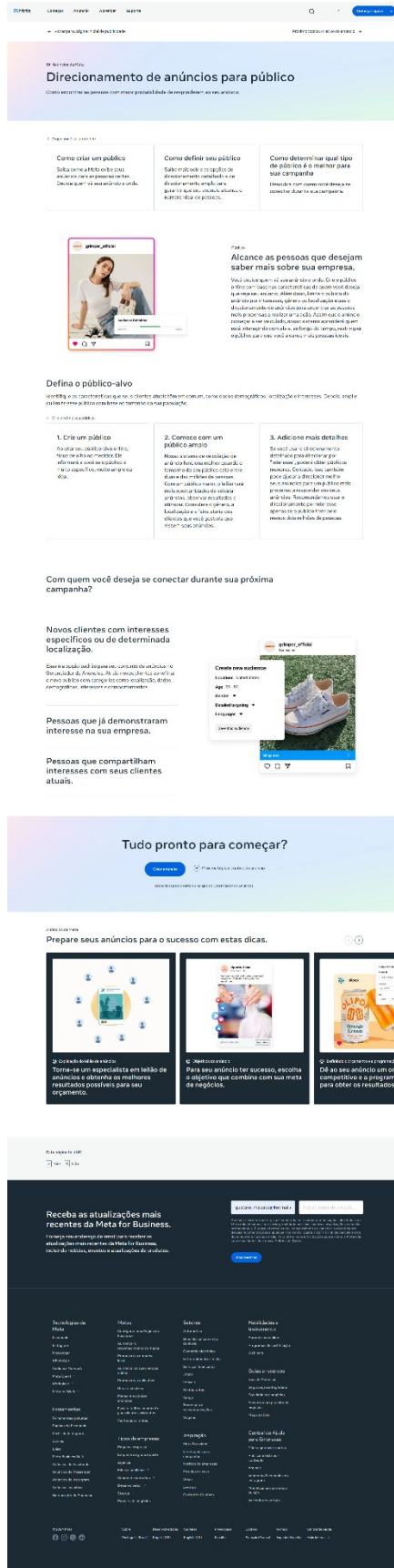
Português (Brasil) | English (US) | English (UK) | Español | Français (France) | Español (España) | Más idiomas >

**3 – “página de apresentação do “gerenciador de anúncios”” (Facebook, da Meta):** Link: <https://adsmanager.facebook.com/ads/accountonboarding/?act=122224047890130>. Acesso em 03/12/2024.

 Gerenciador de Anúncios



**4 – “direcionamento de anúncio para público” (Facebook, da Meta):** Link: <https://www.facebook.com/business/ads/ad-targeting>. Acesso em 03/12/2024.



5 – “como ter sucesso com o Google ads” (Google, da Alphabet): Link: <https://support.google.com/google-ads/answer/6080949>. Acesso em 03/12/2024.

☰ Ajuda do Google Ads




Central de Ajuda Comunidade Comunicados

[Começar a anunciar](#) Campanhas Confira os recursos Otimizar o desempenho Conta e faturamento Corrigir problemas Google Partners

## Como ter sucesso com o Google Ads


O Google Ads é a solução de publicidade on-line do Google. Com ele, é possível criar anúncios on-line para alcançar os usuários exatamente quando eles estiverem interessados nos produtos e serviços que você oferece. Otimize seu anúncio nos canais de inventário do Google, defina um orçamento adequado e meça facilmente o impacto do anúncio.

Você é iniciante no marketing on-line? Comece com nosso breve [guia de introdução](#). Prepare-se para o sucesso desde o início com estes guias explicativos.

-  Saiba como usar a IA do Google com as campanhas Performance Max
-  Criar uma campanha eficaz de anúncios de pesquisa
-  Acompanhe e melhore seus resultados

Está em busca de algo mais avançado? Leia sobre as [oito etapas para preparar sua campanha para o sucesso](#) e confira nossas [práticas recomendadas](#).



**Make it mobile-friendly**  
More than half of Google.com searches are from mobile devices. [Get your website and ads mobile-ready.](#)

 Envie feedback sobre este artigo

Isso foi útil?

### Precisa de mais ajuda?

Siga as próximas etapas:

-  **Postar na Comunidade de Ajuda**  
Receber respostas dos membros da comunidade
-  **Fale conosco**  
Conte mais sobre o problema para podermos ajudar você

©2024 Google - [Política de Privacidade](#) - [Termos de Serviço](#) - [Políticas de publicidade do Google Ads](#) - [Sobre a Central de Ajuda](#) Idioma



**Achieve your advertising goals today!**

Attend our Performance Max Masterclass, a livestream workshop session bringing together industry and Google ads PMax experts.

[Register now](#)

**6 – “palavras-chave” (Google, da Alphabet):** Link: [https://support.google.com/google-ads/topic/10546785?hl=pt-BR&ref\\_topic=10286611,3181080,3126923](https://support.google.com/google-ads/topic/10546785?hl=pt-BR&ref_topic=10286611,3181080,3126923).. Acesso em 03/12/2024.

Ajuda do Google Ads

Descreva o problema

Central de Ajuda Comunidade Comunicados

Começar a anunciar Campanhas **Confira os recursos** Otimizar o desempenho Conta e faturamento Corrigir problemas Google Partners



## Palavras-chave

Palavras-chave são frases que você escolhe para determinar quando e onde seu anúncio pode ser exibido. Fazemos a correspondência das palavras-chave com os termos que as pessoas pesquisam ou o conteúdo da Web que elas visualizam. Escolher palavras-chave estreitamente relacionadas aos anúncios ajuda você a alcançar os clientes que pesquisam o que sua empresa oferece.

<p><b>Primeiros passos</b></p> <p><a href="#">Sobre as palavras-chave em campanhas da rede de pesquisa</a></p> <p><a href="#">Adicionar palavras-chave</a></p> <p><a href="#">Sobre as opções de correspondência de palavra-chave</a></p> <p><a href="#">Sobre o status da palavra-chave</a></p> <p><a href="#">Sobre a combinação de tipos de segmentação por conteúdo</a></p> <p><a href="#">Sobre a configuração da campanha de palavras-chave de correspondência ampla</a></p> <p><a href="#">Sobre a pausa automática de palavras-chave com baixa atividade</a></p>	<p><b>Configuração e gerenciamento</b></p> <p><a href="#">Editar palavras-chave em massa</a></p> <p><a href="#">Editar palavras-chave</a></p> <p><a href="#">Adicionar, editar ou remover suas palavras-chave</a></p> <p><a href="#">Remover palavras-chave</a></p> <p><a href="#">Sobre a priorização de palavras-chave e temas de pesquisa em uma conta do Google Ads</a></p> <p><a href="#">Sobre a inserção de palavra-chave para o texto do seu anúncio</a></p> <p><a href="#">Configurar a inserção de palavra-chave para o texto do seu anúncio</a></p>	<p><b>Palavras-chave negativas</b></p> <p><a href="#">Ver ideias de palavras-chave negativas usando o Relatório de termos de pesquisa</a></p> <p><a href="#">Sobre as palavras-chave negativas</a></p> <p><a href="#">Adicionar palavras-chave negativas às campanhas</a></p> <p><a href="#">Sobre as listas de palavras-chave negativas</a></p> <p><a href="#">Criar e aplicar listas de palavras-chave negativas às campanhas</a></p> <p><a href="#">Remover listas de palavras-chave negativas de campanhas</a></p> <p><a href="#">Editar ou remover permanentemente listas de palavras-chave negativas</a></p>
<p><b>Práticas recomendadas</b></p> <p><a href="#">Dicas básicas para criar uma lista de palavras-chave</a></p> <p><a href="#">Otimizar suas palavras-chave para a rede de pesquisa</a></p> <p><a href="#">Otimizar a lista de palavras-chave</a></p> <p><a href="#">Expandir suas campanhas de Lances inteligentes com correspondência ampla</a></p>	<p><b>Planejador de palavras-chave</b></p> <p><a href="#">Usar o Planejador de palavras-chave</a></p> <p><a href="#">Refinar suas novas palavras-chave no Planejador de palavras-chave</a></p> <p><a href="#">Práticas recomendadas para encontrar novas palavras-chave</a></p> <p><a href="#">Sobre as previsões do Planejador de palavras-chave</a></p> <p><a href="#">Sobre a organização de palavras-chave no Planejador de palavras-chave</a></p>	<p><b>Palavras-chave da Rede de Display</b></p> <p><a href="#">Escolher palavras-chave para campanhas da Rede de Display</a></p> <p><a href="#">Otimizar suas palavras-chave para a Rede de Display</a></p> <p><a href="#">Adicionar palavras-chave negativas às campanhas</a></p>

**Precisa de mais ajuda?**

Siga as próximas etapas:

 <p><b>Postar na Comunidade de Ajuda</b> Receber respostas dos membros da comunidade</p>	 <p><b>Fale conosco</b> Conte mais sobre o problema para podermos ajudar você</p>
---	--

©2024 Google - Política de Privacidade - Termos de Serviço - Políticas de publicidade do Google Ads - Sobre a Central de Ajuda

Idioma: português (Brasil)

[Envie sua sugestão sobre a Central de Ajuda](#)

7 – “Sobre as opções de correspondência de palavra-chave” (Google, da Alphabet): Link: [https://support.google.com/google-ads/answer/7478529?hl=pt-BR&ref\\_topic=10549272](https://support.google.com/google-ads/answer/7478529?hl=pt-BR&ref_topic=10549272).

Acesso em: 03/12/2024.

Palavras-chave > Sobre as opções de correspondência de palavra-chave

## Sobre as opções de correspondência de palavra-chave

Palavras-chave são frases ou termos usados para fazer a correspondência dos anúncios com as palavras que as pessoas pesquisam. Os tipos de correspondência determinam o nível de relação necessário entre a palavra-chave e o termo pesquisado pelo usuário para que o anúncio seja considerado no leilão. Por exemplo, você pode usar a correspondência ampla para veicular o anúncio em mais buscas ou optar pela correspondência exata para alcançar pesquisas específicas.



### Dica

Os tipos de correspondência mais ampla capturam todas as consultas de tipos de correspondência mais restrita, além de outras. Ou seja, uma palavra-chave de correspondência de frase vai atrair todas as pesquisas que a mesma palavra-chave em uma correspondência exata. Da mesma forma, uma palavra-chave de correspondência ampla vai atrair todas as pesquisas de palavras-chave de correspondência de frase e exata equivalentes, além de outras pesquisas relacionadas. Desse modo, você recebe os mesmos benefícios em um tipo de correspondência ampla sem precisar repetir palavras-chave.

## Tipos de correspondência de palavra-chave

### Tipos de correspondência de palavras-chave

A palavra-chave leija de moedas pode ser relacionada às seguintes consultas (1) por tipo de correspondência



- Correspondência ampla
- Correspondência de frase
- Correspondência exata



### Dica

Use os Lances Inteligentes com todos os tipos de correspondência para otimizar automaticamente seus objetivos de performance. Eles apresentam um resultado melhor com a correspondência ampla porque o amplo conjunto de pesquisas permite descobrir a opção mais adequada para você. Saiba mais sobre os Lances Inteligentes.

## Palavras-chave negativas

É possível usar palavras-chave negativas para impedir a veiculação dos seus anúncios em pesquisas com termos específicos. Por exemplo, se você tem uma empresa de chapéus que não vende bonés, adicione uma palavra-chave negativa para bonés.

**Observação:** os tipos de correspondência de palavra-chave negativa têm um comportamento diferente dos tipos positivos. Saiba mais sobre os tipos de correspondência de palavra-chave negativa.

## Como as campanhas Performance Max funcionam com campanhas de pesquisa e palavras-chave

As campanhas de maior desempenho complementam as atuais campanhas de pesquisa e respeitam sua segmentação por palavras-chave. Se a consulta de pesquisa do usuário for idêntica a uma palavra-chave da rede de pesquisa qualificada de qualquer tipo de correspondência na conta, a campanha de pesquisa terá prioridade sobre as campanhas Performance Max. Se a consulta não for idêntica a uma palavra-chave da rede de pesquisa qualificada (incluindo o termo de pesquisa com ortografia correta), a campanha ou o anúncio com a classificação do anúncio mais alta, que considere a relevância e o desempenho do criativo, será selecionado. Saiba mais sobre as campanhas de maior desempenho.

Às vezes, é possível que as palavras-chave atuais apareçam nas campanhas Performance Max em vez das campanhas de pesquisa devido a problemas de qualificação. Veja alguns motivos que impedem uma palavra-chave da rede de pesquisa de se qualificar para acionar um anúncio:

- A segmentação de todas as campanhas ou grupos de anúncios não foi atendida.
- Todos os criativos ou páginas de destino do grupo de anúncios foram reprovados.
- A palavra-chave tem um baixo volume de pesquisas.
- A campanha está limitada pelo orçamento.

## Links relacionados

- Seu guia sobre correspondência ampla
- Seu guia sobre automação dos anúncios de pesquisa
- Como definir a automação de anúncios de pesquisa
- Guia técnico sobre automação da pesquisa (link em inglês)

Envie feedback sobre este artigo

Isso foi útil?

## Precisa de mais ajuda?

Siga as próximas etapas.



**Postar na Comunidade de Ajuda**  
Receber respostas dos membros da comunidade



**Fale conosco**  
Conte mais sobre o problema para podermos ajudá-lo

## Palavras-chave

- Sobre as palavras-chave em campanhas da rede de pesquisa
- Adicionar palavras-chave
- Sobre as opções de correspondência de palavra-chave
- Sobre o status da palavra-chave
- Sobre a combinação de tipos de segmentação por conteúdo
- Sobre a configuração da campanha de palavra-chave de correspondência ampla
- Sobre a pausa automática de palavras-chave com baixa atividade



Achieve your advertising goals today!

Attend our Performance Max Masterclass, a livestream workshop session bringing together industry and Google Ads PMAX experts.

[Register now](#)